ASSASSIN'S CREED®

A CRUZADA SECRETA

OLIVER BOWDEN

Obras do autor publicadas pela Editora Record

Série Assassin's Creed

Renascença

Irmandade

A cruzada secreta

OLIVER BOWDEN

ASSASSIN'S CREED

A CRUZADA SECRETA

Tradução de
Domingos Demasi

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2012

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Bowden, Oliver
B782c A cruzada secreta / Oliver Bowden; tradução de Domingos Demasi. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2012.
(Assassin's creed; 3)

Tradução de: The Secret Crusade
ISBN 978-85-01-40131-1

1. Assassinos - Ficção. 2. Ficção inglesa 3. Livros eletrônicos. I. Demas, Domingos. II.Título. III. Série.

12-5966 CDD: 823
CDU: 821.111-3

Título original em inglês:
Assassin's Creed: The Secret Crusade

Copyright © 2012 Ubisoft Entertainment. Todos os direitos reservados.
Assassin's Creed, Ubisoft e logo da Ubisoft são marcas registradas de Ubisoft Entertainment nos Estados Unidos e/ou em outros países.

Publicado mediante acordo com Penguin Books LTD.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Composição de miolo: Abreu's System

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-40131-1

EDITORA AFILIADA

Prólogo

O majestoso navio rangia e gemia; as velas estavam abauladas, enfunadas pelo vento. Há dias longe da terra, ele repartia o oceano em direção à grande cidade do oeste, levando uma carga preciosa: um homem — um homem que a tripulação conhecia apenas como o Mestre.

Estava entre eles agora, sozinho no convés do castelo de proa, onde baixara o capuz do manto para deixar que a água do mar batesse no corpo, sentindo-a com o rosto contra o vento. Ele fazia isso uma vez por dia. Saía de sua cabine e subia para caminhar pelo convés, escolhia um local para contemplar o mar, então voltava para baixo. Às vezes ficava no convés do castelo de proa, às vezes no convés do tombadilho. Sempre encarava o mar cristado de branco.

Todos os dias a tripulação o observava. Eles trabalhavam, chamando uns aos outros no convés e no cordame, cada qual com um serviço a fazer enquanto a todo momento furtavam olhares à figura solitária e pensativa. E eles se perguntavam "Que tipo de homem era ele?", "Que tipo de homem estava em meio a eles?".

Agora o estudavam discretamente, enquanto o homem se afastava da balaustrada do convés e colocava o capuz. Ele permaneceu ali por um momento com a cabeça baixa, os braços soltos próximos ao corpo, enquanto a tripulação o observava. Alguns talvez até mesmo tenham empalidecido quando ele caminhou ao longo do convés, passou por eles e voltou para sua cabine. E quando a porta se fechou às suas costas, cada um dos homens descobriu que estivera prendendo a respiração.

Lá dentro, o Assassino voltou à sua escrivaninha e sentou-se, enchendo uma

taça de vinho antes de pegar um livro e puxá-lo em sua direção. Então o abriu. E começou a ler.

Parte Um

I

19 de junho de 1257

Maffeo e eu permanecemos em Masyaf e continuaremos aqui por enquanto. Pelo menos até uma ou duas — como posso dizer? — *incertezas* serem resolvidas. Enquanto isso, estamos sob as ordens do Mestre, Altaïr Ibn-La'Ahad. Frustrado por ceder o domínio dos nossos destinos desse modo, principalmente para o líder da Ordem, o qual em sua idade avançada maneja a ambiguidade com a mesma precisão cruel com que outrora manejava espadas e adagas, eu pelo menos tenho o benefício de compartilhar de suas histórias. Maffeo, no entanto, não possui tal vantagem e tem ficado cada vez mais inquieto. É compreensível. Está cansado de Masyaf. Não gosta de percorrer as encostas íngremes entre a fortaleza do Assassino e a aldeia abaixo, e o terreno montanhoso é pouco atraente para ele. Maffeo diz que é um Polo, e após seis meses aqui, o desejo de viajar é como o chamado de uma mulher cheia de curvas: persuasivo e tentador demais para ser ignorado. Ele anseia por estufar as velas e partir para novas terras, deixando Masyaf para trás.

Falando muito francamente, sua impaciência é um tormento sem o qual posso viver. Altaïr está à beira de fazer um pronunciamento. Posso sentir isso.

Então, hoje declarei:

— Maffeo, vou te contar uma história.

Que modos os desse homem. Somos realmente parentes?, pergunto a você. Eu começo a duvidar. Pois, em vez de receber essa notícia com um entusiasmo que claramente se justificaria, poderia jurar que o ouvi bufar (ou talvez deva

acreditar que ele podia simplesmente estar sem ar por causa do sol quente), antes de me pedir em um tom bastante exasperado:

— Antes que me conte, Niccolò, você se importaria em me dizer do que se trata?

No entanto, continuei:

— Essa é uma boa pergunta, irmão — respondi, e pensei um pouco sobre o assunto enquanto seguíamos nosso caminho, subindo pela terrível encosta.

Acima de nós a cidadela pairava sombriamente no promontório, como se tivesse sido talhada no próprio calcário. Eu tinha decidido que queria o cenário perfeito para contar minha história, e não havia lugar mais apropriado do que a fortaleza de Masyaf. Um castelo imponente com muitas torres e cercado por rios reluzentes, que ocupava uma posição de destaque diante da movimentada aldeia abaixo, o assentamento em um ponto alto dentro do Vale do Orontes. Um oásis de paz. Um paraíso.

— Eu diria que é sobre *conhecimento* — decidi finalmente. — *Assasseen*, como sabe, representa "guardião" em árabe; os Assassinos são os guardiães dos segredos, e os segredos que guardam são de conhecimento, portanto, sim... — Sem dúvida pareci muito satisfeito comigo mesmo — É sobre conhecimento.

— Então receio ter um compromisso.

— Ah?

— Eu com certeza acolheria muito bem uma distração dos meus estudos, Niccolò. Mas não desejo um aumento deles.

Sorri.

— Certamente quer ouvir as histórias que me foram contadas pelo Mestre.

— Isso depende. O seu discurso faz com que elas soem menos do que interessantes. Sabe quando você diz que tenho tendência a gostar mais de crueldade nas histórias que você me conta?

— Sim.

Maffeo deu um meio sorriso.

— Bom, tem razão, tendo mesmo.

— Então terá isso também. Afinal, são os relatos do grande Altaïr Ibn-La'Ahad. Essa é a *história da vida* dele, irmão. Acredite em mim, não vão faltar acontecimentos, e muitos deles, você ficará feliz em perceber, têm derramamento de sangue.

Agora tínhamos subido o antemuro para a parte externa da fortaleza. Passamos por baixo da arcada e atravessamos o posto de guarda, subindo novamente ao irmos em direção ao castelo no interior. Adiante de nós estava a torre na qual ficava os aposentos de Altaïr. Por semanas eu o visitei ali e passei incontáveis horas ao seu lado, extasiado, enquanto ele se sentava com as mãos entrelaçadas e os cotovelos sobre os braços da cadeira alta contando suas histórias, com os velhos olhos mal podendo ser vistos sob o capuz. E cada vez mais me dava conta de que aquelas histórias estavam sendo contadas para mim com um propósito. Que, por algum motivo, ainda incompreensível para mim, eu fora *escolhido* para ouvi-las.

Quando não contava as histórias, Altaïr refletia entre livros e lembranças, às vezes olhando fixamente por longas horas para fora da janela da sua torre. Ele agora devia estar lá, pensei, e enganchei o polegar sob a faixa do meu gorro, o puxando de volta e sombreando os olhos para enxergar a torre acima, não vendo nada além da pedra descorada pelo sol.

— Temos uma audiência com ele? — Maffeo interrompeu meus pensamentos.

— Não, hoje não — respondi, apontando então para uma torre à nossa direita. — Vamos lá para cima...

Maffeo franziu a testa. A torre de defesa era uma das mais altas da cidadela, e era alcançada por uma série de vertiginosas escadas, muitas das quais parecendo precisar de reparos. Mas eu era insistente e enfiei a túnica no cinto, conduzindo em seguida Maffeo acima para o primeiro nível, depois para o seguinte e finalmente ao topo. De lá avistamos toda a zona rural. Quilômetros e quilômetros de terreno escarpado. Rios como veias. Agrupamentos de povoados. Olhamos para Masyaf: da fortaleza para as edificações e os mercados da vasta aldeia lá embaixo, a paliçada de madeira da defesa externa e do estábulo.

— O quão alto estamos? — perguntou Maffeo, parecendo um pouco nauseado, sem dúvida consciente de estar sendo esmurrado pelo vento e de que agora o chão parecia muito, muito distante.

— Uns oitenta metros — respondi. — Alto o bastante para deixar os Assassinos fora do alcance de arqueiros inimigos... mas o bastante também para permitir que façam chover flechas e muito mais sobre eles.

Mostrei a ele as aberturas que nos cercavam por todos os lados.

— Daqui, dos balestreiros, eles poderiam jogar pedras ou óleo sobre o inimigo, usando estas... — Plataformas de madeira se projetavam para fora e nos movíamos agora por uma delas segurando em apoios verticais de ambos os lados e nos inclinando para olhar para baixo. Diretamente sob nós, a torre precipitava-se na borda do despenhadeiro. Ainda mais abaixo, estava o rio reluzente.

Com o sangue sendo drenado do rosto, Maffeo recuou para a segurança do chão da torre. Eu ri, fazendo o mesmo (e no íntimo contente por fazer isso, já que eu mesmo me sentia um pouco tonto e enjoado, verdade seja dita).

— E por que você nos trouxe até aqui? — perguntou Maffeo.

— É onde minha história começa — falei. — De mais de um jeito. Pois foi daqui que o vigia viu a força invasora pela primeira vez.

— Força invasora?

— Sim. O exército de Salah Al'din, também conhecido como Saladino. Ele veio fazer o cerco a Masyaf, para derrotar os Assassinos. Oitenta anos atrás, em um dia claro de agosto. Um dia muito parecido com o de hoje...

2

Primeiro, o vigia percebeu as aves.

Um exército em movimento atrai comedores de carniça. Principalmente do tipo que tem asas, que mergulha sobre qualquer resto deixado para trás: comida, dejetos e carcaças, tanto de cavalo quanto humana. Em seguida, ele viu a poeira. E então uma vasta mancha escura surgiu no horizonte, projetando-se à frente aos poucos, tragando tudo que estava à vista. Um exército ocupa, rompe e destrói a paisagem; é uma besta-fera gigante e faminta que consome tudo em seu caminho e, na maioria dos casos — como Salah Al'din estava bem ciente —, a mera visão dela era o bastante para levar o inimigo a se render.

Não dessa vez, porém. Não quando seus inimigos eram os Assassinos.

Para a campanha, o líder sarraceno convocara uma modesta força de dez mil soldados de infantaria, cavalaria e seguidores. Com eles, planejava esmagar os Assassinos, que já haviam cometido dois atentados à sua vida e certamente não fracassariam uma terceira vez. Pretendendo levar a batalha para a porta deles, o sarraceno conduziu seu exército para as montanhas de An-Nusayriyah e às nove cidadelas dos Assassinos que havia lá.

Chegaram mensagens a Masyaf de que os homens de Salah Al'din tinham saqueado a zona rural, mas que nenhum dos fortes havia sucumbido. E que Salah Al'din estava a caminho de Masyaf com a pretensão de conquistá-la e reivindicar a cabeça do líder Assassino, Al Mualim.

Salah Al'din era considerado um líder brando e imparcial, mas se enfurecia com os Assassinos tanto quanto se intimidava. Segundo os relatos, seu tio, Shihab Al'din, o aconselhou a oferecer um acordo de paz. Ter os Assassinos a seu

lado, e não contra, era o raciocínio de Shihab. Mas o vingativo sultão não se comoveu, e foi assim que seu exército fervilhou em direção a Masyaf em um radiante dia de agosto de 1176, e um vigia na torre de defesa da cidadela avistou as revoadas de pássaros, as grandes nuvens de poeira e a mancha negra no horizonte, e levou uma corneta aos lábios, soando o alarme.

Depois de estocar suprimentos, a população da cidade se mudou para a segurança da cidadela, apinhando-se nos pátios com os rostos marcados pelo medo, mas muitos deles montavam barracas para continuar a negociar. Enquanto isso, os Assassinos começaram a fortificar o castelo, preparando-se para enfrentar o exército, observando a mancha se estender pela bela paisagem verde, a grande besta-fera alimentando-se do terreno, colonizando o horizonte.

Eles ouviram as cornetas, os tambores e címbalos. E em pouco tempo conseguiram distinguir as figuras à medida que se materializavam do mormaço: milhares delas, eles viram. A infantaria: lanceiros, arremessadores de dardos e arqueiros, armênios, núbios e árabes. A cavalaria: árabes, turcos e mamelucos portando sabres, maças, lanças e espadas longas, alguns usando cotas de malha de ferro, outros, armaduras de couro. Viram as liteiras das mulheres da nobreza, os homens santos e os desordenados seguidores na retaguarda: as famílias, as crianças e os escravos. Eles viram quando os guerreiros invasores alcançaram a defesa externa e a incendiaram, e os estábulos também, com as cornetas ainda ressoando, os címbalos estrepitando. No interior da cidadela, as mulheres da aldeia começaram a chorar. Previam que suas casas seriam os próximos alvos das tochas. As edificações, porém, foram deixadas intocadas e, em vez disso, o exército parou na aldeia, dando pouca atenção ao castelo — ou assim parecia.

Não mandaram nenhum enviado, nenhuma mensagem; simplesmente montaram acampamento. A maioria das tendas era negra, mas, no meio do acampamento, havia um punhado de pavilhões maiores, os aposentos do grande sultão Salah Al'din e de seus generais mais próximos. Ali, bandeiras bordadas esvoaçavam; as pontas das estacas das tendas eram romãs douradas, e as coberturas dos pavilhões eram de seda colorida.

Na cidadela, os Assassinos meditavam sobre a tática do inimigo. Salah Al'din atacaria a fortaleza ou tentaria matá-los de fome? Com o cair da noite, tiveram a resposta. Abaixo deles, o exército começou a agir, reunindo os mecanismos de cerco. Fogueiras queimaram durante a noite toda. Os sons de serras e martelos se

avolumavam nos ouvidos daqueles que guarneciam os bastiões da cidadela e a torre do Mestre, onde Al Mualim convocou uma reunião com seus Mestres Assassinos.

— Salah Al'din nos foi entregue — declarou Faheem al-Sayf, um Mestre Assassino. — Esta é uma oportunidade que não pode ser desperdiçada.

Al Mualim pensou. Olhou pela janela da torre, pensando no colorido pavilhão no qual Salah Al'din estava então sentado planejando sua queda — e a dos Assassinos. Pensou no grande exército do sultão e em como ele tinha devastado a zona rural. Como o sultão seria mais do que capaz de reunir uma tropa ainda maior se sua campanha fracassasse.

Salah Al'din tinha um poder incomparável, meditou ele. Mas os Assassinos... eles tinham astúcia.

— Com Salah Al'din morto, os exércitos sarracenos irão ruir — afirmou Faheem.

Mas Al Mualim balançava a cabeça.

— Creio que não. Shihab tomará seu lugar.

— Ele é metade do líder que Salah Al'din é.

— Então ele seria menos eficaz repelindo os cristãos — rebateu Al Mualim, bruscamente. Ele às vezes se cansava dos modos manhosos de Faheem. — Desejamos ficar à mercê deles? Desejamos nos tornar a contragosto seus aliados contra o sultão? Somos os Assassinos, Faheem. Nosso propósito é nosso. Não pertencemos a ninguém.

O silêncio caiu sobre o aposento de odor adocicado.

— Salah Al'din é tão cauteloso com a gente quanto somos com ele — disse Mualim, após uma reflexão. — Devemos cuidar para que ele se torne ainda mais cauteloso.

Na manhã seguinte, os sarracenos empurraram um aríete e uma torre de cerco encosta principal acima. E, enquanto os arqueiros montados dos turcos abriam caminho, levando uma chuva de flechas à cidadela, os soldados atacavam as muralhas externas com suas armas de cerco, sob fogo constante dos arqueiros Assassinos e com pedras e óleo sendo despejados das torres de defesa. Aldeões se juntaram à batalha, atirando, dos bastiões, pedras nos inimigos e apagando os incêndios. Nos portões principais, corajosos Assassinos faziam ataques pelas portinholas, combatendo a infantaria que tentava derrubá-los a fogo. O dia

terminou com muitos mortos em ambos os lados, mas com os sarracenos recuando colina abaixo, acendendo suas fogueiras para a noite, consertando suas armas de cerco e montando outras mais.

Naquela noite, houve uma intensa agitação no acampamento e, pela manhã, o enorme pavilhão de cores brilhantes do grande Salah Al'din foi derrubado e ele partiu, levando consigo uma pequena tropa de guarda-costas.

Logo depois, seu tio, Shihab Al'din, subiu a encosta para se dirigir ao Mestre dos Assassinos.

3

— Sua Majestade Salah Al'din recebeu sua mensagem e agradece a você muito gentilmente por ela — bradou o enviado. — Ele tem um assunto para cuidar em outro lugar e partiu, deixando instruções para que Sua Excelência Shihab Al'din conduza as conversas.

O enviado estava parado ao lado do cavalo de Shihab, com a mão em concha na boca para gritar para o Mestre e seus generais, que estavam reunidos na torre de defesa.

Uma pequena tropa havia escalado a colina, mais ou menos duzentos homens e uma liteira carregada por núbios, não mais do que a guarda de Shihab, que permanecia montado no cavalo. Em seu rosto havia uma expressão serena, como se não estivesse muito preocupado com o resultado das conversas. Ele vestia calças brancas largas, colete e faixa vermelha torcida. Preso em seu enorme turbante de um branco ofuscante havia uma joia resplandecente. Essa joia devia ter um nome ilustre, pensou Al Mualim, olhando para baixo, do topo da torre, em direção a ele. Deveria se chamar a Estrela de algo ou a Rosa de alguma coisa. Os sarracenos tinham o costume de nomear suas bugigangas.

— Comece — gritou Al Mualim, sorrindo enquanto pensava, *Negócios em outro lugar*, e sua mente voltava para apenas poucas horas antes, quando um Assassino fora aos seus aposentos, tirando-o de um sono leve e chamando-o à sala do trono.

— Umar, seja bem-vindo — dissera Al Mualim, envolvendo o corpo com o manto, sentindo nos ossos a friagem da manhãzinha.

— Mestre — respondera Umar, a voz baixa e a cabeça curvada.

— Veio me falar da sua missão? — perguntara-lhe Al Mualim.

Ele acendeu uma lâmpada a óleo em uma corrente e então foi para sua cadeira, acomodando-se nela. Sombras moveram-se rapidamente pelo chão.

Umar confirmou com a cabeça. Havia sangue em sua manga, notou Al Mualim.

— A informação do nosso agente estava correta?

— Estava, Mestre. Fui até o acampamento deles e, exatamente como nos foi dito, o pavilhão espalhafatoso era um disfarce. A tenda de Salah Al'din ficava perto, estava muito menos visível.

Al Mualim sorriu.

— Excelente, excelente. E como foi capaz de identificá-la?

— Estava protegida, como o nosso espião disse que estaria, com giz e carvão espalhados em volta para que os meus passos fossem ouvidos.

— E não foram?

— Não, Mestre, eu consegui entrar na tenda do sultão e deixar a pena, como foi instruído a mim.

— E a carta?

— Presa por uma adaga em seu catre.

— E depois?

— Rastejei para fora da tenda...

— E?

Houve uma pausa.

— O sultão acordou e soou o alarme. Mal consegui escapar vivo.

Al Mualim apontou para a manga suja de sangue de Umar.

— E isso?

— Fui forçado a cortar uma garganta para fugir, Mestre.

— Um guarda? — perguntou Al Mualim, esperançoso.

Umar balançou tristemente a cabeça.

— Ele usava um turbante e uma roupa de nobre.

Diante disso, Al Mualim fechou os olhos cansados e pesarosos.

— Não havia outra opção?

— Eu agi impulsivamente, Mestre.

— Mas, fora isso, a missão foi bem-sucedida?

— Sim, Mestre.

— Então veremos o que vai acontecer — disse ele.

O que aconteceu foi a saída de Salah Al'din e a visita de Shihab. E, do alto de sua torre, Al Mualim se permitira acreditar que os Assassinos tinham levado a melhor. Que seu plano funcionara. A mensagem dele alertara o sultão para que abandonasse sua campanha contra os Assassinos, pois a próxima adaga não seria enfiada no seu catre, mas na sua genitália. Apenas pelo fato de terem sido capazes de deixá-la ali, mostrava ao monarca o quanto ele era realmente vulnerável; como sua grande força nada adiantava quando um único Assassino conseguia descobrir suas armadilhas, superar seus guardas e facilmente entrar despercebido em sua tenda enquanto dormia.

E talvez Salah Al'din gostasse mais de sua genitália do que de continuar seguindo em uma desgastante guerra, longa e cara, contra um inimigo cujos interesses apenas raramente entraram em conflito com os seus. Portanto partira.

— Sua Majestade Salah Al'din aceita sua oferta de paz — disse o enviado.

Na torre, Al Mualim compartilhou um olhar divertido com Umar, que se encontrava a seu lado. Mais distante, estava Faheem, com a boca inexpressiva.

— Temos sua garantia de que nossa seita pode operar sem futuras hostilidades e interferências nas nossas atividades? — indagou Al Mualim.

— Desde que os interesses permitam, vocês têm essa garantia.

— Então aceito a oferta de Sua Majestade — bradou Al Mualim, contente. — Podem retirar seus homens de Masyaf. Talvez vocês sejam bondosos o bastante para consertar a nossa paliçada antes de partirem.

Nesse momento, Shihab olhou abruptamente para a torre acima e, apesar da grande distância, Al Mualim viu a raiva flamejar nos olhos dele. Shihab curvou-se sobre seu cavalo para falar com o enviado, que ouviu, assentindo com a cabeça, então pôs a mão em concha na boca de novo para mais uma vez se dirigir aos que estavam na torre.

— Durante a entrega da mensagem, um dos generais de confiança de Salah Al'din foi morto. Sua Majestade exige reparação. A cabeça do culpado.

O sorriso deixou o rosto de Al Mualim. A seu lado, Umar ficou tenso.

Fez-se silêncio. Apenas o bufar dos cavalos. O canto dos passarinhos. Todos esperavam para ouvir a resposta de Al Mualim.

— Pode dizer ao sultão que rejeito essa exigência.

Shihab deu de ombros. Curvou-se para falar com o enviado, que por sua vez

se dirigiu a Al Mualim.

— Sua Excelência deseja informar que, a não ser que concorde com a exigência, uma tropa permanecerá aqui em Masyaf, e que nossa paciência é maior do que as suas provisões. Queria um acordo de paz em troca de nada? Permitiria que seu povo e seus soldados morressem de fome? Tudo por causa da cabeça de um único Assassino? Sua Excelência espera encarecidamente que não.

— Eu irei — cochichou Umar para Al Mualim. — O erro foi meu. É justo que eu pague por ele.

Al Mualim o ignorou.

— Não abrirei mão da vida de um dos meus homens — berrou para o enviado.

— Então Sua Excelência lamenta sua decisão e pede que testemunhe uma questão que agora necessita de uma solução. Descobrimos a existência de um espião em nosso acampamento, e ele deve ser executado.

Al Mualim prendeu a respiração quando os sarracenos arrastaram da liteira o agente dos Assassinos. Atrás dele veio um cepo de execução que dois núbios colocaram no chão diante do cavalo de Shihab.

O nome do espião era Ahmad. Tinha sido espancado. A cabeça — golpeada, ferida e suja de sangue — tombava sobre o peito enquanto ele era carregado para o cepo, arrastado sobre os joelhos e colocado em cima dele com a garganta para cima. O carrasco deu um passo à frente: um turco carregando uma reluzente cimitarra que pousou no chão, apoiando ambas as mãos no cabo adornado com joias. Os dois núbios seguraram os braços de Ahmad; ele gemeu um pouco, e o som alcançou até os perplexos Assassinos no alto da torre de defesa.

— Deixe seu homem tomar o lugar dele e esta vida será poupada, e o tratado de paz, honrado — bradou o mensageiro. — Se ele não morrer, o cerco será iniciado e seu povo morrerá de fome.

Subitamente, Shihab ergueu a cabeça para gritar.

— Quer isso em sua consciência, Umar Ibn-La'Ahad?

Ao mesmo tempo, todos os Assassinos prenderam a respiração. Ahmad havia confessado. Sob tortura, é claro. Mas havia confessado.

Os ombros de Al Mualim baixaram.

Umar estava fora de si.

— Deixe-me ir — insistiu com Al Mualim. — Por favor, Mestre.

Abaixo deles, o carrasco deixou os pés afastados. Com as duas mãos, ergueu a espada acima da cabeça. Ahmad puxou suas mãos fracamente das mãos que o imobilizavam. Sua garganta estava esticada, oferecida à lâmina. Exceto pela lamúria dele, o promontório estava silencioso.

— Sua última chance, Assassino — gritou Shihab.

A lâmina brilhou.

— *Mestre* — implorou Umar —, deixe-me ir.

Al Mualim concordou com a cabeça.

— *Pare!* — gritou Umar, que avançou para uma plataforma da torre, berrando para Shihab, abaixo. — Eu sou Umar Ibn-La'Ahad. É a minha vida que vocês devem tirar.

Houve uma onda de agitação entre as fileiras de sarracenos. Shirab sorriu, assentindo. Acenou para o carrasco, que se afastou, pousando mais uma vez sua espada no chão.

— Muito bem — falou para Umar. — Venha, tome seu lugar no cepo.

Umar virou-se para Al Mualim, que ergueu a cabeça para fitá-lo com os olhos avermelhados.

— Mestre — disse Umar —, peço-lhe um último favor. Que cuide de Altaïr. Aceite-o como seu aprendiz.

Al Mualim fez que sim com a cabeça.

— Claro, Umar — disse ele. — Claro.

Houve silêncio pela cidadela enquanto Umar descia as escadarias da torre, depois desceu a encosta pelo antemuro, passou sob a arcada e foi até o portão principal. Uma sentinela se adiantou para abrir a portinhola, e Umar se curvou para passar por ela.

Um grito surgiu atrás dele.

— *Pai*.

O som de pés correndo.

Ele parou.

— *Pai*.

Ele ouviu a tensão na voz do filho e, ao passar pelo portão, apertou os olhos para evitar as lágrimas. A sentinela fechou o portão às suas costas.

Tiraram Ahmad do cepo, e Umar tentou dar um olhar tranquilizador para ele, mas o espião não fez contato visual ao ser arrastado para longe e jogado do

lado de fora da portinhola. Esta foi aberta e ele foi puxado para dentro. A portinhola voltou a se fechar. Braços agarraram Umar. Ele foi puxado para o cepo, estendido do mesmo modo como havia sido feito com Ahmad. Umar ofereceu a garganta e observou enquanto o carrasco assomava acima dele. Mais além do carrasco, o céu.

"*Pai*", ele ouviu da cidadela, quando a lâmina brilhante desceu cortando.

Dois dias depois, protegido pela escuridão, Ahmad deixou a fortaleza. Na manhã seguinte, quando seu desaparecimento foi descoberto, houve quem se perguntasse como ele foi capaz de deixar o filho sozinho — a mãe tinha morrido da febre dois anos antes —, enquanto outros disseram que a vergonha foi demais para ele, que foi por isso que fora forçado a partir.

A verdade era algo totalmente diferente.

4

20 de junho de 1257

Esta manhã acordei com Maffeo sacudindo meu ombro — não especialmente com delicadeza, devo acrescentar. No entanto, sua insistência foi motivada pelo interesse na minha história. Eu deveria pelo menos agradecer por isso.

— E aí? — perguntou ele.

— E aí o quê? — Se pareci sonolento... bem, é porque estava mesmo.

— O que aconteceu com Ahmad?

— Isso descobri muito depois, irmão.

— Então me conta.

Enquanto me sentava na cama, pensei um pouco sobre a questão.

— Acho melhor contar as histórias exatamente como foram contadas para mim — falei finalmente. — Altaïr, apesar de estar mais velho, é um excelente contador de histórias. Acho que devo repetir a narrativa dele. E o que contei a você ontem tornou-se a parte principal do primeiro encontro que tivemos. Um episódio que aconteceu quando ele tinha apenas 11 anos.

— Traumático para qualquer criança — refletiu Maffeo. — E a mãe dele?

— Morreu no parto.

— Altaïr ficou órfão aos 11 anos?

— Exatamente.

— O que aconteceu com ele?

— Bem, você sabe o que aconteceu. Ele se sentou na torre e...

— Não, quero dizer, o que aconteceu com ele *depois*?

— Isso também terá de esperar, irmão. Na vez seguinte em que me encontrei com Altaïr ele havia mudado o foco da narrativa para 15 anos à frente, para o dia em que se encontrou se arrastando por escuras catacumbas gotejantes sob Jerusalém...

O ano era 1191, mais de três anos desde que Salah Al'din e seus sarracenos haviam conquistado Jerusalém. Em reação, os cristãos haviam rangido os dentes, batido os pés e taxado seu povo a fim de obter fundos para a Terceira Cruzada — e, mais uma vez, homens em cota de malha de ferro haviam marchado sobre a Terra Santa e sitiado suas cidades.

O rei Ricardo da Inglaterra, a quem chamavam de Coração de Leão — tão cruel quanto corajoso — tinha reconquistado Acre recentemente, mas seu maior desejo era retomar Jerusalém, um lugar sagrado. E nenhum local de Jerusalém era mais sagrado do que o Monte do Templo e as ruínas do Templo de Salomão; para onde Altaïr, Malik e Kadar se arrastavam.

Eles se movimentavam depressa mas furtivamente, agarrados às laterais dos túneis, com suas botas macias mal remexendo a areia. Altaïr ia à frente, Malik e Kadar poucos passos atrás. Todos estavam com os sentidos sintonizados com os arredores, com a pulsação acelerando à medida que se aproximavam do Monte. As catacumbas acusavam completamente os milhares de anos que tinham. Altaïr podia ver areia e pó escoando dos instáveis suportes de madeira, enquanto debaixo dos pés o solo era mole, de uma areia molhada com a água que gotejava constantemente de cima — de alguma espécie de curso de água próximo. O ar era espesso com o cheiro de enxofre que vinha das lanternas ensopadas de betume que se enfileiravam nas paredes dos túneis.

Altaïr foi o primeiro a ouvir o sacerdote. Claro que foi. Ele era o líder, o Mestre Assassino; suas habilidades eram maiores e seus sentidos, mais aguçados. Ele parou. Tocou a orelha, depois ergueu a mão, e os três ficaram imóveis, como espectros na passagem. Quando Altaïr olhou para trás, estavam esperando sua próxima ordem. Os olhos de Kadar brilhavam de expectativa; os de Malik estavam atentos e impassíveis.

Todos prenderam a respiração. Em volta deles a água pingava, e Altaïr ouviu atentamente os murmúrios do sacerdote.

A falsa piedade cristã de um Templário.

Então Altaïr colocou as mãos atrás das costas e moveu o pulso para liberar sua lâmina, sentindo a tração familiar no mecanismo do anel que usava no dedo mínimo. Ele mantinha a lâmina em boa condição para que o ruído que fazia ao ser liberada fosse quase inaudível, mas, por via das dúvidas, seguiu o ritmo do gotejar.

Plim... plim... *plinc*.

Colocou os braços para a frente, e a lâmina na mão esquerda brilhou com a luz tremeluzente de tochas, sedenta por sangue.

A seguir, Altaïr encostou o corpo contra a parede do túnel e avançou sorrateiramente, virando em uma pequena curva até poder enxergar o sacerdote ajoelhado no túnel. Ele usava os mantos de um Templário, o que só podia significar que havia outros mais adiante, provavelmente em meio às ruínas do Templo. Em busca do tesouro deles, sem dúvida.

Seu coração se acelerou. Era exatamente como havia imaginado. Que a cidade, sob o controle de Salah Al'din, não ia parar os homens da cruz vermelha. Eles também tinham assuntos a cuidar no Monte. Que assuntos? Altaïr pretendia descobrir, mas, primeiro...

Primeiro precisava cuidar do sacerdote.

Bem agachado, ele se aproximou do homem ajoelhado, que rezava, alheio à aproximação da morte. Mudando seu peso para o pé da frente e curvando ligeiramente o joelho, Altaïr ergueu a lâmina com a mão recuada, pronta para atacar.

— *Espere!* — sussurrou Malik atrás dele. — Deve haver outro meio... Este aí não precisa morrer.

Altaïr o ignorou. Com um movimento suave, agarrou o ombro do sacerdote com a mão direita e, com a esquerda, enfiou a ponta da lâmina em sua nuca, fazendo um corte entre o crânio e a primeira vértebra da coluna, que separou a espinha.

O sacerdote não teve tempo de gritar: a morte foi quase instantânea. Quase. O corpo se sacudiu e se retesou, mas Altaïr o agarrou com firmeza, sentindo a vida dele se esvair enquanto o segurava com um dedo em sua carótida. Lentamente, o corpo relaxou, e Altaïr deixou que ele caísse silenciosamente no chão, onde permaneceu, espalhando uma poça de sangue na areia.

Fora rápido, silencioso. Mas, quando recolheu a lâmina, Altaïr viu o modo

como Malik o olhava e a acusação em seus olhos. Tudo o que pôde fazer foi reprimir um riso de escárnio diante da fraqueza de Malik. O irmão de Malik, Kadar, por outro lado, até o momento olhava para baixo, para o corpo do sacerdote, com um misto de admiração e assombro.

— Um excelente golpe — comentou ele, esbaforido. — A sorte favorece sua lâmina.

— Sorte, não — gabou-se Altaïr —, habilidade. Observe um pouco mais e poderá aprender alguma coisa.

Enquanto falava, observou Malik atentamente, vendo os olhos do Assassino brilharem raivosamente; invejosos, sem dúvida, do respeito que Kadar dedicava a Altaïr.

E então Malik dirigiu-se ao irmão.

— Realmente. Ele o ensinará a desconsiderar tudo o que o Mestre nos ensinou.

Altaïr riu outra vez.

— E como você teria feito?

— Eu não teria atraído atenção para nós. Não teria tirado a vida de um inocente.

O Assassino suspirou.

— Não importa o modo como completamos a nossa tarefa, apenas que seja feita.

— Mas esse não é o modo... — começou Malik.

Altaïr dirigiu-lhe um olhar fixo.

— Meu modo é melhor.

Por um ou dois momentos os dois homens se encararam. Mesmo no túnel escuro, frio e gotejante, Altaïr pôde sentir a insolência e o ressentimento nos olhos de Malik. Precisaria ter cuidado com isso, ele sabia. Parecia que o jovem Malik era um inimigo em potencial.

Se, porém, tinha a intenção de derrubar Altaïr, Malik evidentemente decidiu que agora não era o momento certo para agir.

— Vou fazer um reconhecimento da área adiante — disse ele. — Tente não nos desonrar ainda mais.

Qualquer castigo por essa insubordinação em particular teria de esperar, decidiu Altaïr quando Malik partiu, subindo pelo túnel em direção ao Templo.

Kadar observou-o ir, então virou-se para Altaïr.

— Qual é a nossa missão? — perguntou. — Meu irmão não me disse nada, apenas que eu devia ficar honrado por ter sido convocado.

Altaïr olhou atentamente para o entusiasmado rapaz.

— O Mestre acredita que os Templários encontraram alguma coisa sob o Monte do Templo.

— Um tesouro? — encantou-se Kadar.

— Não sei. O que importa é que o Mestre considera essa coisa importante, ou não teria me pedido para recuperá-la.

Kadar assentiu e, diante de um aceno de mão de Altaïr, correu para se juntar ao irmão, deixando-o sozinho no túnel. Ele olhou para baixo, meditando, diante do corpo do sacerdote, agora com uma auréola de sangue sobre a areia em volta da cabeça. Talvez Malik tivesse razão. Havia outros meios de silenciar o sacerdote — ele não precisava ter morrido. Mas Altaïr o matara porque...

Porque ele podia.

Porque ele era Altaïr Ibn-La'Ahad, filho de um Assassino. O mais habilidoso de todos da Ordem. Um Mestre Assassino.

Ele partiu, chegando a uma série de fossas. Uma névoa flutuava nas profundezas dela, e ele saltou com facilidade para a primeira viga mestra, pousando agilmente e agachando-se como um gato. Respirava serenamente, desfrutando o próprio poder e preparo físico.

Saltou para a seguinte e a seguinte, e chegou onde Malik e Kadar estavam parados à espera. Mas, em vez de se juntar a eles, passou direto. O som de seus pés soou como um sussurro no chão, mal remexendo a areia. Adiante havia uma escada alta e ele a alcançou em uma corrida, subindo rápida e silenciosamente, diminuindo a velocidade somente ao atingir o topo, onde parou, ouvindo e farejando o ar.

Então, muito lentamente, ergueu a cabeça para ver uma câmara elevada, e ali, como esperava, havia um guarda com as costas para ele, usando o traje de um Templário: túnica acolchoada, perneiras, cota de malha, espada na cintura. Altaïr, silencioso e imóvel, o estudou por um momento, observando sua postura, a inclinação dos ombros. Bom. Ele estava cansado e distraído. Seria fácil silenciá-lo.

Lentamente, Altaïr se abaixou até o solo, onde ficou agachado por um

momento, controlando a respiração e observando o Templário com cuidado antes de se adiantar por trás dele, endireitando-se e erguendo as mãos: a esquerda, como uma garra; a direita, pronta para alcançar e silenciar o guarda.

Então atacou, destravando o mecanismo no pulso para desengatar a lâmina, que saltou no mesmo instante em que ele a cravava na espinha do guarda e estendia a mão direita para abafar o grito do homem.

Por um segundo permaneceram em um abraço macabro, Altaïr sentindo sob a mão o escoar do amortecido grito final de sua vítima. Então o guarda ia desabando e Altaïr o deitou delicadamente no chão, inclinando-se para tocar com leveza suas pálpebras. Ele fora castigado severamente por ter falhado como vigia, pensou Altaïr ao se endireitar, livrando-se do corpo e saindo dali para juntar-se a Malik e Kadar, que se arrastavam por baixo da arcada que estivera tão miseravelmente vigiada.

Uma vez do outro lado, encontraram-se no andar superior de uma ampla câmara e, por um momento, Altaïr parou para absorver aquilo, sentindo-se intimidado de repente. Aquela era a ruína do lendário Templo de Salomão, supostamente construído em 960 a.C. pelo rei Salomão. Se Altaïr estivesse correto, agora estavam contemplando do alto o maior aposento do Templo, seu Santuário. Textos antigos falam do Santuário como tendo suas paredes revestidas de cedro, querubins esculpidos, palmeiras e flores abertas realçadas com ouro, mas o Templo agora era uma sombra do seu passado. Haviam sumido os enfeites de madeira, os querubins e os acabamentos em ouro — para onde foram, Altaïr podia apenas imaginar, embora tivesse algumas dúvidas de que os Templários haviam tido uma participação nisso. Porém, mesmo despido de seu dourado, ainda era um local de reverência e, a despeito de si mesmo, Altaïr descobriu-se maravilhado em vê-lo.

Atrás dele, seus dois companheiros estavam ainda mais boquiabertos.

— Ali... deve ser a Arca — disse Malik, apontando para o outro lado da câmara.

— A Arca da Aliança — arfou Kadar, ao vê-la também.

Altaïr havia se recuperado e, olhando para trás, viu os dois homens parados como uma dupla de mercadores idiotas deslumbrados com a visão de bugigangas reluzentes. *Arca da Aliança?*

— Não sejam bobos — repreendeu-os. — Isso não existe. É só uma história.

Olhando adiante, porém, ele teve menos certeza. De fato a caixa tinha todas as propriedades da lendária Arca. Era exatamente como os profetas sempre a tinham descrito: toda blindada em ouro, com uma tampa dourada enfeitada com um querubim e argolas para se enfiar as estacas que seriam usadas para carregá-la. E havia algo em relação a ela, constatou Altaïr. A Arca possuía uma aura...

Afastou os olhos, contra a vontade. Assuntos mais importantes precisavam da atenção dele, isto é, os homens que tinham acabado de entrar no andar inferior, as botas esmagando o que algum dia tinha sido um assoalho com folhas de abeto, mas que agora era de pedra. Templários. E o líder já vociferava ordens.

— Quero isso passando pelo portão antes do nascer do sol — disse a eles, sem dúvida referindo-se à Arca. — Quanto mais cedo a possuirmos, mais cedo poderemos voltar nossa atenção àqueles chacais de Masyaf.

Ele falou com sotaque francês e, ao ficar na luz, viram sua capa característica — a capa de Grão-Mestre Templário.

— Robert de Sablé — disse Altaïr. — Sua vida é minha.

Malik aproximou-se furiosamente.

— *Não*. Fomos mandados para recuperar o tesouro e lidar com Robert *apenas* se necessário.

Altaïr, cansado dos constantes desafios de Malik, virou-se para ele.

— Ele está entre nós e o tesouro — sussurrou raivosamente. — Eu diria que é necessário.

— Discrição, Altaïr — insistiu Malik.

— Quer dizer covardia. Aquele homem é o nosso maior inimigo... E aqui temos uma chance de nos livrar dele.

Ainda assim, Malik argumentou.

— Você já infringiu dois princípios do nosso Credo. Agora quer infringir o terceiro. Não comprometa a Irmandade.

Finalmente, Altaïr explodiu.

— Eu sou seu superior. Em título e habilidade. Você deveria saber que não é bom me questionar. — E, dito isso, virou-se, descendo rapidamente a primeira escada até uma sacada mais embaixo, depois para o chão, onde caminhou confiantemente a passos largos em direção ao grupo de cavaleiros.

Eles o viram chegar e viraram-se para enfrentá-lo, com as mãos nos cabos das espadas e os queixos firmes. Altaïr sabia que o observavam, olhavam o Assassino

que atravessava o chão na direção deles, com o rosto oculto pelo capuz, o manto e a faixa vermelha tremulando à sua volta, a espada na cintura e os cabos das espadas curtas à mostra sobre o ombro direito. Ele reconhecia o medo que sentiam.

E ele, por sua vez, os observava, avaliando mentalmente cada homem: qual deles era um espadachim destro, qual lutava com a esquerda; quem era o mais veloz e quem seria o mais forte, prestando atenção especial no líder.

Robert de Sablé era o maior deles, o mais forte. Sua cabeça era raspada, e estampados em seu rosto havia anos de experiência, cada um deles tendo contribuído para a lenda que era, um cavaleiro tão famoso pela habilidade com a espada quanto pela crueldade e desumanidade. E isso Altaïr sabia acima de tudo: dos homens presentes ele era de longe o mais perigoso. Precisava ser neutralizado primeiro.

Ouviu Malik e Kadar descerem as escadas e olhou de relance para trás a fim de ver se o seguiam. Kadar estava engolindo em seco, nervoso, e os olhos de Malik evidenciavam desaprovação. Os Templários ficaram ainda mais tensos ao verem mais dois Assassinos; o número agora estava mais equilibrado. Quatro deles cercaram De Sablé. Cada homem alerta. O ar denso de medo e expectativa.

— Esperem, Templários — exclamou Altaïr quando estava perto o bastante dos cinco cavaleiros. Dirigiu-se a De Sablé, que estava com um leve sorriso nos lábios e as mãos soltas. Não como seus companheiros, prontos para o combate, mas relaxado, como se a presença dos três Assassinos significasse muito pouco para ele. Altaïr faria com que ele pagasse pela sua arrogância. — Vocês não são os únicos com negócios aqui — acrescentou.

Os dois homens se avaliaram. Altaïr movimentou a mão direita, como se estivesse prestes a segurar o cabo da espada que estava no cinto, querendo manter ali a atenção de De Sablé, quando, de fato, a morte cortaria suavemente vinda da esquerda. *Sim*, decidiu. Distraia-o movimentando a mão direita, ataque com a esquerda. Ao atacar Robert de Sablé com a lâmina, seus homens fugiriam, deixando que os Assassinos recuperassem o tesouro. Todos iriam comentar a grande vitória de Altaïr sobre o Grão-Mestre Templário. Malik — aquele covarde — seria silenciado, seu irmão ficaria novamente estupefato, e, na volta deles a Masyaf, os membros da Ordem venerariam Altaïr. Al Mualim o homenagearia pessoalmente, e o caminho dele para a posição de Mestre estaria assegurado.

Altaïr olhou nos olhos do oponente. De modo imperceptível, flexionou a mão esquerda, testando a tensão do mecanismo da lâmina. Ele estava pronto.

— E o que é que você quer? — perguntou De Sablé, com o mesmo sorriso despreocupado.

— Sangue — disse simplesmente Altaïr, e atacou.

Com uma velocidade inumana, saltou para De Sablé, ao mesmo tempo batendo de leve na lâmina, simulando um movimento com a mão direita e atacando, tão veloz e tão mortal como uma naja, com a esquerda.

O Grão-Mestre Templário, porém, era mais rápido e astuto do que ele havia previsto. Deteve o Assassino durante o ataque, aparentemente com facilidade, tanto que Altaïr teve de parar onde estava, incapaz de se mexer, subjugado de repente — e de modo pavoroso — à impotência.

E, naquele momento, Altaïr se deu conta de que cometera um erro grave. Um erro fatal. Naquele momento, percebeu que não era De Sablé o arrogante: era ele mesmo. De repente, não se sentiu mais como Altaïr, o Mestre Assassino. Sentiu-se como uma criança frágil e indefesa. Pior, uma criança vaidosa.

Debateu-se e descobriu que mal conseguia se mexer, De Sablé continha-o facilmente. Altaïr sentiu uma forte punhalada de vergonha, pensando em Malik e Kadar vendo-o ser subjugado. A mão de De Sablé apertou sua garganta e ele se viu ofegando em busca de ar enquanto o Templário empurrava seu rosto. Uma veia em sua testa latejava.

— Você não conhece as coisas nas quais se mete, Assassino. Vou poupar sua vida apenas para que possa voltar ao seu Mestre e transmitir esta mensagem: a Terra Santa está perdida para ele e para você. Agora ele deve fugir, enquanto tem a chance. Se ficar, todos vocês morrerão.

Altaïr sufocou e tossiu, enquanto os cantos de sua visão começavam a desaparecer. Lutava contra a inconsciência quando De Sablé o virou tão facilmente quanto se estivesse manuseando um recém-nascido e o jogou na direção da parede dos fundos da câmara. Altaïr bateu com um estrondo por entre as antigas pedras e caiu no vestíbulo do outro lado, onde permaneceu aturdido por um momento, ouvindo vigas caírem e as imensas colunas da câmara se despedaçarem. Olhou para cima — e viu que a entrada para o Templo fora bloqueada.

Então ouviu gritos que vinham do outro lado.

— Homens. Às armas. *Matem os Assassinos!* — berrou De Sablé.

Ele se levantou com dificuldade e disparou para os escombros, tentando encontrar uma passagem. Com vergonha e impotência queimando-o, ouviu os gritos de Malik e Kadar, gritos de morte, e, finalmente, com a cabeça baixa, virou-se e começou a caminhada para fora do Templo, a jornada até Masyaf, para levar a notícia ao Mestre.

A notícia de que havia fracassado. Que ele, o grande Altaïr, tinha desonrado a si mesmo e à Ordem.

Quando finalmente emergiu do interior do Monte do Templo, o sol brilhava, e Jerusalém fervilhava com vida. Mas Altaïr jamais havia se sentido tão sozinho.

5

Altaïr chegou a Masyaf após uma exaustiva cavalgada de cinco dias, durante os quais tivera tempo mais do que suficiente para refletir sobre seu fracasso. Assim, foi com o coração pesado que chegou aos portões, teve permissão do guarda para entrar e seguiu caminho em direção aos estábulos.

Ao desmontar e, por fim, sentir os músculos relaxados, entregou o animal ao cavalariço e depois parou no poço para beber um pouco de água, primeiro dando pequenos goles, em seguida engolindo-a e, então, jogando-a sobre si mesmo, esfregando com gratidão o rosto sujo para limpá-lo. Mas ainda sentia a sujeira da viagem no corpo. O manto pendia pesado e imundo e ele desejou tomar um banho nas águas reluzentes de Masyaf, em um recanto oculto do penhasco. Tudo o que ele queria nesse momento era solidão.

Quando seguia pelos arredores da aldeia, seu olhar foi atraído para cima das cabanas dos estábulos e do movimentado mercado e para os sinuosos caminhos que levavam aos bastiões da fortaleza dos Assassinos. Ali era onde a Ordem treinava e vivia sob o comando de Al Mualim, cujos aposentos ficavam no centro das torres da cidadela bizantina. Ele costumava ser visto olhando pela janela de sua torre, perdido em pensamentos, e Altaïr o imaginou ali no momento, fitando a aldeia abaixo. A mesma aldeia agitada com vida, brilhando com a luz do sol e movimentada com negócios. Para a qual, dez dias antes, Altaïr, partindo para Jerusalém com Malik e Kadar, havia planejado voltar como um herói triunfante.

Ele nunca — nem em suas fantasias mais sombrias — previra fracassar, e no entanto...

Um Assassino lhe acenou quando ele atravessou o mercado salpicado de sol,

e ele se recompôs, jogando os ombros para trás e erguendo a cabeça, tentando transparecer o grande Assassino que deixara Masyaf, em vez do tolo de mãos vazias que havia retornado.

Era Rauf, e o coração de Altaïr se apertou ainda mais — se é que fosse possível, o que ele sinceramente duvidava. De todas as pessoas para saudá-lo em sua volta tinha de ser Rauf, que venerava Altaïr como um deus. Parecia até que o jovem estivera esperando por ele, perdendo tempo junto a uma fonte construída em um muro. De fato, ele agora o recebia com olhos arregalados e ansiosos, totalmente ignorante do fracasso que Altaïr sentia à sua volta.

— Altaïr... você voltou. — Ele estava radiante, tão feliz ao vê-lo quanto um cãozinho ficaria.

Altaïr assentiu lentamente. Observou, atrás de Rauf, um mercador idoso se refrescar na nascente da fonte e depois saudar uma mulher mais jovem, que chegou carregando um vaso decorado com gazelas. Ela o colocou sobre o muro baixo que cercava o poço e os dois começaram a conversar; a mulher animada, gesticulando. Altaïr os invejou. A ambos.

— É bom ver que você está bem — continuou Rauf. — Imagino que sua missão tenha sido um sucesso, não?

Altaïr ignorou a pergunta, ainda observando os dois na fonte. Tinha dificuldade em fazer contato visual com Rauf.

— O Mestre está em sua torre? — perguntou finalmente, desviando o olhar para longe.

— Sim, está. — Rauf olhava-o de canto de olho, como se adivinhasse que havia algo errado com ele. — Enterrado em seus livros, como sempre. Sem dúvida, está esperando por você.

— Obrigado, irmão.

E, com isso, deixou Rauf e os aldeões conversando no manancial e começou a seguir seu caminho, passando pelas barracas cobertas e carroças de feno e bancos. Andou pelo calçamento, até o solo quente e poeirento se inclinar abruptamente para cima, a grama seca e quebradiça pairando sob o sol. Todos os caminhos levavam ao castelo.

Ele nunca se sentira tão mal à sua sombra, e descobriu-se cerrando os punhos ao atravessar o platô. Foi saudado pelos guardas quando se aproximou da fortaleza. As mãos deles estavam fixadas no cabo da espada; os olhos, vigilantes.

Então chegou à grande arcada que levava ao antemuro, e mais uma vez seu coração ficou apertado ao avistar uma figura que reconheceu Abbas.

Abbas estava embaixo de uma tocha que afugentava o pouco de sombra que havia no interior da arcada. Estava recostado na áspera pedra negra, com a cabeça descoberta, os braços cruzados e a espada na cintura. Altaïr parou e, por cerca de um momento, os dois homens se entreolharam enquanto aldeões passavam por eles, alheios à antiga inimizade que florescia novamente entre os dois Assassinos. Em outros tempos, um se referia ao outro como irmão. Mas essa época estava há muito no passado.

Abbas deu um breve e irônico sorriso.

— Ah. Enfim ele voltou. — Olhou intencionalmente por cima do ombro de Altaïr. — Onde estão os outros? Você cavalgou na frente, querendo ser o primeiro a chegar? Sei que não gosta de compartilhar a glória.

Altaïr não respondeu.

— Silêncio é apenas outra forma de se concordar com algo — acrescentou Abbas, ainda tentando incitá-lo... e fazendo isso com toda a habilidade de um adolescente.

— Você não tem nada melhor para fazer? — suspirou Altaïr.

— Trago uma mensagem do Mestre. Ele espera por você na biblioteca — disse Abbas. E abriu caminho para Altaïr passar. — É melhor se apressar. Sem dúvida, você deve estar ansioso para lamber as botas dele.

— Mais uma palavra — retrucou Altaïr —, e enfiarei a minha lâmina na sua garganta.

— Haverá muito tempo para isso depois, *irmão* — rebateu Abbas.

Altaïr empurrou-o com o ombro ao passar, então continuou pelo pátio e pela praça de treinamento até a porta para a torre de Al Mualim. Soldados do corpo de guarda curvaram a cabeça diante dele, oferecendo-lhe o respeito que legitimamente merecia um Mestre Assassino, e ele agradeceu sabendo que em breve — assim que a notícia se espalhasse — o respeito deles ficaria apenas na lembrança.

Antes, porém, tinha de dar a terrível notícia a Al Mualim, e subiu os degraus da torre em direção aos aposentos do Mestre. Ali o ambiente era quente, e o ar estava denso com seu habitual aroma doce. A poeira dançava nos raios de luz vindos da grande janela do lado mais distante, onde se encontrava o Mestre, com

as mãos entrelaçadas às costas. Seu mestre. Seu mentor. Um homem que ele venerava acima de todos os outros.

Com quem havia falhado.

Em um canto, os pombos-correio do Mestre arrulhavam baixinho em sua gaiola e, em volta dele, havia livros e manuscritos, milhares de anos de literatura e aprendizado dos Assassinos, tanto em prateleiras quanto amontoados em pilhas vacilantes e empoeiradas. O suntuoso manto de Al Mualim estendia-se à sua volta, os longos cabelos pousavam sobre os ombros, e ele estava, como de hábito, contemplativo.

— Mestre — disse Altaïr, quebrando o pesado silêncio. Ele baixou a cabeça.

Calado, Al Mualim virou-se e foi em direção à sua escrivaninha; rolos de pergaminho apinhavam o chão abaixo dela. Ele encarou Altaïr com um olhar firme e penetrante. Sua boca, escondida pela barba grisalha, não denunciou qualquer emoção até, finalmente, falar, acenando para o pupilo.

— Aproxime-se. Conte-me de sua missão. Confio que tenha recuperado o tesouro templário...

Altaïr sentiu uma gota de suor seguir caminho de sua testa rosto abaixo.

— Houve um problema, Mestre. Robert de Sablé não estava sozinho.

Al Mualim afastou a ideia com um gesto de mão.

— Quando alguma vez o nosso trabalho saiu como o esperado? É a habilidade de nos adaptar que nos torna o que somos.

— Desta vez, não foi suficiente.

Al Mualim levou um momento para absorver as palavras de Altaïr. Saiu de trás da escrivaninha e, quando falou novamente, sua voz foi severa.

— O que quer dizer?

Altaïr se viu forçando a saída das palavras.

— Eu falhei.

— O tesouro?

— Perdido para nós.

A atmosfera no aposento mudou. Parecia tensa e crepitante como se fosse quebradiça, e houve uma pausa antes de Al Mualim voltar a falar.

— E Robert?

— Escapou.

A palavra caiu como uma pedra no espaço escurecido.

Então Al Mualim se aproximou de Altaïr. Seu único olho bom reluzia de raiva, a voz apenas contida, a fúria preenchendo todo o ambiente.

— Eu mandei você... meu melhor homem... para realizar uma missão mais importante do que qualquer outra que já surgiu e você volta com nada além de alegações e desculpas?

— Eu...

— *Não fale*. — A voz dele foi uma chicotada. — *Nem mais uma palavra*. Não era isso que eu esperava. Precisaremos reunir outra força para...

— Eu lhe juro que o encontrarei... Eu vou e... — começou Altaïr, que já estava desesperado para encontrar novamente De Sablé. Dessa vez o resultado seria muito diferente.

Agora Al Mualim olhava ao redor de si mesmo, como se acabasse de se lembrar que, quando partira de Masyaf, Altaïr o fizera com dois companheiros.

— Onde estão Malik e Kadar? — interpelou-o.

Uma segunda gota de suor partiu da têmpora de Altaïr quando respondeu.

— Mortos.

— *Não* — veio uma voz de trás deles —, mortos não.

Al Mualim e Altaïr viraram-se para ver um fantasma.

6

Malik estava parado na entrada dos aposentos do Mestre — parado e oscilando; uma figura ferida, exausta e encharcada de sangue. Seu manto, antes branco, estava raiado de sangue coagulado, a maior parte em volta do braço esquerdo, que parecia seriamente ferido, pendendo inutilmente ao lado e encrostado com sangue escuro e seco.

Ao entrar, o ombro ferido declinou e ele cambaleou ligeiramente. Mas, se o corpo estava ferido, o espírito, por outro lado, certamente não estava: seus olhos queimavam em um brilho de raiva e ódio — ódio que dirigiu a Altaïr com um olhar tão intenso que tudo que este pôde fazer foi não fugir.

— *Eu* pelo menos ainda estou vivo — grunhiu Malik, os olhos injetados e transbordando fúria enquanto encarava Altaïr. Ele respirava com movimentos curtos, debilitados. Os dentes à mostra estavam ensanguentados.

— E seu irmão? — perguntou Al Mualim.

Malik sacudiu a cabeça.

— Morto.

Por um instante, seus olhos baixaram para o chão de pedra. Então, como uma súbita explosão de raiva, levantou a cabeça, estreitou os olhos e ergueu um dedo trêmulo para apontar para Altaïr.

— *Por sua causa* — sussurrou.

— Robert jogou-me para fora da câmara. — A desculpa de Altaïr pareceu débil, até mesmo para seus próprios ouvidos... *Principalmente* para seus próprios ouvidos. — Eu não tinha como voltar. Não houve nada que eu pudesse fazer...

— Porque não deu importância ao meu alerta — bradou Malik, a voz rouca.

— Tudo isso poderia ter sido evitado. E meu irmão... meu irmão ainda estaria vivo. Sua arrogância quase nos custou a vitória hoje.

— Quase? — indagou Al Mualim, cautelosamente.

Acalmando-se, Malik concordou com a cabeça, o espectro de um sorriso nos lábios... um sorriso dirigido a Altaïr, pois, ao mesmo tempo, ele fez um gesto para outro Assassino, que se aproximou carregando uma caixa em uma bandeja dourada.

— Eu consegui o que seu favorito falhou em encontrar — afirmou Malik. Sua voz era cansada e ele estava fraco, mas nada ia estragar seu momento de triunfo sobre Altaïr.

Ele sentiu seu mundo desabar, quando Malik pousou a bandeja sobre a mesa de Al Mualim. A caixa estava coberta por runas antigas e havia algo nelas — uma aura. Dentro, certamente, estava o tesouro. Tinha de estar. O tesouro que Altaïr fora incapaz de recuperar.

O olho bom de Al Mualim estava arregalado e brilhando. Seus lábios, entreabertos, mostravam a língua que avançava pela boca. Ele estava extasiado com a visão da caixa e com o pensamento do que havia dentro. De repente, houve uma agitação lá fora. Gritos. Pés correndo. O inconfundível barulho de aço colidindo.

— Parece que retornei com mais do que o tesouro — refletiu Malik enquanto um mensageiro irrompia pelo aposento, esquecendo todo o protocolo e exclamava, esbaforido:

— Mestre, estamos sob ataque. Robert de Sablé montou um cerco à aldeia de Masyaf.

Al Mualim foi arrancado de seu devaneio, disposto a enfrentar De Sablé.

— Então ele está à procura de uma batalha, não é mesmo? Muito bem. Não lhe negarei isso. Vá. Informe os outros. A fortaleza precisa estar preparada.

Então ele se voltou para Altaïr, e seus olhos queimavam enquanto falava:

— Quanto a você, Altaïr, nossa discussão terá de esperar. Você deve ir para a aldeia. Destrua os invasores. Expulse-os do nosso lar.

— Isso será feito — prometeu Altaïr, que não pôde evitar se sentir aliviado com aquela súbita reviravolta.

De algum modo, o ataque à aldeia era preferível a ter de aguentar mais daquela humilhação. Ele se desgraçara em Jerusalém. Agora tinha a chance de

recompensar.

Saltou da plataforma atrás dos aposentos do Mestre para o chão liso de pedra e se afastou rapidamente da torre. Ao atravessar correndo o pátio de treinamento e passar pelo portão principal, ficou imaginando que se fosse morto agora isso talvez proporcionasse a salvação que desejava. Seria uma boa morte? Uma morte nobre e digna?

O suficiente para perdoá-lo?

Sacou a espada. Os sons da batalha agora estavam mais próximos. Podia ver Assassinos e Templários combatendo no planalto ao pé do castelo enquanto, mais embaixo da colina, os aldeões se dispersavam diante da força do ataque; corpos já recobriam as encostas.

Então ele foi atacado. Um cavaleiro templário correu em sua direção, rosnando, e Altaïr girou, deixando os instintos assumirem o controle, erguendo a espada para enfrentar o cristão, que se abateu sobre ele veloz e duramente, com sua espada larga batendo forte na lâmina de Altaïr com um ruído de aço. O Assassino, porém, estava firme, com os pés bem afastados e o alinhamento do corpo perfeito, de tal modo que o ataque do Templário mal fez com que se mexesse. Ele varreu para o lado a espada do outro, usando o peso da enorme espada larga contra o cavaleiro, cujo braço se agitou inutilmente durante o breve momento que Altaïr usou para dar um passo à frente e enfiar sua lâmina na barriga do homem.

O Templário tinha avançado contra ele confiante de uma morte fácil. Fácil, como a dos aldeões que ele já havia massacrado. Mas se enganara. Com o aço ainda nas entranhas, tossiu sangue, e seus olhos se arregalaram de dor e surpresa quando Altaïr empurrou a lâmina para cima, dividindo ao meio seu tronco. Ele caiu, e os intestinos se derramaram sobre a terra.

Agora Altaïr lutava com pura maldade, descarregando toda a sua frustração nos golpes com a espada, como se pudesse pagar pelos seus crimes com o sangue dos inimigos. O Templário seguinte trocou golpes, tentando resistir à medida que Altaïr o empurrava para trás. Sua postura instantaneamente mudava de ataque para defesa, e depois para a defesa desesperada, de modo que, mesmo enquanto aparava os golpes, ele choramingava na expectativa da própria morte.

Altaïr simulou um golpe, girou, e sua lâmina lampejou através da garganta do cristão, que se abriu, cobrindo de sangue a parte da frente de seu uniforme,

tingindo-o de uma cor tão vermelha quanto a cruz em seu peito. Ele caiu de joelhos e depois tombou para a frente, no instante em que outro soldado correu para Altaïr, com a luz do sol reluzindo em sua espada erguida. O Assassino se afastou para o lado e enterrou a espada bem fundo nas costas do homem, de modo que, por um segundo, seu corpo todo se retesou enquanto a lâmina cravava-se no peitoral, e a boca se abria em um grito silencioso à medida que Altaïr o baixava para o chão e retirava a espada.

Dois soldados atacaram juntos, imaginando talvez que o número superior subjugaria Altaïr. Imaginaram isso sem levar em conta sua ira. Ele lutou, não com a habitual indiferença e frieza, mas com fogo no estômago. O fogo de um guerreiro que não se importa com a própria segurança. O mais perigoso guerreiro de todos.

À sua volta, viu mais corpos de aldeões, derrubados pela espada dos agressores Templários, e sua ira aumentou, tornando os golpes de sua espada ainda mais cruéis. Dois outros soldados caíram diante de sua lâmina e ele os deixou se debatendo na terra. Agora, porém, cada vez mais cavaleiros surgiam. Aldeões e Assassinos corriam igualmente encosta acima, e Altaïr viu Abbas ordenando-lhes que retornassem ao castelo.

— Aumentem o ataque à fortaleza pagã — berrou um cavaleiro em resposta. Ele corria colina acima em direção a Altaïr, a espada brandindo enquanto transpassava uma mulher em fuga. — Vamos levar a luta aos Assassinos...

Altaïr empurrou a espada na garganta do cristão, cuja última palavra foi um gorgolejo.

Mas atrás dos aldeões e Assassinos que fugiam vinham mais Templários, e Altaïr hesitou na encosta, imaginando se aquele seria o momento de seu ato final — morrer defendendo seu povo e fugindo da vergonha a que estava preso.

Mas não. Não havia honra em uma morte desperdiçada, ele sabia, e juntou-se aos que retornavam à fortaleza, chegando quando o portão era fechado. Então se virou para ver a cena de carnificina lá fora, a beleza de Masyaf maculada pelos corpos ensanguentados dos moradores, dos soldados e dos Assassinos.

Olhou para si mesmo. Seu manto estava salpicado de sangue templário, mas ele continuava ileso.

— *Altaïr!* — O grito interrompeu seus pensamentos. Era Rauf novamente. — Venha.

Ele sentiu-se repentinamente cansado.

— Aonde estamos indo?

— Temos uma surpresa para os nossos convidados. Faça o que eu fizer. Logo ficará claro... — Rauf apontava acima deles para os bastiões da fortaleza.

Altaïr embainhou a espada e o seguiu para o alto por uma série de escadas até o cume da torre, onde os líderes Assassinos estavam reunidos, Al Mualim entre eles. Atravessando o pavimento, olhou para o Mestre, que o ignorou, a boca estava inexpressiva. Então Rauf indicou uma das três plataformas de madeira que pendiam no ar, convidando-o a tomar seu lugar nela. Ele fez isso, inspirando fundo antes de caminhar cuidadosamente até a extremidade.

Ele agora estava acima de Masyaf, capaz de olhar abaixo para o vale. Sentiu o ar correndo à sua volta; seu manto esvoaçava e ele viu bandos de pássaros planando e arremetendo em bolsões de ar quente. Sentiu vertigem com a altura, e, no entanto, estava sem fôlego com o espetáculo: as colinas ondulantes do campo mescladas com o verde exuberante; as águas tremeluzentes do rio; corpos agora como pequenas manchas nas encostas.

E Templários.

O exército invasor havia se reunido no planalto diante de uma torre de vigia, perto dos portões da fortaleza. À frente estava Robert de Sablé, que agora se adiantava um pouco, olhando acima para os bastiões onde se encontravam os Assassinos, e se dirigia a Al Mualim.

— *Herege!* — vociferou. — Devolva o que roubou de mim.

O tesouro. A mente de Altaïr vagueou momentaneamente até a caixa sobre a escrivaninha de Al Mualim. Ela parecera brilhar...

— Você não tem direito a ela, Robert — retrucou o Mestre, e sua voz ecoou pelo vale. — Vá embora daqui antes que eu seja forçado a reduzir ainda mais suas fileiras de homens.

— Você está fazendo um jogo perigoso — rebateu De Sablé.

— Eu lhe garanto que não é um jogo.

— Que assim seja — foi a resposta.

Havia algo no tom de sua voz que Altaïr realmente não gostou. De Sablé dirigiu-se a um de seus homens.

— Tragam o refém.

Do meio da tropa, arrastaram o Assassino. Estava amarrado e amordaçado e

se contorcia para se livrar das amarras enquanto era puxado violentamente para a frente do grupo. Seus gritos abafados ergueram-se até onde Altaïr estava na plataforma.

Então, sem cerimônia, De Sablé fez um sinal com a cabeça para um soldado próximo. Este puxou o cabelo do assassino para que sua garganta ficasse exposta e pudesse passar sua lâmina por ela, abrindo-a e deixando que o corpo caísse sobre a grama.

Os Assassinos, observando, prenderam a respiração.

De Sablé foi para perto do corpo e descansou um dos pés nas costas do moribundo, com os braços cruzados como um gladiador triunfante. Houve um murmúrio de aversão entre os Assassinos enquanto ele gritava acima para Al Mualim.

— Sua aldeia está em ruínas e suas provisões não são intermináveis. Quanto tempo se passará até sua fortaleza ser destruída por dentro? Como seus homens se manterão disciplinados quando os poços secarem e a comida deles acabar? — Ele mal conseguia disfarçar o tom exultante na voz.

Mas, em resposta, Al Mualim manteve-se calmo.

— Meus homens não temem a morte, Robert. Eles lhe dão boas-vindas... e às recompensas que ela traz.

— Bom — bradou De Sablé. — Então eles as terão por toda a sua volta.

Ele estava com a razão, é claro. Os Templários podiam manter o cerco de Masyaf e impedir que os Assassinos recebessem provisões. Quanto tempo conseguiriam resistir até ficarem fracos demais para que De Sablé pudesse atacar em segurança? Duas semanas? Um mês? Altaïr podia apenas ter a esperança de que, independentemente do plano de Al Mualim, este seria o suficiente para pôr um fim ao impasse.

Como se tivesse lido seus pensamentos, Rauf sussurrou para ele de uma plataforma à esquerda:

— Siga-me. E sem hesitar.

Um terceiro Assassino estava parado mais adiante. Estavam escondidos de De Sablé e seus homens. Olhando para baixo, Altaïr viu montes de feno estrategicamente colocados, o suficiente para amortecer uma queda. Ele começava a entender o que Rauf pretendia. Iam pular, sem serem vistos pelos Templários. Mas por quê?

O manto de Altaïr se agitava ao redor de seus joelhos. O som era tranquilizador, como ondas ou chuva. Olhou para baixo e firmou a respiração. Concentrou-se. Buscou equilíbrio em seu interior.

Ouviu Al Mualim e De Sablé trocando palavras, mas não estava mais escutando; pensava somente no salto, preparando-se para ele. Fechou os olhos. Sentiu uma grande calma, uma paz interna.

— Agora — disse Rauf, que saltou, seguido pelo outro Assassino. E então foi a vez de Altaïr.

Que saltou.

O tempo parou enquanto ele caía, os braços estendidos. Com o corpo relaxado e graciosamente curvado no ar, sabia que alcançara uma espécie de perfeição — era como se tivesse saído do próprio corpo. Então pousou perfeitamente, um monte de feno interrompendo sua queda. A de Rauf também. Mas não a do terceiro Assassino, cuja perna rompeu-se com o impacto. Imediatamente, o homem gritou e Rauf se aproximou para silenciá-lo, sem querer que os Templários o ouvissem: para a fuga funcionar, os cavaleiros precisavam acreditar que os três homens tinham pulado para a morte.

Rauf virou-se para Altaïr.

— Vou ficar para trás e cuidar dele. Você vai ter de ir sem nós. As cordas o levarão à armadilha. Solte-as de lá... Uma chuva de morte cairá sobre nossos inimigos.

Claro. Agora Altaïr entendeu. Por um momento, se perguntou como os Assassinos tinham sido capazes de montar uma armadilha sem que ele soubesse. Quantas outras facetas da Irmandade ainda permaneciam um segredo para ele? Agilmente, seguiu ao longo das cordas pelo abismo, voltando através da garganta até a face do penhasco atrás da torre de vigia. Escalou em um impulso natural. Rápido e ágil, sentindo os músculos do braço zumbirem enquanto escalava cada vez mais e mais alto as paredes íngremes até chegar ao topo da torre. Ali, sob as tábuas do último andar, encontrou a armadilha montada e pronta para ser solta: pesadas toras ensebadas, alinhadas e empilhadas sobre uma plataforma pendente.

De modo silencioso, foi até a beira, olhando abaixo para ver as fileiras reunidas dos Templários; um grande número de costas para ele. Ali também havia cordas prendendo a armadilha no lugar. Ele sacou a espada e, pela primeira

vez em dias, sorriu.

7

Mais tarde, os Assassinos estavam reunidos no pátio, ainda saboreando seu triunfo.

As toras haviam tombado da torre de vigia sobre os cavaleiros embaixo. A maior parte deles foi esmagada pela primeira onda, enquanto outros foram apanhados na segunda carga estocada atrás da primeira. Apenas momentos antes, eles estiveram certos da vitória. Então seus corpos foram surrados, os membros fraturados, a força inteira desordenada. Robert de Sablé já ordenava a seus homens que voltassem ao mesmo tempo que os arqueiros dos Assassinos aproveitavam a vantagem e faziam chover flechas sobre eles.

Agora, porém, Al Mualim mandava que os Assassinos fizessem silêncio e sinalizava para que Altaïr se juntasse a ele no púlpito que havia na entrada de sua torre. Seus olhos eram severos e, quando o Assassino tomou seu lugar, Al Mualim gesticulou com a cabeça para que dois guardas se posicionassem de cada lado de Altaïr.

O silêncio substituiu as felicitações. Altaïr, de costas para os Assassinos, sentia todos os olhos sobre ele. Já deviam saber o que acontecera em Jerusalém; Malik e Abbas teriam cuidado disso. Os esforços de Altaïr na batalha e o posterior acionamento da armadilha — nada disso contaria agora. Tudo que ele podia esperar era que Al Mualim mostrasse piedade.

— Você fez bem em expulsar Robert daqui — observou o Mestre, e foi com bastante orgulho que ele disse isso. O bastante para Altaïr ter a esperança de que pudesse ser perdoado; de que seus atos posteriores a Jerusalém o redimissem. — A força dele está destruída — continuou Al Mualim. — Vai demorar muito até

que ele volte a nos perturbar. Diga-me, você sabe por que foi bem-sucedido?

Altaïr não disse nada. Seu coração martelava.

— Você foi bem-sucedido porque obedeceu — forçou Al Mualim. — Se tivesse obedecido no Templo de Salomão, Altaïr, tudo isso teria sido evitado.

Seu braço descreveu um círculo, significando que abrangia o pátio e tudo que havia mais além, onde até agora corpos de Assassinos, de Templários e de aldeões estavam sendo removidos.

— Eu fiz o que me foi pedido — afirmou Altaïr, tentando escolher cuidadosamente as palavras, mas fracassando.

— *Não!* — vociferou o Mestre. Seus olhos pareciam chamas. — Você fez o que lhe agradou. Malik falou-me da arrogância que você demonstrou. Você desconsiderou nossos métodos.

Os dois guardas de ambos os lados de Altaïr deram um passo adiante e seguraram seus braços. Os músculos dele se tensionaram. Ele se preparou contra eles, mas não lutou.

— O que está fazendo? — perguntou cautelosamente.

A cor voltou às faces de Al Mualim.

— Há regras. Não somos nada se não obedecemos ao Credo dos Assassinos. Há três princípios simples, que você parece ter esquecido. Vou lembrá-los a você. O primeiro e principal: detenha sua lâmina...

Ia ser uma repreensão. Altaïr relaxou, incapaz de manter o tom de resignação da voz, ao completar a frase de Al Mualim.

— Do corpo de um inocente. Eu sei.

O estalo da palma de Al Mualim no rosto de Altaïr ecoou na pedra do pátio. Altaïr sentiu a face queimar.

— E contenha sua língua, a não ser que eu lhe dê permissão para usá-la — vociferou Al Mualim. — Se está tão familiarizado com este princípio, por que matou o velho no interior do Templo? Ele era inocente. Não precisava morrer.

Altaïr ficou calado. O que ele poderia dizer? "Eu agi por impulso?" "Matar o velho foi um ato de arrogância?", talvez?

— Sua insolência não conhece limites — urrou Al Mualim. — Torne seu coração humilde, criança, ou juro que o arrancarei com minhas próprias mãos.

Ele fez uma pausa, os ombros subindo e descendo enquanto dominava a raiva.

— O segundo princípio é o que nos dá força — continuou. — Invisibilidade. Deixar que as pessoas o encubram para que você se torne mais um na multidão. Você se lembra? Porque, pelo que eu soube, você decidiu se expor, atraindo atenção *antes* de atacar.

Altaïr continuou sem dizer nada. Sentiu a vergonha se instalar no corpo.

— O terceiro e último princípio — acrescentou Al Mualim —, a pior de todas as suas traições: jamais comprometa a Irmandade. O significado deve ser óbvio. Seus atos jamais devem nos causar danos... direta ou indiretamente. Entretanto, seu ato egoísta em Jerusalém colocou todos nós em perigo. Pior do que isso, você atraiu o inimigo à nossa casa. Cada homem que perdemos hoje foi por sua causa.

Altaïr sentia-se incapaz de olhar para o Mestre. Sua cabeça permanecera virada para o lado, ainda sentindo o tapa. Mas, ao ouvir Al Mualim sacar a adaga, ele olhou.

— Sinto muito. Eu realmente sinto — disse Al Mualim. — Mas não posso tolerar um traidor.

Não. Isso não. A morte de um traidor não.

Seus olhos arregalaram-se ao encararem a lâmina na mão do Mestre; a mão que o guiara desde a infância.

— Não sou um traidor. — Ele conseguiu dizer.

— Seus atos indicam o contrário. E, portanto, não me deixa escolha. — Al Mualim recuou a adaga. — Que a paz esteja com você, Altaïr — disse ele, e a enfiou na barriga de Altaïr.

8

E assim foi. Por uns preciosos momentos, enquanto esteve morto, Altaïr esteve em paz.

Então... então estava voltando a si, recuperando gradualmente um senso de si mesmo e de onde estava.

Ele estava de pé. Como podia estar de pé? Seria isso a morte, a vida após a morte? Estaria ele no paraíso? Se fosse o caso, parecia muito com os aposentos de Al Mualim. Não apenas isso, mas Al Mualim estava presente. Aliás, parado diante dele, observando-o com um olhar incompreensível.

— Estou vivo?

As mãos de Altaïr foram para onde a faca fora enfiada em sua barriga. Esperava encontrar um buraco dentado e sentir a umidade do sangue, mas não havia nada. Nada de ferimento, nada de sangue. Embora ele os tivesse visto. Sentido. Tinha sentido a dor...

Não tinha?

— Mas vi você me esfaquear — conseguiu dizer —, senti a morte me abraçar.

Al Mualim, por sua vez, era impassível.

— Você viu o que eu quis que você visse. Então dormiu o sono da morte. O útero. Para que pudesse despertar e renascer.

Altaïr afastou pensamentos nebulosos de sua mente.

— Com que finalidade?

— Você se lembra, Altaïr, pelo que os Assassinos lutam?

Ainda tentando se recompor, respondeu:

— Paz, em todas as coisas.

— Sim. Em todas as coisas. Não basta acabar com a violência que um homem pratica contra o outro. Isso também se refere à paz interior. Não se pode ter uma sem a outra.

— É o que dizem.

Al Mualim balançou a cabeça, e a cor das maçãs do rosto voltava à medida que levantava a voz.

— Então é. Mas você, meu filho, não encontrou a paz interior. Ela se manifesta de modos terríveis. Você é arrogante e excessivamente confiante. Carece de autocontrole e prudência.

— E o que vai acontecer comigo?

— Eu deveria matá-lo pela dor que nos causou. Malik acha que isso é apenas justo... Sua vida em troca da do irmão dele.

Al Mualim fez uma pausa para permitir que Altaïr entendesse o total significado daquele momento.

— Mas isso seria uma perda do meu tempo e a de seus talentos.

Altaïr permitiu-se relaxar mais um pouco. Seria poupado. Poderia se redimir.

— Você foi destituído de suas posses — continuou Al Mualim. — E também de seu posto. Você é um aprendiz, uma criança, outra vez. Como no dia em que entrou para a Ordem. Estou lhe oferecendo uma chance de redenção. Terá de merecer seu caminho de volta para a Ordem.

Claro.

— Suponho que você deva ter algo planejado.

— Primeiro precisa provar para mim que se lembra de *como* é ser um Assassino. Um verdadeiro Assassino — disse Al Mualim.

— Então me mandaria tirar uma vida? — indagou Altaïr, sabendo que sua penalidade seria muito mais rigorosa.

— Não. Ainda não, pelo menos. Por enquanto, você vai se tornar novamente um estudante.

— Não há necessidade disso. Sou um Mestre Assassino.

— Você *foi* um Mestre Assassino. Outros rastreavam alvos para você. Mas não mais. De hoje em diante, você mesmo terá de rastreá-los.

— Se é esse seu desejo.

— É.

— Então me diga o que devo fazer.

— Tenho aqui uma lista. Nove nomes fazem parte dela. Nove homens que precisam morrer. São causadores de pestes. Fabricantes de guerras. Seu poder e influência corrompem a terra... e asseguram a continuação das Cruzadas. Você os encontrará. E os matará. Ao fazer isso, estará plantando as sementes da paz, tanto para a região quanto para si mesmo. Desse modo, talvez possa ser redimido.

Altaïr inspirou fundo e demoradamente. Isso ele poderia fazer. Isso ele queria — *precisava* — fazer.

— Nove vidas em troca da minha — falou cautelosamente.

Al Mualim sorriu.

— Uma oferta muito generosa, creio. Tem alguma pergunta?

— Por onde devo começar?

— Vá a Damasco. Procure o comerciante de mercado negro chamado Tamir. Que seja ele o primeiro a cair.

Al Mualim foi até a gaiola de seus pombos-correio, pegou um deles e o conteve delicadamente com a palma em concha.

— Ao chegar, não deixe de visitar o Bureau dos Assassinos. Vou despachar um pombo para informar o *rafiq* de sua chegada. Fale com ele. Verá que tem muito a oferecer.

Ele abriu a mão e o pássaro desapareceu pela janela.

— Se acha que isso é o melhor — disse Altaïr.

— Acho. Além disso, não pode iniciar sua missão sem o consentimento dele.

Altaïr reagiu.

— Que absurdo é esse? Não preciso da permissão dele. É uma perda de tempo.

— É o preço que paga pelos erros que cometeu — vociferou o Mestre. — Você agora responde não apenas a mim, mas a toda a Irmandade.

— Que assim seja — cedeu Altaïr, após uma pausa longa o bastante para comunicar seu desgosto.

— Vá, então — ordenou Al Mualim. — Prove que ainda não está perdido para nós.

Ele fez uma pausa, então apanhou uma coisa debaixo da escrivaninha e empurrou-a na direção de Altaïr.

— Pegue — disse.

Com prazer, Altaïr alcançou sua lâmina, afivelando a braçadeira ao pulso e enfiando no dedo mindinho a presilha de soltura. Testou o mecanismo, sentindo-se novamente um Assassino.

9

Altaïr seguiu seu caminho por entre as palmeiras e passou pelos estábulos e mercadores do lado de fora dos muros da cidade até chegar aos imensos e imponentes portões de Damasco. Ele conhecia bem a cidade. A maior e mais sagrada da Síria, que tinha sido o lar de dois de seus alvos no ano anterior. Ele ergueu o olhar para a muralha em volta e seus bastiões. Podia ouvir a vida ali dentro. Era como se a pedra vibrasse por causa dela.

Primeiro, entrar. O sucesso da missão dependia de sua habilidade de se movimentar anonimamente pelas ruas. Uma recusa dos guardas não seria o melhor começo. Desmontou e amarrou o cavalo, estudando os portões, onde os guardas sarracenos estavam de vigia. Ele teria de tentar outro meio, mas isso era mais fácil de dizer do que fazer, pois Damasco era notoriamente segura, e seus muros — olhou para cima mais uma vez, sentindo-se minúsculo — eram altos demais e muito íngremes para serem escalados pelo lado de fora.

Então ele avistou um grupo de intelectuais e sorriu. Salah Al'din incentivara os eruditos a visitarem Damasco para estudos — havia muitos madraçais por toda a cidade — e, desse modo, gozavam de privilégios especiais e tinham permissão de andar à vontade por ela. Ele se aproximou e se juntou a eles, adotando uma postura de devoção ao grupo e, na companhia deles, passou facilmente pelos guardas, deixando o deserto para trás ao entrar na grande cidade.

Lá, manteve a cabeça baixa, andando depressa mas com cuidado pelas ruas, até chegar a um minarete. Deu uma rápida olhada em volta antes de saltar para um peitoril, puxando o corpo para cima, encontrando mais apoios para as mãos

na pedra quente e escalando cada vez mais alto. Descobriu suas antigas habilidades voltarem, embora não estivesse se movimentando tão velozmente ou com tanta segurança quanto antes. Sentiu-as retornar. Não — *despertar novamente*. E com elas a velha sensação de alegria.

Chegou então na ponta do minarete e ali se agachou. Como uma ave de rapina acima da cidade, olhando em volta de si, vendo as mesquitas abobadadas e os pontudos minaretes que interrompiam um mar desigual de telhados. Avistou mercados, pátios e santuários, assim como a torre que marcava a posição do Bureau dos Assassinos.

Novamente, uma sensação de euforia percorreu seu corpo. Esquecera o quanto as cidades pareciam bonitas vistas de uma altura como aquela. Esquecera-se de como se sentia, olhando para elas de seus pontos mais altos. Naqueles momentos, ele se sentia livre.

Al Mualim tinha razão. Havia anos que os alvos de Altaïr vinham sendo localizados para ele. Diziam-lhe aonde e quando ir; seu serviço era matar, nada mais, nada menos. Não se dera conta disso, mas perdera a emoção do que realmente significava ser um Assassino, que não era banho de sangue e morte: era um processo de descoberta interior.

Esticou-se um pouco adiante, olhando as ruas estreitas abaixo. As pessoas estavam sendo chamadas para rezar e as multidões estavam diminuindo. Vasculhou os toldos e telhados, à procura de uma aterrissagem macia, então viu uma carroça de feno. Fixando os olhos nela e inspirando fundo, pôs-se de pé, sentindo a brisa e ouvindo sinos. Em seguida deu um passo à frente, caindo graciosamente e acertando seu alvo. Não tão macio quanto havia esperado, talvez, porém mais seguro do que se arriscar a pousar em um toldo puído, capaz de se romper e derrubá-lo no amontoado da barraca abaixo. Ele prestou atenção, esperando até a rua ficar mais silenciosa, então pulou da carroça e começou a seguir seu caminho para o Bureau.

Alcançou-o pelo telhado, caindo em um átrio sombreado no qual tinia uma fonte. As plantas amorteceram os sons do lado de fora. Era como se tivesse alcançado outro mundo. Concentrou-se e entrou.

O líder espreguiçava-se atrás de um balcão. Ele se levantou quando o Assassino entrou.

— Altaïr. Que bom vê-lo. E inteiro.

— Você também, amigo. — Altaïr observou o homem, sem gostar muito do que viu. Principalmente porque ele tinha modos insolentes, irônicos. Também não havia dúvida de que fora informado das recentes... *dificuldades* de Altaïr; e, pelo jeito do homem, planejava se aproveitar ao máximo do poder temporário que a situação lhe proporcionava.

Certamente, quando falou em seguida, foi com um sorriso malicioso que mal pôde disfarçar.

— Sinto muito pelos seus problemas.

— Não foi nada.

O líder adotou um ar de falsa preocupação.

— Alguns de seus irmãos estiveram aqui mais cedo...

Certo. Era por *isso* que ele estava tão bem informado, pensou Altaïr.

— Se tivesse escutado as coisas que disseram — continuou o líder alegremente —, você com certeza os mataria no ato.

— Tudo bem — disse Altaïr.

O líder sorriu.

— É, você nunca foi de seguir o Credo, não é mesmo?

— Isso é tudo? — Altaïr sentiu vontade de apagar com um tapa o sorriso do cão insolente. Isso, ou usar sua lâmina para alargá-lo...

— Desculpe — disse o líder, enrubescendo —, às vezes, me descuido. Que assunto o traz a Damasco? — Ele empertigou-se um pouco, lembrando-se finalmente de seu lugar.

— Um homem chamado Tamir — respondeu Altaïr. — Al Mualim discorda do serviço que ele faz e pretendo acabar com isso. Diga onde eu o encontro.

— Você vai ter de ir atrás dele.

Altaïr se irritou.

— Mas esse tipo de trabalho é melhor deixar para... — Deteve-se, lembrando-se das ordens de Al Mualim. Ele devia ser novamente um aprendiz. Devia conduzir as próprias investigações. Encontrar o alvo. Executar a matança. Ele assentiu, aceitando sua tarefa.

— Investigue pela cidade. Verifique o que Tamir planeja e onde ele trabalha. A preparação faz o vitorioso — continuou o líder.

— Tudo bem, mas o que *pode* me falar sobre ele? — indagou Altaïr.

— Ele ganha a vida como comerciante do mercado negro, portanto a região

do *souk* deverá ser seu destino.

— Suponho que queira que eu volte aqui depois de ter feito isso.

— Volte. Eu lhe darei o marcador de Al Mualim. E você nos dará a vida de Tamir.

— Como queira.

Contente por estar longe do inútil Bureau, Altaïr seguiu seu caminho pelos telhados. Mais uma vez, inalou o ar da cidade quando parou para observar uma rua estreita abaixo. Uma leve brisa fazia os toldos ondularem. Mulheres se movimentavam perto de uma barraca que vendia lustrosas lâmpadas a óleo, tagarelando freneticamente, e, não muito distante, dois homens discutiam. Sobre o quê, Altaïr não conseguia escutar.

Voltou a atenção para o edifício do outro lado, depois para os telhados mais distantes. Dali podia ver a Grande Mesquita e o local dos Jardins Formais no sul, mas o que precisava encontrar era o...

Ele o avistou, o imenso *Souk* al-Silaah — onde, de acordo com o líder, poderia começar a investigar sobre Tamir. O líder sabia mais do que tinha revelado, é claro, mas tinha ordens expressas de não contar a Altaïr. Ele entendia: o "aprendiz" tinha de aprender pelo modo difícil.

Altaïr deu dois passos para trás, balançou os braços para relaxá-los, inspirou fundo, e saltou.

Em segurança, do outro lado, agachou-se por um momento, ouvindo a conversa vinda da viela abaixo. Observou um grupo de guardas que passava, conduzindo um asno com uma carroça que vergava sob o peso de muitos barris empilhados.

— Abram caminho — ordenavam os guardas, empurrando cidadãos para fora de seu caminho. — Abram caminho, pois temos suprimentos que seguirão para o Palácio do Vizir. Sua Excelência Abu'l Nuqoud vai dar outra festa.

Os cidadãos que foram empurrados para o lado escondiam suas caretas de descontentamento.

Altaïr observou os soldados passarem abaixo dele. Ouvira o nome de Abu'l Nuqoud: o tal a quem chamavam de Rei Mercador de Damasco. Os barris. Altaïr podia estar enganado, mas eles pareciam conter vinho.

Não importava. O assunto de Altaïr estava em outra parte. Levantou-se e saiu correndo, mal parando para saltar até o edifício seguinte e depois para o

próximo, sentindo a cada salto uma nova onda de poder e força. Voltando a fazer o que sabia.

Visto de cima, o *souk* era como um buraco irregular que fora perfurado nos telhados da cidade de modo que fosse fácil de encontrar. Ele, que era o maior centro comercial de Damasco, ficava no centro do distrito pobre no nordeste da cidade e era cercado por edificações de barro e madeira por todos os lados — Damasco tornava-se um pântano quando chovia —, e era uma colcha de retalhos de carroças, barracas e mesas de mercadores. Odores agradáveis chegavam até Altaïr em sua posição no alto: perfumes e óleos, especiarias e doces. Por toda a parte, fregueses, mercadores e negociantes tagarelavam ou se movimentavam rapidamente por entre as multidões. As pessoas da cidade ou ficavam paradas ou corriam de um lugar ao outro. Aparentemente, não havia meio-termo — não ali, pelo menos. Ele as observou por algum tempo, então desceu do telhado e, misturando-se à multidão, prestou atenção.

Prestou atenção para ouvir uma palavra.

— *Tamir*.

Os três mercadores estavam amontoados na sombra, conversando calmamente, mas fazendo todos os tipos de gestos agitados com as mãos. Foram eles que disseram o nome, e Altaïr movimentou-se pela lateral na direção deles, virando-se de costas e ouvindo mentalmente a instrução de Al Mualim ao fazer isso: "Nunca faça contato visual, pareça sempre ocupado e permaneça relaxado."

— Ele convocou outra reunião — ouviu Altaïr, sem conseguir identificar qual dos homens estava falando. Quem era o "ele" de quem falavam? Tamir, provavelmente. Altaïr prestou atenção, memorizando o local da reunião.

— O que é dessa vez? Outra advertência? Outra execução?

— Não. Ele tem trabalho para nós.

— O que significa que não seremos pagos.

— Ele abandonou o costume da guilda dos mercadores. Agora faz o que lhe agrada...

Começaram a debater um grande negócio — o maior de todos os tempos, dissera um deles, à meia-voz — quando, de repente, pararam. Não muito distante, um orador com a barba preta aparada bem curta estava parado em um lugar, e agora encarava os mercadores com olhos sombrios, encapuzados. Olhos ameaçadores.

Altaïr lançou um olhar furtivo de baixo de seu capuz. Os três homens tinham empalidecido. Um deles arrastou a terra do chão com a sandália; os outros dois saíram apressados, como se subitamente tivessem se lembrado de um compromisso importante. O encontro tinha chegado ao fim.

O orador. Talvez fosse um dos homens de Tamir. Evidentemente, o comerciante do mercado negro governava o *souk* com mão firme. Altaïr afastou-se quando o homem começou a falar, angariando uma plateia.

— Ninguém conhece Tamir melhor do que eu — anunciou ele em voz alta. — Aproximem-se. Ouçam a história que tenho para contar. Sobre um príncipe comerciante sem par...

Justamente a história que Altaïr queria ouvir. Aproximou-se, disposto a interpretar o papel de observador interessado. O mercado se aglomerou à sua volta.

— Foi pouco antes de Hattin — continuou o orador. — Os sarracenos estavam com pouca comida e precisando desesperadamente de reabastecimento. Mas não havia socorro à vista. Tamir, naquele tempo, conduzia uma caravana entre Damasco e Jerusalém. Os negócios, porém, andavam ruins. Aparentemente, não havia ninguém em Jerusalém que quisesse o que ele tinha: frutas e legumes das fazendas próximas. E, assim, Tamir partiu, cavalgando para o norte e pensando no que fazer com suas mercadorias. Em pouco tempo elas com certeza apodreceriam. Esse seria o fim desta história e da vida do pobre homem... Mas o destino planejava o contrário.

"Ao levar sua caravana para o norte, Tamir encontrou o líder sarraceno e seus homens famintos. Que grande sorte a de ambos; cada qual tinha o que o outro queria.

"Então Tamir entregou ao homem sua comida. E, quando a batalha terminou, o líder sarraceno providenciou para que o mercador fosse pago mil vezes.

"Dizem que, se não fosse Tamir, os homens de Salah Al'din teriam se voltado contra ele. Pode ser que tenhamos ganhado a batalha graças a esse homem...

Ele encerrou sua fala e deixou que a plateia se dispersasse. Em seu rosto havia um leve sorriso quando desceu da plataforma de volta para o mercado. Indo talvez a outra plataforma para fazer o mesmo discurso exaltando Tamir. Altaïr seguiu-o, mantendo uma distância segura, mais uma vez ouvindo na cabeça as

palavras de seu tutor: “Ponha obstáculos entre você e sua presa. Nunca seja descoberto por um olhar de relance para trás.”

Essas habilidades; Altaïr adorava a sensação que lhe causavam outra vez. Ele gostava de ser capaz de se abstrair do barulho do dia e se concentrar em sua presa. Então, abruptamente, ele parou. Adiante dele, o orador havia se chocado com uma mulher carregando um jarro, que se quebrara. Ela começou a protestar, a mão estendida exigindo pagamento, mas ele torceu o lábio de forma cruel e ergueu a mão para agredi-la. Altaïr sentiu-se tensionar, mas ela se curvou, e ele sorriu com desdém, baixando a mão e seguindo em frente, chutando pedaços do jarro quebrado no caminho. Altaïr avançou e passou pela mulher, que agora estava agachada na areia, chorando, praguejando e recolhendo os cacos de seu pote.

Então o orador virou na esquina e Altaïr o seguiu. Estavam em uma viela estreita, quase vazia, onde paredes escuras de barro se apertavam contra eles. Um atalho, provavelmente, para a próxima plataforma. Altaïr olhou para trás, em seguida deu alguns passos rápidos adiante, segurou o orador pelo ombro, girou-o e enfiou as pontas dos dedos embaixo de sua caixa torácica.

Instantaneamente, o orador se curvou, cambaleando para trás e ofegando, a boca movendo-se como a de um peixe fora da água. Altaïr deu uma olhada para ver se não havia testemunhas, então deu um passo à frente, fez um giro e chutou o orador na garganta.

Ele caiu para trás desordenadamente, seu *thawb* enroscado nas pernas. Agora suas mãos estavam onde Altaïr o havia chutado, e ele rolou na poeira. Sorrindo, Altaïr foi para adiante. Fácil, pensou ele. Tinha sido tão...

O orador movimentou-se com a rapidez de uma naja. Levantou-se e chutou, atingindo em cheio o peito de Altaïr. Surpreso, o Assassino cambaleou para trás, enquanto o outro avançava, com a boca endurecida e os punhos agitando-se. Seus olhos brilharam ao perceber que havia abalado Altaïr, que se desviou de um soco direto. O Assassino então notou que o orador tinha feito isso de propósito, pois o acertou no queixo com o outro punho.

Altaïr quase caiu, sentindo gosto de sangue e praguejando contra si mesmo. Subestimara seu oponente. Erro de aprendiz. O orador olhou nervosamente à sua volta como se procurasse a melhor rota de fuga. Altaïr tentou esquecer a dor do rosto e avançou, mantendo os punhos bem altos para encontrar a têmpora do

orador antes que conseguisse desviar do golpe. Por alguns momentos, os dois trocaram socos no beco. O orador era menor e mais rápido, e atingiu Altaïr bem em cima, na ponta do nariz. O Assassino vacilou, pestanejando para afastar as lágrimas que dividiam sua visão. Sentindo a vitória, o orador avançou, desferindo socos violentos. Altaïr pulou para o lado, baixou-se e arrastou os pés do orador para longe dele, derrubando-o ruidosamente na areia enquanto a respiração tornava-se uma bufada ao cair de costas. Altaïr girou e caiu, afundando o joelho diretamente na virilha do oponente. Sentiu-se gratificado ao ouvir um urro agonizante em resposta, então levantou-se, e os ombros subiram e desceram pesadamente enquanto se recuperava. O orador estremecia silenciosamente no chão, com a boca escancarada soltando um grito mudo e as mãos na virilha. Quando conseguiu ofegar com grande dificuldade, Altaïr se agachou, levando o rosto para perto do dele.

— Você parece conhecer muita coisa sobre Tamir — sibilou. — Diga-me o que ele está planejando.

— Conheço apenas as histórias que conto — gemeu o orador. — Nada mais.

Altaïr pegou um punhado de terra e deixou que ela escorresse pelos seus dedos.

— Uma pena. Não há motivo para deixá-lo viver, se não tem nada a oferecer em troca.

— Espere. Espere. — O orador ergueu a mão trêmula. — Tem uma coisa...

— Continue.

— Ele tem estado muito preocupado. Supervisiona a produção de muitas, muitas armas...

— E daí? Provavelmente para Salah Al'din. Isso não me ajuda. O que significa que não ajuda você... — Altaïr moveu o braço.

— *Não.* Espere. Ouça. — Os olhos do orador reviraram e brotou suor de sua testa. — Não são para Salah Al'din. São para *outra pessoa*. Os emblemas que essas armas contêm são diferentes. Desconhecidos. Parece que Tamir apoia outro... Mas não sei quem .

Altaïr assentiu.

— Isso é tudo? — perguntou.

— Sim. É. Eu lhe contei tudo o que sei.

— Então está na hora de você descansar.

— Não — começou o orador, mas ouviu-se um clique, que no beco soou tão alto quanto uma louça de barro quebrando, quando Altaïr liberou sua lâmina e a enfiou no esterno do orador, segurando o moribundo enquanto ele se debatia, preso ao aço, o sangue espumando dos cantos da boca e os olhos embaçando. Uma morte rápida. Uma morte limpa.

Altaïr largou-o na areia, estendeu a mão para fechar seus olhos e então se levantou. Sua lâmina deslizou de volta para o lugar, e ele empurrou o corpo para trás de uma pilha de barris fedorentos, depois virou-se e deixou o beco.

10

— Altaïr. Bem-vindo. Bem-vindo.

O líder deu um largo sorriso quando ele entrou, e Altaïr observou-o por um momento, vendo-o encolher-se um pouco diante de seu olhar. Carregaria ele o cheiro da morte? Talvez o líder do Bureau o tivesse sentido nele.

— Fiz o que pediu. Agora me dê o tal marcador.

— Primeiro o mais importante. Conte-me o que sabe.

Tendo recentemente tirado uma vida, Altaïr ponderou que seria insignificante ter mais uma acrescentada à sua contagem diária. Ele estava louco para colocar o homem em seu devido lugar. Mas não. Tinha de interpretar seu papel, não importava o quão de enigmático ele achava que aquilo fosse.

— Tamir manda no *Souk* al-Silaah — informou ele, pensando nos mercadores conversando à meia-voz e no medo em seus rostos quando avistaram o orador de Tamir. — Ele faz sua fortuna vendendo armas e armaduras, e é apoiado por muitos nesse empreendimento: ferreiros, comerciantes, financistas. É o principal negociante da morte na terra.

O outro concordou com a cabeça, sem ter ouvido nada que já não soubesse.

— E você imaginou um meio de nos livrar dessa praga? — indagou com arrogância.

— Foi marcada uma reunião no *Souk* al-Silaah para discutir uma venda importante. Dizem que é a maior negociação já feita por Tamir. Ele vai estar distraído com seu trabalho. É quando vou atacar.

— Seu plano parece bastante consistente. Permitirei que siga com ele.

Ele alcançou a parte de baixo da escrivaninha e apanhou o marcador de Al

Mualim. Uma pena de uma das adoradas aves do Mestre. Colocou-a sobre a escrivaninha entre eles.

— Que seja feito o desejo de Al Mualim — disse ele, quando Altaïr apanhou a pena marcadora e a guardou cuidadosamente dentro do manto.

Logo após o sol nascer ele deixou o Bureau e seguiu de volta para o *Souk* al-Silaah. Quando chegou ao mercado, todos os olhos pareciam estar em um pátio cerimonial rebaixado em seu centro.

Logo percebeu por quê: ali estava o comerciante Tamir. Com dois carrancudos guarda-costas em sua retaguarda, comandava o pátio, assomando sobre um homem trêmulo parado diante dele. Usava um turbante quadriculado, túnica elegante e perneiras. Os dentes estavam expostos sob um bigode escuro.

Enquanto caminhava pela parte externa da multidão, Altaïr ficava de olho no que estava acontecendo. Mercadores tinham saído de trás de suas barracas para também assistir. Os damascenos que se apressavam entre destinos ou se perdiam em conversas haviam feito uma pausa temporária.

— Se ao menos tivesse dado uma olhada... — alegou o homem encolhido diante de Tamir.

— Seus cálculos não me interessam — vociferou Tamir. — Os números não mudam nada. Seus homens falharam em atender à encomenda. O que significa que falhei com o meu cliente.

Cliente, pensou Altaïr. Quem poderia ser?

O mercador engoliu em seco. Seus olhos seguiram para a multidão em busca de salvação. Não encontrou nenhuma. Os guardas do mercado permaneciam com a expressão vazia e os olhos inexpressivos, enquanto os espectadores apenas observavam, ansiosos. Altaïr estava com nojo de todos eles: dos abutres observando, dos guardas que nada faziam. Acima de tudo, porém, de Tamir.

— Precisamos de mais tempo — pleiteou o mercador. Talvez ele tivesse se dado conta de que essa era a única chance de levar Tamir a ser misericordioso.

— Isso é desculpa de quem é preguiçoso ou incompetente — devolveu o atravessador. — Qual deles você é?

— Nenhum dos dois — retrucou o mercador, torcendo as mãos.

— O que vejo é o contrário — afirmou Tamir, que ergueu o pé para uma mureta e apoiou-se no joelho. — Agora, diga-me, o que pretende fazer para resolver esse nosso problema? Essas armas são necessárias *agora*.

— Não vejo solução — gaguejou o mercador. — Os homens trabalham dia e noite. Mas o seu... cliente exige demais. E o destino... É uma rota difícil.

— Se você produzisse armas com a mesma habilidade com que produz desculpas — gargalhou Tamir. Atuando para a plateia, ele foi recompensado com risadinhas, provocada mais pelo medo do que pela qualidade do seu humor.

— Tenho feito tudo o que é possível — insistiu o homem mais velho. O suor descia livremente da faixa do turbante e sua barba grisalha tremia.

— Isso não basta.

— Então talvez você peça demais — tentou o mercador.

Foi um plano arriscado. O sorriso que usara para agradar a multidão se apagou do rosto de Tamir e ele dirigiu os olhos frios para o velho.

— Demais? — disse ele, uma nova frieza na voz. — Eu dei tudo a você. Sem mim, você ainda estaria encantando serpentes em troca de uma moeda. Tudo que pedi como retribuição foi que executasse as ordens que lhe dei. E diz que peço *demais*?

Ele sacou a adaga, a lâmina cintilando. Os espectadores mudaram de posição desconfortavelmente. Altaïr olhou para os guardas, que permaneciam com os braços cruzados, os sabres nos cintos e os rostos inexpressivos. Ninguém no *souk* ousava se mexer; era como se um encanto tivesse baixado sobre todos eles.

Um som de medo escapou do mercador. Ele caiu de joelhos, erguendo as mãos unidas em súplica. O rosto estava marcado com piedade; os olhos brilhavam com lágrimas.

Tamir olhou-o abaixo, uma criatura patética ajoelhada diante dele, e cuspiu. O mercador pestanejou para livrar os olhos do muco.

— *Você ousa me difamar?* — rugiu Tamir.

— Paz, Tamir — choramingou o velho. — Não tive a intenção de insultá-lo.

— Então devia ter mantido a boca fechada — rosnou Tamir.

Altaïr podia ver a sede de sangue em seus olhos e sabia exatamente o que ia acontecer. Realmente, Tamir deu um golpe no mercador com a ponta da adaga, abrindo em sua túnica um buraco inclinado na diagonal que imediatamente se manchou de vermelho. O mercador ajoelhado caiu de costas com um grito agudo que atravessou todo o mercado.

— Não! Pare! — guinchou.

— Parar? — zombou Tamir. — Eu apenas comecei. — Deu um passo adiante,

enfiou a adaga bem fundo na barriga do homem e o empurrou para o chão, onde ele gritou como um animal enquanto Tamir o esfaqueava novamente. — Você veio ao *meu souk* — gritou.

E esfaqueou.

— Ficou diante de *meus* homens.

Esfaqueou de novo. Uma quarta vez. O barulho soando igual ao de carne sendo amaciada. O velho continuava berrando.

— E ousou me insultar?

Facadas. Ele pontuou cada palavra com uma estocada de sua adaga.

— Você deve aprender o seu lugar.

Mas agora o mercador havia parado de berrar. Agora ele não era nada, apenas um cadáver agredido, ensanguentado e esparramado no pátio, com a cabeça jazendo em um ângulo esquisito. Um dos guarda-costas de Tamir avançou para retirar o corpo.

— Não — ordenou Tamir, resfolegante. Secou a barba com as costas da mão. — Deixe aí. — Então virou-se para se dirigir à multidão. — Que isso sirva de lição para o resto de vocês. Pensem duas vezes antes de me dizerem que uma coisa não pode ser feita. Agora voltem ao trabalho.

Deixando o corpo do velho onde estava — um cachorro interessado já começava a farejar ao redor —, os espectadores retomaram o seu dia a dia, e a atividade no *souk* cresceu gradualmente. Poucos momentos depois, era como se nada tivesse acontecido. Como se o velho tivesse sido esquecido.

Mas não por Altaïr. Ele se viu abrindo as mãos cerradas, soltando um demorado e pesado suspiro, controlando e contendo sua raiva. Baixou um pouco a cabeça, com os olhos escondidos sob o capuz, e caminhou furtivamente por entre a multidão no encalço de Tamir, que seguia pelo mercado, com seus dois guarda-costas não muito atrás. Chegando mais perto, Altaïr ouviu-o falar com os mercadores, cada qual encarando-o com olhos arregalados, aterrorizados, concordando impetuosamente com tudo que lhes era dito.

— Não posso vender isso — vociferou Tamir. — Derreta e tente novamente. E, se o resultado for do mesmo modo insatisfatório, *você* é quem vai derreter depois.

Olhos arregalados. Assentindo, assentindo, assentindo.

— Não entendo o que você faz durante o dia todo. Sua barraca está cheia de

mercadorias. Sua bolsa deveria estar cheia de moedas. Por que não consegue vender essas coisas? Não é difícil. Talvez você não esteja se empenhando o suficiente. Precisa de *motivação*?

O mercador estava concordando com a cabeça antes de perceber o que lhe estava sendo perguntado, e rapidamente mudou para um igualmente enfático balançar negativo da cabeça. Tamir avançou. A multidão fervilhava à sua volta. Seus guarda-costas... Seria agora uma oportunidade? Com o mercado inteiro aterrorizado por Tamir, seus homens haviam baixado a guarda. Eles tinham ficado atrás de outra barraca, onde exigiam mercadorias para presentear suas mulheres. Tamir tinha novas vítimas para aterrorizar.

Altaïr deslizou entre ele e os dois guarda-costas. Tenso, sentiu no dedo mindinho a resistência do mecanismo de sua lâmina. Tamir estava de costas para ele, ainda insultando outro dono de barraca.

— Você me implorou para ter esse lugar. Jurou que ninguém seria capaz de se sair tão bem quanto você. Eu devia...

Altaïr avançou, e — *tique* — a lâmina saltou para fora enquanto movia um braço em volta de Tamir e usava o outro para enfiar a arma bem fundo.

Tamir emitiu um som estrangulado, mas não gritou, e, por um segundo, se retorceu antes de amolecer. Sobre o ombro dele, Altaïr fez contato com os olhos arregalados do dono de barraca aterrorizado e viu o homem lutar internamente sobre o que fazer: dar o alarme ou... O mercador deu as costas e afastou-se.

Altaïr baixou Tamir para o chão entre duas barracas, fora da vista dos dois guarda-costas, que permaneciam distraídos.

Os olhos de Tamir tremularam.

— Fique em paz — desejou Altaïr gentilmente.

— Você pagará por isso, Assassino — disse Tamir com um som estridente. Um filete de sangue escorreu de seu nariz. — Você e toda a sua espécie.

— Parece que é você quem está pagando agora, meu amigo. Não vai mais lucrar com o sofrimento.

Tamir soltou uma gargalhada áspera, fraca.

— Pensa que sou um reles mercador da morte sugando no seio da guerra? Um alvo estranho talvez? Por que eu, quando tantos outros fazem a mesma coisa?

— Quer dizer que se acha diferente? — perguntou Altaïr.

— Ah, mas eu sou, pois sirvo a uma causa muito mais nobre do que a do simples lucro. Exatamente como meus irmãos...

— Irmãos?

Novamente Tamir riu, enfraquecido.

— Ah... ele pensa que ajo sozinho. Eu não passo de uma peça. Um homem com um papel a desempenhar. Você conhecerá os outros muito em breve. Eles não aceitarão com delicadeza o que você fez.

— Ótimo. Estou ansioso para acabar com a vida deles também.

— Quanta vaidade. Ela o destruirá, garoto — disse Tamir. E morreu.

— As pessoas precisam morrer para as coisas mudarem — entoou Altaïr, fechando os olhos do homem.

Tirou a pena de Al Mualim de dentro do manto e molhou-a com o sangue de Tamir, então deu uma última olhada nos guarda-costas e foi embora, desaparecendo na multidão. Ele já era uma sombra quando ouviu atrás de si um grito.

11

Tamir, o primeiro dos nove: Al Mualim estava silenciosamente satisfeito, olhando da pena suja de sangue sobre sua escrivaninha para Altaïr e elogiando-o, antes de dar a ele a próxima tarefa.

Altaïr baixou a cabeça em concordância e deixou o Mestre. No dia seguinte, juntou seus suprimentos e partiu novamente, dessa vez para Acre — uma cidade mantida tão fortemente pelos Cruzados quanto o era Damasco sob os homens de Salah Al'din. Uma cidade ferida pela guerra.

Acre fora conquistada com dificuldade. Os cristãos a retomaram após um prolongado e sangrento cerco que durou quase dois anos. Altaïr desempenhara seu papel, ajudando a impedir que a água da cidade fosse envenenada pelos Templários.

Ele, porém, nada pudera fazer sobre o envenenamento que de fato ocorrera: cadáveres na água tinham disseminado doenças igualmente para muçulmanos e cristãos — tanto dentro quanto fora dos muros da cidade. Os suprimentos haviam se esgotado e milhares tinham simplesmente morrido de fome. Então mais Cruzados chegaram para construir mais máquinas, e seus ataques fizeram buracos nas muralhas da cidade. Os sarracenos tinham reagido por tempo suficiente para poderem tapar as brechas, até o exército de Ricardo Coração de Leão simplesmente esgotar os muçulmanos e estes se renderem. Os Cruzados haviam avançado para reivindicar a cidade e tomar sua guarnição como refém.

Negociações entre Salah Al'din e Ricardo pela libertação dos reféns haviam começado, com seus pontos mais importantes complicados por um desacordo entre Ricardo e o francês Conrad de Montferrat, que não estava disposto a

entregar os reféns feitos pelas forças francesas.

Conrad voltara para Tiro; Ricardo estava a caminho de Jaffa, onde suas tropas encontrariam as de Salah Al'din. E deixado como encarregado estava o irmão de Conrad, William.

William de Montferrat havia ordenado que os reféns muçulmanos fossem mortos. Quase três mil foram decapitados.

E foi assim que Altaïr se viu conduzindo suas investigações em uma cidade marcada pela sua história recente: de sítio, doença, fome, crueldade e derramamento de sangue. Uma cidade cujos habitantes conheciam muito bem o sofrimento, cujos olhos escondiam dor e cujos ombros estavam curvados pela tristeza. Nas áreas pobres ele encontrou o pior do sofrimento. Corpos envoltos em musselina revestiam as ruas, enquanto embriaguez e violência predominavam nos portos. A única área da cidade que não fedia a desespero e morte era o distrito da cadeia, no qual os Cruzados estavam baseados — onde Ricardo tinha sua cidadela, e William, seus aposentos. Dali os Cruzados haviam declarado Acre a capital do Reino de Jerusalém e a tinham usado para armazenar suprimentos antes de Ricardo partir na marcha para Jaffa, deixando William encarregado. Até então seu reinado havia simplesmente exacerbado os problemas da cidade, os quais eram por demais evidentes — e afligiram Altaïr enquanto seguia pelas ruas. Ele ficou contente em terminar suas investigações e ir para o Bureau dos Assassinos. Ali o líder, Jabal, arrulhava delicadamente para um pombo que segurava nas mãos. Ele ergueu a vista quando Altaïr entrou no aposento.

— Ah, Altaïr — exclamou suavemente. — Um passarinho me contou que você faria uma visita...

Ele riu da própria piada, então abriu a mão para soltar o pombo. Em vez de voar, o pássaro simplesmente pousou no balcão, onde estufou as penas do peito e passou a caminhar de um lado para o outro como se montasse guarda. Jabal observou-o, divertindo-se, depois se ajeitou no assento para dar atenção ao visitante.

— E quem é o pobre infeliz escolhido por Al Mualim para experimentar sua lâmina, Altaïr? — perguntou.

— Al Mualim ordenou a execução de Garnier de Naplouse.

Jabal assustou-se.

— Grão-Mestre dos Cavaleiros Hospitalários?

Altaïr concordou lentamente.

— Sim. E já decidi quando e como atacar.

— Então compartilhe seu conhecimento comigo. — Jabal parecia impressionado, e com razão.

— Ele vive e trabalha no hospital da Ordem, a noroeste daqui. Há rumores de que são cometidas atrocidades dentro de seus muros — começou Altaïr.

Quando Altaïr lhe contou o que sabia, Jabal concordou em pensamento, refletindo sobre suas palavras e perguntando finalmente:

— Qual é o seu plano?

— Garnier permanece principalmente em seus aposentos, no interior do hospital, embora saia de vez em quando para examinar os pacientes. É quando ele fizer sua ronda que atacarei.

— É claro que você já pensou bastante sobre isso. Dou permissão para você ir. — E, com isso, entregou a Altaïr a pena marcadora de Al Mualim. — Remova essa mancha de Acre, Altaïr. Talvez isso o ajude a se purificar.

Altaïr apanhou a pena marcadora, fitou Jabal com um olhar maligno — cada Assassino teria ficado ciente de sua vergonha? — e partiu, seguindo seu caminho pelos telhados até avistar o hospital. Ali parou, recuperando o fôlego e organizando os pensamentos enquanto olhava para a construção abaixo.

Altaïr dera a Jabal uma versão truncada de suas descobertas; escondera sua verdadeira sensação de repugnância do líder do Bureau. Ele ficara sabendo que De Naplouse era Grão-Mestre da Ordem dos Cavaleiros Hospitalários. Fundada originalmente em Jerusalém — seu objetivo era fornecer cuidados aos peregrinos doentes —, os cavaleiros tinham sua base em uma das áreas mais espoliadas de Acre.

E ali, de acordo com o que Altaïr descobrira, De Naplouse fazia tudo menos fornecer cuidados.

No distrito hospitalário, ele ouvira dois membros da Ordem comentarem que o Grão-Mestre estava recusando cidadãos comuns no hospital, e que as pessoas estavam prestes a se tornar violentas por causa disso. Um deles disse que temia a repetição de um escândalo que havia ocorrido em Tiro.

— Que escândalo? — perguntara o amigo.

O homem inclinou-se para bem perto do companheiro, para responder, e

Altaïr foi forçado a aguçar a audição.

— Garnier em outro tempo chamou essa cidade de lar — dissera o homem —, mas foi exilado. Dizem que fazia experiências com seus cidadãos.

Seu companheiro fizera uma cara de náusea.

— Que tipo de experiência?

— Não conheço os detalhes, mas me preocupo... Será que ele começou novamente? Será por isso que ele se tranca na fortaleza dos Hospitalários?

Mais tarde, Altaïr leu um pergaminho que havia furtado de um aliado de De Naplouse. O Hospitalário, segundo leu, não tinha intenções de curar seus pacientes. Com fornecimento de indivíduos de Jerusalém, ele realizava experiências — experiências para um amo desconhecido — com o objetivo de induzir determinados estados em suas cobaias. E Tamir — o recém-falecido Tamir — tinha sido encarregado de conseguir armas para a operação.

Uma frase em particular na carta chamou sua atenção: *Temos de nos empenhar para recuperar o que nos foi tomado*. O que significava aquilo? Meditando a respeito, ele continuou suas investigações. O Grão-Mestre, segundo soube, permitia que "loucos" perambulassem pelo terreno do hospital, e ele descobriu os momentos em que os arqueiros que protegiam as passagens acima do hospital deixavam seus postos. Ficou sabendo que De Naplouse gostava de fazer suas rondas sem um guarda-costas e que era permitida passagem apenas a monges.

Então, em posse de todas as informações de que precisava, Altaïr visitara Jabal para apanhar o marcador de Al Mualim.

12

Agora ele se movimentava ao redor de um prédio vizinho à fortaleza dos Hospitalários. Como previra, havia um guarda e um arqueiro, e Altaïr observou-o caminhar pela passagem, de vez em quando dirigindo o olhar para o pátio abaixo, mas fitando sobretudo para além da linha do telhado. Altaïr olhou para o sol. Devia estar perto agora, pensou, sorrindo consigo mesmo, quando, de fato, o arqueiro foi até uma escada e desceu.

Altaïr permaneceu abaixado. Pulou do telhado para a passagem e a percorreu em silêncio, mas a passos rápidos, até conseguir enxergar além da beirada para o pátio lá embaixo. Era totalmente murado por pedra sombria, cinzenta e ameaçadora, com um poço em seu centro, mas, fora isso, não tinha adorno algum, bem diferente dos prédios normalmente enfeitados e decorados de Acre. Ali estavam reunidos vários guardas vestidos com casacos pretos e acolchoados dos Cavaleiros Hospitalários, com a cruz branca no peito, e havia também um grupo de monges. Movimentando-se entre eles estavam o que pareciam pacientes, descalços e sem camisa. Pobres miseráveis que vagavam por ali, com as expressões vazias e os olhos vidrados.

Altaïr franziu a testa. Mesmo com a passagem desguarnecida, era impossível descer para o pátio sem ser visto. Ele foi até o muro da frente do hospital, para poder ver a rua lá fora. Sobre pedra descorada pelo sol, habitantes doentes e suas famílias imploravam que os guardas os deixassem entrar. Outros, cujas mentes haviam sido perdidas, perambulavam no meio da multidão, balançando os braços no ar, berrando bobagens e obscenidades.

E ali — Altaïr sorriu ao vê-lo — estava um grupo de eruditos. Eles se

movimentavam pela multidão como se ela não existisse, indiferentes ao sofrimento e ao tumulto à sua volta. Pareciam ir em direção ao hospital. Tirando vantagem da desordem, Altaïr desceu para a rua sem ser notado, juntou-se ao grupo de eruditos e baixou a cabeça para concentrar o olhar no seu arrastar de pés. De vez em quando, arriscava um olhar de soslaio para checar a posição deles e, como havia esperado, seguiam mesmo em direção ao hospital, onde os guardas se afastaram para deixá-los entrar no pátio.

Altaïr mexeu o nariz. Se, por um lado, a rua havia conservado o cheiro da cidade, de cozimento e perfumes e temperos, ali havia o fedor de sofrimento, de morte e restos humanos. De alguma parte — através de um conjunto de portas fechadas — vinha uma série de gritos de dor, seguido de um gemido baixo. Devia ser do hospital principal, pensou ele. O que pôde confirmar, quando, de repente, as portas foram lançadas para fora e um paciente saiu correndo loucamente para o pátio.

— *Não! Socorro! Ajudem-me!* — gritava ele. O rosto estava contorcido de medo, os olhos, arregalados. — *Ajudem-me, por favor! Vocês precisam me ajudar!*

Atrás dele vinha um guarda. Tinha um olhar indolente, como se os músculos de suas pálpebras tivessem sido cortados. Ele correu atrás do louco fugitivo e o agarrou. Então, acompanhado por outro guarda, começou a socá-lo e chutá-lo até que o louco foi dominado e posto de joelhos.

Altaïr observava. Sentiu o queixo se retesar e os punhos se fecharem enquanto os guardas batiam no homem. Outros pacientes se aproximaram para ter uma melhor visão do espetáculo, olhando com expressões que registravam apenas um leve interesse, balançando-se ligeiramente.

— Piedade! — urrou o louco, enquanto choviam socos sobre ele. — Imploro por piedade. Já chega!

Ele parou. De repente sua dor foi esquecida quando as portas do hospital se abriram e dali surgiu um homem que só poderia ser Garnier de Naplouse.

Ele era mais baixo do que Altaïr esperava. Não usava barba e tinha cabelo branco cortado bem curto, olhos fundos e uma boca cruel, virada para baixo, que lhe davam uma aparência cadavérica. A cruz branca dos Hospitalários estava em seus braços e ele carregava um crucifixo pendurado no pescoço — mas, percebeu Altaïr, qualquer que fosse o Deus que ele venerava, este o tinha abandonado. Pois ele também usava um avental. Um avental sujo, manchado de sangue.

Agora olhava sombriamente para o louco prostrado à sua frente, seguro por Olho Indolente e outro guarda, Olho Indolente erguendo o punho para socá-lo novamente.

— Basta, meu filho — ordenou De Naplouse. — Pedi que você trouxesse o paciente de volta, não que o matasse.

Olho Indolente baixou o punho com relutância e De Naplouse foi mais adiante, aproximando-se do louco, que gemia e tentava se soltar, como um animal apavorado.

De Naplouse sorriu, a severidade desaparecendo.

— Pronto, pronto — disse ele ao louco, quase ternamente. — Tudo vai ficar bem. Dê sua mão.

O louco balançou a cabeça.

— Não... não! Não me toque. De novo não...

De Naplouse enrugou a testa, como se tivesse sido levemente ferido pela reação do homem a ele.

— Expulse esse medo, ou não conseguirei ajudá-lo — disse ele calmamente.

— Me ajudar? Como ajudou os outros? Você tomou as *almas* deles. Mas não a minha. Não. Não terá a minha. Nunca, nunca, nunca... *A minha não, a minha não, a minha não, a minha não, a minha não...*

A suavidade sumiu quando De Naplouse esbofeteou o louco.

— Contenha-se — vociferou ele. Os olhos fundos rutilaram, e a cabeça do outro baixou. — Você acha que isso me dá prazer? Você acha que *quero* machucá-lo? Mas você não me dá escolha...

De repente, o louco se soltou dos dois guardas e tentou correr para o meio da multidão que observava.

— Cada palavra gentil é acompanhada das costas de sua mão... — guinchou ele ao passar perto de Altaïr enquanto os dois guardas corriam atrás. — É tudo mentira e fraude. Ele não se contentará até todos se curvarem a ele.

Olho Indolente agarrou-o e levou-o de volta para a frente de De Naplouse, onde ficou choramingando debaixo do olhar frio do Grão-Mestre.

— Você não devia ter feito isso — frisou De Naplouse, lentamente, e, depois, para Olho Indolente. — Leve-o de volta para seus aposentos. Irei para lá assim que cuidar dos outros.

— *Não podem me manter aqui!* — berrou o louco. — *Vou fugir novamente.*

De Naplouse parou.

— Não, não vai — falou calmamente, depois dirigiu-se a Olho Indolente: — Quebre as pernas dele. As duas.

Olho Indolente sorriu quando o louco tentou se livrar. Em seguida houve dois repugnantes estalidos, como gravetos sendo quebrados, quando o enorme cavaleiro bateu o pé com força em uma perna, depois na outra. A vítima gritou, e Altaïr descobriu-se avançando, incapaz de se conter, perturbado com a crueldade gratuita.

Então o momento havia passado: o homem perdera a consciência — a dor, sem dúvida, fora demais para suportar — e os dois guardas o arrastavam dali. De Naplouse olhou para ele. A expressão compassiva estava de volta ao seu rosto.

— Sinto muito, meu filho — disse ele, quase para si mesmo, antes de se dirigir à multidão. — Vocês não têm nada melhor para fazer? — bradou, e olhou sombriamente para monges e pacientes, que lentamente começaram a se dispersar. Quando virou de costas para se juntar a eles, Altaïr viu De Naplouse esquadrinhar cuidadosamente a multidão, como se procurasse por alguém que teria sido enviado para matá-lo.

Ótimo, pensou Altaïr ao ouvir a porta do hospital se fechar, quando o Grão-Mestre deixou o pátio. Que ele tenha medo. Que sinta um pouco do que ele inflige aos outros. A imagem o animou, enquanto se juntava aos eruditos, que atravessavam a segunda porta. Esta levava à ala principal, onde esteiras de palha pouco conseguiam esconder o forte cheiro desagradável de sofrimento e restos humanos. Altaïr tentou não ficar com náusea, notando que vários eruditos levavam o tecido de seus mantos até o nariz para bloquear o fedor. Dali surgiam os gemidos e Altaïr viu camas de hospital contendo homens que gemiam e ocasionalmente gritavam de dor. Mantendo a cabeça curvada, ele observava por baixo do capuz, e viu De Naplouse aproximar-se de uma cama na qual um homem muito magro estava deitado, contido por tiras de couro.

— E como está se sentindo? — perguntou-lhe De Naplouse.

Cheio de dores, o paciente resfolegou:

— O que você fez... comigo?

— Ah, sim. A dor. Dói no início, não vou mentir. É um pequeno preço pelo qual se tem de pagar. Com o tempo, você vai concordar.

O homem tentou levantar a cabeça da cama.

— Você é... um monstro...

De Naplouse sorriu com indulgência.

— Já fui chamado de coisa pior.

Seguiu adiante, passando por uma jaula de madeira que cercava outra cama e olhou para o... não, não era um paciente, Altaïr se deu conta. Aqueles pobres miseráveis eram cobaias. Eram *experimentos*. Novamente lutou para conter a raiva. Olhou em volta. A maioria dos guardas havia se reunido na outra extremidade da ala. Do mesmo modo como no pátio, vários pacientes desorientados cambaleavam por ali, e ele viu o mesmo bando de monges, que pareciam prestar atenção em cada afirmação de De Naplouse, ao mesmo tempo que mantinham uma distância respeitosa, conversando entre si, enquanto o Grão-Mestre fazia sua ronda.

Se ele ia fazer aquilo — e ele *ia* mesmo fazer aquilo —, então teria de ser logo.

Mas De Naplouse foi para outra cama, sorrindo para o homem deitado ali.

— Dizem que você agora consegue andar — disse ele afetuosamente. — Impressionante.

O homem parecia confuso.

— Depois... de tanto tempo. Quase esqueci... como.

De Naplouse parecia contente... Contente de verdade.

— Isso é maravilhoso — afirmou De Naplouse, radiante.

— Eu não... entendo. Por que me ajudou?

— Porque ninguém mais seria capaz — respondeu De Naplouse, seguindo adiante.

— Eu devo minha vida a você — disse o homem da cama seguinte. — Estou às suas ordens. Obrigado. Obrigado por me libertar.

— Obrigado por me deixar — retrucou De Naplouse.

Altaïr hesitou por um instante. Estaria ele enganado? De Naplouse *não* era um monstro? Então rapidamente afastou suas dúvidas, pensando, em vez disso, nos gritos de agonia do louco quando quebraram suas pernas, nos pacientes sem vida perambulando pelo hospital. Se aqui havia exemplos de cura, estes certamente eram superados por atos de barbarismo.

Agora De Naplouse havia chegado à última cama da ala. Em pouco tempo ele iria embora e Altaïr perderia a chance. Decidido, o Assassino lançou um olhar para trás: os guardas continuavam no fim do salão. Ele saiu do meio do grupo de

eruditos, indo para trás de De Naplouse quando o Grão-Mestre se curvou diante do paciente.

Sua lâmina saltou adiante e Altaïr enfiou-a no alvo, alcançando De Naplouse e abafando seu grito no momento em que ele arqueava as costas com a dor. Quase delicadamente, o Assassino baixou o médico para o chão.

— Livre-se de seu fardo — sussurrou.

De Naplouse pestanejou e olhou para ele; bem no rosto de seu Assassino. Mas não havia medo naqueles olhos moribundos: o que Altaïr viu foi preocupação.

— Ah... Eu agora descansarei, não? — disse ele. — O sono eterno me chama. Mas, antes de fechar os olhos, preciso saber... O que será das minhas crianças?

Crianças?

— Você se refere às pessoas a quem fez sofrer com suas experiências cruéis? — Altaïr não conseguia evitar o asco em sua voz. — Elas agora ficarão livres para voltar para casa.

De Naplouse riu secamente.

— Casas? Que casas? Os esgotos? Os bordéis? As prisões de onde nós as tiramos?

— Você pegou essas pessoas contra a vontade delas — continuou Altaïr.

— Sim. O pouco de vontade que ainda lhes restava — arfou De Naplouse. — Você é mesmo tão ingênuo assim? Você satisfaz uma criança em prantos simplesmente porque ela chora? “Mas eu quero brincar com fogo, papai.” O que você diria? “Como queira”? Ah... Mas então você responderia pelas queimaduras dela.

— Estas pessoas não são crianças — rebateu Altaïr, querendo entender o moribundo —, são homens e mulheres adultos.

— No corpo, talvez. Mas não na mente. Que é o próprio dano que procuro consertar. Admito que, sem o artefato, que vocês nos *roubaram*, meu progresso desacelerou. Mas existem as ervas. Misturas e extratos. Meus guardas são prova disso. Eram loucos antes de eu descobri-los e libertá-los das prisões de suas mentes. E, com minha morte, eles voltarão a ser loucos...

— Acredita mesmo que estava ajudando essas pessoas?

De Naplouse sorriu, com a luz começando a se apagar de seus olhos.

— Não é o que acredito. É o que sei.

E morreu. Altaïr baixou a cabeça dele para a pedra, apanhou a pena de Al Mualim e passou-a no sangue.

— Que a morte não seja indelicada — sussurrou.

No mesmo momento, ouviu-se um grito saído do meio dos monges que estavam próximos. Altaïr ergueu-se ao lado do corpo e viu os guardas dispararem pela ala em sua direção. Quando sacaram as espadas, ele deu um salto para cima e correu, indo em direção a uma porta distante, a qual, Altaïr esperava fervorosamente, levaria ao pátio.

A porta se abriu e ele ficou contente ao ver o pátio à sua frente.

Ficou, porém, menos contente, em ver Olho Indolente, que obstruía a porta aberta com a espada de folha larga desembainhada...

Altaïr também desembainhou sua espada e, com a lâmina em um braço e a espada na outra mão, enfrentou Olho Indolente com um som metálico de aço. Por um segundo, os dois homens ficaram nariz com nariz, e Altaïr pôde ver bem de perto a pele cicatrizada do olho do cavaleiro. Então Olho Indolente recuou, golpeando à frente no mesmo instante e encontrando a espada de Altaïr, mas o homem se recompôs tão rapidamente que o Assassino quase perdeu a defesa. Altaïr deu um passo oscilante para trás, querendo deixar um espaço entre ele e Olho Indolente, que era melhor espadachim do que havia previsto. Também era enorme. Os tendões de seu pescoço se salientavam, desenvolvidos durante anos pelo manejo da espada de folha larga. Altaïr ouviu atrás de si os outros guardas chegarem, mas eles pararam diante de um sinal de Olho Indolente.

— Deixem ele comigo — rosnou o gigantesco cavaleiro.

Ele era arrogante, excessivamente confiante. Altaïr sorriu, saboreando a ironia. Então avançou, e sua lâmina varreu acima. Sorrindo, Olho Indolente desviou o golpe e grunhiu quando Altaïr saltou para a esquerda dele, aproximando-se pelo outro lado — o lado de seu olho ruim, seu ponto fraco — e cortando seu pescoço.

A garganta do cavaleiro abriu-se e sangue brotou do ferimento enquanto ele caía de joelhos. De trás de Altaïr, houve um grito de surpresa, e ele então começou a correr, colidindo com uma porção de loucos que haviam se reunido para observar. Em seguida disparou pelo pátio, passando pelo poço e por baixo do arco para Acre.

Parou, examinando minuciosamente a linha dos telhados. Logo depois,

pulou por cima de uma barraca, e um furioso mercador sacudiu o punho no ar enquanto Altaïr escalava uma parede atrás dele e alcançava os telhados. Correndo e saltando, deixou para trás o hospital tenebroso e misturou-se ao movimento da cidade, ainda meditando sobre as últimas palavras de De Naplouse. O *artefato* do qual havia falado. Por um instante Altaïr pensou na caixa sobre a escrivaninha de Al Mualim, mas não. Que ligação possível poderia ter o Hospitalário com aquilo?

Mas se não aquilo, então o quê?

13

— Garnier de Naplouse está morto — anunciara ele a Al Mualim dias depois.

— Excelente. — O Mestre assentira em aprovação. — Não poderíamos ter esperado um resultado mais agradável.

— Mesmo assim… — começara Altaïr.

— O quê?

— O médico insistiu que o trabalho que fazia era nobre — dissera Altaïr. — E, olhando para trás, muitos daqueles que achei que fossem prisioneiros dele pareciam agradecidos. Nem todos, mas o suficiente para me fazer pensar… Como ele conseguiu se transformar de inimigo em amigo?

Al Mualim dera uma risadinha.

— Líderes sempre encontrarão meios de fazer com que outros os obedeçam. E é isso que torna essas pessoas líderes. Quando as palavras fracassam, eles usam a moeda. Quando isso também não adianta, lançam mão de coisas mais básicas: suborno, ameaça e outros tipos de trapaças. Existem plantas, Altaïr, ervas de terras distantes, que podem levar um homem a perder os sentidos. O prazer que trazem é tão grande que alguns homens podem até mesmo se deixar escravizar por elas.

Altaïr assentira, pensando nos pacientes de olhos vidrados. No louco.

— Você acha então que aqueles homens estavam drogados? Envenenados?

— Sim, se é exatamente como você descreveu — disse Al Mualim. — Nossos inimigos me acusaram da mesma coisa.

Então ele dera a próxima missão a Altaïr, que ficou pensando em por que o Mestre sorrira quando tinha dito a ele que completasse suas investigações e

depois se apresentasse ao *rafiq* do Bureau dos Assassinos em Jerusalém.

Agora, dirigindo-se ao Bureau, descobriu o motivo. Era porque o Mestre se divertia ao pensar em Altaïr cruzando mais uma vez seu caminho com o de Malik.

Quando Altaïr entrou, o Assassino levantou-se de trás da escrivaninha. Por um momento, os dois se olharam, e nenhum deles escondeu o desdém. Então, lentamente, Malik se virou, mostrando a Altaïr onde um dia ficava o seu braço.

Altaïr empalideceu. Claro. Ferido na luta com os homens de De Sablé, os melhores cirurgiões de Masyaf não haviam conseguido salvar o braço esquerdo de Malik — e, portanto, foram obrigados a amputá-lo.

Malik deu um sorriso rancoroso de vitória, uma que custara um preço tão alto, e Altaïr lembrou-se de si mesmo. Lembrou-se de que não tinha motivos para tratar Malik de qualquer maneira a não ser com humildade e respeito. Baixou a cabeça para reconhecer as perdas do outro. Seu irmão. Seu braço. Sua posição.

— Segurança e paz, Malik — disse ele finalmente.

— Sua presença aqui me priva de ambas — rebateu Malik. Ele, porém, tinha muitos motivos para tratar Altaïr com desdém, e, evidentemente, pretendia fazer isso. — O que você quer?

— Al Mualim pediu...

— Que você execute alguma tarefa como um esforço para se redimir? — zombou Malik. — Está bem. Diga logo. O que descobriu?

— O que sei é isso — começou Altaïr. — O alvo é Talal, que trafica vidas humanas, sequestrando cidadãos de Jerusalém para vendê-los como escravos. Sua base é um armazém localizado no interior do antemuro ao norte daqui. Enquanto conversamos, ele prepara a viagem de uma caravana. Atacarei quando ele estiver inspecionando sua mercadoria. Se eu conseguir evitar seus homens, o próprio Talal será um desafio insignificante.

Malik entortou o lábio.

— Desafio insignificante? Ouça a si mesmo. Quanta arrogância.

Em silêncio, Altaïr repreendeu-se. Malik tinha razão. Ele pensou no orador de Damasco a quem subestimara e que quase o superara.

— Já terminamos? — indagou ele, sem nada revelar de seus pensamentos a Malik. — Está satisfeito com o que descobri?

— Não — respondeu Malik, segurando a pena de Al Mualim —, mas terá de servir.

Altaïr assentiu. Olhou para onde a manga de Malik pendia frouxa e esteve prestes a dizer uma coisa antes de se dar conta de que não havia palavras que pudessem contornar seus fracassos. Ele custara demais a Malik para algum dia ter esperanças de um perdão de sua parte.

Em vez disso, virou-se e deixou o Bureau. Outro alvo iria sentir o beijo de sua lâmina.

14

Pouco depois, Altaïr entrava furtivamente no armazém onde o carregamento estava sendo preparado, olhando em volta sem gostar de nada do que encontrou.

Não havia guardas. Nem ajudantes.

Deu dois passos adiante, então parou. Não. No que estava pensando? Tudo em relação ao armazém estava errado. Estava para dar meia-volta e ir embora quando subitamente a porta foi fechada e se ouviu o inconfundível som de uma tranca estrondeando ao se encaixar no lugar.

Ele praguejou e sacou a espada.

Então avançou sorrateiramente, os sentidos gradualmente se adaptando à escuridão, à umidade, ao cheiro de tochas e...

Algo mais. O cheiro de um rebanho que Altaïr achava ser mais humano do que animal.

As escassas chamas das tochas iluminavam as paredes que seguiam escuras e lisas, e, de alguma parte, vinha o pinga-pinga de água. O som que ouviu a seguir foi um gemido baixo.

Com os olhos lentamente se adaptando, margeou à frente, vendo caixotes e barris e então... uma jaula. Aproximou-se dela — e quase recuou diante do que viu. Um homem patético e trêmulo estava sentado com as pernas contra o peito e observava Altaïr com olhos lacrimejantes e melancólicos. Ele ergueu a mão trêmula.

— Ajude-me — pediu.

Então, por trás, Altaïr ouviu outro som e, ao girar, viu um segundo homem. Ele estava suspenso na parede, com os punhos e os tornozelos acorrentados. A

cabeça pendia sobre o peito e o cabelo sujo caía sobre o rosto, mas os lábios pareciam se mexer como se em uma prece.

Altaïr foi na direção dele. Então, ouvindo outra voz a seus pés, olhou abaixo e viu uma grade de ferro embutida no pavimento do chão do armazém. Olhando através dela encontrou o rosto amedrontado de outro escravo, com os dedos ossudos enfiados entre as barras, implorando a Altaïr. Além dele, no buraco, o Assassino avistou mais formas escuras, além de ouvir movimentos e mais vozes. Por um instante foi como se o aposento se enchesse com os apelos dos aprisionados.

— Me ajude, me ajude.

Um insistente e suplicante som que o fez querer tapar os ouvidos. Até de repente ouvir uma voz mais alta:

— Você não deveria ter vindo aqui, Assassino.

Talal, certamente.

Altaïr virou-se na direção do som e viu as sombras se movimentarem em uma sacada acima dele. Arqueiros? Ficou tenso e agachou-se, a espada pronta, oferecendo o menor alvo possível.

Mas, se Talal o queria morto, Altaïr já estaria morto àquela altura. Ele havia caído direto na armadilha do mercador de escravos — o erro de um idiota, de um aprendiz —, porém, ela ainda não tinha se fechado por completo.

— Mas você não é do tipo que escuta — zombou Talal —, para não expor sua Irmandade.

Altaïr avançou sorrateiramente, ainda tentando localizar Talal. Ele estava na parte de cima, isso era certo. Mas onde?

— Acha que eu não sabia que você estava aqui? — continuou a voz desincorporada, com uma risadinha. — Fui informado de sua presença no momento em que entrou nesta cidade, tamanho é o alcance do meu poder.

De baixo, ele ouviu soluços e baixou a vista de relance para ver mais barras, mais rostos sujos marcados por lágrimas encarando-o do escuro.

— *Me ajude... Me salve...*

Ali havia mais jaulas, mais escravos, agora homens e mulheres: mendigos, prostitutas, bêbados e loucos.

— Me ajude. Me ajude.

— Então há escravos aqui — bradou Altaïr —, mas onde estão os traficantes

deles?

Talal o ignorou.

— Veja minha obra em toda a sua glória — anunciou, e mais luzes reluziram, revelando mais rostos amedrontados e suplicantes.

Diante de Altaïr um segundo portão se abriu, dando acesso a outro ambiente. Ele subiu um lance de escada e entrou em um amplo espaço com uma sacada que percorria todos os lados acima dele. Ali avistou figuras indistintas e ajustou a força da mão que segurava a espada.

— E agora, traficante de escravos? — berrou.

Talal tentava amedrontá-lo. Algumas coisas davam medo em Altaïr, é verdade — mas nada do que o traficante de escravos fosse capaz de fazer, disso ele sabia.

— Não me chame disso — gritou Talal. — Eu só quero ajudá-los. Como eu mesmo fui ajudado.

Altaïr ainda conseguia ouvir os baixos gemidos dos escravos na câmara atrás dele. Duvidava de que eles considerassem aquilo uma ajuda.

— Não é bondade nenhuma deixar as pessoas presas dessa maneira — gritou ele no escuro.

Talal, contudo, permanecia escondido.

— Presas? Eu os mantenho em segurança, preparando-os para a jornada que terão pela frente.

— Que jornada? — zombou Altaïr. — Isso é uma vida de servidão.

— Você não sabe de nada. Foi bobagem trazê-lo aqui. E pensar que se você visse poderia entender.

— Eu entendo muito bem. Você não tem coragem de me enfrentar. Prefere se esconder entre as sombras. Chega de conversa. Apareça.

— Ah... Então quer ver o homem que o trouxe aqui?

Altaïr ouviu um movimento na sacada.

— Você não me trouxe aqui — bradou. — Vim por conta própria.

Uma gargalhada ecoou nas sacadas acima dele.

— Foi mesmo? — zombou Talal. — Quem destrancou a porta? Desobstruiu o caminho? Você ergueu a espada apenas contra um único homem meu, não é? Não. Tudo isso eu que fiz para você.

Algo se movimentou no teto acima da sacada, lançando um jorro de luz

sobre o chão de pedra.

— Vá então para a luz — gritou Talal lá de cima —, e concederei um último favor a você.

Novamente, Altaïr disse a si mesmo que, se Talal o quisesse morto, seus arqueiros já o teriam enchido de flechas, e foi para a luz. Ao fazer isso, mascarados surgiram das sombras da sacada, pulando para baixo e cercando-o de modo silencioso. Eles o observavam com olhares indiferentes, as espadas ao lado e os peitos subindo e descendo.

Altaïr engoliu em seco. Havia seis deles. Não eram nenhum "desafio insignificante".

Então surgiram passadas acima e ele olhou para a sacada onde Talal havia se deslocado da área semi-iluminada e agora olhava-o abaixo. Ele usava uma túnica listrada e um grosso cinturão. Sobre o ombro havia um arco.

— Agora estou diante de você — disse ele, abrindo os braços e sorrindo, como se desse boas-vindas calorosas a um convidado à sua residência. — É isso que deseja?

— Desça aqui — indicou Altaïr com a espada. — Vamos decidir isso com honra.

— Por que isso sempre precisa ser obtido com violência? — retrucou Talal, soando quase decepcionado, antes de acrescentar: — Parece que não posso ajudá-lo, Assassino, pois você não quer ajudar a si mesmo. E não posso permitir que meu trabalho seja ameaçado. Não me deixa escolha: você deve morrer.

Acenou para seus homens.

Que ergueram suas espadas.

Então atacaram.

Altaïr grunhiu e se viu rechaçando golpes, dois de cada vez, empurrando-os para trás e logo em seguida voltando a atenção para um terceiro. Os outros esperavam sua vez. A estratégia deles, Altaïr logo percebeu, era atacá-lo em pares.

Com isso ele conseguia lidar. Agarrou um deles, contente em ver seus olhos se arregalarem chocados através da máscara, então o jogou para trás contra um quinto homem e os dois se chocaram contra um andaime que desabou, despedaçando-se em volta deles. Altaïr aproveitou a vantagem e, perfurando com a ponta da espada, ouviu um grito e um chocalhar de morte que vinham do homem estatelado no chão.

Seus atacantes se reagruparam, olhando um para o outro enquanto o cercavam lentamente. Voltou-se contra eles, espada em punho, sorrindo, agora quase se deleitando. Cinco deles, treinados, matadores mascarados, contra um Assassino solitário. Pensaram que Altaïr seria uma vítima fácil. Ele podia ver isso em seus rostos. Uma briga rápida depois e não estariam tão certos assim.

Ele escolheu um. Um velho truque que lhe foi ensinado por Al Mualim para quando enfrentasse vários oponentes ao mesmo tempo.

Altaïr fixou de propósito o olhar no guarda diretamente à sua frente...

Não ignore os outros, mas se concentre em um deles. Torne-o seu alvo. Deixe que ele saiba que é o seu alvo.

Ele sorriu. O guarda se lastimou.

Então liquide-o.

Como uma cobra, Altaïr atacou, avançando para o guarda, lento demais para reagir — que olhou abaixo para a lâmina de Altaïr quando ela foi enfiada em seu peito, gemendo em seguida enquanto caía de joelhos. Com um rasgar de carne, Altaïr retirou a espada e então voltou sua atenção ao homem seguinte.

Escolha um dos oponentes...

O guarda parecia aterrorizado; agora não era mais um matador, pois sua espada começou a tremer. Ele gritou algo em um dialeto que Altaïr não entendeu, então avançou desordenadamente, esperando levar a luta para Altaïr, que se afastou para o lado e talhou a barriga do homem, satisfeito em ver as entranhas reluzentes saírem, derramando-se pelo ferimento. De cima, a voz de Talal convencia seus homens a atacarem, enquanto outro caía e os dois restantes atacavam ao mesmo tempo. Eles agora não pareciam tão intimidadores, com máscaras ou sem. Pareciam exatamente o que eram: homens amedrontados prestes a morrer.

Altaïr derrubou outro, sangue esguichando do pescoço. O último se virou e fugiu, esperando encontrar abrigo na sacada. Mas Altaïr embainhou a espada, empalmou duas facas de arremesso, que giraram, brilhando — *uma, duas* —, e atingiram as costas do fugitivo, fazendo com que ele caísse da escada. Não escaparia mais.

Altaïr ouviu passadas apressadas acima. Talal fugia. Curvando-se para recuperar as facas, ele subiu a escada, chegando ao segundo andar a tempo de ver Talal escalar uma segunda série de degraus para o telhado.

O Assassino foi atrás dele, chegando ao topo do armazém por uma claraboia, bem a tempo de recuar a cabeça quando uma flecha estalou, estremecendo na madeira a seu lado. Avistou o arqueiro em um telhado distante, já armando uma segunda flecha, e saiu depressa da claraboia, rolando pelo telhado e arremessando duas facas, ainda molhadas de sangue da vítima anterior.

O arqueiro gritou e caiu, com uma faca cravada no pescoço e a outra no peito. Mais além, Altaïr avistou Talal disparando por uma ponte entre moradias, depois saltando para um andaime e se balançando abaixo até a rua. Ali, esticou o pescoço, viu que Altaïr já o perseguia e saiu correndo.

O Assassino estava para alcançá-lo. Ele era rápido e, diferentemente de Talal, não estava olhando com frequência por cima do ombro para ver se estava sendo seguido. O que significava que não esbarrava em pedestres inesperados, assim como Talal: mulheres que gritavam e o repreendiam, homens que praguejavam e o empurravam de volta.

Tudo isso retardava seu progresso pelas ruas e pelos mercados, de modo que em pouco tempo perdera sua dianteira e, quando ele virou a cabeça, Altaïr viu o branco de seus olhos.

— Fuja agora — gritou Talal por cima do ombro —, enquanto ainda pode. Meus guardas logo estarão aqui.

Altaïr deu uma risadinha. E continuou correndo.

— Desista desta caçada e eu o deixarei viver — guinchou Talal.

Altaïr não disse uma palavra. Continuou a perseguição. Agilmente, costurou pelo meio da multidão, superando os obstáculos das mercadorias que Talal jogava atrás de si para retardar seu perseguidor. Altaïr quase alcançava Talal. A caçada estava praticamente terminada.

Adiante dele, Talal virou a cabeça mais uma vez, viu que a brecha estava se fechando e tentou apelar de novo para Altaïr.

— Fique longe de mim e me ouça — berrou, com desespero na voz. — Talvez possamos fazer um acordo.

Altaïr não disse nada, apenas ficou olhando enquanto Talal virava-se novamente. O traficante de escravos estava agora prestes a colidir com uma mulher cujo rosto estava oculto por vários frascos. Nenhum dos dois olhava para onde ia.

— Eu não fiz nada para você — gritou Talal, esquecendo-se talvez de que,

apenas minutos antes, enviara seis homens para matar Altaïr. — Por que insiste em me perse...

A respiração deixou seu corpo em um repente, houve um emaranhar de braços e pernas e Talal desabou no chão com a mulher dos frascos, cujos artigos se espatifaram em volta dos dois.

Ele tentou levantar, mas era lento demais, e Altaïr já estava em cima dele. *Clique*. Assim que sua lâmina voraz apareceu, ele a afundou no homem, que estava ajoelhado à sua frente, o sangue já esguichando do nariz e da boca. Ao lado deles, a mulher dos frascos conseguiu se levantar, indignada e com o rosto vermelho, disposta, a atacar Talal. Ao ver Altaïr e sua lâmina, sem falar no sangue que escorria do homem, ela mudou de ideia e saiu em disparada, choramingando. Outros os evitaram, sentindo que havia algo errado. Em Jerusalém, uma cidade acostumada ao conflito, os habitantes preferiam não parar para observar a violência por medo de se tornar parte dela.

Altaïr inclinou-se para perto de Talal.

— Você agora não tem para onde fugir — disse ele. — Divida seus segredos comigo.

— Minha parte foi desempenhada, Assassino — retrucou Talal. — A irmandade não é tão fraca assim a ponto de minha morte interromper o trabalho que faz.

A mente de Altaïr voltou a Tamir. Este também, ao morrer, mencionara outros.

— Que irmandade? — indagou.

Talal conseguiu dar um sorriso.

— Al Mualim não é o único com projetos para a Terra Santa. E isso é tudo que conseguirá de mim.

— Então acabamos aqui. Implore perdão ao seu Deus.

— Não existe nenhum Deus, Assassino — gargalhou debilmente Talal. — E, se alguma vez tivesse existido, há muito tempo ele nos abandonou. Há muito tempo abandonou os homens e as mulheres que tomei em meus braços.

— O que quer dizer?

— Mendigos. Prostitutas. Viciados. Leprosos. Você os acha apropriados para escravos? São inadequados para as tarefas mais servis. Não... Eu os juntei não para vender, mas para *salvar*. Mesmo assim, você mataria a todos nós. Por

nenhum outro motivo a não ser porque foi pedido a você.

— Não — disse Altaïr, agora confuso. — Você lucra com a guerra. Com vidas perdidas e destruídas.

— Isso é o que você pensa, ignorante como é. Limitou sua mente, hein? Dizem que é o que a sua laia faz melhor. Vê a ironia nisso tudo?

Altaïr o encarou. Era exatamente como havia acontecido com De Naplouse. As palavras do moribundo ameaçavam subverter tudo. Altaïr conhecia seu alvo; ou, pelo menos, pensava que conhecia.

— Não, ainda não, ao que parece. — Talal se permitiu um sorriso final diante da evidente confusão de Altaïr. — Mas você verá.

E, dito isso, morreu.

Altaïr estendeu a mão para fechar seus olhos, murmurando, “Sinto muito”, antes de molhar a pena marcadora com sangue. Depois se levantou e se perdeu no meio da multidão. O corpo de Talal manchava a areia atrás dele.

15

Em suas viagens, Altaïr acampava próximo a poços, piscinas naturais ou fontes; qualquer lugar onde houvesse água e sombra de palmeiras, onde pudesse descansar e seu cavalo, solto, conseguisse pastar. Geralmente era em um trecho de verde até onde a vista alcançava, portanto havia pouca chance do animal se perder.

Naquela noite, ele encontrou uma fonte que fora murada e abobadada para evitar que o deserto engolisse o precioso ponto de água, e bebeu bastante. Depois, deitou no abrigo que arranjou, ouvindo o gotejar do outro lado da pedra toscamente cortada e pensando em Talal no momento que sua vida se esvaiu. Seus pensamentos recuaram ainda mais, aos cadáveres de seu passado. Uma vida pontilhada pela morte.

Quando garoto, Altaïr a encontrara pela primeira vez durante o cerco. Assassinos e sarracenos e, é claro, seu próprio pai, embora ele houvesse sido misericordiosamente poupado dessa visão. Tinha, porém, ouvido a morte, ouvira a espada cair, seguida por um baque surdo, e correu na direção da portinhola da entrada, querendo se juntar ao pai, quando mãos o agarraram.

Ele tinha se contorcido, gritado:

— Me larga! Me larga!

— Não, menino.

E Altaïr viu que era Ahmad, o agente cuja vida o pai de Altaïr havia trocado pela sua. E Altaïr olhou para ele, os olhos ardendo de ódio, sem ligar se Ahmad fora salvo de sua provação exaurido e ensanguentado e mal conseguindo se pôr de pé, sua alma ferida pela vergonha de ter sucumbido ao interrogatório

sarraceno. Altaïr apenas se importava com o fato de seu pai se entregar para morrer e...

— *A culpa é sua!* — gritara ele, contorcendo-se e livrando-se de Ahmad, que permanecia com a cabeça baixa, absorvendo as palavras do menino como se fossem socos. — A culpa é sua — exclamava novamente Altaïr.

Então se sentou sobre a grama quebradiça, enterrando a cabeça nas mãos, desejando excluir o mundo. A poucos passos dali, Ahmad, exausto e ferido, também se dobrara para o chão.

Do lado de fora das muralhas da cidadela, os sarracenos partiram, deixando para trás o corpo decapitado do pai de Altaïr para ser recuperado pelos Assassinos. Deixando feridas que nunca iriam cicatrizar.

Durante um tempo, Altaïr permanecera nos aposentos que dividira com o pai, que tinha as paredes de pedra cinzenta, esteiras no chão e uma escrivaninha simples entre dois catres; um maior, outro menor. Ele mudara de camas: passara a dormir na maior para poder sentir o cheiro do pai, e, às vezes, o imaginava no aposento, sentado à escrivaninha, lendo, rabiscando em um rolo de pergaminho, ou voltando, tarde da noite, para repreender o filho por ainda estar acordado, para depois apagar a vela acesa com um sopro antes de se deitar. Imaginação era tudo que o órfão Altaïr tinha no momento. Isso e as lembranças. Al Mualim dissera que ele seria chamado no devido tempo, após terem sido tomadas providências para seu futuro. Enquanto isso, o Mestre dissera que, se Altaïr precisasse de alguma coisa, deveria ir procurá-lo como seu mentor.

Ahmad, enquanto isso, fora pego pela febre. Em algumas noites seus delírios eram ouvidos por toda a cidadela. Ocasionalmente, gritava como se de dor, em outras vezes, como se estivesse demente. Certa noite, gritava uma única palavra várias e várias vezes. Altaïr havia pulado da cama e ido à janela, achando que o que ouvia era o nome do pai.

E era.

— *Umar*. — Ouvir aquilo era como ser esbofeteado. — *Umar*. — O berro parecia ecoar no pátio vazio abaixo. — *Umar*.

Não, não estava vazio. Observando mais atentamente, Altaïr conseguiu distinguir a figura de uma criança com mais ou menos sua idade, parada como uma sentinela em meio à suave neblina do início da manhã que ondulava pelo pátio de treinamento. Era Abbas. Altaïr mal o conhecia, só sabia que era Abbas

Sofian, o filho de Ahmad Sofian. O menino estivera parado ouvindo os delírios dementes do pai, talvez rezando em silêncio por ele, e Altaïr o observara pelo espaço de tempo de algumas batidas do coração, descobrindo algo para admirar na sua vigília silenciosa. Então, deixou a cortina cair e voltou para a cama, colocando as mãos sobre os ouvidos para não mais ouvir Ahmad chamar o nome do pai. Ele tentara respirar o cheiro que seu pai deixara e percebeu que ele diminuía aos poucos.

Disseram que a febre de Ahmad cessara no dia seguinte e que ele voltara aos seus aposentos, mas era um homem destruído. Altaïr ouvira dizer que ele havia ficado de cama, assistido por Abbas, que permanecera desse modo por dois dias.

Na noite seguinte, Altaïr foi acordado por um som em seu quarto e ficou deitado, pestanejando, ouvindo alguém se movimentando por ali, pés que foram até a escrivaninha. Uma vela foi pousada e projetou sombras na parede de pedra. Era seu pai, pensou, ainda meio adormecido. Seu pai havia voltado por ele, e Altaïr se sentou, sorrindo, pronto para lhe dar as boas-vindas e ser repreendido por estar acordado. Finalmente acordara de um sonho terrível no qual seu pai tinha morrido e o deixado sozinho.

Mas o homem em seu quarto não era seu pai. Era Ahmad.

Ele estava parado na porta, aparentando uma magreza intensa dentro de seu manto branco; o rosto tomado por um aspecto pálido. Tinha uma expressão distante, quase pacífica, e sorriu um pouco quando Altaïr se sentou, como se não quisesse assustar o menino. Seus olhos, porém, eram buracos fundos e escuros, como se a dor tivesse queimado a vida do interior deles. E, na mão, segurava uma adaga.

— Sinto muito — disse ele, e estas foram as únicas palavras que pronunciou, suas últimas, porque, no momento seguinte, passou a adaga de lado a lado da garganta, abrindo uma escancarada boca vermelha no pescoço.

O sangue escorreu pelo manto abaixo; borbulhas se formaram no ferimento do pescoço. A adaga caiu com um tinido no chão e ele sorriu ao deslizar de joelhos, com o olhar fixo em Altaïr, que permanecia sentado, imóvel de medo, incapaz de desviar os olhos de Ahmad enquanto o sangue jorrava, esvaindo-se dele. Então o moribundo recuou, interrompendo enfim aquele olhar medonho quando sua cabeça caiu para o lado, impedido de cair pela porta atrás. E, durante o tempo de algumas batidas do coração, permaneceu assim, um penitente,

ajoelhado. Então caiu para a frente.

Altaïr não fazia ideia de quanto tempo ficou sentado ali, soluçando baixinho e ouvindo o sangue de Ahmad se espalhar espessamente pela pedra. Enfim encontrou coragem para descer da cama, pegou a vela e margeou com cuidado o horror que jazia no chão, sangrando. Puxou a porta para abri-la, choramingando quando encostou no pé de Ahmad. Do lado de fora do quarto, finalmente, correu. A vela apagou, mas ele não se importava. Correu até alcançar Al Mualim.

— Você nunca deve contar isso para ninguém — pedira Al Mualim no dia seguinte.

Altaïr havia recebido uma bebida quente condimentada, depois passara o resto da noite nos aposentos do Mestre, onde dormira profundamente. O próprio Mestre permanecera fora, cuidando do corpo de Ahmad. Isso foi comprovado no dia seguinte, quando Al Mualim voltou para ele e sentou-se ao lado de sua cama.

— Diremos à Ordem que Ahmad partiu, protegido pela escuridão — disse ele. — Eles que tirem suas próprias conclusões. Não podemos permitir que Abbas seja maculado com a vergonha do suicídio do pai. O que Ahmad fez é desonroso. Sua desgraça se espalharia para seus parentes.

— Mas e Abbas, Mestre? — perguntou Altaïr. — A verdade será contada a ele?

— Não, meu menino.

— Mas ele deveria pelo menos saber que seu pai está...

— *Não*, meu filho — repetiu Al Mualim, a voz se erguendo. — Abbas não será informado por ninguém, incluindo você. Amanhã anunciarei que vocês serão aprendizes na Ordem, que serão irmãos em tudo menos no sangue. Vocês dividirão um alojamento. Treinarão e jantarão juntos. Como irmãos. Um protegerá o outro. Cuidarão para que nenhum mal aconteça ao outro, nem físico nem por outros meios. Fui claro?

— Foi, Mestre.

Mais tarde naquele dia, Altaïr foi instalado em um aposento com Abbas. Um quarto escasso: dois catres, esteira, uma pequena escrivaninha. Nenhum dos dois meninos gostou, mas Abbas disse que deixaria aquilo em breve, quando seu pai retornasse. À noite ele se agitava e às vezes o chamava no sono, enquanto, no

leito ao lado, Altaïr permanecia acordado, temeroso em dormir para o caso de Ahmad lhe aparecer em pesadelos.

E aconteceu. Desde então, Ahmad aparecera todas as noites para ele. Vinha com uma adaga que reluzia à luz oscilante da vela. Ele passava lentamente a lâmina pela própria garganta, sorrindo ao fazer isso.

Altaïr acordou. O deserto estava fresco e ainda à sua volta. As palmeiras farfalhavam ligeiramente na brisa e a água pingava atrás dele. Passou a mão pela testa e se deu conta de que estivera suando. Apoiou a cabeça outra vez, na esperança de dormir pelo menos até amanhecer.

Parte Dois

16

— Você se saiu bem — elogiou Al Mualim, no dia seguinte. — Três de nove já morreram, e por causa disso tem o meu agradecimento. — Seu sorriso se desfez. — Mas não descanse sobre os louros. Seu trabalho apenas começou.

— Estou às suas ordens, Mestre — disse Altaïr solenemente.

Estava exausto, mas grato por começar a se redimir aos olhos de Al Mualim. Certamente ele vira uma mudança nos guardas. Se antes o olhavam com desdém, agora dirigiam um respeito relutante a ele. A notícia de seu sucesso havia chegado até eles, sem dúvida. Al Mualim o premiara também com o esboço de um sorriso e mandara que ele se sentasse.

O Mestre prosseguiu:

— O rei Ricardo, encorajado pela vitória em Acre, prepara-se para avançar para o sul, por Jerusalém. Salah Al'din com certeza está ciente disso, e portanto reúne seus homens diante da cidadela partida de Arsuf.

Altaïr pensou em Salah Al'din e ficou tenso. Sua mente retornou àquele dia, ao dia dos sarracenos nos portões da fortaleza...

— Quer então que eu mate ambos? — perguntou, saboreando a possibilidade de passar sua lâmina no líder sarraceno. — Terminar a guerra deles antes que comece de fato?

— Não — vociferou Al Mualim, examinando-o tão cuidadosamente que Altaïr sentiu como se seus pensamentos estivessem sendo lidos. — Fazer isso dispersaria suas forças... e sujeitaria o reino à sede de sangue de dez mil guerreiros a esmo. Haverá muitos dias até se encontrarem e, enquanto marcharem, não lutarão. Você precisa se preocupar com uma ameaça mais

imediata: os homens que fingem governar na ausência deles.

Altaïr assentiu. Deixou suas fantasias de vingança para serem examinadas outro dia.

— Dê-me os nomes e eu lhe darei o sangue.

— É o que farei. Abu'l Nuqoud, o homem mais rico de Damasco. Majd Addin, regente de Jerusalém. William de Montferrat, senhor feudal de Acre.

Ele conhecia os nomes, é claro. Cada uma das cidades tinha a marca perniciosa de seu líder.

— Quais são seus crimes? — quis sabe Altaïr. Imaginou se, como os outros, haveria mais desses crimes do que aparentava.

Al Mualim abriu os braços.

— Ganância. Arrogância. O massacre de inocentes. Ande por entre as pessoas das cidades deles. Você aprenderá os segredos de seus pecados. Sem dúvida, esses homens são obstáculos à paz que buscamos.

— Então eles morrerão — afirmou Altaïr obedientemente.

— Retorne a mim com a queda de cada homem para que melhor possamos entender suas intenções — ordenou Al Mualim. — E Altaïr, tome cuidado. Seu trabalho recente muito provavelmente tem atraído a atenção dos guardas. Eles ficarão muito mais desconfiados do que foram no passado.

De fato. Pois, dias depois, quando Altaïr entrou no Bureau em Acre, Jabal o cumprimentou deste modo:

— A notícia de seus feitos se espalhou, Altaïr.

Ele assentiu.

— Parece que é sincero em seu desejo de se redimir.

— Faço o que posso.

— E, às vezes, o faz muito bem. Suponho que é o trabalho que nos reúne aqui.

— Sim. William de Montferrat é meu alvo.

— Então o distrito da Cadeia é seu destino... Mas vá na ponta dos pés. Aquela parte da cidade é a sede dos aposentos particulares do rei Ricardo, e vive sob forte vigilância.

— O que propriamente pode me dizer sobre o homem?

— William foi nomeado regente enquanto o rei lidera sua guerra. O povo vê isso como uma escolha estranha, tendo em vista a história entre Ricardo e o filho

de William, Conrad. Mas creio que Ricardo tire partido disso.

— Tire partido como?

Jabal sorriu.

— Ricardo e Conrad não concordam na maioria dos assuntos. Embora sejam civilizados o suficiente em público, há rumores de que cada um quer a desgraça do outro. E houve aquele assunto dos sarracenos de Acre capturados... — Jabal balançou a cabeça. — Como consequência, Conrad teve de retornar a Tiro, e Ricardo forçou William a permanecer aqui como seu hóspede.

— Quer dizer, refém? — indagou Altaïr. Estava inclinado a concordar com Jabal. De fato parecia um movimento inteligente da parte de Ricardo.

— Chame como quiser, a presença de William deverá manter Conrad na linha.

— Onde sugere que comece minha busca?

Jabal pensou.

— Na cidadela de Ricardo, a sudoeste daqui... Ou melhor, o mercado em frente a ela.

— Muito bem. Não vou perturbá-lo mais.

— Não é problema nenhum — disse Jabal, que voltou para seus pássaros, arrulhando suavemente para eles.

Jabal era um homem livre de muitas preocupações, pensou Altaïr. Pelo menos por isso, ele o invejava.

17

Jabal estava certo, pensou Altaïr ao seguir seu caminho pelas ruas quentes, apinhadas de gente e com forte cheiro de maresia até o mercado da cidadela. Ali havia muito mais guardas por todos os lados, talvez o dobro desde a última visita. Alguns usavam as cores dos Cruzados e armadura completa. No entanto, se ele sabia algo sobre soldados era que eles gostavam de fofocar e, quanto mais deles havia, mais indiscretos provavelmente eram. Ele se instalou em um banco e ficou sentado como se admirasse a imponente cidadela com seus galhardetes esvoaçantes, ou como se simplesmente esperasse o dia passar. Não muito distante, um artista tentava atrair uma plateia, então deu de ombros e começou o espetáculo assim mesmo, jogando bolas coloridas no ar. Altaïr fingiu observá-lo, mas estava ouvindo uma conversa que acontecia mais adiante, uma dupla de Cruzados tagarelando como lavadeiras sobre a habilidade de William com a espada.

Enquanto Altaïr observava, o olhar de um soldado foi atraído por um frade, um homem alto usando um hábito marrom com capuz, que gesticulava discretamente para ele. O soldado mexeu a cabeça quase que imperceptivelmente, despediu-se do colega e saiu pelo meio do mercado. Observando por baixo do capuz, Altaïr levantou-se e foi atrás, quando viu que os dois homens se encontraram e se afastaram da grande agitação para conversar; Altaïr posicionou-se perto deles, esforçando-se para ouvir o frade falar.

— Talvez seja insensato seguir William. Ele é velho e pensa muito em si mesmo.

O soldado franziu os lábios.

— Seu exército é grande. Precisaremos dele. Vou visitar os outros irmãos por enquanto. Cuide para que tenham tudo de que precisem.

— Sim. Eles não podem cair — concordou o frade.

— Não tema. O Mestre tem um plano. Agora mesmo ele já prepara um meio de tirar vantagem de nossas perdas, se acontecerem.

Mestre? Admirou-se Altaïr. *Irmãos?* Exatamente a quem esses homens respondem? Acre tinha mais camadas do que uma cebola.

— O que ele pretende? — indagou o frade.

— Quanto menos você souber, melhor. Faça o que lhe foi instruído. Entregue esta carta ao Mestre.

Passou-a ao frade e Altaïr sorriu, já dobrando as pontas dos dedos. Levantou-se do banco e o seguiu. Um instante depois o pergaminho era seu, e sentou-se novamente para lê-lo.

Mestre:

O trabalho continua no distrito da cadeia de Acre, embora estejamos preocupados com a habilidade de William para conduzi-lo até o fim. Ele leva seus deveres um pouco a sério demais, e as pessoas talvez o rejeitem quando chegar a ocasião. Sem a ajuda do tesouro, mal conseguiremos arcar com um levante, quanto mais chamar o rei de volta do campo. Então o seu plano terá sido em vão. Não podemos reclamar o que foi roubado, a não ser que os dois lados estejam unidos. Talvez seja melhor você se preparar para outro tomar o lugar dele — simplesmente como precaução. Estamos preocupados que o nosso homem no porto se torne cada vez mais instável. Ele já anda distanciando-se de si mesmo. E isso significa que não podemos confiar nele se William cair. Avise-nos o que pretende que executemos. Permanecemos sempre fiéis à causa.

Ele dobrou a carta e a enfiou dentro do manto. Algo para mostrar a Al Mualim, talvez. Pensando bem, talvez não. Até então Altaïr sentia que Al Mualim fora menos do que aberto com ele em relação a seus alvos. Talvez isso fosse parte de seu teste. Talvez.

Um grupo de criados passou apressado. O malabarista fazia sua arte; ele agora juntara uma grande multidão. Não muito longe, um orador havia tomado posição à sombra de uma árvore e discursava contra o rei Ricardo.

Em seguida, um homem jovem com a barba preta aparada bem curta que parecia simpático aos cidadãos que passavam por ele prendeu a atenção de Altaïr, que ao mesmo tempo mantinha um olho em uma dupla de guardas municipais posicionados a uma curta distância dali.

— William de Montferrat não liga *nada* para o povo de Acre — dizia o homem. Altaïr segurou os passos para poder ouvir, tomando cuidado para não atrair a atenção dele. — Enquanto morremos de fome, os homens sob seus cuidados não passam necessidades. Eles engordam com os frutos do nosso trabalho. Ele disse que nos trouxe aqui para reconstruir. Mas agora, longe de casa e da graça de nosso rei, seu verdadeiro plano se torna evidente. Ele rouba nossos filhos, mandando-os para lutar contra um inimigo selvagem. Suas mortes são todas garantidas. Nossas filhas são levadas para servir seus soldados, roubadas de sua virtude. E ele nos recompensa com mentiras e promessas vazias de um amanhã melhor... de uma terra abençoada por Deus. E o agora? E o hoje? Por quanto tempo teremos de nos privar deles? Será isso a verdadeira obra de Deus... ou de um homem egoísta que procura conquistar tudo? Reaja, povo de Acre. Junte-se a nós em nosso protesto.

— Cale-se — berrou uma transeunte, gesticulando na direção de guardas que patrulhavam ao longo da rua, talvez cientes de que aquele agitador estava em ação.

— Você é um idiota — concordou outro passante, rudemente. Ele deu as costas com um gesto desdenhoso com a mão. Ninguém em Acre queria testemunhar a ira de William, ou assim parecia.

— Suas palavras o levarão à forca — sussurrou outro, que se retirou furtivamente.

Altaïr observou o rebelde lançar um olhar precavido, então se enfiou na multidão e se juntou a outro homem ali.

— Quantos você conseguiu para a nossa causa? — perguntou.

— Receio que todos estejam com muito medo — respondeu seu companheiro. — Ninguém ligou para o chamado.

— Temos de continuar tentando. Encontrar outro mercado. Outra praça. Não podemos ser silenciados.

Com um último olhar para os soldados atrás, eles seguiram adiante. Altaïr observou-os ir embora, satisfeito por ter descoberto tudo que precisava saber sobre William de Montferrat.

Deu uma última olhada para a cidadela, assomando sobre a praça do mercado, o pulsante coração negro de Acre. Ali, pensou, em alguma parte, estava seu alvo e, com William morto, o povo de Acre conheceria menos tirania, menos

medo. Quanto mais cedo acontecesse, melhor. Estava na hora de voltar a visitar Jabal.

O líder do Bureau estava, como sempre, com um ânimo jovem. Seus olhos cintilaram ao cumprimentar Altaïr.

— Fiz o que me foi pedido — anunciou Altaïr. — Armei-me com conhecimento. Sei o que preciso fazer para alcançar Montferrat.

— Fale, então, e eu julgarei.

— O bando de William é grande e muitos homens o chamam de Mestre. Mas não faltam inimigos para ele. Ele e o rei Ricardo não se dão.

Jabal ergueu uma sobrancelha.

— É verdade. Nunca foram próximos.

— Isso está a meu favor. A visita de Ricardo o deixa perturbado. Assim que o rei for embora, William vai se recolher em sua fortaleza para refletir. Ele se distrairá. E é quando atacarei.

— Tem certeza disso?

— Toda. E, se as coisas mudarem, me adaptarei.

— Então dou permissão para ir em frente. Acabe com a vida de Montferrat para que possamos chamar esta cidade de livre. — Jabal entregou-lhe a pena.

— Voltarei quando o ato for executado — retrucou Altaïr.

18

Altaïr retornou à cidadela, esperando que estivesse exatamente como a deixara. Mas agora havia algo diferente — algo que descobriu enquanto avançava pelas ruas e do qual se aproximou. Estava no ar. Empolgação. Expectativa. Ouviu rumores relativos à visita de Ricardo. Ele agora estava na fortaleza, diziam os cidadãos; conversando com Montferrat. Aparentemente, o rei estava furioso com ele por causa do tratamento dado aos três mil mantidos como reféns quando os Cruzados retomaram a cidade.

Altaïr sentiu-se emocionado. A fama de Ricardo Coração de Leão o precedia. Sua bravura. Sua crueldade. Por isso, vê-lo em carne e osso...

Avançou pela praça do mercado. A multidão era mais numerosa agora que a notícia de que Ricardo havia chegado se espalhara. Os cidadãos de Acre, independentemente das opiniões que tinham sobre o rei inglês, queriam vê-lo.

— Aí vem ele — sussurrou uma mulher ali perto.

Altaïr sentiu-se carregado pela multidão e, praticamente pela primeira vez desde que entrou na cidade, pôde levantar a cabeça. As aglomerações eram seu disfarce e, de qualquer modo, os guardas estavam muito ocupados com a iminente chegada do rei para ter algum interesse nele.

Agora a multidão lançou-se adiante, levando Altaïr consigo. Ele se deixou ser circundado por corpos e carregado na direção dos portões de pedra decorados, onde bandeiras dos Cruzados se agitavam na brisa, como se elas também estivessem entusiasmadas para ver Ricardo. Nos portões, os soldados alertavam à multidão para que recuasse, e quem estava na frente gritava para os que estavam atrás parassem de empurrar. No entanto, mais cidadãos chegavam, movendo-se

na direção da área elevada diante da entrada principal. Mais guardas formaram um escudo em torno dela. Alguns seguravam o cabo da espada. Outros brandiam piques, rosnando ameaçadoramente “Recuem” para a multidão desvairada e queixosa.

De repente, houve uma grande agitação nos portões da fortaleza, os quais, rangendo, se ergueram. Altaïr esticou o pescoço para ver, ouvindo primeiro o *ploc-ploc* dos cascos dos cavalos, depois avistando os elmos dos guarda-costas do rei. A seguir, a multidão estava se ajoelhando, com Altaïr acompanhando-a, embora seus olhos estivessem fixos na chegada do rei.

Ricardo Coração de Leão vinha montado em um esplêndido garanhão adornado com seu uniforme, com os ombros para trás e o queixo erguido. Seu rosto estava abatido, como se carregasse as marcas de cada batalha, cada deserto atravessado, e seus olhos pareciam cansados, mas brilhavam. Em volta dele, os guarda-costas, também montados em seus cavalos e, caminhando a seu lado, havia outro homem; este, deduziu Altaïr pelos murmúrios das pessoas, era William de Montferrat. Ele era mais velho do que o rei e não possuía seu tamanho e poder, mas havia nele uma certa agilidade. Altaïr percebeu que ele poderia muito bem ser bastante habilidoso com a espada. Havia nele um ar de desprazer ao caminhar ao lado do rei, diminuto em sua sombra e sem ligar para as pessoas que os rodeavam. Perdido em seus próprios pensamentos.

— Três mil almas, William — dizia o rei, alto o bastante para toda a praça do mercado ouvir. — Disseram-me que foram mantidos como prisioneiros... E usados como objetos de troca para a libertação de nossos homens.

— Os sarracenos não teriam honrado seu lado do acordo — retrucou Montferrat. — Sabe que isso é verdade. Eu lhe fiz um favor.

Coração de Leão rosnou.

— Ah, sim. Realmente um grande favor. Agora nossos inimigos serão muito mais fortes em suas convicções. Lutarão com mais afinco.

Pararam.

— Eu conheço muito bem nossos inimigos — afirmou Montferrat. — Eles não serão encorajados, mas se encherão de medo.

Ricardo olhou-o com desdém.

— Diga-me, por que conhece tão bem as intenções de nossos inimigos? Você, que abandonou o campo de batalha para praticar a política.

De Montferrat engoliu em seco.

— Eu fiz o que era certo. O que era justo.

— Você fez um juramento para apoiar a obra de Deus, William. Mas não é isso que vejo aqui. Não. Eu vejo um homem que a pisoteia.

De Montferrat pareceu desconfortável. Então, agitando a mão em sua volta, como se para lembrar ao rei que seus súditos estavam ao alcance da voz, falou:

— Suas palavras são muito indelicadas, meu soberano. Eu esperava já merecer sua confiança no momento.

— Você é o regente de Acre, William, colocado para governar em meu lugar. Quanto mais *confiança* é necessária? Talvez você goste da minha coroa.

— Não está entendendo — disse Montferrat. E, sem querer perder a moral diante da coroa, acrescentou: — Mas, pensando bem, sempre...

Ricardo olhou-o furiosamente.

— Por mais que quisesse perder o meu dia trocando palavras com você, tenho uma guerra para lutar. Continuaremos isso em outra ocasião.

— Então não serei eu que o deterei — disse educadamente Montferrat —, Vossa Graça.

Ricardo forneceu a Montferrat um último olhar furioso — um olhar para lembrar a um subalterno rebelde exatamente quem usava a coroa —, então partiu, com seus homens atrás.

A multidão começou a se levantar e Montferrat virou-se para dizer alguma coisa para um de seus guardas. Altaïr se esforçou para ouvir.

— Receio que não haverá lugar para homens como ele no Novo Mundo. Mande um aviso falando que quero falar com os soldados. Precisamos nos assegurar de que todos estejam fazendo sua parte. Alerte-os de que qualquer negligência será severamente punida. Não estou disposto a perder meu tempo com isso hoje. — Então virou-se para o resto de seus homens. — Sigam-me.

De repente, houve um forte movimento em direção à fortaleza, não apenas causado pelos guardas de Montferrat, mas por mercadores, na esperança de conseguirem fregueses lá dentro. Altaïr juntou-se a eles, agredido pelos seus sacos de estopa, mas permanecendo no aperto e conseguindo se espremer pelos portões justamente no momento em que os soldados da guarda assumiram o controle e os fecharam. Lá dentro, os mercadores estavam sendo arrebanhados por soldados irritados próximos ao portão, que queriam, sem dúvida, expor suas

mercadorias ali. Altaïr, porém, conseguiu avistar Montferrat seguindo seu caminho ao longo da muralha externa mais baixa, em direção à linha de defesa interna. Ele se abaixou e se espremeu por uma brecha entre o muro e um prédio interno, prendendo a respiração, como se esperando ouvir um grito de um guarda perspicaz que o tivesse visto escapulir por ali. Mas não havia nenhum. Olhou para cima e ficou contente em ver apoios para as mãos na superfície de arenito do prédio. Começou a escalar.

Arqueiro.

Claro. Altaïr ficara tão contente em se esquivar das sentinelas lá embaixo que se esquecera de levar em conta os lá de cima. Deu outro olhar furtivo além da beirada do telhado, esperando que o homem virasse de costas. Precisava dele no meio do telhado. Não queria que ele caísse na fortaleza e chamasse atenção. Quando o guarda chegou ao local certo, Altaïr atacou, e a faca arremessada brilhou ao sol e depois se enterrou nas costas da sentinela. Ele grunhiu e caiu, felizmente não por cima da borda. Então Altaïr pulou para o telhado, mantendo-se agachado, e o atravessou, com um olho em um arqueiro mais adiante do conjunto de prédios, pronto para sumir de vista, se este se virasse.

Abaixo dele, De Montferrat atravessava a fortaleza, gritando ordens e insultos a quem ousasse se aproximar.

Altaïr se aproximou do arqueiro seguinte. Uma faca arremessada depois, e o homem caía estatelado no telhado, morto. Ao passar por ele, Altaïr olhou para baixo, mantendo-se agachado e vendo o corpo parar de se contrair.

Um terceiro arqueiro. Altaïr livrou-se dele. Agora tinha o controle do telhado; tinha uma rota de fuga para quando a ação fosse executada. Tudo o que restava era executá-la.

Abaixo dele, Montferrat passou através de uma série de portões internos e Altaïr observou-o repreender o guarda por alguma infração leve ao fazer isso. Então foi para o pátio de um calabouço, talvez uma espécie de santuário interno para ele. Altaïr seguiu-o pela passarela superior. Mantinha-se fora de vista, mas ninguém olhou para cima. Não tinham necessidade disso — ou era o que pensavam.

Agora De Montferrat tomou seu lugar atrás de uma mesa de um lado do pátio.

— Homens — dizia ele —, reúnam-se aqui. Ouçam bem minhas palavras.

Eles se posicionaram à sua volta, e Altaïr notou que, embora usassem o mesmo uniforme, este era diferente daquele dos que estavam na linha de defesa do lado de fora. Esses homens eram mais grisalhos e pareciam mais endurecidos por batalhas. Se Altaïr estivesse certo, deviam ser a força pessoal de De Montferrat. Ele não ia cometer novamente o mesmo erro de achá-los um "desafio insignificante".

No pátio, De Montferrat continuou:

— Eu vim de uma conversa com o rei e a notícia é assombrosa. Somos acusados de fracassar em nossos deveres. Ele não reconhece o valor de nossas contribuições à causa.

— Que vergonha! — disse um dos homens.

— Ele não sabe de nada — vociferou outro.

— Paz. Paz. Contenham a língua — advertiu De Montferrat. — Sim, ele fala falsamente, mas não falta mérito em suas palavras. Ao se dar uma volta por esta propriedade, é fácil encontrar falhas. Enxergar imperfeições. Receio que tenhamos ficado relaxados e preguiçosos.

Acima dele, Altaïr se permitiu um sorriso. O método de sua entrada foi um testemunho de quão relaxados e preguiçosos os homens de De Montferrat haviam se tornado. E quanto aos seus semiadormecidos arqueiros...

— Por que diz isso? — indagou um dos homens de De Montferrat.

Mostraram-se indignados, todos eles. Altaïr usou o ruído que surgiu de repente para se arrastar para o lado, querendo se posicionar acima de sua presa, movendo-se muito, muito cautelosamente em volta dos muros do pátio. Agora conseguia enxergar o que a maioria dos homens abaixo não conseguia. De uma porta do lado oposto do pátio, haviam surgido mais guardas arrastando dois homens. Estavam vestidos como cruzados, mas eram prisioneiros.

— Eu vejo o modo como treinam — berrava De Montferrat lá embaixo. — Carecem de convicção e foco. Vocês conversam e jogam. Tarefas que são confiadas a vocês ficam incompletas ou são executadas pessimamente. Isso acaba hoje. Não sofrerei mais degradação nas mãos de Ricardo. Enxerguem ou não, e *deveriam* enxergar, vocês são culpados. Vocês nos cobriram de vergonha. Habilidade e dedicação foram o que nos levou a conquistar Acre. E isso também é exigido para a *mantermos*. Eu tenho sido muito tranquilo, ao que parece. Mas não mais. Vocês treinarão mais arduamente e com mais frequência. Se isso

significar perder refeições, perder sono, assim será. E, se fracassarem nessas tarefas, aprenderão o verdadeiro significado de disciplina... Tragam os prisioneiros aqui.

Altaïr chegara à sua posição sem ser visto. Estava agora perto o bastante para olhar abaixo a fim de ver a cabeça calva de De Montferrat e as gotas de saliva que voavam de sua boca enquanto berrava com os homens. Se alguém que estivesse lá embaixo olhasse para cima por qualquer motivo, Altaïr poderia ser descoberto, mas toda a atenção estava agora na área diante da mesa de De Montferrat, para onde os soldados tinham sido arrastados, temerosos e envergonhados.

— Se precisar usar algum de vocês como exemplo para garantir obediência — anunciou De Montferrat —, que assim seja. — Então dirigiu-se aos prisioneiros. — Vocês dois foram acusados de fornicação e bebedeira durante o serviço. O que dizem sobre essas acusações?

Das bocas úmidas saíram murmúrios de apelos e desculpas.

De Montferrat olhou-os, zangado. Então, com um gesto da mão, ordenou a execução deles.

As gargantas dos dois foram cortadas e eles passaram seus últimos momentos observando o próprio sangue esguichar sobre a pedra do pátio. De Montferrat os fitou gorgolejando e tremendo no chão, como peixes agonizantes.

— Negligência com o dever é infeccioso — declarou ele, quase com tristeza. — Ela deve ser arrancada pela raiz e destruída. Desse modo, talvez possamos evitar que se espalhe. Entendido?

— Sim, milorde. — Veio o murmúrio em resposta.

— Ótimo, ótimo — disse ele. — Então voltem ao serviço, com esse novo propósito na cabeça. Permaneçam fortes, permaneçam concentrados... e nós triunfaremos. Vacilem, e se *juntarão* àqueles homens. Estejam certos disso. Dispensados.

De Montferrat fez um sinal para sumirem de sua vista, o que alegrou Altaïr. Fora de vista era onde ele também queria os homens. Ficou observando enquanto De Montferrat começou a vasculhar a papelada que estava sobre a mesa, sibilando de irritação, com um mau humor que claramente não tinha se esgotado. Altaïr rastejou para a frente, o máximo que ousava ficar na beira do telhado. Avistou os dois corpos, com o sangue ainda escorrendo. Mais distante, a maioria dos homens parecia ter se reunido na entrada da masmorra ou estava

saindo para a linha de defesa do lado de fora de onde Altaïr se encontrava, sem dúvida dispostos a se afastar o máximo possível de De Montferrat.

Abaixo de Altaïr, De Montferrat estalava a língua nos dentes em desagrado, ainda chocalhando os papéis, incapaz de encontrar o que estava procurando. Gemeu quando um maço deles escorregou da mesa para o chão. Prestes a chamar um ajudante, pensou melhor e resolveu ele mesmo apanhá-los. É possível que tenha ouvido o clique da lâmina de Altaïr na fração de segundo em que ele saltou da passarela acima e a enterrou em seu pescoço.

Logo a seguir, o Assassino estava montado sobre o corpo do líder de Acre, com a mão sobre a boca dele para que não alertasse os demais no pátio. Ele tinha poucos momentos, sabia, e sussurrou:

— Descanse agora. Seus esquemas chegaram ao fim.

— O que você sabe sobre o meu trabalho? — grasniu De Montferrat.

— Eu sei que iria matar Ricardo e reivindicar Acre para seu filho, Conrad.

— Para Conrad? Meu filho é um estúpido, incapaz de liderar sua tropa, quanto mais um reino. E Ricardo? Ele não é melhor, cego como é pela fé que tem no insubstancial. Acre não pertence a nenhum dos dois.

— Então a quem?

— A cidade pertence a seu povo.

Altaïr lutou contra a agora familiar sensação de seu mundo dando uma guinada inesperada.

— Como pode alegar que fala pelos cidadãos? — perguntou. — Você roubou a comida deles. Disciplinou-os sem piedade. E os forçou a servirem a você.

— Tudo que fiz foi para prepará-los para o Novo Mundo — replicou De Montferrat, como se tais coisas devessem ser óbvias a Altaïr. — Roubar a comida deles? Não. Tomei posse dela para que, quando os tempos difíceis viessem, pudesse ser racionada de modo apropriado. Olhe em volta. Não existe crime em meu distrito... Exceto este cometido por você e sua laia. E quanto ao recrutamento? Eles não estão sendo treinados para lutar. Estão aprendendo os méritos da ordem e da disciplina. Essas coisas não são tão más.

— Não importa quão nobre acredita que sejam suas intenções, seus atos foram cruéis e não podem continuar — afirmou Altaïr, apesar de se sentir menos certo do que pareceu.

— Veremos como são doces — disse De Montferrat, desvanecendo rápido —

os frutos do *seu* trabalho. Você não liberta cidades, como acredita, mas as condena. E, no fim, terá apenas a si mesmo para culpar. Você que fala em boas intenções...

Mas nunca terminou a frase.

— Na morte, nos tornamos iguais — disse Altaïr, manchando a pena.

Ele escalou a parede atrás de si e foi para a passarela, disparando pelo muro externo. Então saiu. Foi como se nunca tivesse estado ali.

19

Altaïr sentia o cansaço da missão. Estava exausto e cada vez mais perturbado. Cada longa cavalgada o exauria ainda mais, porém tinha ordem de visitar Al Mualim após cada assassinato. E, em todas as ocasiões, o Mestre era enigmático, exigindo detalhes dele, mas retendo muita coisa.

Isso ficou demonstrado na ocasião seguinte em que se encontraram.

— Chegou a mim a notícia de seu sucesso — disse Al Mualim. — Tem minha gratidão, e a do reino. Livrar essas cidades de seus líderes corruptos favorecerá sem dúvida a causa da paz.

— Está mesmo certo disso? — perguntou Altaïr. De sua parte, a certeza era cada vez menor.

— O modo pelo qual os homens governam se reflete em seu povo. Quando você limpa as cidades da corrupção, cura os corações e as mentes daqueles que vivem nela.

— Nossos inimigos discordariam — comentou Altaïr, com a mente voltada para aqueles cujos olhos ele fechara.

— O que quer dizer?

— Cada homem que matei me disse palavras estranhas. Eles não mostraram arrependimento. Mesmo na morte, pareceram confiantes em seu sucesso. Embora não admitissem diretamente, há um laço que os une. Tenho certeza.

Al Mualim observou-o com atenção.

— Há uma diferença, Altaïr, entre a verdade que nos é dita e a verdade que vemos. A maioria dos homens não se importa em fazer a distinção. É mais simples desse modo. Mas, como um Assassino, é de sua natureza notar.

Questionar.

— Então o que liga esses homens? — forçou Altaïr. O Mestre tinha as respostas, estava certo disso. Todas elas.

— Ah. Mas, como um Assassino, também é seu dever acalmar esses pensamentos e confiar em seu Mestre. Pois não pode haver a paz verdadeira sem ordem. E ordem requer autoridade.

Altaïr não conseguiu conter a irritação na voz.

— Você fala em círculos, Mestre. Elogia-me por ser precavido e depois pede para que eu não seja. O que significa?

— A pergunta será respondida quando você não precisar mais fazê-la — respondeu Al Mualim, misteriosamente.

Altaïr pôde ver que não estava chegando a lugar nenhum.

— Suponho que tenha me chamado aqui para algo além de um discurso — disse ele.

— Sim — concordou Al Mualim, e conduziu-o mais uma vez a Damasco. Aquele a quem chamam de Abu'l Nuqoud. Ele seria o próximo a morrer. Antes, porém, teria de lidar com o impertinente líder do Bureau...

— Altaïr, meu amigo. Bem-vindo. Bem-vindo. Veio buscar a vida de quem hoje?

Altaïr franziu as sobrancelhas ao ver o líder do Bureau de Damasco, insolente como sempre, mas não o suficiente para motivar sua fúria. Era um talento e tanto que o homem tinha para avaliar tão bem essas coisas. Talvez, se tivesse sido capaz de concentrar suas habilidades para um uso melhor, ele não estaria passando seus dias atrás de uma escrivaninha no Bureau. Algum dia, talvez, Altaïr o lembrasse desse fato. Enquanto isso, ele tinha trabalho a executar. Um novo alvo.

— Seu nome é Abu'l Nuqoud — informou. — O que pode me falar sobre ele?

— Oh, o Rei Mercador de Damasco — exclamou o líder, visivelmente impressionado. — O homem mais rico da cidade. Muito emocionante. Muito perigoso. Invejo você, Altaïr. Bem... não a parte na qual foi derrotado e despido de sua graduação... Mas invejo tudo o mais. Ah... exceto as coisas terríveis que os outros Assassinos dizem de você. Mas, sim, fora o fracasso e o ódio, sim, fora essas coisas. Tenho muita inveja de você...

Altaïr imaginou como seu pescoço pareceria com uma lâmina saindo dele.

— Não me importa o que os outros pensam ou dizem — rebateu ele. — Estou aqui para realizar um serviço. Portanto, pergunto novamente: o que pode me dizer sobre o Rei Mercador?

— Apenas que ele deve ser um homem muito ruim se Al Mualim mandou que você o visitasse. Ele se mantém isolado com sua própria gente, cercado pelo refinamento do distrito nobre desta cidade. Um homem ocupado, sempre cuidando de alguma coisa. Tenho certeza de que, se você passar algum tempo em meio à sua espécie, aprenderá tudo que precisa saber sobre ele.

E foi exatamente o que Altaïr fez, indo à Mesquita Omayyad e ao *Souk* Sarouja, como também à cidadela de Salah Al'din, onde descobriu que Abu'l Nuqoud era odiado pela população local, que era corrupto e andara se apropriando de dinheiro público, muito do qual fora desviado para Jerusalém em pagamentos para William de Montferrat. (Altaïr sorriu sobre isso.)

Passando o Madraçal *al-Kallasah*, encontrou eruditos discursando e esperava poder ouvir alguma coisa sobre Abu'l Nuqoud. Não estavam falando sobre ele, mas, mesmo assim, Altaïr ficou por ali, perplexo com o que diziam.

— Cidadãos. Tragam seus escritos — dizia o primeiro. — Coloquem na pilha diante de mim. Guardar um é pecado. Conheçam e aceitem a verdade de minhas palavras. Livrem-se das mentiras e da corrupção do passado.

Embora estivesse prestes a ir em frente, Altaïr continuou protelando. Havia algo a respeito daquilo. *Livrem-se das mentiras e da corrupção do passado*. Teria isso alguma coisa a ver com a "nova ordem" sobre a qual ele continuava ouvindo falar?

Agora era outro erudito que falava:

— Se realmente valorizam a paz, se querem realmente ver o fim da guerra, desistam de seus livros, de seus pergaminhos, de seus manuscritos, pois eles alimentam as chamas da ignorância e do ódio.

Altaïr tinha ouvido o suficiente — e não gostado. *Desistam de seus livros*. Por quê?

Ele, porém, afastou isso da mente, continuando a se informar sobre o Rei Mercador. Descobriu que Nuqoud raramente deixava seus aposentos. Contudo, ele os deixaria naquela mesma noite para participar de uma festa da qual era o anfitrião — oferecida, diziam muitos, apenas para esfregar sua riqueza pessoal nos narizes dos cidadãos. Ordenara até mesmo vinho — em contravenção à sua

fé — para o evento. Se este fosse parecido com as anteriores, seria a oportunidade de Altaïr para atacar. Ele ficara sabendo de um andaime deixado do lado de fora da sacada dos aposentos de Abu'l Nuqoud. Era, decidiu, uma ocasião perfeita para ir a uma festa.

20

As festividades já estavam acontecendo quando Altaïr contornou o pátio do palácio, sentindo que podia ser facilmente notado em seu manto, que parecia sujo e surrado comparado às vestes dos outros convidados. A maioria usava ornamentos, mantos com intrincados bordados feitos com fios dispendiosos e, diferentemente da maioria dos residentes de Damasco, pareciam prósperos e bem alimentados, falando mais alto do que a música, rindo ainda mais ruidosamente. Com certeza, não havia falta de comida e bebida. Criados se movimentavam entre os convidados oferecendo pão, azeitonas e iguarias em travessas douradas.

Altaïr olhou em volta. As dançarinas eram as únicas mulheres presentes: seis ou sete delas, girando lentamente aos sons de *al'ud* e *rebec* tocados por músicos localizados abaixo da imponente sacada. O olhar do Assassino viajou até onde havia um guarda com os braços cruzados que olhava indiferentemente para as futilidades. Aquele era o espaço reservado de Abu'l, decidiu Altaïr. De fato, enquanto observava, o ritmo da música parecia aumentar, o *al'ud* quase abafado pelo pesado rufar que começou a excitar os presentes à festa, em uma crescente sensação de expectativa. As dançarinas eram forçadas a apressar seus movimentos e seus corpos brilhavam com o suor debaixo de seus transparentes trajes de seda, enquanto, em volta delas, os convidados erguiam as mãos, encorajando os tambores a um crescendo que se desenvolveu mais e mais até o próprio ar parecer vibrar — e, de repente, ali estava ele, acima de todos: Abu'l Nuqoud.

Altaïr tinha ouvido terríveis descrições da aparência do homem. De sua

corpulência — diziam que era do tamanho de três homens normais —, dos reluzentes adornos que sempre usava, do manto extravagante e do turbante enfeitado com joias, a maioria das quais Altaïr rejeitara como exageros de uma população ressentida. Mas estava prestes a descobrir que os rumores haviam abrandado a figura daquele homem. Sua cintura, joias e roupas eram maiores e mais extravagantes do que qualquer coisa que Altaïr pudesse ter imaginado. Ficou observando enquanto Nuqoud estava parado, continuando a mastigar qualquer que fosse a refeição que andara desfrutando, com a gordura brilhando em volta da boca. E, ao percorrer a extensão da sacada, olhando abaixo para seus convidados, com a pele debaixo de seu queixo ondulando enquanto ele acabava de engolir a comida, o manto abriu-se para expor o peito nu, uma enorme extensão de pele que brilhava de suor.

De repente, ele bateu palmas. A música parou, a conversa encerrou-se.

— Bem-vindos. Bem-vindos — anunciou. — Obrigado a todos por se juntarem a mim nesta noite. Por favor, comam, bebam. Desfrutem os prazeres que tenho a oferecer.

Dito isso, fez um gesto com a mão, e a fonte no centro do pátio brotou para a vida, esguichando o que a princípio Altaïr pensou que fosse água colorida. Então seguiu-se uma agitação fora do normal e ele se deu conta do que era: o carregamento de vinho de que ouvira falar. Estava ali. Enquanto observava, dois homens se aproximaram da fonte, mergulharam seus cálices no líquido espumante e brindaram um ao outro antes de se afastarem apressados. Chegaram mais convidados, mergulhando seus cálices, enquanto criados forneciam recipientes a quem os quisesse. Era como se o Rei Mercador desejasse que cada um de seus convidados bebesse da fonte, e ele esperou até que o avanço diminuísse antes de prosseguir.

— Está tudo de acordo com o gosto de vocês? — perguntou, com uma sobrancelha erguida.

Claro que estava. Cálices foram levantados e houve um clamor de aprovação, as línguas dos convidados se soltando rapidamente sob a influência do vinho.

— Ótimo, ótimo. — Nuqoud sorriu, revelando restos de comida grudados nos dentes. — Alegra-me vê-los tão felizes. Porque estes são dias sombrios, meus amigos, e temos de desfrutar essa recompensa enquanto podemos.

Perto de Altaïr, os homens que haviam brindado retornaram de uma segunda

visita à fonte de vinho e davam goles em seus cálices cheios, contendo risadinhas enquanto Nuqoud continuava.

— A guerra ameaça destruir todos nós. Salah Al'din luta bravamente pelo que ele acredita, e vocês sempre estiveram presentes para apoiá-lo sem questionar. É a generosidade de vocês que permite que sua campanha continue.

Altaïr percebeu, embora certamente tivesse sido o único dos presentes no pátio a reparar, que as sacadas ao longo de um dos lados começaram a se encher de guardas. Arqueiros.

Ali perto, os homens continuavam bebendo seu vinho, quando Nuqoud começou a falar novamente.

— Portanto, proponho um brinde — disse ele. — A vocês, meus caros amigos, que nos trouxeram para onde estamos hoje. Que lhes seja dado tudo o que merecem.

— À sua saúde — veio o grito, ao mesmo tempo que os participantes da festa bebiam livremente de seus cálices.

— Quanta gentileza — dizia Nuquod acima deles. — Não esperava isso de vocês. Vocês, que foram tão rápidos em me julgar, e tão cruelmente.

Sentindo uma mudança nele, a multidão reagiu murmurando, confusa.

— Ora, não finjam ignorância. Vocês consideram que sou idiota? Que não ouço as palavras que sussurram pelas minhas costas? Pois tenho ouvidos. E receio que nunca conseguirei esquecer. Mas não foi por isso que os chamei aqui esta noite. Não, desejo falar mais dessa guerra... E a parte de vocês nela.

"Vocês doam suas moedas, o mais depressa possível, sabendo muito bem que elas compram as mortes de milhares. Nem mesmo sabem *por que* lutamos. Pela santidade da Terra Santa, diriam vocês. Ou por causa da inclinação maligna de nossos inimigos. Mas essas são mentiras que contamos para nós mesmos.

"Não. Todo esse sofrimento nasce do medo e do ódio. Incomoda vocês que eles sejam diferentes. Assim como incomoda vocês que eu seja diferente.

O olhar de Altaïr seguiu para os arqueiros nas sacadas. Sentindo uma pontada de inquietação, ele se afastou mais um pouco para observar as sacadas do outro lado do pátio. Ali, também, os arqueiros haviam se enfileirado. Virou-se. Era a mesma coisa atrás. Eles não estavam armando seus arcos. Pelo menos, não por enquanto. Mas, se Altaïr estivesse certo, esse momento não demoraria muito para chegar. E, quando chegasse, eles teriam a cobertura total de todo o

pátio. Ele chegou mais para perto de um dos muros circundantes. Não muito longe dali, um homem começou a engasgar e tossir, levando seu companheiro a ter acessos de riso.

— Compaixão. Piedade. Tolerância — continuou Nuqoud, da sacada. — Essas palavras não significam nada para nenhum de vocês. Elas não significam nada para os infiéis invasores que assolam nossa terra em busca de ouro e glória. Por isso eu digo *basta*. Já me comprometi com outra causa. Uma causa que nos trará um Novo Mundo... no qual todos poderão viver lado a lado em paz.

Ele fez uma pausa. Altaïr observou que os arqueiros ficaram tensos. Estavam prestes a disparar. Ele pressionou o corpo contra o muro. O homem continuava tossindo. Agora tinha o corpo dobrado, o rosto vermelho. Seu companheiro, que estava com uma aparência preocupada, passou então a tossir também.

— Uma pena que nenhum de vocês viverá para vê-lo — encerrou Nuqoud.

Mais convidados começaram a engasgar. Alguns seguravam a barriga. Claro, pensou Altaïr. *Veneno*. Em volta dele, alguns convidados tinham caído de joelhos. Ele viu um homem corpulento vestido com um manto dourado espumando, os olhos revirando nas órbitas, desabar no chão e ali ficar, morrendo. Os arqueiros agora já haviam armado seus arcos. Pelo menos metade dos participantes da festa estava em espasmos de morte, mas havia muitos que não haviam bebido vinho e corriam para as saídas.

— Matem qualquer um que tentar escapar — ordenou o Rei Mercador, e seus arqueiros dispararam.

Deixando a carnificina para trás, Altaïr escalou o muro até a sacada e foi sorrateiramente para trás de Nuqoud. Havia um guarda a seu lado, e Altaïr o despachou com um golpe de sua lâmina. O homem caiu, retorcendo-se, e a garganta aberta começou a borrifar sangue pelos ladrilhos da sacada. Nuqoud virou-se, viu Altaïr, e sua expressão mudou. Ao assistir ao massacre abaixo, ele estivera sorrindo, desfrutando o espetáculo. Agora — Altaïr ficou grato ao perceber — era apenas medo o que ele sentia.

E, em seguida, dor, quando Altaïr mergulhou a lâmina em seu pescoço acima da clavícula.

— Por que fez isso? — ofegou o enorme homem, baixando para a pedra lisa de sua sacada.

— Você roubou dinheiro daqueles que alega governar — disse Altaïr. —

Você o enviou para algum propósito desconhecido. Quero saber para onde ele foi e por quê.

Nuqoud escarneceu.

— Olhe para mim. Minha própria natureza é uma afronta às pessoas a quem governava. E estas vestes nobres pouco mais fazem do que abafar seus gritos de ódio.

— Então trata-se de uma questão de vingança? — indagou Altaïr.

— Não. Vingança não, mas da minha consciência. Como poderia financiar uma guerra a serviço do mesmo Deus que me chama de abominação?

— Se não serve a Salah Al'din, então a quem?

Nudoud sorriu.

— Na ocasião oportuna, você os conhecerá. Creio, talvez, que já conheça.

Mais uma vez intrigado, Altaïr perguntou:

— Então por que se esconder? E por que esses atos sombrios?

— É tão diferente do seu trabalho? Você tira vidas de homens e mulheres, firme na convicção de que suas mortes servirão para melhorar a sorte daqueles deixados para trás. Um mal menor para um bem maior? Nós somos iguais.

— Não. — Altaïr negou com a cabeça. — Não temos qualquer semelhança.

— Ah... Mas vejo isso em seus olhos. Você duvida.

O fedor da morte estava em seu hálito quando puxou Altaïr para mais perto dele.

— Você não pode nos deter — conseguiu dizer. — Teremos o nosso Novo Mundo...

E morreu, com um fino rio de sangue escorrendo de sua boca.

— Desfrute o silêncio — disse Altaïr, e mergulhou sua pena no sangue do Rei Mercador.

Ele precisava ver Al Mualim, decidiu. O momento da incerteza terminara.

21

— Venha, Altaïr. Quero ter notícias do seu progresso — disse Al Mualim.

— Fiz o que pediu — retrucou o Assassino.

— Ótimo. Ótimo. — Al Mualim olhou-o intensamente. — Sinto que sua mente está em outro lugar. Diga o que pensa.

Era verdade. Altaïr pouco refletira sobre outra coisa na viagem de volta. Agora tinha a oportunidade de tirar aquilo da cabeça.

— Cada homem que mandou que eu matasse me falou palavras enigmáticas. Toda vez, vim a você e pedi respostas. E em todas, você me ofereceu apenas enigmas em troca. Mas já chega.

As sobrancelhas de Al Mualim dispararam para cima em surpresa — surpresa por Altaïr ter se dirigido a ele daquele modo.

— Quem é você para dizer que "já chega"?

Altaïr engoliu em seco e firmou o queixo.

— Sou eu quem executa os assassinatos. Se quiser que isso continue, terá de falar francamente comigo pelo menos uma vez.

— Vá com cuidado, Altaïr. Não gosto do seu tom de voz.

— E eu não gosto da sua farsa — rebateu Altaïr, mais alto do que pretendera.

Al Mualim pareceu ter ficado chateado.

— Tenho oferecido a você uma chance de recuperar a honra perdida.

— Não foi perdida — contrapôs Altaïr. — Foi tirada. Por você. Então mandou que eu fosse buscá-la novamente, como um maldito cachorro.

Agora o Mestre desembainhou a espada, e seus olhos faiscavam.

— Parece que terei de conseguir outro. Uma pena. Você demonstrou grande

potencial.

— Creio que, se você tivesse outro, já o teria enviado há muito tempo — observou Altaïr, que ficou imaginando se não teria pressionado demais seu mentor, mas prosseguiu assim mesmo. — Você disse que a resposta à minha pergunta surgiria quando eu não mais precisasse fazê-la. Portanto não perguntarei. Eu *exijo* que me diga qual é a ligação entre esses homens.

Altaïr permaneceu parado, pronto para sentir a ponta da espada de Al Mualim, torcendo apenas para que o Mestre o considerasse valioso demais. Era um jogo, ele sabia.

Al Mualim também parecia considerar a opção, sua espada hesitando, a luz refletindo na lâmina. Então ele a embainhou e pareceu descontrair um pouco.

— O que diz é verdade — concedeu finalmente. — Esses homens estão ligados... por um juramento de sangue não diferente do nosso.

— Quem são eles?

— *Non nobis, Domine, non nobis* — disse ele. *Não a nós, Ó Senhor*.

— Templários... — concluiu Altaïr. É claro.

— Agora você percebe o verdadeiro alcance de Robert de Sablé.

— Todos esses homens... líderes de cidades... comandantes de exércitos...

— Todos prometeram aliança à causa dele.

— Suas obras não são para serem vistas isoladamente, não é mesmo? — refletiu Altaïr. — Mas no todo... O que eles desejam?

— Conquista — respondeu Al Mualim, simplesmente. — Buscam a Terra Santa... Não em nome de Deus, mas para eles mesmos.

— E quanto a Ricardo? E Salah Al'din?

— Qualquer um que se oponha aos Templários será destruído. Saiba que eles têm os meios para fazer isso.

— Então eles têm de ser detidos — exclamou Altaïr com determinação. Sentiu como se um grande peso tivesse sido retirado dele.

— É por isso que fazemos o nosso trabalho, Altaïr. Para garantir um futuro livre de tais homens.

— Por que escondeu a verdade de mim? — perguntou ele ao Mestre.

— Para que você mesmo descobrisse. Como qualquer missão, o conhecimento precede a ação. A informação aprendida é mais valiosa do que a informação fornecida. Além disso... Seu comportamento não havia me inspirado

muita confiança.

— Entendo. — Altaïr baixou a cabeça.

— Altaïr, sua missão não mudou, mas apenas o contexto interno de como você a compreende.

— E, armado com esse conhecimento, talvez eu entenda melhor os Templários que restam.

— Há mais alguma coisa que queira saber? — disse Al Mualim, depois de concordar com a afirmação do Assassino.

Altaïr solucionara o mistério da irmandade à qual seus alvos tinham se referido. Havia, porém, mais uma coisa...

— E o tesouro que Malik recuperou do Templo de Salomão? — indagou. — Robert parecia desesperado para tê-lo de volta.

— No devido tempo, Altaïr, tudo se tornará claro — respondeu Al Mualim. — Do mesmo modo que o papel dos Templários se revelou a você, o mesmo acontecerá com a natureza do tesouro deles. Por enquanto, console-se com o fato de o tesouro não estar nas mãos deles, mas nas nossas.

Por um momento, Altaïr pensou em pressioná-lo sobre o assunto, mas decidiu contra. Tivera sorte uma vez. Duvidava que isso fosse acontecer novamente.

— Se esse é o seu desejo... — cedeu ele.

— É.

A atmosfera no ambiente ganhou ares de descontração quando Altaïr virou-se para ir embora. Seu próximo destino era Jerusalém.

— Altaïr... antes de você ir?

— Sim?

— Como soube que eu não o mataria?

— Verdade seja dita, Mestre, eu não sabia.

22

Estúpido Altaïr. Arrogante Altaïr. Ele estava enrascado. Majd Addin jazia morto a seus pés, a madeira lentamente sendo manchada com seu sangue. Às suas costas estavam os acusados, amarrados a estacas e pendendo delas, amorfos e ensanguentados. A praça estava vazia de espectadores, mas não dos guardas de Majd Addin, que avançavam para cima dele. Aproximando-se da plataforma. Começando a subir os degraus de ambos os lados, ao mesmo tempo que o impediam de saltar para a frente. Com olhares ferozes, lentamente o cercavam, com as espadas erguidas, e, se sentiam medo, não demonstravam. O fato de seu líder ter sido abatido publicamente por um Assassino no patíbulo do Muro das Lamentações de Jerusalém não lhes causara pânico e desordem como Altaïr havia esperado. Não tinha feito com que ficassem com um medo mortal do Assassino que agora estava diante deles, com sua lâmina pingando o sangue de Addin. Isso lhes dera determinação e a necessidade de cobrar vingança.

O que significava que as coisas não tinham saído de acordo com o plano.

Exceto que... O primeiro guarda disparou à frente, rosnando. A missão dele era testar o vigor de Altaïr. O Assassino recuou, aparando os golpes da espada sarracena, e o som de aço ecoou na praça quase vazia. O guarda pressionou adiante. Altaïr olhou de relance para trás, viu outros avançando e respondeu à investida, forçando o sarraceno a recuar. *Um, dois, ataque*. Forçado rapidamente a se defender, o guarda tentou uma retirada, quase se chocando contra um dos corpos pendendo das estacas. Altaïr olhou para baixo e viu sua chance, então avançou novamente, desferindo um ataque desvairado com a intenção de causar pânico ao oponente. Lâmina encontrou lâmina e, como seria de se esperar, o

sarraceno foi forçado aos trancos para trás e para a poça de sangue na plataforma — no momento em que Altaïr pretendera. Ele tropeçou, perdeu o equilíbrio e, por um segundo, abriu sua guarda — dando tempo suficiente para Altaïr ultrapassar o braço do oponente com a espada e o empalar no peito. Ele gorgolejou. Morreu. Seu corpo escorregou para a madeira, e Altaïr se preparou para enfrentar atacantes, vendo agora dúvida e talvez medo em seus olhos. O vigor do Assassino fora devidamente testado e descobriram que isso não lhe faltava.

Ainda assim, porém, os guardas tinham a vantagem numérica, e certamente mais estariam a caminho, alertados pela agitação. A notícia do ocorrido já se espalhara por toda a Jerusalém: que o regente da cidade fora morto em seu próprio cadafalso de execução; que seus guardas caíram em cima do Assassino responsável. Altaïr pensou na alegria de Malik diante da notícia.

Malik, contudo, parecera mudado quando Altaïr visitara o Bureau da última vez. Não que acolhesse Altaïr de braços abertos, mas, por outro lado, a hostilidade aberta fora substituída por certo tédio, e ele observara Altaïr com um franzido de testa e não um olhar fixo.

— Por que me perturba hoje? — Ele dera um suspiro.

Grato por não ter de brigar, Altaïr havia lhe revelado seu alvo: Majd Addin.

Malik assentira.

— A ausência de Salah Al'din deixou a cidade sem um líder adequado, e Majd Addin indicou a si mesmo para o papel. Ele consegue o que quer por meio de intimidação e medo. Ele não tem direito de fato ao posto.

— Isso acaba hoje — dissera Altaïr.

— Você conclui depressa demais. Não é de um escravo que estamos falando. Ele governa Jerusalém e vive bem protegido por causa disso. Sugiro que planeje cuidadosamente seu ataque. Informe-se sobre sua presa.

— Já fiz isso — garantira-lhe Altaïr. — Majd Addin vai realizar uma execução pública não muito longe daqui. Certamente estará bem protegido, mas não será nada com que eu não consiga lidar. Eu sei o que fazer.

Malik escarnecera.

— É por isso que para meus olhos você continua sendo um aprendiz. Não pode *saber* de tudo. Só suspeitar. Você tem de esperar estar errado. Ter negligenciado algo. Antecipado, Altaïr. Quantas vezes preciso lembrar você

disso?

— Como queira. Já terminamos?

— Ainda não. Há mais uma coisa. Um dos homens que será executado é um irmão. Um de nós. Al Mualim deseja que ele seja salvo. Não precisa se preocupar com o resgate em si... Meus homens cuidarão disso. Mas precisa garantir que Majd Addin não tire a vida dele.

— Não lhe darei essa chance.

Ao partir, Malik o advertira:

— Não vá estragar tudo.

E Altaïr havia zombado mentalmente do alerta ao começar a caminhada ao Muro das Lamentações.

23

Ao se aproximar do Muro, Altaïr vira multidões começando a se formar: homens, mulheres, crianças, cachorros, até mesmo gado. Todos seguiam pelas ruas em volta da praça em direção ao local público da execução.

Altaïr se juntara a eles e, ao passar por uma rua que se enchia com mais e mais espectadores ansiosos seguindo na mesma direção, ouvira um pregoeiro alimentar o entusiasmo na atração seguinte; como se fosse preciso.

— Atenção — gritara o orador. — Majd Addin, o grande amado regente de Jerusalém, comparecerá à execução do lado oeste do Templo de Salomão. É exigida a presença de todos os habitantes sãos. Depressa! Venham e presenciem o que será feito de nossos inimigos.

Altaïr tivera uma ideia do que poderia ser. Esperava ser capaz de mudar o resultado.

Guardas no acesso à praça tentavam controlar o fluxo da multidão para seu interior, empurrando algumas pessoas para trás, deixando outras entrarem. Altaïr se mantivera recuado, observando as massas moverem-se como redemoinho perto da entrada. Outros corpos eram pressionados contra o dele na rua. Crianças disparavam pelo meio das pernas dos espectadores, entrando sorrateiramente no local. Em seguida, Altaïr vira os eruditos, a multidão se repartindo para deixá-los passar; até mesmo os cachorros pareciam sentir a reverência reservada aos homens santos. Altaïr ajeitara o manto, ajustara o capuz, esperara os eruditos passarem e escorregara para o meio deles. Ao fazer isso, sentira uma mão puxar sua manga, olhara para baixo e vira um menino imundo observando-o com um olhar esquisito. Ele grunhira e, aterrorizado, o

menino saíra correndo.

Bem a tempo: eles tinham alcançado o portão, onde os guardas se separaram para permitir o ingresso dos eruditos, e Altaïr entrara na praça.

Havia muros de pedra bruta em todos os lados. Ao longo do lado mais distante havia uma plataforma, e sobre ela uma série de estacas. Vazias, no momento, mas não por muito tempo. O regente de Jerusalém, Majd Addin, estava se dirigindo ao palco. Com sua presença, houve uma agitação, e ergueu-se uma gritaria da entrada, quando os guardas perderam o controle e os cidadãos começaram a se precipitar. Altaïr foi carregado à frente pela onda, agora muito mais perto da plataforma e do temido Majd Addin, que já estava à espreita no palco esperando a praça se encher. Usava um turbante branco e uma túnica comprida enfeitada com bordados. Movimentava-se como se estivesse zangado. Como se seu equilíbrio tivesse acabado de abandonar seu corpo.

E tinha mesmo.

— *Silêncio!* Eu exijo *silêncio* — rosnou ele.

Com o espetáculo prestes a começar, houve uma agitação final e Altaïr foi mais uma vez carregado à frente. Viu guardas postados nas escadas de ambos os lados da plataforma, dois em cada extremidade. Diante da plataforma, viu mais guardas que evitavam que a multidão subisse no cadafalso. Esticando o pescoço, localizou outros na periferia da praça. Estes, pelo menos, teriam dificuldade de se movimentar pelo meio da multidão, mas isso só lhe daria alguns segundos para a matança *e* para se defender dos guardas mais próximos — dos quatro de cada lado da plataforma, no mínimo. E talvez também aqueles que estavam de guarda no solo.

Conseguiria superar todos eles naquele espaço de tempo? Mais ou menos dez sarracenos leais? O Altaïr que atacara Robert de Sablé no Monte do Templo não teria a menor dúvida. Agora, porém, ele era mais cauteloso. E sabia que tentar matar imediatamente seria loucura. Um plano destinado ao fracasso.

Exatamente quando havia decidido esperar, os quatro prisioneiros foram levados ao cadafalso e até as estacas, onde os guardas começaram a colocá-los no lugar. Em uma das pontas havia uma mulher, com o rosto sujo e chorando. Ao lado dela, dois homens vestidos com farrapos. E, finalmente, o Assassino, com a cabeça baixa, obviamente derrotado. A multidão vaiou seu desagrado.

— Povo de Jerusalém, ouça-me bem — bradou Majd Addin para silenciar a

multidão, que se tornara animada com a chegada dos prisioneiros. — Estou hoje aqui para dar um alerta. — Fez uma pausa. — Há descontentes entre vocês. Eles plantam as sementes do descontentamento, esperando desencaminhá-los.

A multidão murmurou, agitando-se em volta de Altaïr.

Addin continuou:

— Digam-me, é isso o que desejam? Chafurdar na falsidade e no pecado? Viver suas vidas no medo?

— Não — gritou um espectador atrás de Altaïr. Mas a atenção dele estava concentrada no Assassino, um colega membro da Ordem.

Enquanto observava, um fio ensanguentado de saliva escorreu da boca do homem para a madeira. Ele tentou levantar a cabeça e Altaïr viu seu rosto de relance. Contusões roxas e vermelhas. Então sua cabeça baixou outra vez.

Majd Addin deu um sorriso torto e sinistro. Seu rosto não estava acostumado a sorrir.

— Então vocês querem agir? — perguntou amavelmente.

A multidão bramiu sua aprovação. Eles estavam ali para ver sangue; sabiam que o regente não deixaria sua sede insaciada.

— Guie-nos — exclamou uma voz, quando o bramido parou.

— Sua devoção me agrada — disse Addin, e virou-se para os prisioneiros, indicando-os com um movimento do braço. — Esse mal precisa ser expurgado. Só então poderemos esperar ser redimidos.

De repente, houve um distúrbio diante da plataforma, uma voz berrando:

— Isso não é justiça.

Altaïr avistou um homem em trapos. Ele gritava para Najd Addin:

— Você distorce as palavras do Profeta, que a paz esteja com ele.

O homem tinha um companheiro, também vestido com trapos, o qual igualmente repreendia a multidão.

— E todos vocês permanecem indolentes, como cúmplices desse crime.

Altaïr aproveitou a confusão para se aproximar mais. Precisava subir na plataforma em cuja extremidade estava o Assassino preso à estaca. Não poderia arriscar que ele fosse usado como escudo ou como refém.

— Que Deus amaldiçoe todos vocês — berrou o primeiro homem, mas não teve quem o apoiasse. Não entre a multidão e certamente não entre os guardas, que já estavam avançando.

Vendo-os se aproximar, os dois agitadores fugiram, sacando adagas e brandindo-as enquanto faziam uma fútil investida em direção à plataforma. Um deles foi derrubado por um arqueiro. O segundo viu-se perseguido por dois guardas, mas não viu um terceiro sarraceno que abriu sua barriga com a espada.

Os dois ficaram no chão, moribundos, e Majd Addin apontou para eles.

— Viram como o mal de um homem se espalha para corromper outro? — esganiçou. A barba negra tremia de indignação. — Eles procuraram provocar medo e dúvida em vocês. Mas eu os manterei a salvo.

Então voltou-se aos pobres infelizes; que certamente deveriam estar rezando para que o atentado à sua vida fosse bem-sucedido, mas, em vez disso, observavam com os olhos arregalados e aterrorizados enquanto ele desembainhava a espada.

— Aqui estão quatro cheios de pecado — berrou Addin, apontando primeiro para a mulher, depois para cada um dos demais. — A meretriz. O ladrão. O jogador. O herege. Que o julgamento de Deus recaia sobre todos eles.

O herege. Esse era o Assassino. Altaïr endureceu-se e começou a se aproximar dos degraus de um dos lados da plataforma, um olho em Addin enquanto este seguia primeiro para a mulher. A prostituta. Incapaz de tirar os olhos da espada que Addin segurava — quase despreocupadamente, pendendo a seu lado —, ela começou a chorar incontrolavelmente alto.

— *Sedutora!* — rugiu Addin, acima dos soluços. — Súcubo. Puta. Ela tem muitos nomes, mas seu pecado permanece o mesmo. Ela deu as costas aos ensinamentos de nosso Profeta, que a paz esteja com ele. Corrompeu seu corpo para avançar em sua posição. Cada homem que ela tocou está para sempre manchado.

Em reação, a multidão vaiou. Altaïr avançou mais alguns centímetros em direção aos degraus da área elevada. Observou os guardas e viu que a atenção deles estava em Addin. Bom.

— Castigue-a — gritou um espectador.

Addin os havia levado a um estado de fúria a fim de justiça.

— Ela deve pagar — concordou outro.

A mulher parou de choramingar para gritar para a multidão que ladrava pelo seu sangue.

— Esse homem diz mentiras. Estou aqui hoje não porque deitei com outros

homens, pois não deitei. Ele pretende me matar porque não me *deitei com ele.*

Os olhos de Addin se incendiaram.

— Mesmo agora, ao lhe ser oferecida redenção, ela continua enganando. Rejeita a salvação. Só há uma maneira de lidar com isso.

Ela teve tempo de dizer "Não" enquanto a espada lampejou e ele enfiou-a na barriga da mulher. No momento de silêncio que se seguiu, ouviu-se o som de seu sangue espirrando nas tábuas da plataforma, antes de um "ooh" coletivo erguer-se da multidão, a qual foi mudando de lugar enquanto aqueles que estavam nas laterais e atrás tentavam conseguir uma visão melhor da mulher destripada.

Altaïr agora estava mais perto dos degraus, mas o súbito movimento da multidão o deixara um pouco exposto. Aliviado, observou enquanto Addin se encaminhava para o próximo prisioneiro, que se lastimava, e os espectadores iam novamente para trás, antecipando a execução seguinte.

Addin apontou para o homem; um jogador, explicou. Um homem que não conseguiu se abster de substâncias inebriantes e apostas.

— Vergonha — berrou a multidão. Era ela que estava inebriada, pensou Altaïr, enojado com sua ânsia por derramamento de sangue.

— Um jogo de azar me condena à morte? — gritou o jogador, para ele um último lance de dados. — Mostre-me onde está escrito isso. Não é o pecado que corrompe a nossa cidade, mas *você*.

— Então diria às pessoas que é aceitável desafiar o desejo de nosso Profeta, que a paz esteja com ele? — contrapôs Addin. — E, se vamos ignorar esse ensinamento, o que será então de outros? Onde isso acabará? Eu digo que acabará no caos. E, portanto, isso não pode ser permitido.

Sua espada reluziu ao sol da tarde. Ele a enfiou bem fundo na barriga do apostador, grunhindo ao empurrá-la para cima, abrindo um ferimento vertical na barriga do homem e expondo suas entranhas. Encantada, a multidão gritou em um arremedo de repugnância, já se empurrando para o lado a fim de assistir à próxima execução, levando Altaïr para mais perto da escada.

Addin passeou até o terceiro prisioneiro, sacudindo sangue da espada.

— Este homem — disse ele, apontando para o trêmulo preso — apossou-se do que não é dele. De dinheiro obtido pelo trabalho de outro. Poderia ter pertencido a qualquer um de vocês. E, portanto, todos vocês poderiam ter sido assaltados. O que dizem disso?

— Foi um único dinar — alegou o acusado, implorando à multidão por piedade — encontrado no chão. Ele fala como se eu tivesse cometido uma falta, como se o tivesse arrancado das mãos de outro.

A multidão, porém, não estava em um estado de espírito piedoso. Houve gritos pelo sangue dele, os espectadores agora em um furor.

— Hoje um dinar — guinchou Addin —, amanhã um cavalo. No dia seguinte, a vida de outro homem. O objeto em si não é importante. O que importa é que você tomou o que não lhe pertencia. Se devo permitir tal comportamento, então outros poderão acreditar que também têm o direito de tomar. Onde isso acabará?

Colocou-se diante do ladrão, cujos apelos finais foram interrompidos quando Addin enfiou a lâmina em sua barriga.

Agora ele voltaria a atenção ao Assassino. Altaïr precisava agir depressa. Tinha apenas alguns momentos. Baixando a cabeça, começou a abrir caminho com os ombros pela horda de gente, tomando o cuidado de não parecer como se tivesse alguma intenção em particular. Simplesmente como se quisesse chegar o mais perto possível da parte da frente da multidão. Agora, Majd Addin tinha alcançado o Assassino, caminhado até ele, agarrado seu cabelo e levantado sua cabeça para mostrar à plateia.

— Este homem espalha mentiras e propagandas maliciosas — rugiu malignamente. — Ele só tem o assassinato em mente. Envenena nossos pensamentos do mesmo modo que envenena sua lâmina. Joga irmão contra irmão. Pai contra filho. É mais perigoso do que qualquer inimigo que enfrentamos. Ele é um *Assassino*.

Addin foi recompensado com o ofegar coletivo da multidão. Altaïr agora já havia chegado aos degraus. Em volta dele, a aglomeração se agitava, espectadores excitados gritavam pelo golpe mortal.

— Destrua o descrente!

— Mate-o!

— Corte sua garganta!

O Assassino, com a cabeça ainda segurada por Addin, falou:

— Matar-me não vai tornar vocês mais seguros. Vejo o medo em seus olhos, ouço o tremor em suas gargantas. Vocês têm medo. Medo porque sabem que nossa mensagem não pode ser silenciada. Porque sabem que não podemos ser

detidos.

Altaïr estava ao pé da escada. Permanecia ali como se tentasse uma visão melhor. Outros o tinham visto e faziam a mesma coisa. Os dois guardas que estavam em cima haviam ficado extasiados com a ação, mas agora lentamente tornavam-se cientes do que acontecia. Um gritou para o outro e eles desceram e começaram a mandar que os cidadãos saíssem, embora mais espectadores estivessem precipitando-se escada acima. Todos queriam ficar o mais perto possível da execução e se acotovelavam e empurravam, alguns sendo forçados para fora dos degraus, incluindo um dos guardas furiosos. Altaïr usou a desordem para subir ainda mais até ficar a apenas poucos passos de Addin, que soltara a cabeça do Assassino e discursava para a multidão sobre sua "blasfêmia". Sua "traição".

Atrás de Altaïr, o tumulto continuava. Os dois guardas estavam totalmente ocupados. Adiante dele, Addin terminara de se dirigir à aglomeração, que fora convenientemente insuflada e estava desesperada para ver a última morte. Agora ele se voltou novamente para o prisioneiro, brandindo a espada com a lâmina já manchada de vermelho, e foi em sua direção para o golpe mortal.

Então, como se alertado por algum sentido superior, ele parou, virou a cabeça e olhou diretamente para Altaïr.

Por um momento, foi como se a praça se contraísse, como se a multidão desordenada, os guardas, os condenados e os corpos não estivessem mais ali. E, ao olharem um para o outro, Altaïr viu surgir em Addin a percepção de que a morte estava próxima. Altaïr então agitou o dedo médio e a lâmina saltou para a frente, ao mesmo tempo que ele se lançava adiante, puxando-o para trás e enfiando-a em Addin, o movimento todo durando menos do que um piscar de olhos.

A multidão rugiu e gritou, sem saber o que fazer diante daquela súbita reviravolta. Addin pulou e se contorceu, enquanto sangue jorrava do ferimento em seu pescoço, mas Altaïr o manteve parado com os joelhos, erguendo a lâmina.

— Seu trabalho aqui terminou — falou para Addin, tenso, prestes a desferir o golpe final. Em volta dele, havia pandemônio. Os guardas apenas começavam a perceber o que havia de errado e tentavam pelejar seu caminho para a plataforma entre as pessoas em pânico. Altaïr precisava terminar isso, depressa. Mas queria

ouvir o que Addin tinha a dizer.

— Não. Não. Ele apenas começou — disse Addin.

— Diga-me, qual é a sua parte nisso tudo? Você pretende se defender, como os outros, e explicar seus atos malignos?

— A irmandade queria a cidade. Eu queria poder. Houve... uma oportunidade.

— Uma oportunidade de assassinar inocentes — disse Altaïr. Ele podia ouvir o som de pés correndo. As pessoas fugiam da praça.

— Não tão inocentes assim. Vozes dissidentes cortam fundo como o aço. Rompem a ordem. Nisso, eu concordo com a irmandade.

— Você matou pessoas simplesmente por pensarem diferente de você?

— Claro que não... Eu as matei porque podia. Porque era divertido. Você conhece a sensação de poder determinar o destino de outro homem? E viu como o povo aplaudia? Como ele me temia? Eu era como um deus. Você teria feito o mesmo, se pudesse. Quanto... poder.

— Um dia, talvez. Mas descobri o que acontece com aqueles que se erguem acima dos outros.

— E o que acontece?

— Aqui. Deixe-me mostrar a você.

Ele liquidou Addin, depois fechou os olhos do tirano. Molhou a pena.

— Toda alma deve provar a morte — disse ele.

Então levantou-se para enfrentar os guardas; exatamente quando um sino começou a badalar.

Um sarraceno veio voando para cima de Altaïr e ele aparou seu golpe, grunhindo e empurrando o homem para trás. Outros estavam subindo na plataforma, e ele viu-se enfrentando três ao mesmo tempo. Um tombou berrando diante de sua lâmina, outro deslizou no sangue escorregadio, caiu, e Altaïr acabou com ele. Vendo uma chance, o Assassino pulou do cadafalso, ativando a lâmina e perfurando um guarda ao pousar, a espada do homem golpeando o estreito espaço.

Ele viu agora na praça sua única possibilidade de fuga e rechaçou mais dois atacantes ao se aproximar do caminho da entrada. Levou um corte e sentiu o sangue quente escorrer pelo braço; então, agarrando um espadachim, jogou-o no caminho do segundo. Ambos rolaram, berrando, na terra. Altaïr disparou na

direção da entrada, chegando lá no momento em que um trio de soldados vinha correndo por ela. Ele, porém, tinha o elemento surpresa; empalou um com a espada, talhando o pescoço do segundo com a lâmina e empurrando os dois agonizantes moribundos contra o terceiro.

Na entrada livre, olhou de relance para trás e viu na plataforma os homens de Malik libertando o Assassino e levando-o embora, então avançou pela travessa, onde um quarto guarda aguardava, vindo adiante em um pique, gritando. Altaïr desviou-se com um salto, agarrando a beirada de uma armação de madeira e arremessando-se acima para a cobertura, sentindo os músculos trabalharem. Lá embaixo houve um brado de frustração e, enquanto subia para o telhado, olhou de relance e avistou um punhado de soldados seguindo-o. Para fazer com que parassem, matou um deles com uma faca de arremesso, depois correu pelos telhados, esperou até o sino parar de tocar, então desapareceu na multidão, ouvindo a notícia se espalhar pela cidade: um Assassino tinha matado o regente.

24

Mas ainda havia algo que Altaïr precisava saber.

E, com o último dos regentes da cidade morto, agora era o momento de perguntar. Ele endureceu ao ser conduzido, mais uma vez, aos aposentos de Al Mualim.

— Entre, Altaïr. Espero que esteja descansado. Pronto para o restante de seus testes — disse o Mestre.

— Estou. Mas, antes, quero falar com você. Tenho perguntas...

Al Mualim demonstrou sua desaprovação ao erguer o queixo e franzir ligeiramente os lábios. Sem dúvida, lembrava-se da última ocasião na qual Altaïr o pressionara por respostas. E Altaïr também, que decidira ser mais cauteloso dessa vez, realmente interessado em não ver o reaparecimento da lâmina do Mestre.

— Pergunte, então — concedeu Al Mualim. — Farei o melhor possível para responder.

Altaïr inspirou fundo.

— O Rei Mercador de Damasco assassinou os nobres que governavam sua cidade. Em Jerusalém, Majd Addin usava o medo para forçar seu povo à submissão. Desconfio que William pretendia assassinar Ricardo e tomar Acre com seus soldados. Era para esses homens ajudarem seus líderes. Em vez disso, decidiram traí-los. O que eu não entendo é *por quê*.

— A resposta não é óbvia? Os Templários desejam o controle. Cada homem, como você notou, queria reivindicar suas cidades em nome dos Templários para que os próprios Templários pudessem governar a Terra Santa e, eventualmente,

mais além. Mas não obtiveram sucesso em sua missão.

— Por quê? — perguntou Altaïr.

— Seus planos dependem do Tesouro Templário... o Pedaço do Éden... Mas nós agora o possuímos. E, sem isso, eles não têm esperanças de realizar seus objetivos.

Claro, pensou Altaïr. Foi esse o item ao qual muitos de seus alvos se referiram.

— O que é esse tesouro? — quis saber ele.

Al Mualim sorriu, então foi ao fundo de seu aposento, curvou-se e abriu um baú. Tirou dele uma caixa, retornou à sua escrivaninha e a colocou sobre ela. Mesmo sem olhar, Altaïr sabia o que era, mas, mesmo assim, seu olhar foi atraído para ela — não, *arrastado* para ela. Era a caixa que Malik havia recuperado do Templo e, assim como antes, ela parecia brilhar, irradiar uma espécie de poder. Ele soubera o tempo todo, percebeu, que aquele era o tesouro do qual falavam. Seus olhos foram da caixa para Al Mualim, que estivera observando sua reação. O rosto do Mestre exibia uma expressão indulgente, como se tivesse visto muitos se comportarem daquela maneira. E soubesse que aquilo era apenas o começo.

Alcançou a caixa e dela tirou um globo, mais ou menos do tamanho de dois punhos: um globo dourado com desenho de um mosaico que parecia pulsar com energia, de modo que Altaïr se descobriu imaginando se seus olhos o estavam enganando. Se aquilo talvez estivesse... *vivo* de algum modo. Mas se distraiu. Em vez disso, sentiu o globo puxá-lo.

— Isso é... tentação — entoou Al Mualim.

E subitamente, como uma vela apagada com um sopro, o globo parou de pulsar. Sua aura sumiu. Sua atração subitamente parou de existir. Era... apenas um globo novamente: um objeto antigo, belo a seu modo, mas, mesmo assim, uma mera bugiganga.

— É apenas um pedaço de prata... — disse Altaïr.

— Olhe para ele — insistiu Al Mualim.

— Brilhou por um breve momento, mas não há realmente nada de espetacular em relação a ele — afirmou Altaïr. — O que supostamente devo ver?

— Este “pedaço de prata” causou a expulsão de Adão e Eva. *Isto é a Maçã*. Isto transformou cajados em cobras. Abriu e fechou o Mar Vermelho. Éris usou

isso para provocar a Guerra de Troia. E, com isso, um pobre carpinteiro transformou água em vinho.

A Maçã, o Pedaço de Éden? Altaïr olhou o objeto com desconfiança.

— Tem uma aparência bastante comum para todos esses poderes que você alega — observou. — Como funciona?

— Quem o possui comanda corações e mentes de quem quer que olhe para ele... Quem quer que o "prove", como dizem.

— Então os homens de De Naplouse... — disse Altaïr, pensando nas pobres criaturas no hospital.

— Uma experiência. Ervas são usadas para simular seus efeitos... Para estarem preparados para quando os possuírem.

Altaïr então entendeu.

— Talal os forneceu. Tamir os equipou. Estavam sendo preparados para alguma coisa... Mas o quê?

— Guerra — falou Al Mualim, inflexível.

— E os outros... Os homens que governavam as cidades... Eles pretendiam ganhar suas populações. Fazê-las gostar dos homens de De Naplouse.

— Os cidadãos perfeitos. Os soldados perfeitos. Um mundo perfeito.

— Robert de Sablé jamais deve recuperar isso — disse Altaïr.

— Enquanto ele e seus irmãos viverem, eles tentarão — afirmou Al Mualim.

— Então eles devem ser destruídos.

— E é isso o que eu tenho mandado você fazer — sorriu Al Mualim. — Há mais dois Templários que precisam de sua atenção — disse ele. — Um em Acre, conhecido como Sibrand. Outro em Damasco, chamado Jubair. Visite os líderes do Bureau. Eles lhe darão mais instruções.

— Como deseja — concordou Altaïr, baixando a cabeça.

— Seja rápido — sugeriu Al Mualim. — Sem dúvida Robert de Sablé está nervoso com nosso sucesso contínuo. O restante de seus seguidores fará o possível para expor você. *Sabem* que você vai chegar: o homem do capuz branco. Estarão à sua procura.

— Não me encontrarão. Sou apenas uma lâmina na multidão — disse Altaïr.

Al Mualim sorriu, mais uma vez orgulhoso de seu pupilo.

25

Foi Al Mualim quem lhes ensinara o Credo, aos jovens Altaïr e Abbas. O Mestre enchera suas jovens cabeças com os princípios da Ordem.

Todos os dias, após um desjejum de pão ázimo e tâmaras, governantas rigorosas verificavam se eles tinham sido bem lavados e estavam bem-vestidos. Depois, com livros presos ao peito, eles se apressavam ao longo dos corredores, com as sandálias estalando nas pedras, conversando animadamente até chegarem à porta do gabinete do Mestre.

Ali seguiam um ritual. Ambos passavam a mão sobre a própria boca para irem de um rosto alegre para um sério, o rosto que o Mestre esperava. Então um deles batia na porta. Por alguma razão, ambos gostavam de bater, por isso faziam um revezamento diário. Então esperavam que o Mestre os mandasse entrar. Lá dentro, sentavam-se com as pernas cruzadas sobre almofadas que Al Mualim providenciara especialmente para eles — uma para Altaïr e uma para seu irmão, Abbas.

Quando a tutela começara, eles sentiram medo e insegurança; deles mesmos, um do outro e, em particular, de Al Mualim, que lhes ensinava pela manhã e à tarde, com um treinamento no pátio, e depois novamente à noite. Longas horas passadas aprendendo os modos da Ordem, observando o Mestre caminhar pelo gabinete com as mãos nas costas, parando de vez em quando para repreendê-los se pensasse que não estavam prestando atenção. Ambos achavam desconcertante o único olho de Al Mualim e às vezes sentiam que estavam sendo constantemente observados por ele. Até que certa noite Abbas sussurrara no quarto deles:

— Ei, Altaïr?

Altaïr virou-se para ele, surpreso. Nenhum dos dois havia feito isso antes, começar a falar após as luzes terem sido apagadas. Eles ficavam deitados em silêncio, cada qual perdido em seus pensamentos. Até aquela noite. A lua estava cheia, e o lençol na janela deles tinha um brilho branco, iluminando o quarto com um suave tom cinzento. Abbas estava deitado em seu lado, olhando para Altaïr no dele, e, quando obteve a atenção do outro menino, colocou a mão sobre um olho e disse, em uma imitação quase perfeita de Al Mualim:

— Não somos nada, se não formos fiéis ao Credo dos Assassinos.

Altaïr caiu na risada e, dali em diante, os dois se tornaram amigos. Então, quando Al Mualim os repreendia era por causa do riso abafado que ele ouvia ao virar as costas. De repente, as governantas passaram a achar que seus deveres não eram tão humildes e complacentes.

E Al Mualim lhes ensinou os princípios. Os princípios que Altaïr negligenciaria mais tarde na vida, a um custo quase fatal para ele. Al Mualim lhes disse que os Assassinos não eram matadores indiscriminados, não como o mundo em geral gostava de pensar, mas eram incumbidos apenas do assassinato dos maus e dos corruptos. A missão deles era levar paz e estabilidade à Terra Santa, fomentar nela um código não de violência e conflito, mas de pensamento e contemplação.

Ensinou-lhes a dominar seus sentimentos e suas emoções, a ocultar sua posição e ser absorvidos pelo mundo em volta deles, de modo a conseguirem se movimentar entre pessoas normais sem serem detectados, como se fossem espaços em branco, fantasmas na multidão. Para as pessoas, o Assassino precisa ser uma espécie de magia que elas não entendem, disse ele, mas aquilo, como toda mágica, era realidade dobrada à vontade do Assassino.

Ele lhes ensinou a proteger a Ordem o tempo todo; que a Irmandade era "mais importante do que você, Altaïr. É mais importante do que você, Abbas. É mais importante do que Masyaf e eu mesmo". Portanto, a ação de um Assassino nunca deveria causar dano à Ordem. O Assassino nunca deveria comprometer a Irmandade.

E, embora Altaïr certo dia também desconsiderasse essa doutrina, não foi por falta dos ensinamentos de Al Mualim. Ele lhes ensinou que homens criaram fronteiras e declararam que tudo dentro desses limites era "verdadeiro" e "real",

mas de fato eram perímetros falsos, impostos por aqueles que se presumiam líderes. Ele lhes mostrou que os limites da realidade eram infinitamente mais amplos do que a restrita imaginação da humanidade era capaz de conceber, e que apenas alguns poucos conseguiam enxergar além desses limites — apenas uns poucos ousavam até mesmo questionar sua existência.

E esses eram os Assassinos.

E porque os Assassinos eram capazes de ver o mundo como realmente era, tudo para eles era possível — tudo era permitido.

Todos os dias, à medida que Altaïr e Abbas aprendiam cada vez mais sobre a Ordem, eles se tornavam mais próximos. Passavam quase todos os dias juntos. O que quer que Al Mualim lhes ensinasse, a realidade deles do dia a dia era de fato insatisfatória. Ela consistia em cada um dos dois, governantas, as aulas de Al Mualim e uma sucessão de treinamentos de combate, cada qual com uma especialidade diferente. E, longe de tudo ser permitido, praticamente nada o era. Qualquer entretenimento era providenciado pelos próprios meninos, e assim passavam longas horas conversando quando deveriam estar estudando. Um assunto sobre o qual raramente falavam era seus pais. A princípio, Abbas falara apenas de Ahmad voltar algum dia a Masyaf, mas, à medida que os meses se transformavam em anos, ele falava cada vez menos disso. Altaïr o via parado diante da janela, observando o vale com os olhos brilhando. Então seu amigo começou a se retrair e se tornar menos comunicativo. Não era mais de sorrir tão depressa. Se antes ele passava horas conversando, agora, em vez disso, ficava parado diante da janela.

Altaïr pensou: se ao menos ele soubesse. A dor de Abbas resplandeceria e se intensificaria, depois se fixaria em uma dor, justamente o que Altaïr vivenciara. A morte de seu pai lhe doía todos os dias, mas pelo menos ele *sabia*. Essa era a diferença entre uma dor entorpecida e uma constante sensação de desamparo.

Então, certa noite, após as velas terem sido apagadas, ele contou a Abbas. Cabisbaixo, lutando contra as lágrimas, ele contou a Abbas que Ahmad foi para seus aposentos e ali tirara a própria vida, mas que Al Mualim decidira que era melhor esconder esse fato da Irmandade.

— Para proteger você. Mas o Mestre não tem presenciado em primeira mão seus anseios. Eu também perdi meu pai, e sei o que é isso. Sei que a dor diminui com o tempo. Ao lhe contar isso, espero estar ajudando você, meu amigo.

Abbas simplesmente pestanejou na escuridão, então virou-se na cama. Altaïr estivera pensando no tipo de reação que deveria esperar de Abbas. Lágrimas? Raiva? Descrença? Ele havia se preparado para todas elas. Até mesmo trancar Abbas e impedi-lo de ir até o Mestre. O que não havia esperado era esse... vazio. Esse silêncio.

26

Altaïr estava em um telhado de Damasco olhando para seu próximo alvo abaixo.

O cheiro de combustão o deixava enjoado. A visão também. De livros sendo queimados. Altaïr observava-os enrugar, enegrecer e queimar, pensando em seu pai, que teria ficado desgostoso; Al Mualim também ficaria, quando lhe contasse. Queimar livros era uma afronta ao modo de vida dos Assassinos. O aprendizado é conhecimento, e conhecimento é liberdade e poder. Ele sabia disso. De algum modo, havia esquecido, mas soube disso mais uma vez.

Mantinha-se longe da vista na beirada do telhado que dava para o pátio do Madraçal de Jubair, em Damasco. Fumaça se erguia na direção de onde ele estava, mas toda a atenção abaixo estava concentrada na fogueira, a qual tinha pilhas de livros, documentos e rolos de pergaminho no centro. Na fogueira e em Jubair al-Hakim, que se encontrava ali perto, vociferando ordens. Todos faziam o que ele mandava, exceto um, notou Altaïr. Aquele erudito mantinha-se afastado, fitando o fogo, e sua expressão fazia os pensamentos de Altaïr ecoar.

Jubair usava botas de couro, turbante preto e tinha uma carranca permanente. Altaïr observava-o cuidadosamente: tinha aprendido muito sobre ele. Jubair era o principal erudito de Damasco, mas apenas no nome, pois era um erudito incomum que insistia não na propagação do conhecimento, mas na sua destruição. Para essa atividade, ele recrutara os acadêmicos da cidade, cuja presença era incentivada por Salah Al'din.

E por que faziam isso, juntar e depois destruir aqueles documentos? Em nome de algum "novo modo" ou "nova ordem" da qual Altaïr já ouvira falar. Exatamente no que implicava não estava claro. Ele sabia, porém, *quem* estava por

trás daquilo. Os Templários, e sua presa era um deles.

— Cada um dos textos desta cidade deve ser destruído.

Abaixo dele, Jubair incitava seus homens com o zelo de um fanático. Seus ajudantes eruditos corriam de um lado ao outro com braçadas de papéis que apanhavam de algum lugar escondido de Altaïr. Jogavam-nos nas chamas, que vicejavam e cresciam com cada nova remessa. Com o canto do olho, ele viu o erudito afastado se tornar cada vez mais agitado, até subitamente, como se não conseguisse mais se conter, saltar adiante para enfrentar Jubair.

— Meu amigo, não deve fazer isso — pediu ele, seu tom jovial desmentindo sua óbvia aflição. — Há muito conhecimento nesses pergaminhos, colocados neles por um bom motivo pelos nossos ancestrais.

Jubair parou e encarou-o com evidente desprezo.

— E que *motivo* foi esse? — rosnou.

— Eles são faróis destinados a nos orientar, nos salvar da escuridão que é a ignorância — implorou o erudito. As chamas dançavam bem alto às suas costas. Vieram mais eruditos com braçadas de livros que depositaram na fogueira, alguns lançando nervosos olhares de relance para onde estavam Jubair e o homem que reclamava.

— Não. — Jubair deu um passo à frente, forçando o opositor a recuar um passo. — Esses pedaços de papéis estão cobertos de mentiras. Eles envenenam suas mentes. E, enquanto existirem, vocês não podem esperar ver o mundo como ele é realmente.

Tentando desesperadamente ser razoável, o erudito ainda não conseguia esconder a frustração.

— Como pode acusar esses pergaminhos de serem armas? São instrumentos de saber.

— Vocês se voltam a eles por respostas e salvação. — Jubair deu outro passo adiante, e o manifestante, outro para trás. — Vocês acreditam mais neles do que em vocês mesmos. Isso os torna fracos e estúpidos. Confiam em palavras. Pingos de tinta. Já pararam para pensar em quem os pôs ali? Ou por quê? Não. Simplesmente aceitam suas palavras sem questionar. E se essas palavras disserem falsidades, como geralmente o fazem? Isso é perigoso.

O erudito pareceu confuso. Como se alguém estivesse lhe dizendo que preto era branco, noite era dia.

— Você está errado — insistiu ele. — Esses textos oferecem a dádiva do conhecimento. Nós precisamos deles.

Jubair ficou contrariado.

— Você ama seus preciosos escritos? Faria qualquer coisa por eles?

— Sim, faria. É claro.

Jubair deu um sorriso. Um sorriso cruel.

— Então junte-se a eles.

Plantando ambas as mãos no peito do erudito, Jubair empurrou-o para trás, com força. Por um segundo, ele meio que tombou. Seus olhos ficaram então arregalados de surpresa, e seus braços se agitaram loucamente, como se esperasse voar para se livrar da fogueira voraz. Então foi levado pelo ímpeto do empurrão, caindo nas chamas, debatendo-se em um leito de calor abrasador. Gritou e esperneou. Seu manto se incendiou. Por um momento, ele pareceu tentar apagar as chamas, as mangas da roupa já ardendo. Então os gritos pararam. E, contido na fumaça que se erguia até Altaïr, estava o nauseante cheiro de carne humana queimando. Ele tapou o nariz. No pátio abaixo, os eruditos fizeram o mesmo.

Jubair dirigiu-se a eles:

— Qualquer homem que fale como ele falou é o mesmo que uma ameaça. Algum outro de vocês deseja me desafiar?

Não houve resposta; olhos temerosos observavam por cima de mãos tapando narizes.

— Ótimo — disse Jubair. — Suas ordens são bastante simples. Vão pela cidade. Juntem quaisquer escritos que tenham restado e juntem-nos às pilhas nas ruas. Após fazerem isso, enviaremos uma carroça para recolhê-los a fim de que sejam destruídos.

Os eruditos partiram. E agora o pátio estava vazio. Uma bela área coberta de mármore para sempre manchada pela obscenidade do fogo. Jubair andou em volta dele, olhando as chamas. De vez em quando, lançava um olhar nervoso à sua volta, e parecia escutar cuidadosamente. Mas, se ouvia alguma coisa, era o crepitar do fogo e o som de sua própria respiração. Descontraiu um pouco, o que fez Altaïr sorrir. Jubair sabia que os Assassinos estavam vindo atrás dele. Achando-se mais esperto do que seus carrascos, enviara chamarizes para as ruas da cidade — chamarizes com seus guarda-costas mais confiáveis, para que a fraude fosse completa. Altaïr movimentou-se silenciosamente pelo telhado até

ficar diretamente acima do queimador de livros, que pensava estar a salvo ali, trancado em seu madraçal.

Mas não estava. E ele havia executado seu último subordinado, queimado seu último livro.

Clique.

Jubair olhou para cima e viu o Assassino descer em sua direção, com a lâmina estendida. Tarde demais, ele tentou disparar para fora do caminho, mas a lâmina penetrou no seu pescoço. Com um suspiro, desabou sobre o mármore.

Seus olhos piscavam intensamente.

— Por que... Por que você fez isso?

Altaïr olhou para o cadáver enegrecido do erudito no fogo. Como a carne havia sido consumida do crânio, era como se ele estivesse sorrindo.

— Os homens devem ser livres para fazer aquilo que acreditam — falou para Jubair. E retirou a lâmina de seu pescoço. O sangue pingou no mármore. — Você não tem o direito de castigar uma pessoa pelo que ela pensa, não importa o quanto discorde.

— Fazer o quê, então? — pronunciou ofegantemente o moribundo.

— Você, dentre todos, deveria saber a resposta. Educá-los. *Mostrar*-lhes o certo e o errado. O conhecimento é que deve libertá-los, não a força.

Jubair deu uma risadinha.

— Eles não aprendem, presos a seus modos como estão. Você é ingênuo em pensar o contrário. Trata-se de uma doença, Assassino, para a qual só há uma cura.

— Está enganado. E é por isso que tem que ser colocado para descansar.

— Eu sou diferente daqueles preciosos livros que você procura salvar? Uma fonte de conhecimento da qual discorda? Mesmo assim, foi rápido em roubar minha vida.

— Um pequeno sacrifício para salvar muitos. É necessário.

— Não são antigos pergaminhos que inspiram os Cruzados? Que enchem Salah Al'din e seus homens com um senso de justificada fúria? Seus textos colocam outros em perigo. Trazem morte em seu rastro. Eu também estava fazendo um pequeno sacrifício. — Sorriu. — Pouco importa agora. Sua ação está terminada. E a minha também.

Ele morreu, seus olhos se fechando. Altaïr levantou-se. Olhou em volta do

pátio, vendo nele beleza e feiura. Então, ouvindo passadas se aproximarem, desapareceu. Sobre os telhados e pelas ruas. Misturando-se à cidade. Tornando-se apenas uma lâmina na multidão...

— Tenho uma pergunta para *você* — disse Al Mualim, quando voltaram a se encontrar. Ele havia devolvido todos os direitos a Altaïr e, finalmente, o Assassino era novamente um Mestre Assassino. Mesmo assim, era como se seu mentor quisesse se certificar. Quisesse ter certeza de que Altaïr tinha aprendido.

— O que é a verdade?

— Nós colocamos fé em nós mesmos — retorquiu Altaïr, ansioso para agradá-lo, querendo lhe mostrar que havia mudado de fato. Que sua decisão de mostrar piedade fora a correta. — Vemos o mundo como ele realmente é, e esperamos que um dia toda a humanidade talvez possa ver a mesma coisa.

— O que é o mundo, então?

— Uma ilusão — respondeu Altaïr. — Uma ilusão à qual podemos nos submeter, como faz a maioria, ou transcendê-la.

— E o que é transcender?

— Reconhecer que leis se originam não da divindade, mas da razão. Entendo agora que nosso Credo não nos manda ser livres. — E, de repente, ele realmente entendeu. — Ele nos manda ser sensatos.

Até agora ele acreditara no Credo, mas sem saber seu verdadeiro significado. Era um apelo para interrogar, aplicar pensamento, aprendizado e razão a todos os empreendimentos.

Al Mualim assentiu.

— Percebe agora por que os Templários são uma ameaça?

— Enquanto nós banimos a ilusão, eles a usam como regra.

— Sim. Para remodelar o mundo em uma imagem mais agradável para eles. Foi por isso que mandei você roubar o tesouro deles. É por isso que o mantenho trancado. E é por isso que você os mata. Desde que apenas um sobreviva, ele também desejará criar uma Nova Ordem Mundial. Você deve agora procurar Sibrand. Com sua morte, Robert de Sablé ficará finalmente vulnerável.

— Isso será feito.

— Que segurança e paz estejam com você, Altaïr.

27

Altaïr fez o que esperava ser uma última viagem a Acre — desfigurada pela guerra, sobre a qual pendia a permanente mortalha. Ali, realizou suas investigações e depois visitou Jabal no Bureau para apanhar seu marcador. À menção do nome de Sibrand, Jabal assentiu sabiamente.

— Conheço o homem. Recentemente nomeado líder dos Cavaleiros Teutônicos, ele reside no Quarteirão Veneziano e dirige o porto de Acre.

— Já tomei conhecimento disso, e de muito mais.

Jabal ergueu impressionadas sobrancelhas.

— Continue então.

Altaïr contou-lhe como Sibrand havia recrutado os navios do cais, com a intenção de montar um bloqueio. Mas não para evitar um ataque de Salah Al'din. Esse foi o aspecto mostrado. De acordo com o que Altaïr descobrira, Sibrand planejava evitar que os homens de Ricardo recebessem suprimentos. Isso fazia perfeito sentido. Os Templários estavam traindo os seus. Aparentemente, tudo começava a se tornar claro para ele: a natureza do artefato roubado, a identidade da Irmandade juntando todos os seus alvos, até mesmo seu derradeiro objetivo. Ainda assim...

Havia uma sensação da qual ele não conseguia se livrar. Uma sensação de que, mesmo agora, a incerteza rodopiava à sua volta como a névoa do início da manhã.

— Dizem que Sibrand é consumido pelo medo, levado à loucura pelo conhecimento de que sua morte se aproxima. Ele cerrou o distrito do cais, e agora se esconde lá, esperando a chegada de seu navio.

Jabal refletiu.

— Isso torna as coisas perigosas. Fico imaginando se ele soube de sua missão.

— Os homens que matei, todos eles estão ligados. Al Mualim me alertou que a notícia de meus feitos se espalhou entre eles.

— Fique atento, Altaïr — disse Jabal, entregando-lhe a pena.

— Claro, *rafiq*. Mas acho que isso agirá a meu favor. O medo o enfraquecerá.

Ele se virou para ir embora, mas, ao fazer isso, Jabal o chamou de volta.

— Altaïr...

— Sim?

— Eu lhe devo desculpas.

— Por quê?

— Por duvidar de sua dedicação à nossa causa.

Altaïr pensou.

— Não. Fui eu que errei. Acreditei que estava acima do Credo. Você não me deve nada.

— Como quiser, meu amigo. Vá em segurança.

Altaïr foi até o cais, e deslizou pelo cordão de isolamento de Sibrand tão facilmente quanto respirava. Atrás dele erguiam-se as muralhas de Acre, em vários estados de dilapidação; adiante dele, o porto estava repleto de navios e plataformas, cascos e carcaças de madeira. Alguns eram barcos que funcionavam, outros, do cerco, que foram deixados para trás. Eles tinham transformado o mar azul cintilante em um oceano marrom de pedaços de naufrágios.

O cais de pedras cinzentas desbotadas pelo sol tinha sua própria cidade. Quem trabalhava e vivia ali era gente do cais — eles tinham a aparência de gente do cais. Tinham modos tranquilos e rostos marcados pela exposição ao tempo, acostumados a sorrir.

Mas não atualmente. Não sob o comando de Sibrand, o Grão-Mestre dos Cavaleiros Teutônicos. Ele não apenas ordenara que a área fosse lacrada, como a enchera de guardas. O medo de ser assassinado era como um vírus que se espalhara pelo seu exército. Grupos de soldados andavam pelo cais com olhos errantes. Viviam tensos, a mão constantemente voando para o cabo da espada de folha larga. Estavam nervosos, suando debaixo de pesada cota de malha de ferro.

Percebendo um tumulto, Altaïr foi na direção dele, vendo cidadãos e soldados fazerem o mesmo. Um cavaleiro gritava com um homem santo. Por

perto, seus companheiros observavam, aflitos, enquanto trabalhadores do cais e mercadores haviam se reunido para assistir ao espetáculo.

— E-Está enganado, Mestre Sibrand. Eu jamais sugeri violência contra qualquer homem, e muito certamente não contra você.

Então aquele era Sibrand. Altaïr observou o cabelo negro, a testa funda e os olhos ríspidos que pareciam girar loucamente, como os de um cão enlouquecido pelo sol. Ele havia se equipado com todas as armas possíveis, e seus cinturões cediam sob o peso de espadas, adagas e facas. Atravessado nas costas estava seu arco longo, aljavas com flechas salientando acima do ombro direito. Parecia exausto. Um homem aniquilado.

— É o que você diz — rebateu ele, cobrindo o padre de gotas de saliva —, mas ninguém aqui garantiria isso. O que devo fazer a respeito?

— E-Eu levo uma vida simples, meu senhor, como todos os homens do clero. Não é de nosso feitio chamar a atenção para nós mesmos.

— Talvez. — Ele fechou os olhos. Então estes se abriram de repente. — Ou talvez eles não o conheçam porque não é um homem de Deus, mas um Assassino.

E, com isso, empurrou o padre para trás, fazendo o velho cair dolorosamente e depois se arrastar para se pôr de joelhos.

— Nunca — insistiu ele.

— Você usa o mesmo manto.

O homem santo agora estava desesperado.

— Se eles se cobrem do mesmo modo que nós, isso é apenas para provocar incerteza e medo. Não deve se deixar levar.

— Está me chamando de covarde? — berrou Sibrand, a voz falhando. — Está desafiando a minha autoridade? Está, talvez, querendo virar os meus próprios cavaleiros contra mim?

— Não. *Não*. N-Não entendo por que está f-fazendo isso comigo... Não fiz nada de errado.

— Não me lembro de tê-lo acusado de qualquer mau procedimento, o que torna sua explosão um tanto estranha. É a presença da culpa que o força à confissão?

— Mas não estou confessando nada — alegou o padre.

— Ah. Desafiador até o fim.

O padre parecia horrorizado. Quanto mais falava, pior ficava.

— O que quer dizer com isso?

Altaïr ficou observando enquanto uma sucessão de emoções percorria o rosto do velho: medo, confusão, desespero, impotência.

— William e Garnier foram confiantes demais. E por isso pagaram com a vida. Eu não cometerei o mesmo erro. Se você é de fato um homem de Deus, então certamente o Criador proverá por você. Que ele esteja em minha mão.

— Você enlouqueceu — bradou o padre. Virou-se para implorar aos espectadores. — Nenhum de vocês se apresentará para deter isto? Ele claramente foi envenenado pelo próprio medo, forçado a ver inimigos onde não há nenhum.

Seus companheiros arrastaram os pés desajeitadamente, mas nada disseram. E também os cidadãos, que olharam para ele impassíveis. O padre não era um Assassino, podiam ver isso, mas não importava o que pensavam. Todos estavam simplesmente felizes por não serem o alvo da fúria de Sibrand.

— Parece que as pessoas compartilham minha preocupação — declarou Sibrand. Ele desembainhou a espada. — O que faço, faço por Acre.

O padre soltou um grito agudo quando Sibrand enfiou a espada nas suas tripas e girou-a, depois a retirou e a limpou. O velho debateu-se sobre o cais e então morreu. Os guardas de Sibrand pegaram seu corpo e o atiraram na água.

Sibrand viu-o ser levado.

— Homens, fiquem vigilantes. Avisem à guarda sobre qualquer atividade suspeita. Duvido que tenhamos visto o último desses Assassinos. Canalhas persistentes... Agora, voltem ao trabalho.

Altaïr observou enquanto ele e dois guarda-costas seguiram até um barco a remo. O corpo do padre se chocou contra o casco quando a embarcação foi baixada, depois passou a flutuar entre o entulho do porto. Altaïr olhou para o mar e avistou um navio maior mais além. Devia ser o refúgio de Sibrand, pensou ele. Seus olhos foram de volta para o esquife de Sibrand. Pôde ver o cavaleiro esticando-se para vasculhar a água à sua volta. À procura de Assassinos. Sempre à procura deles. Como se pudessem surgir da água à sua volta.

Que era exatamente o que ele iria fazer, decidiu Altaïr, indo até o casco de navio mais próximo e pulando para ele, facilmente atravessando barcos e plataformas até se aproximar do navio de Sibrand. Ali o viu subir para o convés principal, e seus olhos vasculharam a água em volta. Altaïr ouviu-o ordenar aos

guardas que protegessem os conveses inferiores, depois seguiu para uma plataforma perto do navio.

Um vigia viu-o se aproximar e estava para erguer seu arco quando Altaïr o acertou com uma faca de arremesso, amaldiçoando-se por não ter tido tempo de preparar o abate. Dito e feito, em vez de cair silenciosamente sobre a madeira da plataforma, a sentinela caiu na água com um estrondo.

Os olhos de Altaïr seguiram rapidamente para o convés do navio principal, onde Sibrand também ouvira o ruído, e já estava começando a entrar em pânico.

— Eu sei que você está aí, Assassino — guinchou. Ele soltou o arco. — Por quanto tempo acha que vai conseguir se esconder? Tenho uma centena de homens percorrendo o cais. Eles o encontrarão. E, quando o encontrarem, você sofrerá pelos seus pecados.

Altaïr abraçou a estrutura da plataforma, ficando fora de vista. A água lambia seus suportes. Fora isso, silêncio. Uma quietude quase fantasmagórica, que devia enervar Sibrand tanto quanto agradava Altaïr.

— Apareça, covarde — insistiu Sibrand. O medo estava em sua voz. — Enfrente-me e vamos acabar logo com isso.

Tudo a seu tempo, pensou Altaïr. Sibrand disparou uma flecha para o nada, depois encaixou e disparou outra.

— Fiquem atentos, homens — gritou Sibrand para os conveses inferiores. — Ele está em algum lugar aí fora. Encontrem-no. Acabem com sua vida. Ganhará uma promoção quem me trouxer a cabeça do Assassino.

Altaïr saltou da plataforma para o navio, pousando com um leve baque surdo que pareceu ressoar em volta da área de águas silenciosas. Esperou, grudado ao casco, ouvindo acima os berros de pânico de Sibrand. E começou a escalar. Esperou até Sibrand ficar de costas e então pulou para o deque, ficando então a poucos centímetros do Grão-Mestre dos Cavaleiros Teutônicos, que vagava pelo convés, berrando ameaças para o mar vazio, proferindo insultos e dando ordens a seus guardas, que se movimentavam apressadamente lá embaixo.

Sibrand era um homem morto, pensou Altaïr, enquanto se aproximava sorrateiramente pelas suas costas. Já tinha morrido havia muito tempo por causa de seu próprio medo, embora fosse estúpido demais para reconhecer isso.

— Por favor... não faça isso — disse ele, ao dobrar para o convés com a lâmina de Altaïr no pescoço.

— Está com medo? — perguntou o Assassino. E recolheu sua lâmina.

— Claro que estou — respondeu Sibrand, como se se dirigisse a um idiota.

Altaïr pensou na insensibilidade de Sibrand diante do padre.

— Mas agora está seguro — disse ele—, segure-se nos braços do seu Deus...

Sibrand soltou uma ligeira risada.

— Os seus irmãos não lhe ensinaram nada? Eu sei o que me espera. Para todos nós.

— Se não é o seu Deus, então o quê?

— Nada. Nada espera. E é isso que eu temo.

— Você não crê? — surpreendeu-se Altaïr. Seria verdade? Sibrand não tinha fé? Em nenhum Deus?

— Como poderia, sabendo o que sei. O que vi. Nosso tesouro foi a prova.

— Prova de quê?

— De que esta vida é tudo que temos.

— Demore-se mais um pouco, então — exigiu Altaïr —, e me conte que papel você desempenhou.

— Um bloqueio marítimo — disse-lhe Sibrand —, para evitar que reis e rainhas idiotas enviassem reforços. Assim que... Assim que... — Ele estava indo depressa.

— ...a Terra Santa fosse conquistada? — completou Altaïr.

Sibrand tossiu. Quando voltou a falar, os dentes expostos estavam cobertos de sangue.

— *Libertada*, seu idiota. Da tirania da fé.

— Liberdade? Vocês agiam para subjugar cidades. Controlar as mentes dos homens. Mataram todos que se opuseram a vocês.

— Eu segui minhas ordens, acreditando na minha causa. O mesmo que você.

— Não tenha medo — disse Altaïr, fechando os olhos dele.

— Estamos perto, Altaïr.

Al Mualim saiu de trás de sua escrivaninha, movimentando-se através de um duro raio de luz que brilhava pela janela. Seus pombos arrulhavam contentes no calor da tarde, e havia aquele mesmo cheiro suave no ar. Entretanto, apesar do dia — e embora Altaïr tivesse recuperado seu posto e, mais importante, a confiança do Mestre —, ele ainda não conseguia se descontrair totalmente.

— Robert de Sablé é agora tudo que se encontra entre nós e a vitória — continuou Al Mualim. — Sua boca dá as ordens. Sua mão paga o ouro. Com ele morre o conhecimento do Tesouro Templário e qualquer ameaça que ele possa apresentar.

— Ainda não entendo como um simples pedaço de tesouro pode causar tanto caos — disse Altaïr. Estivera meditando sobre as misteriosas palavras finais de Sibrand. Estivera pensando no globo, o Pedaço de Éden. Vivenciara em primeira mão sua estranha atração, é claro, mas certamente aquilo tinha apenas o poder de ofuscar e distrair. Conseguiria de fato exercer um controle além daquele de qualquer ornamento desejável? Tinha de admitir que achava a ideia fantasiosa.

Al Mualim assentiu lentamente, como se lesse seus pensamentos.

— O Pedaço de Éden é tentação em uma dada forma. Veja o que fez a Robert. Assim que provou seu poder, este o consumiu. Ele não a via como uma arma perigosa que devia ser destruída, mas uma ferramenta... Uma que o ajudaria a realizar a ambição de sua vida.

— Então ele sonhava com *poder*?

— Sim e não. Ele sonhava, ainda sonha, como nós, com paz.

— Mas é um homem que quer ver a Terra Santa consumida por guerra...

— Não, Altaïr — exclamou Al Mualim. — Como não consegue enxergar, se foi você quem abriu os meus olhos para isso?

— O que quer dizer? — Altaïr estava intrigado.

— O que ele e seus seguidores querem? Um mundo no qual todos os homens sejam unidos. Não menosprezo seu objetivo. Eu o compartilho. Mas discordo dos meios. Paz é algo para ser aprendido. Para ser entendido. Para ser adotado, mas...

— Ele força isso. — Altaïr estava concordando com a cabeça. Entendendo.

— E, no processo, nos priva de nosso livre-arbítrio — concordou Al Mualim.

— Estranho... pensar nele desse modo — comentou Altaïr.

— Nunca nutra ódio pelas suas vítimas, Altaïr. Tais pensamentos são um veneno e anuviam nosso julgamento.

— Então ele poderia não ser convencido? De encerrar essa missão louca?

Al Mualim balançou a cabeça lenta e tristemente.

— Eu falo com ele, a meu modo, através de você. O que foi cada morte se não uma mensagem? Mas ele tem preferido nos ignorar.

— Então só resta uma coisa a fazer.

Finalmente Altaïr ia caçar De Sablé. A ideia o emocionava, mas ele teve o cuidado de equilibrar isso com cautela. Não cometeria novamente o erro de subestimá-lo. Nem De Sablé, nem ninguém.

— Jerusalém foi onde o enfrentou pela primeira vez. É onde o encontrará agora — disse Al Mualim, e soltou seu pássaro. — Vá, Altaïr. Está na hora de acabar com isso.

Altaïr partiu, descendo a escada até a porta da torre e saindo no pátio. Abbas estava sentado na cerca, e Altaïr sentiu seus olhos acompanhá-lo ao atravessar o pátio. Então parou e se virou para encará-lo. Fizeram contato visual, e Altaïr estava para dizer algo — não tinha certeza do quê —, mas achou melhor não fazê-lo. Havia uma missão à sua frente. Velhas feridas eram exatamente isso: velhas feridas. Inconscientemente, porém, sua mão foi para a lateral do corpo.

28

Na manhã seguinte após Altaïr ter contado a Abbas a verdade sobre seu pai, ele se mostrara ainda mais retraído, e nada que Altaïr pudesse dizer conseguiu tirá-lo daquele estado. Tomaram o desjejum em silêncio, sujeitando-se, de mau humor, às atenções de suas governantas, depois foram para o gabinete de Al Mualim e tomaram seus lugares no chão.

Se Al Mualim notara uma diferença em seus dois protegidos, ele nada disse. Talvez tivesse ficado particularmente contente pelo fato de os meninos se distraírem com menos facilidade naquele dia. Talvez ele simplesmente tivesse suposto que haviam discutido, como jovens eram inclinados a fazer.

Altaïr, contudo, permanecia perturbado, com a mente torturada. Por que Abbas não dissera nada? Por que não reagiu ao que lhe contara?

Ele teria a resposta mais tarde, naquele dia, quando foram, como de costume, para o pátio de treinamento. Ali, praticaram espada juntos, lutando como sempre. Mas hoje Abbas decidira que não queria usar as pequenas espadas de madeira com as quais lutavam normalmente, mas as espadas com as lâminas reluzentes com as quais planejavam se formar.

Labib, o instrutor deles, ficou encantado.

— Excelente, excelente — disse ele, batendo palmas —, mas, lembrem-se, não se ganha nada tirando sangue. Por favor, não vamos incomodar os médicos. Será um teste de controle e de astúcia como também de habilidade.

— Astúcia — disse Abbas. — Isso combina com você, Altaïr. É astuto e traiçoeiro.

Foram as primeiras palavras que ele dirigiu a Altaïr durante o dia todo. E, ao

pronunciá-las, Abbas olhou-o com tal desprezo, com tal ódio, que Altaïr soube que as coisas nunca seriam as mesmas entre os dois. Ele olhou para Labib, querendo lhe pedir, lhe implorar que não permitisse a disputa, mas este estava pulando todo contente a cerca que limitava o quadrilátero de treinamento, saboreando a perspectiva de, finalmente, assistir a um combate adequado.

Eles tomaram posição. Altaïr engoliu em seco, Abbas o encarou firmemente.

— Irmão — começou Altaïr —, o que eu disse ontem à noite, eu...

— *Não me chame de irmão!* — O berro de Abbas ressoou em torno do pátio. Então ele saltou na direção de Altaïr com uma ferocidade que o menino nunca vira nele antes. Mas, embora seus dentes estivessem trincados, ele podia ver as lágrimas que haviam se formado nos cantos dos olhos do outro. Ele sabia que era mais do que simples raiva.

— Não, Abbas — gritou ele, defendendo-se desesperadamente.

Olhou à esquerda e viu o olhar intrigado do instrutor. Ele claramente não sabia direito o que fazer em relação à explosão de Abbas ou à súbita hostilidade entre os dois. Altaïr viu mais dois Assassinos se aproximarem da área de treinamento, evidentemente tendo ouvido o grito de Abbas. Rostos surgiram na janela da torre de defesa junto à entrada da cidadela. Ele ficou imaginando se Al Mualim estava olhando...

Abbas estocou adiante com a ponta da espada, forçando Altaïr a desviar para o lado.

— Ora, Abbas... — repreendeu o Labib.

— Ele queria me matar, Mestre — berrou Altaïr.

— Não seja dramático, menino — disse o instrutor, embora não parecesse muito convincente. — Você podia aprender com o desempenho do seu irmão.

— *Eu não sou* — atacou Abbas. — Irmão. — As palavras do menino foram pontuadas com violentas estocadas da espada. — *Dele*.

— Contei aquilo para te ajudar — gritou Altaïr.

— Não — bradou Abbas. — Você mentiu. — Ele atacou novamente e houve um forte repique de aço. Altaïr viu-se lançado para trás pela força, batendo na cerca e quase caindo de costas por cima dela. Mais Assassinos haviam chegado. Alguns olhavam preocupados, outros queriam se divertir.

— Defenda-se, Altaïr, defenda-se — rugia Labib, batendo alegremente as mãos. Altaïr ergueu a espada, devolvendo os golpes de Abbas e forçando-o mais

uma vez para o centro do quadrilátero.

— Falei a verdade — sibilou ele ao se aproximarem, e as lâminas das espadas deslizaram uma na outra. — Eu lhe contei a verdade para acabar com o seu sofrimento, do mesmo modo que eu teria gostado que o meu terminasse.

— Você mentiu para me envergonhar — rebateu Abbas, caindo para trás e se posicionando, agachado e com um braço jogado para trás, como lhes ensinaram, enquanto a lâmina da espada tremia.

— *Não!* — gritou Altaïr. Ele dançou para trás quando Abbas investiu adiante. Mas, com um leve movimento do pulso, Abbas atingiu Altaïr com sua lâmina, abrindo um corte que despejou sangue quente pela lateral daquele que outrora chamara de irmão. Altaïr olhou de relance para Labib com olhos suplicantes, mas sua preocupação foi dispensada com um aceno. Ele passou a mão pelo lado do corpo e aproximou-se com os dedos sujos de sangue, que estendeu para Abbas.

— Pare com isso, Abbas — pediu. — Falei a verdade, na esperança de lhe dar consolo.

— Consolo — repetiu Abbas. O menino agora falava para a multidão que se formara. — Para me *consolar*, ele me diz que meu pai se matou.

Houve um momento de silêncio perturbador. Altaïr olhou de Abbas para aqueles que agora observavam, incapaz de entender a reviravolta. O segredo que ele jurara manter fora tornado público.

Olhou acima para a torre de Al Mualim. Avistou o Mestre parado lá, observando, com as mãos nas costas e uma expressão ilegível no rosto.

— *Abbas* — gritou Labib, notando finalmente que havia algo errado —, *Altaïr*.

Os dois meninos lutadores, porém, o ignoraram, e suas espadas se encontraram novamente. Altaïr, com as dores do ferimento, era forçado a se defender.

— Pensei... — começou ele.

— Você pensou em me causar vergonha — gritou Abbas.

As lágrimas agora escorriam pelo seu rosto, enquanto circundava Altaïr e avançava mais uma vez, agitando loucamente a espada. Altaïr se agachou e encontrou um espaço entre o braço e o corpo de Abbas. Golpeou, abrindo um ferimento no braço esquerdo de Abbas, esperando que isso, pelo menos, o fizesse parar por tempo suficiente para que ele tentasse explicar...

Mas Abbas guinchou. E, com um grito final de guerra, saltou na direção de Altaïr, que desviou da espada descontrolada, usando o ombro para interromper o impulso à frente de Abbas, de modo que agora os dois rolavam pelo chão em uma confusão de terra e mantos ensanguentados. Por um momento, eles se agarraram, então Altaïr sentiu uma dor terrível do lado do corpo quando Abbas enfiou o polegar no seu ferimento, aproveitando a oportunidade para se torcer, deslocando-se para cima de Altaïr e prendendo-o ao solo. Do cinturão, puxou sua adaga e a colocou no pescoço de Altaïr. Seus olhos enlouquecidos estavam concentrados no oponente. Eles ainda vertiam lágrimas. Ele respirava pesadamente por entre os dentes trincados.

— *Abbas!* — veio o grito, não de Labib ou de qualquer outro que se aproximara para observar. Veio da janela de Al Mualim. — Largue imediatamente essa faca — rugiu ele, a voz trovejando no pátio.

Em resposta, Abbas soou pequeno e desesperado.

— Não até ele admitir.

— Admitir o quê? — berrou Altaïr, contorcendo-se, mas sendo mantido firme.

Labib havia pulado a cerca.

— Agora, Abbas — disse ele, com mãos apaziguadoras estendidas. — Faça o que o Mestre diz.

— Se você se aproximar mais, eu corto ele — grunhiu Abbas.

O instrutor parou.

— Ele vai colocá-lo nas celas por causa disso, Abbas. Não é assim que a Ordem se comporta. Olhe, aqui há cidadãos da aldeia. A notícia vai se espalhar.

— Não me importo — lamentou-se Abbas. — Ele precisa dizer isso. Precisa dizer que falou uma mentira sobre meu pai.

— Que mentira?

— Ele disse que meu pai se matou. Que ele foi aos aposentos de Altaïr para se desculpar e então cortou a própria garganta. Mas ele *mentiu*. Meu pai não se matou. Ele deixou a Irmandade. Esse foi seu pedido de desculpas. Vamos, diga que você mentiu. — Ele pressionou a ponta da adaga contra a garganta de Altaïr, tirando mais sangue.

— Abbas, pare com isso — urrou Al Mualim de sua torre.

— Altaïr, você mentiu? — perguntou Labib.

Um silêncio envolveu o pátio de treinamento: todos esperavam a resposta de Altaïr. Este olhou para Abbas.

— Sim — disse ele. — Eu menti.

Abbas recuou, agachado, e fechou os olhos bem apertados. Fosse qual fosse a dor que o atingia, ela parecia atormentar todo o seu corpo, e, ao largar a adaga com um retinir no chão do quadrilátero, ele começou a soluçar. Ainda soluçava quando Labib foi até ele e o agarrou rudemente pelo braço, puxando-o para colocá-lo de pé e o entregando a uma dupla de guardas, que se aproximaram correndo. Momentos depois, Altaïr foi igualmente agarrado. Ele também foi levado para as celas.

Posteriormente, Al Mualim decidiu que, após um mês no calabouço, eles retomariam seu treinamento. O crime de Abbas foi considerado o mais sério dos dois; fora ele quem permitira o descontrole de suas emoções e, ao fazê-lo, levou descrédito à Ordem. O castigo foi ter seu treinamento aumentado em um ano. Ainda estaria no pátio de treinamento com Labib quando Altaïr se tornasse um Assassino. A injustiça aumentou seu ódio por Altaïr, o qual lentamente passou a ver Abbas como uma figura amargurada, patética. Quando a cidadela esteve sob ataque, foi Altaïr quem salvou a vida de Al Mualim, sendo elevado a Mestre Assassino. Nesse dia, Abbas cuspiu na terra diante dos pés de Altaïr, mas este apenas olhou-o com desprezo. Abbas, decidiu ele, era fraco e ineficaz como o fora seu pai.

Talvez, olhando para trás, tivesse sido por isso que ele fora contaminado pela arrogância.

29

Ao chegar novamente ao Bureau de Jerusalém, Altaïr era um homem mudado. Não que tivesse cometido o erro de pensar que sua viagem havia acabado — esse teria sido um engano cometido pelo antigo Altaïr. Não, ele sabia que era apenas o começo. Era como se Malik também sentisse isso. Algo mudara no chefe do Bureau quando Altaïr entrou. Havia uma nova deferência e uma nova harmonia entre eles.

— Segurança e paz, Altaïr — saudou ele.

— Igualmente, irmão — respondeu Altaïr, e houve um momento encabulado entre eles.

— Parece que o destino tem um modo estranho em relação às coisas...

Altaïr assentiu.

— Então é verdade? Robert de Sablé está em Jerusalém?

— Vi pessoalmente os cavaleiros. — A mão de Malik foi para seu coto, onde antes ficava seu braço. Uma lembrança à menção dos Templários.

— Só o infortúnio segue esse homem. Se ele está aqui, é porque pretende alguma maldade. Não darei chance para que ele aja — disse Altaïr.

— Não deixe que a vingança encubra os seus pensamentos, irmão. Nós dois sabemos que nada de bom pode resultar disso.

Altaïr sorriu.

— Não esqueci desse conselho. Você nada tem a temer. Não procuro vingança, mas conhecimento.

Antes, ele teria dito tal coisa apenas papagueando, sabendo o que os crédulos esperavam dele. Agora, de fato acreditava nisso.

Mais uma vez, Malik entendeu de algum modo.

— Realmente, você não é o homem que outrora conheci — observou ele.

Altaïr concordou com a cabeça.

— Meu trabalho me ensinou muitas coisas. Revelou-me segredos. Mas ainda há peças desse quebra-cabeça que não possuo.

— O que quer dizer com isso?

— Todos os homens que matei trabalhavam juntos, unidos por esse homem. Robert tem planos para esta terra. Disso tenho toda a certeza. Mas como e por quê? Quando e onde? Essas coisas permanecem fora do alcance.

— Cruzados e sarracenos trabalhando juntos? — perguntou-se Malik em voz alta.

— Eles não são isso, mas outra coisa. Templários.

— Os Templários são uma parte do exército cruzado — lembrou Malik, embora a pergunta estivesse escrita por todo o seu rosto: como poderiam ser homens do rei Ricardo se permaneciam em Jerusalém? Andando pelas ruas da cidade?

— Ou é nisso que querem que o rei Ricardo acredite — supôs Altaïr. — Não. Sua única aliança é com Robert de Sablé e alguma ideia maluca de que *eles* acabarão com a guerra.

— Você está tecendo uma estranha trama.

— Você nem faz ideia, Malik...

— Então me conte.

Altaïr passou a contar a Malik o que descobrira até então.

— Robert e seus Templários estão pela cidade. Vieram prestar suas homenagens a Majd Addin. Eles comparecerão ao funeral dele. O que significa que eu também comparecerei.

— Por que os Templários compareceriam ao funeral de Majd?

— Ainda preciso adivinhar as verdadeiras intenções deles, mas terei uma confissão a tempo. Os próprios cidadãos estão divididos. Muitos temem pela própria vida. Mas outros insistem que eles estão aqui para negociar. Para fazer paz.

Ele pensou no orador que interrogara e que fora inflexível em afirmar que seus amos queriam um fim para a guerra. De Sablé, um cristão, iria ao funeral de Majd Addin, um muçulmano. Não seria essa a prova de que os Templários

buscavam uma Terra Santa unida? Os cidadãos eram hostis à ideia de os Templários estarem presentes em Jerusalém. A ocupação cruzada ainda estava fresca em suas mentes. Não era surpreendente que houvesse relatos de brigas entre Cruzados e sarracenos, que protestavam contra a visão de cavaleiros nas ruas. A cidade permanecia sem ser convencida pelos oradores que insistiam que eles vieram em nome da paz.

— *Paz?* — indagou agora Malik.

— Já lhe disse. Os outros que matei me disseram isso.

— Isso os tornaria nossos aliados. Mesmo assim, nós os matamos.

— Não se deixe enganar. Não somos nada como esses homens. Apesar de seu objetivo parecer nobre, os meios pelos quais eles o obtém não o são. Pelo menos... foi isso que Al Mualim me disse.

Ele ignorou o minúsculo verme de dúvida que escorregou para o fundo de seu estômago.

— Bem, e qual é o seu plano?

— Vou comparecer ao funeral e enfrentar Robert.

— Quanto mais cedo, melhor — concordou Malik, entregando a pena a Altaïr. — Que a sorte favoreça sua lâmina, irmão.

Altaïr pegou a pena marcadora. Engolindo em seco, ele falou:

— Malik... Antes de eu ir, tem uma coisa que preciso dizer.

— Então diga.

— Eu fui um idiota.

Malik soltou uma gargalhada seca.

— Normalmente, eu não discutiria, mas o que é isso? Do que está falando?

— Todo esse tempo... nunca lhe disse que sinto muito. O maldito orgulho. Você perdeu o braço por minha causa. Perdeu Kadar. Teve todo o direito de ficar furioso.

— Não aceito sua desculpa.

— Eu entendo.

— Não. Não entende. Não aceito sua desculpa porque você não é o mesmo homem que foi comigo ao Templo de Salomão, portanto *você* não tem nada do que se desculpar.

— Malik...

— Talvez, se não tivesse sentido tanta inveja de você, eu não tivesse sido tão

descuidado. A culpa também foi minha.

— Não diga isso.

— Nós somos um. Do mesmo modo como compartilhamos a glória de nossas vitórias, também devemos compartilhar a dor de nossas derrotas. Desse modo nos tornamos mais próximos. Mais fortes.

— Obrigado, irmão.

E foi assim que Altaïr se encontrou no cemitério, um pequeno terreno sem adornos, juntando-se a um escasso grupo de Templários e civis que haviam se reunido em volta do túmulo de Majd Addin, o regente anterior da cidade.

O corpo foi banhado e envolto em mortalha e carregado em procissão, depois enterrado pelo seu lado direito e o buraco coberto. Membros da procissão acrescentavam terra à cova. Quando Altaïr entrou, um imã se adiantava para proferir a oração fúnebre, e o silêncio descera sobre o campo santo. A maioria permanecia com as mãos juntas à frente do corpo e a cabeça baixa em respeito ao morto, portanto foi uma tarefa fácil para Altaïr deslizar pelo meio da multidão a fim de conseguir uma posição favorável. Para localizar seu alvo final. Aquele que colocara Altaïr nesse caminho — cuja morte seria apenas a retribuição pelo sofrimento que ele causara e do que acontecera em seu nome: Robert de Sablé.

Passando pelas fileiras de pessoas em luto, Altaïr se deu conta de que era a primeira vez que se encontrava no funeral de um de seus alvos, e lançou um olhar em volta para ver se havia por perto membros chorosos da família do morto, imaginando como ele, o matador, se sentiria ao se deparar com a dor deles. Mas, se Majd Addin havia tido parentes próximos, estes ou estavam ausentes ou mantinham oculta sua dor no meio da multidão. Não havia ninguém à beira do túmulo a não ser o imã e...

Um pequeno grupo de Templários.

Eles estavam diante de uma fonte decorada com adornos instalada em um alto muro de arenito, três deles usavam armadura e tinham elmos cobrindo inteiramente o rosto; até mesmo o que se encontrava adiante dos outros dois, e que também usava capa. A inconfundível capa do Grão-Mestre Templário.

No entanto... Altaïr pestanejou ao olhar para De Sablé. O cavaleiro, de algum modo, não era como ele se lembrava. Estaria sua memória lhe pregando uma peça? Teria Robert de Sablé assumido uma dimensão maior em sua cabeça por

tê-lo derrotado? Certamente ele parecia carecer da estatura de que Altaïr se lembrava. Onde estava também o restante de seus homens?

Agora o imã tinha começado a falar:

— Estamos reunidos aqui para lamentar a perda de nosso amado Majd Addin, levado cedo demais deste mundo. Sei que vocês sentem pesar e dor pela sua morte. Mas não deveriam. Pois, do mesmo modo como todos nós somos trazidos do ventre, também devemos um dia partir deste mundo. É apenas natural, como o nascer e o pôr do sol. Aproveitem este momento para refletir sobre a vida dele e agradeçam por todo o bem que ele fez. Sabedores de que, um dia, vocês estarão novamente com ele no paraíso.

Altaïr pelejou para ocultar seu asco. “O *amado* Majd Addin”. O mesmo amado Majd Addin que fora um traidor dos sarracenos, que havia procurado corroer a confiança que sentiam ao executar indiscriminadamente os cidadãos de Jerusalém? *Aquele* amado Majd Addin? Não era de admirar que o público fosse tão escasso e a dor tão pouco evidenciada. Ele era tão amado quanto a lepra.

O imã começou a conduzir as pessoas para que fizessem uma prece.

— Ó Deus, abençoe Maomé, sua família, seus companheiros, ó misericordioso e majestoso. Ó Deus, mais majestoso do que o descrevem, paz aos profetas, bênçãos do Deus do Universo.

O olhar de Altaïr foi dele para De Sablé e seu guarda-costas. Uma piscadela do sol atraiu seu olhar, e ele ergueu a vista para o muro atrás do trio de cavaleiros, para os bastiões que haviam ao longo do lado de fora do pátio. Fora um movimento o que ele havia notado? Talvez. Vários soldados templários poderiam facilmente se proteger nos bastiões.

Olhou novamente de relance para os três cavaleiros — Robert de Sablé, como se preparado para uma inspeção, oferecia-se como alvo. Sua compleição. Certamente, um tanto insignificante. A capa. Parecia comprida demais.

Não. Altaïr abandonaria o assassinato porque não havia como ignorar o seu instinto. Ele não lhe dizia que havia algo errado. Ele dizia que nada estava certo. Começou a recuar, no momento em que o tom do imã mudou.

— Como sabem, esse homem foi morto por Assassinos. Tentamos localizar esse criminoso, mas isso se mostrou difícil. Essas criaturas grudam-se às paredes e fogem de qualquer um que os enfrente de modo justo.

Altaïr gelou, percebendo que agora a armadilha ia ser acionada. Tentou

forçar caminho mais rapidamente pela multidão.

— Mas hoje não — ouviu o imã exclamar —, pois parece que um deles se encontra entre nós. Ele zomba da gente com sua presença e deve ser forçado a pagar por isso.

De repente, a multidão em volta de Altaïr abriu-se, formando um círculo à sua volta. Ele virou-se, olhando para a beira do túmulo, onde o imã apontava — para ele. De Sablé e seus dois homens avançavam. A aglomeração em volta de Altaïr parecia enfurecida e se fechava para abarcá-lo, sem deixar qualquer rota de fuga.

— Agarrem-no. Tragam-no para que a justiça de Deus possa ser feita — bradou o imã.

Com um movimento, Altaïr sacou a espada e também ejetou a lâmina. Lembrou-se das palavras do Mestre: *Escolha um*.

Mas não foi preciso. As pessoas em luto podiam ter sido corajosas e Majd Addin podia ter sido amado, mas ninguém estava preparado para derramar sangue para vingá-lo. Em pânico, a multidão se rompeu, em fuga, tropeçando nos próprios mantos, e Altaïr aproveitou a súbita confusão para disparar para um lado, rompendo a linha de frente dos Templários que avançava. O primeiro deles teve apenas o tempo de registrar que uma pessoa da multidão não estava fugindo, mas, em vez disso, avançando em sua direção, antes que a espada de Altaïr atravessasse sua cota de malha e suas entranhas e ele caísse.

Altaïr avistou uma porta aberta no muro e mais cavaleiros precipitando-se por ela. Pelo menos cinco. Ao mesmo tempo, veio uma chuva de flechas de cima, e um cavaleiro girou e caiu, a haste salientando-se de seu pescoço. O olhar de Altaïr correu para os baluartes, onde ele viu arqueiros templários. Naquele momento, a pontaria deles o havia favorecido. Dificilmente teria tanta sorte na próxima vez.

O segundo dos guarda-costas avançou e ele o golpeou com a lâmina, talhando o pescoço do homem e derrubando-o em meio a um jorro de sangue. Virou-se para De Sablé, que avançava brandindo sua espada de folha larga, pesada o bastante para mandar Altaïr cambaleando para trás, tendo sido capaz de apenas desviar o golpe. Subitamente, surgiram reforços, e ele passou a trocar golpes com três outros cavaleiros, todos com elmos cobrindo todo o rosto, e descobriu que agora estava em cima do local final de descanso de Majd Addin.

Não houve, porém, tempo para desfrutar o momento: de cima, veio outra chuva de flechas e, para o prazer de Altaïr, um segundo cavaleiro foi flechado, gritando ao cair. Isso perturbou os Templários restantes, e eles se dispersaram um pouco, menos por medo de Altaïr do que de seus próprios arqueiros, justamente no momento em que De Sablé começou a dar gritos esganiçados para os arqueiros pararem de disparar em seus próprios homens.

Nesse momento, Altaïr ficou tão surpreso que quase abriu a guarda. O que ele ouvira não foi o inconfundível timbre francês de Robert de Sablé, mas uma voz que certamente pertencia a uma mulher. Uma *inglesa*.

Por um momento, ele foi tomado de surpresa por uma mistura de aturdimento e admiração. Essa... *mulher*, a substituta enviada por De Sablé, lutava tão bravamente quanto qualquer homem e manejava a espada de folha larga tão habilmente quanto qualquer cavaleiro com que ele havia se defrontado. Quem era ela? Um dos tenentes de De Sablé? Sua amante? Mantendo-se perto da proteção do muro, Altaïr derrubou outro dos cavaleiros. Restava apenas um. Mais um e a substituta de De Sablé. Mas o último Templário tivera menos apetite para a luta do que ela, e morreu, trespassado pela ponta da espada do Assassino.

Agora apenas ele e ela trocavam golpes, até Altaïr finalmente levar a melhor, enfiando a espada em seu ombro, enquanto varria suas pernas, fazendo-a desabar pesadamente no chão. Correndo para uma proteção, ele a arrastou junto para que ambos ficassem fora da vista dos arqueiros. Então curvou-se sobre ela. Ainda usando o elmo, seu peito arfava. Sangue havia se espalhado pelo pescoço e pelo ombro, mas ela sobreviveria, pensou Altaïr — isto é, se ele permitisse.

— Quero ver seus olhos antes de você morrer — disse ele.

Tirou o elmo, e ficou ainda mais surpreso ao confrontar a verdade.

— Creio que esperava outra pessoa — comentou ela, sorrindo um pouco.

Seu cabelo estava escondido pelo capuz da cota de malha que usava, mas Altaïr ficou extasiado com seus olhos. Percebeu que havia determinação por trás deles, porém também algo mais. Suavidade e leveza. E descobriu-se imaginando se suas óbvias habilidades como guerreira davam uma falsa ideia de sua verdadeira natureza.

Mas — independente do conhecimento de combate que ela possuía — por que De Sablé mandaria essa mulher em seu lugar? Que habilidades especiais ela poderia ter? Ele colocou sua espada no pescoço dela.

— Que feitiçaria é essa? — indagou cautelosamente.

— Nós sabíamos que você viria — disse ela, ainda sorrindo. — Robert precisava ter certeza de que ele teria tempo para fugir.

— Então ele fugiu?

— Não podemos negar o seu sucesso. Você destruiu os nossos planos. Primeiro o tesouro... depois nossos homens. O controle da Terra Santa nos escapuliu... Mas ele viu uma oportunidade de recuperar o que havia sido roubado. Transformar suas vitórias em nossa vantagem.

— Al Mualim ainda tem o tesouro e já aniquilamos antes o seu exército — rebateu Altaïr. — Seja qual for o plano de Robert, ele fracassará novamente.

— Ah — fez ela. — Mas não é apenas contra os Templários que você lutará agora.

Altaïr controlou-se.

— Fale algo com sentido — exigiu.

— Robert cavalga até Arsuf para defender sua causa, que sarracenos e Cruzados se unam contra os Assassinos.

— Isso jamais acontecerá. Eles não têm nenhum motivo para isso.

O sorriso dela se alargou.

— Talvez não tivessem. Mas agora você lhes deu um. Aliás, nove. Os corpos que deixou para trás... As vítimas de ambos os lados. Você tornou os Assassinos um inimigo em comum e garantiu a aniquilação de sua Ordem inteira. Muito bem.

— Nove não. Oito.

— O que quer dizer?

Ele afastou a espada do pescoço dela.

— Você não era meu alvo. Não tirarei sua vida. — Levantou-se. — Está livre para ir. Mas não me siga.

— Não preciso — disse ela, levantando-se e colocando a mão sobre o ferimento no ombro. — Você já está muito atrasado...

— Veremos.

Com um olhar de relance final para os bastiões, onde arqueiros se apressavam em assumir novas posições, Altaïr saiu em disparada, deixando o cemitério vazio com exceção de seus velhos e novos cadáveres — e a estranha, corajosa e arrebatadora mulher.

— Era uma armadilha — exclamou para Malik momentos depois, que foi o tempo que levara para ir do cemitério ao Bureau, em um percurso durante o qual sua mente trabalhou furiosamente.

— Soube que o funeral se transformou em um caos... O que aconteceu?

— Robert de Sablé nunca esteve lá. Enviou outra pessoa em seu lugar. Estava à minha espera...

— Você precisa ir até Al Mualim — sugeriu Malik com firmeza.

Sim, pensou Altaïr, precisava. Havia novamente, porém, aquela sensação insistente. A tal que lhe dizia que ainda havia mais mistério para descobrir. E por que pensava que isso, de algum modo, envolvia o Mestre?

— Não há tempo. Ela me disse aonde ele foi. Quais são seus planos. Se eu voltar a Masyaf, talvez ele tenha sucesso... Então... receio que sejamos destruídos.

— Nós já matamos a maioria de seus homens. Ele não pode pensar em conseguir montar um ataque apropriado. Espere — falou Malik. — Você disse "ela"?

— Sim. Era uma mulher. Sei que é estranho. Mas isso fica para outra ocasião. Por enquanto devemos nos concentrar em Robert. Pode ser que tenhamos diminuído suas fileiras, mas o homem é esperto. Ele vai pleitear seu caso junto a Ricardo e Salah Al'din. Para *uni-los* contra um inimigo comum... Contra nós.

— Você certamente está equivocado. Isso não faz sentido. Esses dois homens jamais iriam...

— Ah, iriam sim. E a culpa é nossa. Os homens que matei... homens de ambos os lados do conflito... homens importantes para ambos os líderes... O plano de Robert pode ser ambicioso, mas faz sentido. E pode dar certo.

— Olhe, irmão, as coisas mudaram. Você *precisa* voltar a Masyaf. Não podemos agir sem a permissão do Mestre. Isso poderia comprometer a Irmandade. Eu achei... Eu achei que você tinha aprendido isso.

— Pare de se esconder atrás das palavras, Malik. Você empunha o Credo e seus princípios como um escudo. Ele afasta as coisas da gente. Coisas importantes. Foi você quem me disse que nunca podemos *saber* de nada, apenas suspeitar. Pois bem, suspeito que esse assunto com os Templários seja mais profundo. Quando acabar com Robert, irei a Masyaf para que possamos obter respostas. Mas talvez *você* possa ir agora.

— Não posso deixar a cidade.

— Então caminhe através de seu povo. Procure aqueles que serviram aos tais que matei. Talvez enxergue algo que não consegui.

— Não sei... Preciso pensar nisso.

— Faça o que precisar, meu amigo. Mas eu irei a Arsuf. Cada momento de minha demora significa mais um passo que nosso inimigo dá à minha frente.

Outra vez, ele infringira o Credo: involuntariamente ou não, ele colocara a Ordem em perigo.

— Tome cuidado, irmão.

— Tomarei. Prometeto.

30

Os exércitos de Salah Al'din e Ricardo Coração de Leão haviam se encontrado em Arsuf e, enquanto seguia para lá, Altaïr soube — pelo rumores ouvidos em oficinas de ferreiros e poços de água durante o caminho — que, após uma série de pequenos combates, a batalha começara naquela manhã, quando os turcos de Salah Al'din haviam lançado um ataque contra as fileiras dos Cruzados.

Cavalgando em direção a ela, contra o fluxo de campesinos aflitos querendo escapar do massacre, Altaïr avistou colunas de fumaça no horizonte. Ao se aproximar mais, conseguiu distinguir soldados em combate na planície distante. Aglomerações deles; imensos bandos escuros à distância. Enxergou uma faixa de milhares de homens avançando depressa a cavalo em ataque ao inimigo, mas Altaïr estava muito distante para saber se a investida era sarracena ou cruzada. Mais próximo, conseguiu ver as armações de madeira de máquinas de guerra e pelo menos uma pegando fogo. Então conseguiu distinguir os altos crucifixos de madeira dos cristãos, as cruzes imensas em cima de plataformas sobre rodas que a infantaria empurrava à frente e as bandeiras dos sarracenos e as dos Cruzados. O céu escurecia com a chuva de flechas disparadas pelos arqueiros de cada lado. Viu cavaleiros montados portando piques e bandos de sarracenos a cavalo realizando devastadoras incursões nas fileiras dos cruzados.

Conseguia ouvir o tamborilar de cascos na planície e o constante estrépito dos címbalos, tambores, gongos e trombetas sarracenos. Podia ouvir o ruído da batalha: o incessante e envolvente barulho da gritaria dos vivos, dos brados dos moribundos, o pronunciado matraquear de aço contra aço e o deplorável relinchar de cavalos feridos. Agora começava a encontrar animais sem cavaleiros

e corpos, sarracenos e Cruzados, com os membros esticados sobre a terra ou sentados mortos apoiados em árvores.

Altaïr freou sua montaria — bem a tempo, pois subitamente começaram a surgir arqueiros sarracenos de trás da linha das árvores a alguma distância de onde ele estava. Saltou do cavalo e rolou para fora da pista principal, protegendo-se atrás de uma carroça virada. Havia talvez uma centena deles. Eles atravessaram correndo a pista até as árvores do outro lado. Movimentavam-se com rapidez e iam abaixados. Moviam-se da maneira como o fazem os soldados quando avançam furtivamente por território mantido por inimigo.

Altaïr levantou-se e também disparou para o meio das árvores, seguindo os arqueiros a uma distância segura. Perseguiu-os por alguns quilômetros, e os sons da batalha, suas vibrações, foram ficando cada vez mais fortes, até chegarem a uma elevação. Agora se achavam acima da batalha principal, que seguia com intensidade abaixo deles, e, por um momento, o próprio tamanho dela o deixou sem fôlego. Por toda a parte — o quanto alcançava a vista — havia homens, corpos, máquinas e cavalos.

Do mesmo modo como no Cerco de Acre, ele viu-se no meio de um feroz e selvagem conflito sem um lado para chamar de seu. O que ele tinha era a Ordem. O que ele tinha era uma missão para protegê-la, de deter a fera que, involuntariamente, soltara para destruí-la.

Por toda a sua volta na elevação também havia corpos, como se já tivesse havido uma batalha pouco tempo antes. E houvera, é claro: quem quer que dominasse a elevação tinha a vantagem da altura, portanto era provável que ela fosse brutalmente disputada. De fato, ao chegarem ao cume, os sarracenos foram recebidos pela infantaria e pelos arqueiros cruzados, e ergueu-se uma grande gritaria de ambos os lados. Os homens de Salah Al'din tinham o elemento surpresa e, portanto, a vantagem, e a primeira onda de ataque deixou os corpos de cavaleiros em seu rastro, alguns caindo da elevação para a ebulição da guerra lá embaixo. Mas, enquanto Altaïr se mantinha agachado, observando, os Cruzados conseguiram se reagrupar, e o combate começou seriamente.

Seguir ao longo da elevação era o meio mais seguro de ir para trás das linhas cruzadas, onde Ricardo Coração de Leão estaria posicionado. E alcançá-lo era a única esperança que Altaïr tinha de deter Robert de Sablé. Ele aproximou-se da batalha e começou a se movimentar para a esquerda, deixando um amplo espaço

entre ele e os combatentes. Chegou até um cruzado que estava agachado sobre a vegetação rasteira, observando a batalha e choramingando, e logo o deixou, correndo adiante.

De repente, houve um grito, então dois Cruzados se aproximaram do seu caminho. Ele parou, cruzou os braços até os ombros, desembainhando a espada com uma das mãos e sacando uma faca com a outra. Um dos batedores foi abatido e ele se dirigiu ao outro. E o havia derrubado quando percebeu que não eram batedores. Eram sentinelas.

Ainda contemplando a batalha do alto, descobriu que estava na ponta de uma colina. A alguma distância dali conseguia ver o estandarte de Ricardo Coração de Leão e achou ter vislumbrado o próprio rei, montado em seu inconfundível corcel, com sua flamejante barba laranja e seu cabelo reluzente ao sol da tarde. Mas agora chegava mais infantaria de retaguarda e ele se viu cercado por cavaleiros, cota de malha de ferro chocalhando, as espadas erguidas e os olhos com um brilho para batalha sob os elmos.

A missão deles era proteger seu soberano; a de Altaïr, alcançá-lo. Por longos momentos, a batalha foi intensa. Altaïr dançava e corria, às vezes abrindo para si um caminho, a espada ensanguentada brilhando, às vezes capaz de dar uma longa arremetida, chegando agora mais perto de onde conseguia ver Ricardo. O rei estava em uma clareira. Havia desmontado, atento à agitação que se aproximava, e seus guarda-costas mais próximos formavam um círculo à sua volta, tornando-o um alvo menor.

Ainda lutando, com a espada ainda se agitando, os homens caindo a seus pés, o manto manchado de sangue cruzado, Altaïr livrou-se de um ataque e foi capaz de avançar. Viu os tenentes do rei sacarem as espadas, com os olhos ferozes debaixo dos elmos. Também viu arqueiros se movimentando acima das grandes pedras ali em volta, na esperança de encontrar uma posição mais elevada para acertar o intruso.

— Um momento — exclamou Altaïr. Agora, a apenas poucos metros, ele olhou o rei Ricardo nos olhos, mesmo com seus homens avançando. — Venho conversar com você, e não atacar.

O rei vestia seu vermelho régio e, no peito, um leão dourado bordado. Era o único homem entre eles não assolado por medo ou pânico e permanecia totalmente calmo no centro da batalha. Ele ergueu o braço e seus homens

detiveram o avanço, fazendo a batalha extinguir-se em um instante. Altaïr ficou grato em ver os homens que o atacavam recuarem alguns passos, dando-lhe espaço finalmente. Baixou o braço com a espada. Ao recuperar o fôlego, seus ombros subiram e desceram pesadamente e percebeu que todos os olhos estavam sobre ele. Cada ponta de espada estava apontada para suas entranhas pelos homens que o atacavam; cada arqueiro o tinha na mira. Uma palavra de Ricardo e ele cairia.

Em vez disso, Ricardo falou:

— Oferece então os termos da rendição? Já não era sem tempo.

— Não. Não está entendendo — rebateu Altaïr. — Foi Al Mualim quem me mandou, e não Salah Al'din.

O rei pareceu sombrio.

— *Assassino?* O que significa isso? E seja rápido. — Os homens avançaram um pouco. Os arqueiros ficaram tensos.

— Há um traidor em seu meio — disse Altaïr.

— E ele o contratou para me matar? — exclamou o rei. — Veio se vangloriar antes de atacar? Não serei alcançado tão facilmente.

— Não é você quem eu vim matar. Mas ele.

— Fale, então, para que eu possa julgar a verdade. — O rei Ricardo acenou com a cabeça para Altaïr avançar. — Quem é esse traidor?

— Robert de Sablé.

As sobrancelhas de Ricardo ergueram-se em surpresa.

— Meu tenente?

— Sua intenção é trair — falou Altaïr calmamente. Ele tentava escolher as palavras com cuidado, em um desespero para não ser mal interpretado. Precisava que o rei acreditasse nele.

— Não é isso que ele diz — retrucou Ricardo. — Ele procura vingança contra seu povo por causa da destruição que causaram em Acre. E estou inclinado a apoiá-lo. Alguns dos meus melhores homens foram mortos por alguns de vocês.

Bem... Robert de Sablé já conseguira a atenção do rei. Altaïr inspirou fundo. O que estava para dizer poderia significar sua morte imediata.

— Fui eu quem os matou. E por um bom motivo. — Ricardo ficou vermelho, mas Altaïr insistiu. — Ouça-me. William de Montferrat. Ele pretendia usar seus soldados para tomar Acre à força. Garnier de Naplouse. Usava suas habilidades

para doutrinar e controlar quem quer que resistisse. Sibrand. Pretendia bloquear os portos, evitando que seu reino fornecesse ajuda. Eles o traíram. E recebiam ordens de Robert.

— Espera que eu acredite nessa história grotesca? — disse o Coração de Leão.

— Conheceu esses homens melhor do que eu. Está de fato surpreso em tomar conhecimento das intenções maléficas deles?

Ricardo pareceu pensar por um momento, então dirigiu-se a um dos homens parados a seu lado, que usava um elmo que lhe cobria completamente o rosto.

— Isso é verdade? — perguntou.

O cavaleiro tirou o elmo e, dessa vez, era realmente Robert de Sablé. Altaïr olhou-o com visível repugnância, lembrando-se de seus crimes. Aquele homem tinha mandado uma mulher como seu substituto.

Por um instante, os dois se encararam. Era a primeira vez que se encontravam desde a luta embaixo do Monte do Templo. Ainda ofegante, Altaïr cerrou os punhos. De Sablé deu um sorriso afetado, com o lábio torto, então virou-se para Ricardo.

— Meu soberano... — disse ele, em um tom exasperado. — É um Assassino que está diante de nós. Essas criaturas são mestres em manipulação. *Claro* que não é verdade.

— Não tenho motivos para enganar — vociferou Altaïr.

— Ah, mas tem sim — retrucou De Sablé. — Receia o que acontecerá à sua pequena fortaleza. Conseguirá ela resistir às forças combinadas dos exércitos sarraceno e cruzado? — E deu um sorriso largo, como se já imaginasse a queda de Masyaf.

— Minha preocupação é com o povo da Terra Santa — contrapôs Altaïr. — Se eu tiver que me sacrificar para que haja paz, que assim seja.

Ricardo estivera observando-os com uma expressão preocupada.

— É um ponto estranho esse a que chegamos. Cada um acusando o outro...

— Não há realmente tempo para isso — disse De Sablé. — Preciso partir para me encontrar com Salah Al'din e recrutar sua ajuda. Quanto mais demorarmos, mais difícil será. — Fez menção de ir, esperando, sem dúvida, que o assunto estivesse encerrado.

— Espere, Robert — pediu Ricardo. — Seus olhos foram de De Sablé para Altaïr e voltaram.

Com um tom de frustração, De Sablé vociferou:

— *Por quê?* O que pretende? Não me diga que acredita *nele*. — Ele apontou para Altaïr, que podia ver nos olhos de De Sablé que talvez o rei tivesse suas dúvidas. Talvez até mesmo estivesse inclinado a acreditar na palavra de um Assassino em vez de na do Templário. Altaïr prendeu a respiração.

— É uma decisão difícil — respondeu o rei. — Uma decisão que não posso tomar sozinho. Preciso deixar isso nas mãos de alguém mais sábio do que eu.

— Obrigado.

— Não, Robert, não você.

— Quem então?

— O Senhor. — Ele sorriu, como se estivesse satisfeito por ter tomado a decisão certa. — Que isso seja decidido em um combate. Certamente Deus ficará do lado daquele cuja causa é honrada.

Altaïr observou Robert com cuidado, notou a expressão que passou pelo rosto do Templário. De Sablé sem dúvida lembrava-se da última vez que se encontraram, quando ele havia superado facilmente Altaïr.

O Assassino se lembrava do mesmo encontro. Estava dizendo a si mesmo que agora era um guerreiro diferente: da última vez, ficara em desvantagem por causa da arrogância, e, por esse motivo, fora derrotado com tanta facilidade. Tentava não se lembrar da grande força do cavaleiro. Do modo como ele havia agarrado e jogado Altaïr para longe com a mesma facilidade que faria com um saco de trigo.

De Sablé, porém, se lembrava disso, e virou-se para o rei, baixando a cabeça em obediência.

— Se esse é o seu desejo — disse.

— É.

— Que assim seja. Às armas, Assassino.

O rei e seus ajudantes diretos ficaram de um lado, enquanto os membros restantes dos guarda-costas formaram um círculo em volta de Altaïr e do sorridente De Sablé. Diferentemente de Altaïr, ele não estava exausto pela batalha. Usava armadura, ao passo que Altaïr vestia apenas um manto. Ele não sofrera os cortes e as pancadas que Altaïr recebera na luta para chegar à clareira. Ele também sabia disso. Ao vestir as manoplas da armadura e um dos homens se aproximar para ajudá-lo com o elmo, ele sabia que tinha todo tipo de vantagem.

— Bem — disse ele, em tom de zombaria —, vamos nos enfrentar

novamente. Esperemos dessa vez que você ofereça um desafio maior.

— Não sou o homem que você enfrentou no interior do Templo — retrucou Altaïr, erguendo a espada. O estrondear da grande batalha de Arsuf agora parecia distante; o mundo havia encolhido para apenas aquele círculo. Apenas ele e De Sablé.

— Para mim, você parece o mesmo — disse De Sablé.

Então ergueu a espada para mostrá-la a Altaïr. Em resposta, o Assassino fez o mesmo. Os dois permaneceram parados, Robert de Sablé com o peso apoiado sobre o pé recuado, evidentemente esperando que Altaïr avançasse primeiro.

O Assassino, porém, impôs a primeira surpresa do duelo, permanecendo imóvel, à espera do ataque de De Sablé.

— As aparências enganam — disse ele.

— Verdade. Verdade — concordou De Sablé, com um sorriso irônico e, exatamente no segundo seguinte, atacou, atingindo forte com a espada.

O Assassino bloqueou o golpe. A força do ataque de De Sablé quase arrancou a espada de sua mão, mas ele o aparou e o desviou para o lado, tentando encontrar um espaço na guarda de De Sablé. A espada de folha larga do Templário tinha três vezes o peso de sua espada e, embora os cavaleiros fossem famosos por sua dedicação ao treinamento com a espada e normalmente tivessem a força para competir, eles, contudo, eram mais lentos. De Sablé podia ser mais arrasador em seu ataque, porém jamais conseguiria ser tão rápido.

Era desse modo que Altaïr conseguiria derrotá-lo. Seu erro anterior fora permitir que De Sablé usasse suas vantagens. Sua força agora era negá-las a ele.

Ainda confiante, De Sablé pressionou.

— Assim que isto terminar, Masyaf cairá — murmurou ele, com a poderosa lâmina passando tão perto que Altaïr ouviu-a zunir em seu ouvido.

— Meus irmãos são mais fortes do que imagina — rebateu.

O aço de ambos se chocou novamente.

— Saberemos a verdade disso muito em breve — sorriu De Sablé.

Mas Altaïr dançava. Defendia-se e aparava e desviava, fazendo cortes em De Sablé, abrindo talhos na cota de malha, acertando dois ou três golpes atordoantes no elmo do cavaleiro. Então De Sablé recuou para recuperar a força, imaginando que então Altaïr talvez não fosse tão fácil de matar quanto ele imaginara.

— Ah. Então a criança aprendeu a usar uma lâmina.

— Pratiquei bastante. Seus homens me ajudaram.

— Eles foram sacrificados a serviço de uma causa maior.

— Como você será.

De Sablé deu um salto à frente, manejando a espada larga e quase arrancando a lâmina da mão de Altaïr. Mas o Assassino curvou-se e girou o corpo em um movimento natural, golpeando de volta com o cabo de sua arma, de modo que De Sablé cambaleou para trás. Ele bufou e só não caiu no chão porque foi impedido pelos cavaleiros que formavam o círculo, os quais o endireitaram para que pudesse se levantar, cheio de irritação, furioso e respirando pesadamente.

— *O tempo para esse jogo terminou!* — berrou, como se dizer isso bem alto pudesse de algum modo se tornar verdade, e deu um salto à frente, mas agora nem um pouco fatal. Só o que possuía de fatal era sua cega esperança.

— Já acabou faz tempo — disse Altaïr. Ele sentiu uma calma profunda, sabendo agora que era um autêntico Assassino. Que derrotaria De Sablé com o cérebro tanto quanto com a força. E, quando De Sablé pressionou mais uma vez à frente, em um ataque dessa vez mais imperfeito, mais desesperado, Altaïr o aparou com facilidade.

— Não sei de onde vem sua força... — ofegou De Sablé. — Algum truque? Ou alguma droga?

— Foi o que disse seu rei. A honra sempre triunfa sobre a ganância.

— *Minha causa é honrada!* — gritou De Sablé, agora grunhindo enquanto erguia a espada, com uma lentidão quase dolorosa.

Altaïr olhou os rostos dos homens. Podia vê-los esperando que ele desferisse o golpe mortal.

E foi o que fez. Enfiando a espada diretamente através do centro da cruz vermelha que De Sablé usava, rompendo a cota de malha do cavaleiro e perfurando seu peito.

31

De Sablé arfou. Os olhos se arregalaram e a boca se escancarou enquanto suas mãos seguravam a lâmina que o havia empalado, mesmo quando Altaïr a retirou. Uma mancha vermelha espalhou-se pela túnica, e ele cambaleou, então desabou sobre os joelhos. Sua espada caiu e os braços penderam.

De imediato, os olhos de Altaïr foram para os homens que formavam um círculo em volta dos dois. Ele meio que esperava que o atacassem ao verem o Grão-Mestre Templário morrer. Mas permaneceram parados. Mais adiante deles, Altaïr viu o rei Ricardo, com o queixo inclinado como se o rumo dos acontecimentos tivesse feito muito mais do que despertar sua curiosidade.

Agora Altaïr estava curvado sobre De Sablé, apoiando-o com um dos braços e deitando-o no chão.

— Acabou-se então. Seus planos, assim como você, foram postos para descansar.

Em resposta, De Sablé riu secamente.

— Você nada sabe de planos — falou. — Você não passa de um fantoche. Ele o traiu, rapaz. Do mesmo modo como me traiu.

— Fale algo que faça sentido, Templário — sibilou Altaïr —, ou não fale nada. — E lançou um olhar furtivo para os homens do círculo. Eles permaneciam impassíveis.

— Ele mandou que você matasse nove homens, não foi? — frisou De Sablé. — Os nove que guardavam o segredo do Tesouro.

Eram sempre nove que tinham essa missão, uma responsabilidade passada através de gerações de Templários. Quase uma centena de anos antes, os

Cavaleiros Templários haviam se formado e tornado o Monte do Templo sua base. Haviam se unido para proteger aqueles que faziam a peregrinação aos santuários mais sagrados e levavam suas vidas como monges guerreiros — ou era o que eles afirmavam. Mas, como todos os mais crédulos sabiam, os Templários tinham muito mais em mente do que peregrinos indefesos. Aliás, procuravam o tesouro e as relíquias sagradas no interior do Templo de Salomão. Nove, sempre, tinham a missão de encontrá-los, e nove finalmente haviam conseguido: De Sablé, Tamir, De Naplouse, Talal, De Montferrat, Majd Addin, Jubair, Sibrand, Abu'l Nuqoud. Os nove que sabiam. As nove vítimas.

— E daí? — perguntou Altaïr com cuidado. Refletidamente.

— Não foram nove que encontraram o tesouro, Assassino — sorriu De Sablé, enquanto sua força vital rapidamente se perdia. — Não foram nove, mas dez.

— Um décimo? Ninguém que conhece o segredo deve viver. Diga-me seu nome.

— Ah, mas você o conhece muito bem. E duvido muito que tire a vida dele com a mesma disposição que tirou a minha.

— Quem? — perguntou Altaïr, mas ele já sabia. Entendia agora o que o vinha perturbando. O único mistério que lhe havia escapado.

— É seu mestre — disse De Sablé. — Al Mualim.

— Mas ele não é um Templário — alegou Altaïr, ainda sem querer acreditar. Embora soubesse em seu coração que era verdade. Al Mualim, que o havia criado quase como seu filho. Que o havia treinado e instruído. Ele também o havia traído.

— Você nunca se perguntou como ele sabia tanto? — inquiriu De Sablé, enquanto Altaïr sentia ser abandonado de seu mundo. — Onde nos achar, quantos éramos, o que esperávamos alcançar?

— Ele é o Mestre dos Assassinos... — protestou Altaïr, ainda sem querer acreditar. Mas... parecia que o mistério finalmente fora solucionado. Era verdade. Ele quase caiu na risada. Tudo que ele sabia *era* uma ilusão.

— *Oui*. Mestre das mentiras — conseguiu dizer De Sablé. — Você e eu somos apenas mais dois peões em seu importante jogo. E agora... com a minha morte, só resta você. Acha que ele vai deixá-lo viver... sabendo o que sabe?

— Não tenho interesse no Tesouro — retrucou Altaïr.

— Ah... Mas ele tem. A única diferença entre seu mestre e mim é que ele não

quis compartilhar...

— Não...

— Irônico, não? Que eu... seu maior inimigo... o tivesse mantido em segurança. Mas agora você tira minha vida... e, no processo, termina com a sua.

Altaïr inspirou fundo, ainda tentando entender o que tinha acontecido. Sentiu uma torrente de emoções: raiva, dor, solidão.

Então estendeu uma das mãos e fechou as pálpebras de De Sablé.

— Nem sempre encontramos as coisas que procuramos — entoou, e depois se levantou e se preparou para enfrentar a morte, se fosse a vontade dos cruzados. Talvez até mesmo desejando que fosse.

— Um bom combate, Assassino — veio a exclamação à sua direita, e ele virou-se para ver Ricardo caminhando até o círculo, que se rompeu para deixá-lo passar. — Parece que Deus favoreceu sua causa neste dia.

— Deus nada tem a ver com isso. Fui um melhor combatente.

— Ah. Pode não acreditar nele, mas parece que ele acredita em você. Antes de ir, tenho uma pergunta a fazer.

— Faça-a, então — disse Altaïr. De repente, sentia-se exausto. Ansiava por deitar à sombra de uma palmeira: dormir, desaparecer. Até mesmo morrer.

— Por quê? Por que viajar toda essa distância, arriscar sua vida milhares de vezes, tudo para matar um único homem?

— Ele ameaçava os meus irmãos e o que representamos.

— Ah. Vingança, então?

Altaïr olhou para o corpo de Robert de Sablé no chão e percebeu que, não, a vingança não estivera em sua mente quando o matara. Fizera o que fizera pela Ordem. Ele deu voz aos seus pensamentos.

— Não. Vingança, não. Justiça. Para que possa haver paz.

— É por isso que luta? — indagou Ricardo, com as sobrancelhas erguidas. — Paz? Não vê a contradição?

Ele abriu o braço em volta da área, fazendo um gesto para apresentar a batalha que ainda continuava intensa abaixo deles: corpos espalhados pela clareira e, finalmente, o cadáver de Robert de Sablé.

— Com alguns homens, não dá para se argumentar.

— Como aquele maluco do Salah Al'din — suspirou Ricardo.

Altaïr olhou para ele. Viu um rei honesto e justo.

— Creio que ele gostaria de ver o fim desta guerra tanto quanto você.

— Ouvi dizer isso, mas nunca vi.

— Mesmo que ele não diga, isso é o que as pessoas querem — disse-lhe Altaïr. — Tanto sarracenos quanto Cruzados.

— As pessoas não sabem o que querem. É por isso que recorrem a homens como nós.

— Então cabe a homens como você fazerem o que é certo.

Ricardo bufou.

— Disparate. Nós chegamos ao mundo chutando e berrando. Violentos e instáveis. Não conseguimos evitar.

— Não. Nós somos o que decidimos ser.

Ricardo sorriu pesarosamente.

— Sua espécie... sempre jogando com as palavras.

— Falo a verdade — disse Altaïr. — Não há qualquer truque no que digo.

— Saberemos muito em breve. Mas receio que você não consiga o que deseja neste dia. Mesmo agora aquele bárbaro Salah Al'din avança para cima dos meus homens e preciso cuidar deles. Mas talvez, tendo visto o quanto é vulnerável, ele reconsidere seus atos. Sim. Dentro de algum tempo, o que procura pode ser possível.

— Você não está mais seguro do que ele — observou Altaïr. — Não esqueça isso. Os homens que deixou para trás para governar em seu lugar não pretendem lhe servir por mais tempo do que o necessário.

— Sim, sim. Estou bem ciente disso.

— Então devo me despedir — disse Altaïr. — Meu mestre e eu temos muito o que discutir. Parece que até mesmo ele é capaz de falhar.

Ricardo assentiu.

— Ele é apenas humano. Como todos nós. E você também.

— Que segurança e paz estejam com você — desejou Altaïr, e partiu, com os pensamentos direcionados para Masyaf. Sua beleza parecia maculada pelo que descobrira sobre Al Mualim. Ele precisava ir para casa. Precisava ajeitar as coisas.

32

Masyaf não estava como quando a deixara: isso se tornou bem claro no momento em que chegou aos estábulos. Os cavalos pateavam e relinchavam, mas não havia cavalariços para cuidar deles ou receber a montaria de Altaïr. Ele apressou-se pelos portões principais abertos e entrou no pátio, onde o silêncio o atingiu, na completa ausência não apenas de som, mas de atmosfera. Ali o sol pelejava para brilhar, dando à aldeia um obscurecido matiz cinzento. Pássaros não mais cantavam. A fonte não mais tinia e nada havia do burburinho da vida diária. As barracas estavam montadas, mas não havia aldeões apressados de um lado a outro, falando animadamente ou fazendo escambo. Não havia ruídos de animais. Apenas um sinistro... nada.

Ele ergueu a vista para a colina em direção à cidadela, não vendo ninguém. Como sempre, imaginou se Al Mualim não estava em sua torre, olhando para ele. Então seus olhos foram atraídos por uma figura solitária que vinha em sua direção. Um aldeão.

— O que aconteceu aqui? — exigiu Altaïr.

— Foram ver o Mestre — disse o aldeão. Aquilo soou como um cântico. Um mantra. Seus olhos estavam vidrados e um fio de baba escorria da boca. Altaïr já vira aquele olhar antes. Ele o vira nos rostos daqueles escravizados por Garnier de Naplouse. Ou loucos; assim pensou na ocasião. Eles tinham aquele olhar vazio e desligado.

— Foram os Templários? — perguntou Altaïr. — Eles atacaram novamente?

— Eles seguiram o caminho — respondeu o homem.

— Que caminho? Do que está falando?

— Em direção à luz — entoou o homem. Sua voz havia adotado um ritmo monótono.

— Fale algo com sentido — pediu Altaïr.

— Só há o que o Mestre nos mostra. Essa é a verdade.

— Você enlouqueceu — clamou Altaïr.

— Você também percorrerá o caminho ou morrerá. Assim ordena o Mestre.

Al Mualim, pensou Altaïr. Então era verdade. Era tudo verdade. Ele fora traído. Nada era verdadeiro.

— O que ele fez a você? — indagou ao aldeão.

— Louvado seja o Mestre, pois ele nos conduziu à luz...

Altaïr saiu correndo, deixando o homem para trás, uma figura solitária na deserta praça do mercado. Correu encosta acima, chegou ao planalto e ali encontrou um grupo de Assassinos esperando por ele, com as espadas desembainhadas.

Ele desembainhou a sua, sabendo que não conseguiria usá-la. Pelo menos não para matar. Aqueles Assassinos, embora pretendessem matá-lo, tinham sofrido lavagem cerebral para fazê-lo. Matá-los violentaria um dos princípios. Ele estava cansado de infringir o Credo. Nunca faria isso novamente. Mas...

Com olhares mortais, eles se aproximaram.

Estariam em transe como os outros? Isso explicaria a lentidão de seus movimentos? Ele curvou o ombro e os atacou, derrubando o primeiro. Outro o agarrou, mas ele segurou o manto do Assassino, pegou o quanto pôde pelo punho e o girou, derrubando mais dois de seus agressores para abrir uma brecha pela qual conseguiu escapar.

Então, de cima, ouviu seu nome ser chamado. Malik estava parado no promontório perto do acesso à fortaleza. Com ele, estavam Jabal, de Acre, e mais dois Assassinos que ele não conhecia. Descobriu-se examinando-os. Eles também teriam sofrido lavagem cerebral? Teriam sido drogados? O que quer que fosse, era o que Al Mualim estava fazendo?

Mas não. Malik acenava com o braço bom, e, embora Altaïr nunca tivesse imaginado que um dia pudesse ficar feliz em vê-lo, esse dia havia chegado.

— Altaïr. Aqui em cima.

— Você escolheu uma ótima ocasião para chegar — falou Altaïr, sorrindo.

— Assim parece.

— Proteja-se bem, amigo — observou Altaïr. — Al Mualim nos traiu. — Ele estava preparado para a descrença, até mesmo para a ira de Malik, que confiava e reverenciava Al Mualim, condescendendo tudo com relação a ele. Mas Malik meramente assentiu com tristeza.

— Traiu também seus aliados Templários — disse ele.

— Como sabe?

— Após termos conversado, voltei às ruínas sob o Templo de Salomão. Robert mantivera um diário. Recheou suas páginas com revelações. O que li nele despedaçou meu coração... Mas isso também abriu os meus olhos. Você tinha razão, Altaïr. O nosso Mestre nos usou o tempo todo. Nossa intenção não era salvar a Terra Santa, mas entregá-la a ele. Ele deve ser detido.

— Tome cuidado, Malik — advertiu Altaïr. — O que ele fez aos outros, se tiver chance, fará conosco. Precisa ficar longe dele.

— O que você propõe? O braço com que uso a espada continua forte e os meus homens permanecem fiéis. Seria um erro não sermos usados.

— Distraia então esses escravizados. Ataque a fortaleza pela retaguarda. Se conseguir afastar a atenção deles de mim, talvez eu consiga alcançar Al Mualim.

— Farei o que pede.

— Os homens que enfrentamos... suas mentes não lhes pertencem. Se puder evitar matá-los...

— Sim. Embora ele tenha infringido os princípios do Credo, não significa que também tenhamos de infringi-los. Farei o que puder.

— É tudo que peço — retrucou Altaïr.

Malik virou-se para deixá-lo.

— Segurança e paz, meu amigo — disse Altaïr.

Malik sorriu ironicamente.

— Sua presença aqui protegerá a nós dois.

Altaïr percorreu rapidamente o antemuro até o pátio principal e descobriu por que não houvera aldeões na praça do mercado. Estavam todos ali, aglomerados no pátio, enchendo-o. Certamente a aldeia inteira. Perambulavam por ali a esmo, embora mal conseguissem levantar a cabeça. Enquanto observava, Altaïr viu um homem e uma mulher colidirem, e a mulher caiu, direto e pesadamente sobre o traseiro. Nenhum dos dois, porém, se deu conta. Sem surpresa, sem dor, sem desculpa ou palavras raivosas. O homem cambaleou um

pouco e então foi em frente. A mulher permaneceu sentada, ignorada pelos demais aldeões.

Cautelosamente, Altaïr avançou por entre eles em direção à torre, afetado pelo silêncio, ouvindo apenas o som de pés se arrastando e o estranho murmúrio.

— O desejo de Mestre tem de ser obedecido — ouviu ele.

— Ó Al Mualim. Guie-nos. Ordene-nos.

— O mundo será purificado. Nós começaremos de novo.

A nova ordem, pensou ele, ditada pelos Cavaleiros Templários, sim, mas por um Templário acima de tudo. Al Mualim.

Ele chegou ao corredor de entrada da torre, onde não havia guardas para saudá-lo. Apenas a mesma sensação de ar espesso, vazio. Como se uma névoa invisível pairasse sobre todo o complexo. Olhando acima, viu que o portão de ferro batido estava aberto. O portão que levava ao pátio e aos jardins nos fundos da torre. Nesgas de luz pareciam pender no ar junto ao portal, como se acenassem para que fosse adiante, mas ele hesitava, sabendo que, atravessando-o, cairia nas mãos de Al Mualim. Entretanto, se o Mestre o quisesse morto, ele com certeza já estaria. Desembainhou a espada e subiu a escada, percebendo que instintivamente pensava em Al Mualim como "o Mestre", quando ele não era mais seu mestre. Deixara de ser no momento em que Altaïr descobrira que Al Mualim era Templário. Ele agora era seu inimigo.

Altaïr parou na entrada do jardim. Inspirou fundo. Não fazia ideia do que havia do outro lado, mas só havia um meio de descobrir.

33

Estava escuro no jardim. Altaïr conseguia ouvir o leve balbuciar de um córrego e o calmante cascatear de uma queda-d'água, mas, fora isso, o ar estava parado. Chegou a um terraço de mármore, uma superfície lisa debaixo de suas botas. Então olhou em volta, semicerrando os olhos na escuridão de modo que pôde ver formas irregulares de árvores e pavilhões salpicados à sua volta.

De repente, ouviu um ruído atrás de si. O portão se fechou com uma batida e houve um retinir como se um ferrolho tivesse sido fechado por mãos invisíveis.

Altaïr girou. Seus olhos ergueram-se e ele viu Al Mualim parado na sacada de sua biblioteca, olhando-o de cima. Segurava algo: o Tesouro tirado do Monte do Templo, o Pedaço de Éden. Ele brilhava com um poder que tingia Al Mualim de um laranja-escuro, que se intensificava enquanto Altaïr observava.

De repente, o Assassino foi dominado por uma dor incrível. Gritou — e descobriu que estava sendo erguido do chão, preso por um tremeluzente cone de luz intensa controlado pela mão estendida de Al Mualim. A Maçã palpitava como um músculo flexionando e enrijecendo.

— O que está acontecendo? — bradou Altaïr, sem defesa diante do domínio do artefato, paralisado por ele.

— Então o aluno voltou — disse Al Mualim, calmamente. Falou com a certeza de um vencedor.

— Eu nunca fui de fugir — rebateu Altaïr, desafiador.

Al Mualim deu uma gargalhada. Nada daquilo — nada de nada — parecia perturbá-lo.

— Também nunca foi de obedecer — observou ele.

— É por causa disso que continuo vivo. — Altaïr lutava contra suas amarras invisíveis. Em reação, a Maçã pulsava, e a luz parecia pressioná-lo, imobilizando-o ainda mais.

— O que farei com você? — Al Mualim sorriu.

— Solte-me — berrou Altaïr. Ele não tinha facas de arremesso, mas, livre de seus grilhões, conseguiria alcançar o velho com alguns saltos. Al Mualim teria alguns momentos finais para admirar suas habilidades de escalada antes de Altaïr enfiar a lâmina em suas entranhas.

— Oh, Altaïr. Ouço ódio em sua voz — comentou Al Mualim. — Sinto seu calor. Soltá-lo? Isso seria imprudente.

— Por que está fazendo isso? — perguntou Altaïr.

Al Mualim pareceu refletir.

— Houve um tempo em que eu acreditei. Sabia disso? Eu achava que existia um Deus. Um Deus que nos amava e nos protegia, que enviou profetas para nos guiar e nos consolar. Que fez milagres para nos lembrar de seu poder.

— O que mudou?

— Encontrei provas.

— Provas de quê?

— De que é tudo uma *ilusão*.

E, com um gesto de mão, libertou Altaïr da prisão de luz. Ele pensou que ia cair, mas logo percebeu que nunca esteve suspenso. Confuso, olhou em volta de si mesmo, sentindo uma nova mudança na atmosfera, o crescimento da pressão que sentia nos tímpanos, como nos momentos antes de uma tempestade. Acima dele, na sacada da biblioteca, Al Mualim erguia a Maçã acima da cabeça, entoando alguma coisa.

— *Venham*. Destruam o traidor. Mandem-no embora deste mundo.

De repente surgiram figuras em volta de Altaïr, rosnando, com os dentes à mostra, prontas para o combate. Figuras que ele reconhecia, mas que a princípio achou difícil de identificar. Então conseguiu: eram seus nove alvos, suas nove vítimas que retornavam da outra vida para esta.

Viu Garnier de Naplouse, que estava de pé, usando o avental sujo de sangue, com a espada na mão, olhando para Altaïr com olhos compassivos. Viu Tamir, que segurava a adaga, e os olhos cintilavam com intenção maldosa, e Talal, com o arco sobre o ombro e a espada na mão. William de Montferrat, que sorria

perversamente, sacou a arma e a depôs, esperando sua vez antes do ataque. Abu'l Nuqoud e Majd Addin estavam presentes, assim como Jubair, Sibrand e, finalmente, Robert de Sablé.

Todos seus alvos, mandados embora deste mundo por Altaïr e convocados de volta por Al Mualim para que tivessem sua vingança.

E eles atacaram.

Majd Addin teve o prazer de ser despachado primeiro, outra vez. Abu'l Nuqoud estava tão gordo e cômico em sua forma ressuscitada como tinha sido da primeira vez. Afundou de joelhos diante da ponta da espada de Altaïr, mas, em vez de permanecer no chão, desapareceu, deixando atrás de si apenas uma perturbação no ar, uma ondulação de espaço interrompido. Talal, De Montferrat, Sibrand e De Sablé eram os combatentes mais habilidosos e, portanto, recuaram, deixando que os mais fracos entre eles fossem primeiro, esperando que cansassem Altaïr. O Assassino arremeteu do pátio de mármore e saltou da saliência, pousando em um segundo quadrado de mármore decorado, que tinha uma queda-d'água perto. Os alvos o seguiram. Tamir morreu gritando por causa de um, dois cortes da espada de Altaïr. O Assassino nada sentiu. Nenhum remorso. Nem mesmo satisfação de ver os homens sendo mortos merecidamente uma segunda vez. De Naplouse desapareceu, assim como outros, quando sua garganta foi cortada. Jubair caiu. Agarrou Talal, e os dois se seguraram antes que Altaïr enfiasse a espada bem fundo em sua barriga, e ele também passou a ser nada além de uma ausência. Montferrat foi o próximo a ir. Sibrand o seguiu, depois De Sablé, até mais uma vez Altaïr ficar sozinho no jardim com Al Mualim.

— Enfrente-me — ordenou Altaïr, prendendo a respiração. O suor escorria por seu corpo, mas ele sabia que a batalha estava longe de acabar. Ela apenas havia começado. — Ou tem medo?

Al Mualim riu.

— Já enfrentei mil homens, todos superiores a você. E todos foram mortos... pelas minhas mãos.

Com a agilidade e o vigor físico camuflando sua idade, ele pulou da sacada, pousando, agachado, não muito distante de Altaïr. Continuava segurando a Maçã. Estendeu-a como se a ofertasse a Altaïr, e o rosto dele foi banhado pela sua luz.

— Eu não tenho medo — disse Al Mualim.

— Prove — desafiou Altaïr, sabendo que Al Mualim perceberia a manobra, que tinha o intuito de trazer o traidor para mais perto.

Mas, se percebeu — e certamente o fez —, ele não estava mais ligando para nada. Ele estava certo. Não tinha medo porque possuía a Maçã, que ardia, ainda mais brilhante. Ofuscante. A área toda estava iluminada, então, com a mesma rapidez, voltou a escurecer. Enquanto sua vista se ajustava, Altaïr viu cópias de Al Mualim aparecerem, como se geradas do interior do próprio corpo do Mestre.

Ele ficou tenso. Imaginou se aquelas cópias, como as outras contra as quais acabara de lutar, seriam inferiores, versões mais fracas do original.

— Do que eu poderia ter medo? — Al Mualim agora zombava dele. (Ótimo. Que ele zombe. Que fique descuidado.) — Veja o poder que controlo.

As cópias foram para Altaïr e, mais uma vez, ele estava lutando. Mais uma vez, o jardim vibrou com o repique de aço se chocando — e, à medida que caíram diante da espada de Altaïr, as cópias desapareceram. Até ele estar novamente sozinho com Al Mualim.

Ele parou, tentando recuperar o fôlego, agora se sentindo exausto, e, mais uma vez, foi envolvido pelo poder da Maçã, que cintilava e pulsava na mão de Al Mualim.

— Quer dizer suas últimas palavras? — perguntou Al Mualim.

— Você mentiu para mim — disse Altaïr. — Chamou de sujo o objetivo de De Sablé... quando o tempo todo o seu também era.

— Eu nunca fui mesmo bom em compartilhar — observou Al Mualim, quase pesaroso.

— Você não terá sucesso. Outros encontrarão forças para se opor a você.

Diante disso, Al Mualim suspirou ruidosamente.

— É por isso que, enquanto os homens mantiverem o livre-arbítrio, não pode haver paz.

— Eu matei o último homem que disse isso.

Al Mualim riu.

— Palavras corajosas, *garoto*. Mas apenas palavras.

— Então deixe-me ir. Colocarei as palavras em ação.

Agora a mente de Altaïr disparava enquanto procurava algo para dizer que provocasse o descuido de Al Mualim.

— Diga-me, Mestre, por que não faz comigo o que fez com os outros Assassinos? Por que permite que minha mente se mantenha como é?

— O que você é e o que faz estão fortemente entrelaçados. Para tirar uma dessas coisas de você, eu me privaria da outra. E aqueles Templários tinham de morrer. — Suspirou. — A verdade é que tentei. No meu gabinete, quando lhe mostrei o Tesouro... Mas você não é como os outros. Você enxergou através da ilusão.

A mente de Altaïr retornou à tarde em que Al Mualim lhe mostrou o Tesouro. Na ocasião, sentira sua sedução, é verdade, mas resistira à tentação. Ficou imaginando se seria capaz de fazer isso tão indefinidamente. Os poderes traiçoeiros do artefato pareciam agir em todos que entravam em contato com eles. Até mesmo Al Mualim, a quem outrora ele havia idolatrado, que fora um pai para ele e tinha sido um homem bom, justo e honesto e moderado, preocupado apenas com o bem-estar da Ordem e daqueles que a serviam — também fora corrompido. O brilho da Maçã lançava em seu rosto uma nuance espectral. Ela fizera o mesmo com sua alma.

— Ilusão? — disse Altaïr, ainda pensando naquela tarde.

Al Mualim riu.

— Tudo não foi mais do que ilusão. Este Tesouro Templário. Este Pedaço do Éden. Esta Palavra de Deus. Entende agora? O Mar Vermelho nunca se abriu. Água nunca virou vinho. Não foram as maquinações de Éris que geraram a Guerra de Troia, mas isto... — Ergueu a Maçã. — Ilusões... todas elas.

— O que você planeja não é menos ilusão — insistiu Altaïr. — Forçar homens a segui-lo contra a vontade.

— É menos real do que os fantasmas que os sarracenos e os cruzados seguem agora? Aqueles deuses covardes que se afastam deste mundo em que homens podem matar uns aos outros em seu nome? Eles já vivem no meio de uma ilusão. Eu estou apenas fornecendo outra a eles. Uma ilusão que exige menos sangue.

— Pelo menos eles *escolhem* esses fantasmas — argumentou Altaïr.

— Escolhem mesmo? Exceto o herege ou aquele que eventualmente se converteu?

— Isso não é certo — disparou Altaïr.

— Ah. Agora a lógica o abandonou. Em seu lugar, você adota a emoção. Estou decepcionado.

— O que deve ser feito então?

— Você não me segue e eu não posso forçá-lo.

— E você se recusa a desistir desse plano maligno.

— Parece, então, que estamos em um impasse.

— Não. Estamos em um final — corrigiu Altaïr, e talvez Al Mualim estivesse certo, pois ele se descobriu combatendo uma onda de emoções. De traição e tristeza e algo que de início não conseguiu identificar, mas o fez em seguida. Solidão.

Al Mualim desembainhou a espada.

— Sentirei sua falta, Altaïr. Você foi de longe o meu melhor aluno.

Altaïr observou os anos abandonarem Al Mualim enquanto este se posicionava, preparando sua espada e forçando o Assassino a fazer o mesmo. Deslizou para o lado, testando a guarda de Altaïr, e este percebeu que nunca o vira se movimentar com tanta rapidez. O Al Mualim que ele conhecia avançava lentamente, caminhava sem pressa pelo pátio, com lentos e amplos gestos. Este se movimentava como um espadachim — que investe à frente golpeando com a espada. Então, quando Altaïr se defendeu, ele ajustou o ataque para uma estocada. Altaïr foi forçado a ficar na ponta dos pés, com o braço curvado enquanto trazia de volta a espada para desviar a ofensiva de Al Mualim. O movimento o deixou desequilibrado e, com a guarda à esquerda desprotegida, Al Mualim percebeu a chance e avançou com um rápido segundo golpe que encontrou seu alvo.

Altaïr retraiu-se, sentindo o sangue escorrer do ferimento no quadril, mas não ousou olhar. Não conseguia tirar por um segundo os olhos de Al Mualim. Ao contrário dele, Al Mualim sorria. Um sorriso que dizia que ele tinha dado uma lição no jovem aluno. Deu um passo para o lado, então simulou um ataque, seguindo primeiro um caminho, depois o outro, esperando pegar Altaïr desprevenido.

Lutando contra a dor e a fadiga, Altaïr avançou, tomando a iniciativa do ataque, e ficou contente em ver que pegou Al Mualim de surpresa. Mas, apesar de ter feito contato — ele achou que fez —, o Mestre pareceu deslizar para longe, como se fosse transportado.

— Cego, Altaïr — comentou Al Mualim com uma risadinha. — Cego é tudo o que você sempre foi. É tudo o que sempre será. — Novamente, ele atacou.

Altaïr foi lento demais para reagir a tempo, então sentiu a lâmina de Al Mualim talhar seu braço e gritou de dor. Não conseguiria aguentar muito mais daquilo. Era como se a energia fosse sendo extraída dele devagar. A Maçã, seus ferimentos, a exaustão: tudo se combinando aos poucos, mas certamente o incapacitando. Se não conseguisse logo reverter a batalha, enfrentaria a derrota.

O velho, porém, estava deixando a Maçã torná-lo descuidado. Mesmo enquanto ele tripudiava, Altaïr dançou adiante e atacou novamente, e a ponta da espada atingiu o alvo, tirando sangue. Al Mualim gritou de dor e voltou a se transportar, grunhindo e desferindo sua ofensiva seguinte. Fingindo um ataque à esquerda, ele girou, manejando a espada para um golpe de revés. Desesperadamente, Altaïr o aparou, mas quase foi jogado para trás cambaleando e, por alguns momentos, os dois trocaram golpes. O ataque acabou quando Al Mualim se abaixou, atacando acima e cortando o rosto de Altaïr, depois se afastou oscilando antes que o Assassino conseguisse reagir.

Altaïr desferiu um contra-ataque e Al Mualim se transportou. Mas, quando reapareceu, Altaïr notou que ele parecia mais fatigado e, quando atacou, pareceu um pouco mais descuidado. Menos disciplinado.

Então Altaïr avançou, cortando com sua lâmina, forçando o Mestre a se transportar e se materializar vários centímetros adiante. Altaïr notou uma nova curvatura em seus ombros, e sentia a cabeça pesada. A Maçã sugava sua força, mas não estaria fazendo o mesmo com seu manipulador? Al Mualim sabia disso? O quanto o velho entendia a Maçã? Seu poder era tão grande que Altaïr duvidava que fosse possível conhecê-lo verdadeiramente.

Bem. Ele tinha de forçar Al Mualim a usá-lo e, desse modo, exaurir sua própria energia. Com um berro, ele saltou à frente, brandindo contra Al Mualim, cujos olhos se arregalaram, surpresos com a súbita veemência da aproximação de Altaïr. Ele se transportou. Altaïr o alcançou no momento em que reapareceu, e o rosto de Al Mualim agora denunciava raiva — frustração com o fato de as regras de confronto terem mudado, necessitando de espaço para se ajustar.

Dessa vez, ele se materializou mais distante. Estava dando certo: ele pareceu ainda mais cansado. Mas estava preparado para o ataque indisciplinado de Altaïr, recompensando o Assassino com outro braço sangrando. Mas em nada suficientemente sério para detê-lo: o homem mais jovem investiu contra ele de novo, forçando Al Mualim a se transportar. Pela última vez.

Quando reapareceu, cambaleou ligeiramente, e Altaïr pôde perceber que sentia a espada pesada demais para segurá-la. Ao erguer a cabeça para olhar para Altaïr, este viu em seus olhos que ele sabia que a Maçã havia exaurido sua força e que Altaïr tinha notado.

Então, quando ele iniciou o ataque com a espada e saltou, enfiando-a bem fundo em Al Mualim, com um rugido que era parte vitória e parte dor, talvez os pensamentos finais de Al Mualim tivessem sido de orgulho de seu ex-aluno.

— Impossível — arfou, quando Altaïr montou em cima dele. — O aluno não derrota o professor.

Altaïr baixou a cabeça, sentindo lágrimas queimarem suas maçãs do rosto.

— Pois é, você venceu. Vá e reclame sua recompensa.

A Maçã havia rolado da mão estendida de Al Mualim. Estava parada sobre o mármore. Esperando.

— Você tinha fogo nas mãos, velho — disse Altaïr. — Isso deveria ter sido destruído.

— Destruir a *única* coisa capaz de acabar com as Cruzadas e criar a paz verdadeira? — gargalhou Al Mualim. — Nunca.

— Então eu o farei — afirmou Altaïr.

— É o que veremos — riu Al Mualim.

Altaïr encarava a Maçã, achando difícil desviar o olhar. Delicadamente, pousou a cabeça de Al Mualim sobre a pedra, o velho homem agora se apagando mais depressa, levantou-se e foi em direção a ela.

Apanhou-a.

Foi como se ganhasse vida em sua mão. Como se um imenso raio de energia fluísse dela e a iluminasse e viajasse pelo seu braço em direção ao peito. Ele sentiu um grande inchaço, que foi incômodo a princípio, depois sentiu uma provisão de vida, anulando a dor da batalha, enchendo-o com poder. A Maçã vibrava e parecia pulsar, e Altaïr passou a ver imagens. Imagens incríveis, incompreensíveis. Viu o que pareciam cidades, vastas cidades reluzentes, com torres e fortalezas, como se fossem de milhares de anos atrás. Depois viu máquinas e ferramentas, mecanismos estranhos. Entendeu que pertenciam a um futuro ainda não escrito, em que alguns dos aparelhos davam grande alegria às pessoas, ao passo que outros significavam apenas morte e destruição. A quantidade e a intensidade das imagens o deixaram sem fôlego. Então a Maçã foi

rodeada por um halo de luz que se espalhou externamente até Altaïr perceber que estava olhando para um globo, um imenso globo, que pendia no ar parado do jardim, girando lentamente e irradiando uma cálida luz dourada.

Ele ficou extasiado por aquilo. Maravilhado. Era um mapa, notou, com símbolos estranhos — uma escrita que ele não entendia.

Atrás de si, ouviu Al Mualim falando:

— Dediquei meu coração a conhecer a sabedoria, e a conhecer a loucura e a insensatez. Percebi que isso também era correr atrás do vento. Pois em muita sabedoria há muita dor, e aquele que aumenta o conhecimento aumenta a dor.

Nesse momento, Malik e seus homens entraram correndo no jardim. Mal olharam para o corpo de Al Mualim, hipnotizados pela Maçã. À distância, Altaïr conseguia ouvir gritos. Qualquer que fosse o encanto que fora lançado sobre Masyaf, estava quebrado.

Ele se preparou para arremessar a Maçã contra a pedra, ainda incapaz de afastar os olhos da imagem rodopiante, encontrando dificuldade em fazer o braço obedecer à ordem do cérebro.

— *Destrua-a!* — gritou Al Mualim. — *Destrua isso como disse que faria!*

A mão de Altaïr tremeu. Seus músculos se recusavam a obedecer às ordens do cérebro.

— Não... Não posso... — disse ele.

— Sim, você pode, Altaïr — ofegou Al Mualim. — Você pode. Mas não vai. — E, com isso, morreu.

Altaïr ergueu a vista do corpo de seu mentor e viu Malik e seus homens, na expectativa, olhando-o — esperando por liderança e orientação.

Altaïr agora era o Mestre.

Parte Três

34

23 de junho de 1257

Sentado à sombra, em segurança, longe do debilitante calor da praça do mercado de Masyaf, Maffeo me perguntou:

— O jardim de Al Mualim. Fica no mesmo terreno onde está situada a biblioteca dele?

— Sim. Altaïr decidiu que era o local apropriado a ser usado para cuidar e guardar sua obra... Milhares de diários repletos com o aprendizado Assassino, o conhecimento obtido da Maçã.

— Então ele não a destruiu?

— Não destruiu o quê?

Maffeo suspirou.

— A Maçã.

— Não.

— Não na ocasião nem nunca?

— Irmão, por favor, não apresse a conclusão da história. Não, Altaïr não destruiu a Maçã logo depois. Porque ele tinha de subjugar a rebelião que surgiu instantes após a morte de Al Mualim.

— Houve uma rebelião?

— Sim. Houve uma grande confusão como resultado imediato da morte de Al Mualim. Houve muitos da Ordem que permaneceram fiéis a Al Mualim. Ou não ficaram a par da traição do Mestre ou se recusaram a aceitar a verdade, mas, para eles, Altaïr estava ensaiando um golpe e tinha de ser detido. Sem dúvida,

foram incentivados a isso por certas vozes à margem.

— Abbas?

Dei uma risada.

— Sem dúvida. Embora seja possível imaginar apenas um pouco do conflito interno de Abbas diante da reviravolta dos acontecimentos. Seu ressentimento com Al Mualim era tão forte, se não mais forte, do que seu ressentimento com Altaïr.

— E Altaïr sufocou a rebelião?

— Claro. E fez isso permanecendo fiel ao Credo, dando ordem a Malik e aos que ele comandava para que nenhum dos rebeldes fosse ferido, que nem um só homem fosse morto ou punido. Após ter contido os rebeldes, não houve represálias. Em vez disso, ele usou a retórica para mostrar o caminho a eles, convencendo-os primeiramente da culpa de Al Mualim e depois de sua própria adequação para liderar a Irmandade. Fazendo isso, assegurou a conquista do amor, da fé e da lealdade deles. A primeira missão que teve como novo líder da Ordem foi uma demonstração dos próprios princípios que visava introduzir. Trouxe a Irmandade de volta da beira do abismo ao lhe mostrar o caminho.

"Com isso resolvido, ele voltou sua atenção ao diário. Nele, escreveu ideias sobre a Ordem, sua responsabilidade com ela, até mesmo sobre a estranha mulher que encontrou no cemitério. Que o tinha... Mais de uma vez Altaïr escrevera a palavra: "cativado". Mas depois se deteve e mudou-a para "interessado". Sem dúvida ela permaneceu em seus pensamentos.

"Acima de tudo, ele escreveu sobre a Maçã. Costumava carregá-la consigo. À noite, quando escrevia em seu diário, ela permanecia em um suporte a seu lado, e, quando a olhava, sentia uma mistura confusa de emoções: raiva por ela ter corrompido aquele que ele tinha tido como pai, que fora um grande Assassino e mesmo um homem maior ainda; medo dela, pois havia vivenciado seu poder de dar e de tirar; e assombro.

"'Se há alguma coisa boa que possa ser encontrada nesse artefato, eu a descobrirei', escreveu ele, rabiscando com a pena. 'Mas, se for apenas capaz de inspirar maldade e desespero, espero possuir a força para destruí-lo.'

Sim, ele afirmou no diário que destruiria o Pedaço do Éden se não contivesse nenhum bem para a humanidade. Foram essas as palavras que ele escreveu.

Entretanto, Altaïr se perguntava de que modo encontraria a força para destruir a Maçã se e quando chegasse a ocasião.

O fato era que, quem quer que a possuísse, controlava um enorme poder, e os Templários iriam querer que esse poder lhes pertencesse. Além disso, ele se perguntava: os Templários estariam caçando outros artefatos? Teriam se apossado deles? Após a morte de Robert de Sablé, ele sabia que os Templários haviam se consolidado no porto de Acre. Deveria atacá-los ali? Estava determinado a não deixar que ninguém mais possuísse a Maçã, ou qualquer artefato parecido.

Ninguém além dele.

Altaïr meditou em seus aposentos, talvez por um período longo demais, até se preocupar com o fato de que estava dando tempo para que o inimigo se reagrupasse. Chamou Malik e Jabal, colocando o primeiro como comandante temporário da Ordem e informando ao segundo que eles iriam imediatamente liderar um pelotão montado até o porto de Acre, para desencadear uma ofensiva à fortaleza templária, arrancar o mal pela raiz.

Partiram logo depois e, assim que o fizeram, Altaïr notou Abbas parado em uma porta de acesso do castelo, olhando-o malignamente. Os acontecimentos recentes nada tinham feito para cegar a lâmina do ódio que sentia; ela havia sido amolada até ganhar um fio maléfico.

35

A noite caía sobre o porto de Acre. O ancoradouro de pedra cinzenta banhava-se de laranja, e o restante do sol pintava o mar de vermelho-sangue enquanto sumia no horizonte. A água lambia com força as amuradas e os paredões, mas, fora isso, o ancoradouro estava deserto, estranhamente deserto.

Ou... pelo menos esse estava. Enquanto o observava e se intrigava com a ausência de soldados templários — em forte contraste com a última vez em que estivera ali, quando os homens de Sibrand estavam por toda a parte, como pulgas em um cão —, Altaïr concluiu que deviam estar do outro lado das docas, e sua preocupação cresceu. Ele havia demorado demais para tomar uma decisão. Iria pagar por isso?

O cais, porém, não estava totalmente vazio. Altaïr ouviu o som de passadas se aproximando e de conversa baixa. Ergueu a mão e, atrás dele, seu grupo parou, tornando-se sombras imóveis na escuridão. Ele seguiu sorrateiramente ao longo do muro do cais até conseguir vê-los, contente em notar que haviam se separado. O primeiro estava agora quase diretamente abaixo dele, segurando uma tocha e vasculhando os recantos e as fendas da úmida parede do porto. Altaïr ficou imaginando se os pensamentos dele estavam em casa, na Inglaterra ou na França e na família que tinha lá, e lastimou o fato de ter de matá-lo. Ao saltar de modo silencioso do muro, pousando sobre o homem e enfiando profundamente a lâmina nele, Altaïr desejou que houvesse outra maneira.

— *Mon Dieu* — suspirou o guarda ao morrer, e Altaïr se levantou.

Adiante, o segundo soldado movimentava-se ao longo das pedras úmidas das docas, iluminando ao seu redor com a tocha que pingava piche, tentando

afugentar as sombras e encolhendo-se a cada som. Tinha começado a tremer de medo. A corrida de um rato fez com que ele desse um pulo, e virou-se rapidamente, com a tocha erguida, sem enxergar nada.

Seguiu em frente, examinando a escuridão, olhando para trás para o companheiro... Oh, meu Deus, onde ele está? Há pouco estava bem ali. Os dois tinham chegado juntos às docas. Agora não havia sinal — nem som dele. O guarda começou a se agitar de medo. Ouviu um gemido e se deu conta de que vinha dele mesmo. Então, de trás, veio um ruído e ele se virou rapidamente, bem a tempo de ver a morte conseguir encalçá-lo...

Por um ou dois momentos, Altaïr ficou sobre o guarda, prestando atenção em reforços. Mas não veio nenhum, e então, ao se levantar, os outros Assassinos se aproximaram, saltando do muro e chegando ao cais, vestidos com mantos brancos, assim como ele, e observando com os olhos escurecidos por baixo dos capuzes. Sem praticamente fazer um ruído, eles se espalharam depois de Altaïr dar ordens em voz baixa e indicar para que se movimentassem silenciosa e rapidamente ao longo do cais. Alguns guardas dos Templários chegaram correndo e foram devidamente detidos, com Altaïr passando por eles, deixando a luta para seu grupo, e alcançando um muro. A preocupação o corroía: ele calculara muito mal o tempo do ataque — os Templários já estavam a caminho. Uma sentinela tentou detê-lo, mas, com um golpe da lâmina de Altaïr, ele caiu, e o sangue espirrou de seu pescoço. O Assassino usou o corpo como trampolim, saltando até o topo do muro do cais e agachando ali, olhando para a doca vizinha, depois para o mar.

Seus temores se concretizaram. Ele havia esperado demais. À sua frente, em um mar Mediterrâneo dourado com a luz esmorecida do sol, havia uma pequena esquadra de navios dos Templários. Altaïr praguejou e seguiu rapidamente ao longo do cais até o coração das docas. Ainda podia ouvir, atrás dele, os sons da batalha de seus homens contra os reforços. A evacuação templária continuava, mas ele teve a impressão de que o motivo da partida deles podia estar no interior da própria fortaleza. Cuidadosa, rápida e silenciosamente, seguiu caminho para lá, um lugar sombrio situado acima das docas, livrando-se sem piedade de alguns guardas que encontrou no caminho, desejando interromper a fuga do inimigo tanto quanto desejava saber sua intenção.

Dentro, a pedra cinzenta absorvia o som das passadas que ele dava.

Templários se distinguiam pela sua ausência ali. O local já dava a impressão de vazio e fora de uso. Subiu assim mesmo os degraus de pedra até chegar a uma sacada, e ali ouviu vozes: três pessoas em meio a uma acalorada conversa. Reconheceu uma voz em particular ao tomar posição atrás de uma coluna para espreitar. Estivera imaginando se algum dia voltaria a ouvi-la. Parou de imaginar.

Era a mulher do cemitério em Jerusalém. A corajosa leoa que agira como substituta de De Sablé. Ela se encontrava com dois outros templários e, pelo seu tom, estava descontente.

— Onde estão meus navios, soldados? — vociferou. — Disseram-me que haveria outra esquadra de oito.

Altaïr olhou adiante. Os navios templários eram silhuetas no horizonte.

— Sinto muito, Maria, mas isso foi o melhor que pudemos fazer — respondeu um dos soldados.

Maria. Altaïr saboreou seu nome enquanto admirava a firmeza de seu queixo, os olhos que brilhavam com vida e fogo. Pôde notar nela, mais uma vez, aquela qualidade — como se mantivesse guardada a maior parte de seu verdadeiro caráter.

— Como pretendem levar o restante de nós para Chipre? — perguntava ela.

Ora, por que os Templários estariam se transferindo para Chipre?

— Peço perdão, mas seria melhor se você permanecesse em Acre — observou o soldado.

Ela ficou alerta de repente.

— O que significa isso? Uma ameaça? — perguntou.

— É um alerta apropriado — retrucou o cavaleiro. — Armand Bouchart agora é o Grão-Mestre e ele não a tem em alta consideração.

Armand Bouchart, observou Altaïr. Então foi ele que assumiu o lugar de De Sablé.

No centro da sacada, Maria se controlou.

— Ora, seu insolente... — Ela se deteve. — Muito bem. Encontrarei meu próprio caminho até Limassol.

— Sim, *milady* — disse o soldado, fazendo uma reverência.

Eles se foram, deixando Maria sozinha na sacada, onde Altaïr se divertiu ao ouvi-la falar consigo mesma.

— Maldição... Eu estava a um passo da ordem de cavaleiros. Agora sou pouco mais do que uma mercenária.

Ele avançou em direção a ela. O que quer que sentisse pela mulher — e sentia *alguma coisa*, disso tinha certeza —, ele precisava falar para ela. Ouvindo-o se aproximar, ela girou o corpo e o reconheceu no mesmo instante.

— Ora — disse ela —, é o homem que poupou o meu pescoço, mas roubou a minha vida.

Altaïr não teve tempo de imaginar o que ela quis dizer porque, em um lampejo, tão rápido quanto um raio, ela sacou a espada e foi em sua direção, atacando-o com uma velocidade, habilidade e coragem que voltaram a impressioná-lo. Ela trocou as mãos que manejavam a espada e girou para atacá-lo em seu lado fraco; Altaïr teve de se movimentar depressa para se defender. Ela era boa, melhor do que alguns dos homens sob o seu comando e, por alguns momentos, trocaram golpes, a sacada ressoando o tinir e o estrépito do aço, pontilhados pelos gritos de esforço que ela dava.

Altaïr olhou de relance para trás a fim de se certificar de que não havia reforços chegando. Mas, pensando bem, claro que não chegariam. Seu pessoal a deixara para trás. Claramente, sua proximidade com De Sablé não lhe garantira qualquer benefício vindo da parte do substituto dele.

E lutaram. Por um piscar de olhos, ela o manteve com as costas contra a balaustrada, com o mar escuro acima de seus ombros e, pelo mesmo espaço de tempo, ele imaginou que ela seria capaz de derrotá-lo, e que amarga ironia seria. Mas o desespero dela para vencer deixou-a descuidada e Altaïr conseguiu ir para a frente, finalmente girando os pés e chutando-a por baixo, em seguida lançando-se sobre ela com a lâmina parada em sua garganta.

— Voltou para acabar comigo? — perguntou ela desafiadoramente, mas ele podia ver medo em seus olhos.

— Ainda não — respondeu, embora mantivesse a lâmina onde estava. — Quero informações. Por que os Templários estão velejando para Chipre?

Ela sorriu.

— Tem sido uma guerra longa e suja, Assassino. Todos merecem uma folga.

Ele reprimiu um sorriso.

— Quanto mais você me contar, mais viverá. Portanto, te pergunto outra vez, por que a retirada para Chipre?

— Que retirada? O rei Ricardo quebrou uma trégua com Salah Al'din, e a sua Ordem está sem líder, não é mesmo? Assim que recuperarmos o Pedaço do Éden, é *você* quem vai fugir.

Altaïr assentiu, compreensivamente. E também por saber que havia muita coisa sobre a Ordem que os Templários achavam que sabiam, mas não sabiam. A primeira delas era que os Assassinos tinham um líder, a segunda era que não tinham o hábito de fugir de Templários. Ele se levantou e a colocou de pé. Encarando-o, ela sacudiu a poeira do corpo.

— A Maçã está bem escondida — informou a ela, lembrando que, de fato, não estava. Continuava em seus aposentos.

— Altaïr, reflita cuidadosamente sobre suas opções. Os Templários pagariam um alto preço por essa relíquia.

— Eles já pagaram, não foi mesmo? — comentou Altaïr, levando-a consigo.

Momentos depois, ele se reunia com seus Assassinos, após a batalha no cais haver terminado e terem se apossado do porto de Acre. Entre eles estava Jabal, que ergueu as sobrancelhas ao surgimento de Maria e acenou para dois Assassinos que a levassem dali, antes de se juntar a Altaïr.

— O que está acontecendo em Chipre para interessar aos Templários? — refletiu Altaïr, enquanto caminhavam. Já havia decidido o próximo destino deles e não havia tempo a perder.

— Guerra civil talvez? — arriscou Jabal, com as palmas estendidas. — O imperador deles, Isaac Comneno, resolveu comprar uma briga com o rei Ricardo muitos meses atrás, e agora apodrece em uma masmorra templária.

Altaïr pensou.

— Uma pena. Isaac era tão facilmente manipulável, muito disposto a aceitar um suborno.

Pararam nos degraus do cais, e Maria passou por eles ao ser levada, com o queixo erguido.

— Esses dias estão no passado — lembrou Jabal. — Agora a ilha pertence aos Templários, comprada do rei por uma soma irrisória.

— Esse não é o tipo de governo que queremos incentivar. Temos algum contato lá? — perguntou Altaïr.

— Um em Limassol. Um homem chamado Alexander.

— Mande uma mensagem para ele — ordenou Altaïr. — Diga para que me

espere daqui a cerca de uma semana.

36

Ele navegou sozinho para Chipre — embora não *propriamente* sozinho. Levou Maria. Dissera a Jabal que poderia usá-la como isca para os Templários, mas escreveu em seu diário que gostava de tê-la por perto. Era assim, tão simples e tão complicado. Houvera muito poucas mulheres na vida de Altaïr. Aquelas que dividiram a cama com ele haviam feito pouco mais do que satisfazer uma necessidade, e ainda teria de encontrar uma mulher capaz de agitar aqueles sentimentos que se encontravam acima da cintura. Teria encontrado agora? Rabiscou a pergunta em seu diário.

Chegando a Limassol, descobriram que os Templários haviam de fato ocupado a ilha. Como sempre, o porto estava tomado pela luz laranja do sol, e o arenito brilhava com ela. As águas azuis resplandeciam, e as gaivotas planavam e mergulhavam sobre suas cabeças em uma algazarra constante. Por toda a parte, porém, havia as cruzes vermelhas dos Templários, e soldados atentos vigiando uma população de má vontade. Esta vivia agora sob a mão de ferro dos Templários, sua ilha vendida diante de seus narizes por um rei cujo direito a ela era, na melhor das hipóteses, frágil. A maior parte seguia com suas vidas; tinham bocas a alimentar. Algumas almas corajosas, porém, haviam formado uma Resistência. Eram estes, os mais solidários à missão de Altaïr, que ele planejava encontrar.

Desceu do navio e seguiu ao longo do cais. Com ele, ia Maria, com as mãos amarradas. Ele cuidara para que ela removesse quaisquer vestígios que a identificassem como uma cruzada templária e, para todos os efeitos, era sua escrava. Essa situação, é claro, a enfurecia, e ela não demorou a revelar isso,

resmungando ao passarem pelo cais, que se encontrava mais silencioso do que esperavam. Particularmente, Altaïr se divertia com o desconforto dela.

— E se eu começar a gritar? — perguntou ela por entre os dentes trincados.

Altaïr deu uma risadinha.

— As pessoas taparão os ouvidos e irão em frente. Elas já viram escravos infelizes.

Mas que pessoas? O cais estava estranhamente vazio e, ao saírem para as ruas secundárias, também encontraram as estradas desertas. De repente, um homem saiu de um beco diante deles, vestido com um manto surrado e um turbante. Barris sem uso e caixotes vazios estavam espalhados por ali e ouvia-se água pingando em alguma parte. Estavam sozinhos, Altaïr se deu conta, quando mais dois homens saíram de outros becos em volta.

— O porto é zona proibida — anunciou o primeiro homem. — Mostre o rosto.

— Não há nada debaixo desse capuz, a não ser um velho Assassino feio — rosnou Altaïr, e levantou a cabeça para olhar para o homem.

O assaltante abriu um sorriso, não era mais uma ameaça.

— Altaïr.

— Alexander — exclamou Altaïr —, você recebeu minha mensagem.

— Supus que fosse uma armadilha templária. Quem é a mulher? — Examinou Maria de cima a baixo, com um faiscar nos olhos.

— Isca templária — explicou Altaïr. — Ela era de De Sablé. Infelizmente, é um fardo.

Maria cravou os olhos nele: se olhar matasse, este o teria torturado cruelmente antes.

— Podemos cuidar dela para você, Altaïr — ofereceu Alexander. — Temos um abrigo secreto.

Ela praguejou contra as almas podres dos dois enquanto seguiam para a casa, usando uma linguagem grosseira para uma inglesa.

Altaïr perguntou a Alexander por que havia tão pouca gente nas ruas.

— Parece uma cidade-fantasma, não? As pessoas têm receio de sair de casa por medo de infringir alguma nova lei obscura.

Altaïr pensou.

— Os Templários nunca estiveram interessados em governar. Fico

imaginando por que estariam agora.

Alexander assentia. Enquanto caminhavam, passaram por dois soldados, que olharam para eles de modo suspeito. Altaïr pressionou o corpo contra o de Maria para dar passagem. Mas ela não cedeu, e ele ficou imaginando se isso não teria algo a ver com o fato de Maria ter sido abandonada por seus próprios aliados em Acre. Ou talvez... Não. Afastou esse pensamento da mente.

Chegaram ao abrigo: um armazém abandonado que Alexander havia transformado em base. Havia um depósito fechado com porta gradeada de madeira, mas deixaram que Maria ficasse, por enquanto, do lado de fora. Altaïr checou a corda nos punhos dela, correndo o dedo entre o fio e o braço para se certificar de que ela estivesse confortável. Ela então lhe deu um olhar que só poderia ser descrito como de agradecido desdém.

— Não suponho que esteja aqui para fazer caridade — disse Alexander, após se instalarem. — Posso perguntar o motivo?

Altaïr queria agir depressa — queria seguir imediatamente para a base templária —, mas devia uma explicação ao cipriota.

— É uma história complicada, mas pode ser facilmente resumida: os Templários têm acesso ao conhecimento e a armas muito mais mortais do que qualquer um é capaz de imaginar. Planejo mudar isso. Uma dessas armas está em nossas mãos. Um dispositivo com a habilidade de deformar as mentes dos homens. Se os Templários possuem mais coisas deste tipo, eu quero saber.

Maria falou por trás deles:

— E certamente podemos confiar que os Assassinos deem um uso melhor à Maçã, o Pedaço do Éden...

Altaïr conteve um sorriso, mas ignorou-a, perguntando a Alexander:

— Onde os Templários estão entocados agora?

— No Castelo de Limassol, mas estão expandindo seu alcance.

Isso tinha de ser detido, pensou Altaïr.

— E como posso entrar lá? — indagou.

Alexander lhe falou de Osman, um Templário simpatizante da Resistência Cipriota.

— Mate o capitão da guarda — sugeriu. — Com ele morto, é provável que Osman seja promovido para o posto. E, se isso acontecer, bem, você poderá entrar sem problemas.

— É um começo — disse Altaïr.

Ao se movimentar pelas ruas da cidade, ele ficou admirado com o quanto estava silenciosa. Enquanto caminhava, pensava em Maria e na Maçã. Ele a trouxera consigo, é claro — ficara na cabine de seu navio. Teria sido imprudente, talvez, trazer o Tesouro e deixá-lo tão perto do inimigo? Somente o tempo diria.

No mercado, ele avistou o capitão da guarda templária, que gentilmente facilitara sua localização ao usar uma túnica vermelha sobre a cota de malha e ter o aspecto imperioso de um rei. Altaïr olhou em volta, vendo outros guardas nas proximidades. Baixou a cabeça, sem chamar a atenção para si, evitando o olhar de um guarda que o observava com apertados olhos suspeitos. Ao passar, pareceu ser um erudito para quem o visse. Então, muito cautelosamente, começou a fazer a volta, manobrando para se colocar por trás do capitão, que permanecia do outro lado da alameda, vociferando ordens para seus homens. Fora o capitão e agora seu matador, a alameda estava vazia.

Altaïr tirou a faca de arremesso da bainha em seu ombro, então, com uma sacudida do punho, soltou-a. O capitão deslizou para o chão de pedra com um longo gemido e, quando os guardas chegaram correndo, Altaïr já tinha seguido por um beco ao lado e se camuflava pelas ruas secundárias vazias. Missão cumprida. Foi então em busca de Osman, exatamente como Alexander havia instruído.

Furtivo e rápido, atravessou os telhados da cidade descorada pelo sol com passos velozes como os de um gato, por entre as vigas de madeira, até se pegar contemplando um pátio do alto. Lá embaixo estava Osman. Apesar de Templário, simpatizava com os Assassinos, e Altaïr esperou para que estivesse sozinho antes de descer para o pátio.

Quando Altaïr desceu, Osman olhou dele para o muro acima dos dois, depois, de volta a ele, observando seu visitante com diversão. No mínimo, tivera alta consideração pelo modo furtivo do Assassino.

— Saudações, Osman — disse Altaïr. — Alexander envia seus respeitos, e deseja à sua avó um jubiloso aniversário.

Osman deu uma gargalhada.

— Que a querida senhora descanse em paz. Bem, em que posso ajudá-lo, amigo?

— Pode me dizer por que os Templários compraram Chipre? Seria para

montar outro esquema de coleta de impostos?

— Não tenho uma graduação alta o suficiente para confirmar essa informação, mas ouvi uma conversa sobre alguma espécie de arquivo — explicou Osman, ao olhar à esquerda e depois à direita. Se fosse visto conversando com Altaïr, certamente seria condenado a morrer na praça do mercado.

— Um arquivo? Interessante. E quem é o Templário mais graduado em Limassol?

— Um cavaleiro chamado Frederick, o Vermelho. Treina soldados no Castelo de Limassol. Um verdadeiro brutamontes.

Altaïr assentiu.

— Com o capitão da guarda do castelo morto, o que seria preciso para que eu entrasse?

— Supondo que eu seja nomeado para o posto dele, poderia inventar uma desculpa para reduzir as turmas de sentinelas do castelo. Isso serviria?

— Farei com que sirva — disse Altaïr.

As coisas progrediam rapidamente.

— Osman está tomando as providências — informou ele depois a Alexander, quando retornou ao abrigo. Enquanto estivera fora, Maria passara a maior parte do dia no depósito onde era mantida. Alexander recebera uma série de insultos e gracejos. A fúria dela crescia cada vez mais quando ele lhe pedira que os repetisse, pois era fã de sua dicção inglesa. Agora, porém, ela tivera permissão de sair para comer e estava sentada em uma instável cadeira de madeira, encarando Altaïr e Alexander, que conversavam, e disparando olhares furiosos para qualquer outro membro da Resistência que por acaso passasse por ali.

— Excelente. E agora? — perguntou Alexander.

— Vamos lhe dar algum tempo — respondeu Altaïr. Virou-se para Maria. — Ele também me falou sobre o arquivo templário. Você já ouviu falar nisso?

— Claro — afirmou Maria. — É onde guardamos nossas roupas de baixo.

Altaïr ficou desanimado. Virando-se de volta a Alexander, falou:

— Chipre seria um bom local para proteger tanto conhecimento quanto armas. Com a estratégia correta, é uma ilha fácil de defender.

Levantou-se. Osman agora já teria tido tempo de reduzir a vigilância nos muros do castelo. Estava na hora de se infiltrar.

37

Pouco tempo depois, Altaïr se encontrava no pátio do Castelo de Limassol, pronto para se infiltrar. Escondido sob as sombras, olhava acima para a impedida muralha de pedra, observando os arqueiros que a vigiavam e marcando o tempo dos movimentos dos homens nos bastiões.

Ficou contente ao notar que havia poucos homens: Osman fizera bem o seu trabalho. A fortaleza não estava completamente vulnerável, mas Altaïr conseguiria entrar. E isso era tudo de que precisava.

Escalou uma parede para os bastiões, depois entrou sorrateiramente no castelo. Um guarda gritou e caiu com uma das facas de arremesso de Altaïr no pescoço. Outro ouviu a agitação e chegou correndo ao longo da entrada para então encontrar a lâmina do Assassino. Altaïr baixou o guarda para a pedra, pousou o pé em suas costas e puxou a espada, que pingou sangue no chão. Depois continuou o caminho pelo castelo pouco habitado, livrando-se dos guardas quando os encontrava. Osman *fora* realmente eficiente em seu trabalho. Não apenas encontrara menos guardas na muralha como também parecia haver uma ausência de homens na parte de dentro. Altaïr ignorou a incerteza que o agitava. A pontada de inquietação.

Continuou subindo e subindo, adentrando cada vez mais nos setores internos do castelo, até chegar a uma sacada com vista para um enorme pátio que era usado como centro de treinamento.

Ali avistou Frederick, o Vermelho; um gigante barbudo que observava um duelo entre dois de seus homens. Vê-lo fez Altaïr sorrir. O genial espião Osman tinha razão. Frederick, o Vermelho, era de fato um brutamontes.

— Sem piedade, homens — rugia ele. — Esta é uma ilha de pagãos supersticiosos. Lembrem-se, eles não querem vocês aqui, não gostam de vocês, não entendem a verdadeira sabedoria da causa de vocês, e estão tramando o tempo todo para expulsá-los. Fiquem alerta e não confiem em ninguém.

Vestidos com armadura completa, os dois cavaleiros lutavam, e o som de suas espadas ressoava pelo pátio. Mantendo-se fora de vista na sacada acima, Altaïr ouvia o líder templário incentivá-los.

— Procurem as aberturas na armadura do oponente. Ataquem com força. Deixem as comemorações para a taberna.

Então Altaïr se levantou e deu um passo acima para a muralha, tendo plena visão dos três homens no pátio de treinamento lá embaixo. Estes continuaram com a atenção focada na batalha. Ele calculou a altura de onde estava até a pedra embaixo, então inspirou fundo, estendeu os braços e pulou.

Com uma suave batida surda, pousou diretamente atrás de Frederick, o Vermelho, com os joelhos curvados e os braços estendidos para se equilibrar. O líder barbudo se virou no momento em que Altaïr se endireitava. Com os olhos inflamados, ele rugiu:

— Um Assassino em Chipre? Ora, ora. Com que facilidade vocês da ralé se adaptam. Vou pôr um fim no...

Nem terminou a frase. Altaïr, que quis olhar nos olhos do Templário antes de desferir o golpe mortal, ejetou a lâmina e cortou o pescoço dele com um só movimento, a ação toda tendo durado um instante. Com um som curto e estrangulado, Frederick, o Vermelho, desabou, tendo no pescoço um largo buraco vermelho, e seu sangue passou a inundar a pedra à sua volta, fazendo jus a seu nome.

Por um segundo, seus homens ficaram em silêncio, e seus elmos puderam privá-los de qualquer emoção, de modo que Altaïr pôde apenas imaginar os olhares chocados atrás do aço. Então eles se recuperaram, e atacaram. Altaïr enfiou a lâmina através da fenda do visor do primeiro. Atrás do elmo houve um agoniado ruído sufocante e o sangue jorrou do visor enquanto o espadachim caía. Nisso, o segundo dos dois duelistas atacou, manejando a espada de folha larga, mais torcendo do que esperando encontrar seu alvo. O Assassino desviou-se facilmente para o lado, ao mesmo tempo que espalmou uma faca de arremesso, girando o corpo e, em um único movimento para cima, enfiando a

faca por baixo do peitoral do cavaleiro.

Com o fim da batalha e os três corpos caídos no chão de pedra, Altaïr olhou em volta do pátio, recuperando o fôlego. O castelo, habitado por tão pouca gente, tinha suas vantagens, pensou ele. Retornou à sacada, saindo do mesmo modo como havia entrado. Em seu caminho de volta, a importuna voz da dúvida ficou mais alta. A maior parte dos corpos pelos quais passara era daqueles que ele havia deixado mais cedo, inalterados, e não havia mais nenhuma sentinela por ali. *Nenhuma*. Onde estava todo mundo?

Recebeu a resposta logo após ter deixado a fortaleza e seguido seu caminho pelos telhados em direção ao abrigo, já ansiando por um descanso e talvez um combate verbal com Maria. Talvez até mesmo uma conversa com ela. Tudo que conseguira tirar de Maria era saber da sua origem inglesa, que tinha sido camareira de De Sablé (exatamente *o que* isso significava, Altaïr não perguntara) e que se envolvera com as Cruzadas após um incidente em casa, na Inglaterra. Isso o havia intrigado. Esperava descobrir em breve o que tinha acontecido a ela.

De repente, ele avistou fumaça, uma grossa coluna escurecendo o céu.

E vinha do abrigo.

Seu coração martelava à medida que chegava mais perto. Viu soldados cruzados montando guarda e contendo qualquer um que tentasse se aproximar do prédio, que estava em chamas. Línguas de fogo vinham das janelas e da porta, densos anéis de fumaça preta coroavam o telhado. Era por isso que o castelo de Frederick estivera tão pouco vigiado.

A primeira preocupação de Altaïr não foi com a segurança da Ordem, de Alexander ou de qualquer outro membro da Resistência que pudesse estar lá dentro. Sua primeira preocupação foi com Maria.

A fúria tomou conta dele. Seu pulso clicou e ejetou a lâmina. Em um movimento, ele saltou do teto e enfrentou os dois guardas templários lá embaixo. O primeiro morreu gritando, o segundo teve tempo de virar, com olhos arregalados, surpresos, enquanto a lâmina de Altaïr abria sua garganta. O grito elevou-se e mais soldados vieram correndo, mas o Assassino os enfrentou, desesperado para alcançar o abrigo, sem saber se Maria estava presa lá dentro, talvez morrendo sufocada. Teria sido deixada no depósito? Estaria lá agora, socando a porta, ofegando por ar no ambiente repleto de fumaça? Se fosse o caso, ele só conseguia começar a imaginar o terror que ela estava sentindo. Mais

guardas templários avançaram para ele, as pontas de suas espadas ansiando por sangue. E ele lutou. Combateu-os com facas de arremesso e espada até ficar exausto. A rua estava apinhada de corpos de Templários, sangrando na terra. E agora ele corria na direção do abrigo incendiado, chamando seu nome.

— *Maria!*

Não houve resposta.

Mais Templários se aproximavam. Com o coração pesado, Altaïr fugiu para os telhados, para ali fazer uma avaliação e planejar a ação seguinte.

38

Sua ação seguinte acabou sendo uma realidade imposta. Sentado bem alto em uma torre à sombra de um sino, Altaïr percebeu o movimento nas ruas, que antes estavam tão vazias. As pessoas deixavam suas casas. Ele não fazia ideia aonde iam, mas decidiu que queria saber.

Sem dúvida, com a fumaça ainda se elevando dos restos queimados do abrigo, os Templários estavam se mobilizando. Altaïr usou os telhados para seguir os habitantes que iam para a praça. Viu a expressão em seus rostos e ouviu suas conversas. Eram de vingança e represálias. Mais de uma vez ouviu o nome de Armand Bouchart. Diziam que ele acabara de chegar à ilha. E tinha uma temida reputação. Uma reputação cruel.

Altaïr estava prestes a vê-la em ação, mas, por um tempo, ficou feliz em ver Maria na aglomeração, viva e ilesa. Ela ia ladeada por dois cavaleiros templários na multidão que se formava — pela aparência, tinha sido feita prisioneira, embora não estivesse amarrada. Como todos os demais na praça, a atenção dela estava concentrada nos degraus da catedral.

Ele a manteve em sua linha de visão, ficando fora de vista em um telhado que dava para a praça, observando enquanto Osman tomava posição nos degraus, parando ligeiramente em um lado, pronto para a entrada do novo líder templário, que saiu a passos largos e se juntou a ele.

Bouchart, assim como De Sablé, seu antecessor, parecia ter sido escolhido tanto pela formidável aparência quanto pela habilidade de liderança. Usava armadura completa, mas parecia forte e ágil embaixo dela. Não tinha barba e possuía grossas sobrancelhas que pareciam fazer sombras nos olhos. As maçãs do

rosto, encovadas, davam a ele uma aparência repugnante.

— Um assassinato infame abalou minha ordem — bradou ele, em uma voz que exigia a atenção de toda a praça. — O prezado Frederick, o Vermelho... foi morto. Ele, que serviu com honra a Deus e ao povo de Chipre, pagou tributo à lâmina de um criminoso. Quem entre vocês me entregará o responsável por isso?

Nada veio da multidão, a não ser o ruído de constrangidos pés se arrastando. Os olhos de Altaïr voltaram para Bouchart, que estava sombrio.

— Covardes — rugiu. — Não me deixam escolha a não ser eu mesmo eliminar esse criminoso. Por isso, concedo imunidade aos meus homens até essa investigação ser concluída.

Altaïr viu Osman mudar desconfortavelmente de posição. Em geral, seu rosto tinha um ar vivaz, mas não agora. Parecia preocupado ao se aproximar para falar com o líder.

— Bouchart, os cidadãos já estão inquietos. Talvez essa não seja a melhor ideia.

Bouchart estava virado para outro lado, por isso talvez Osman não tenha visto o rosto dele ganhar uma expressão furiosa e terrível. Bouchart não estava acostumado a ter suas ordens questionadas: isso era claro. Se considerava isso insubordinação ou não...

Em um único movimento, ele desembainhou a espada e a enfiou na barriga de Osman.

Com um grito que ecoou em volta da praça atônita, o capitão se curvou sobre o chão de pedra, levando as mãos à barriga. Debateu-se brevemente nos degraus até morrer, e a agitação de sua morte foi ensurdecedora em meio ao silêncio que envolveu a multidão, abalada. Altaïr se contraiu. Não conhecera Osman, é claro, mas gostara do que percebera dele. Outro homem bom morrera desnecessariamente.

Bouchart se abaixou e limpou a espada na manga da túnica de Osman.

— Se mais alguém tiver alguma objeção, convido a se apresentar.

O corpo de Osman balançou ligeiramente e um braço relaxou e ficou pendurado sobre o degrau. Os olhos, incapazes de enxergar, encaravam o céu.

Não houve objeções.

De repente, ouviu-se um grito de Maria, que havia se libertado de seus captores. Ela correu para os degraus e jogou-se de joelhos diante do líder.

— Armand Bouchart — exclamou.

Embora ele sorrisse ao reconhecê-la, não foi o sorriso de amigos se encontrando.

— Ah — ironizou ele —, uma antiga colega. — E recolocou a espada no cinto.

— Bouchart — disse Maria —, um Assassino veio para Chipre. Consegui escapar, mas ele não deve estar muito longe.

De onde estava, no alto, o coração de Altaïr se abateu. Ele tinha esperanças de que... Não. Antes de tudo, ela era templária. Sempre seria. Sua lealdade era para com eles.

— Ora, Maria — comentou Bouchart, animado —, isso seria a sua segunda fuga miraculosa dos Assassinos, não? Uma vez quando De Sablé era o alvo; e agora aqui, na minha ilha.

Altaïr notou incompreensão unir-se ao pânico no rosto de Maria.

— Não estou do lado dos Assassinos, Bouchart — rebateu ela. — Por favor, ouça.

— De Sablé era um coitado e fraco de vontade. O versículo setenta estabelecido pelo Regulamento Templário proíbe *expressamente* a associação com mulheres... Pois é por meio das mulheres que o diabo tece sua teia mais forte. De Sablé ignorou esse princípio e pagou com a vida.

— Como ousa? — retrucou ela e, a despeito de si mesmo, Altaïr sorriu.

Qualquer medo que Maria vivenciava era sempre de curta duração.

— Toquei em um nervo, não foi? — rugiu Bouchart, divertindo-se consigo mesmo. Em seguida: — Prendam-na.

Com isso, encerrou-se a reunião. Bouchart virou-se e foi embora, deixando para trás o corpo de Osman, com olhos vidrados, sobre os degraus. Maria foi amarrada e depois arrastada dali.

Os olhos de Altaïr foram da figura de Bouchart, que se afastava, para Maria. Ele estava dividido, tentando decidir o que faria a seguir. Bouchart estava perto. Poderia não ter uma chance dessas outra vez. Atacá-lo quando menos esperava.

Mas, por outro lado... Maria.

Desceu do telhado e seguiu os homens que a levavam da Praça da Catedral, provavelmente em direção à cadeia. Manteve-se a uma distância segura. Então, quando viraram em uma rua mais tranquila, ele atacou.

Momentos depois, os dois guardas estavam mortos, e Altaïr se aproximava de Maria, para onde ela fora empurrada, tendo as mãos ainda amarradas, lutando para se pôr de pé. Estendeu-lhe a mão e ela afastou-se abruptamente.

— Tire as mãos de mim — vociferou. — Eles me consideram traidora por sua causa.

Altaïr sorriu com indulgência, embora ela tivesse alertado Bouchart sobre sua presença.

— Não passo de uma desculpa conveniente para sua ira, Maria. Os Templários são seus verdadeiros inimigos.

Ela dirigiu um olhar furioso para ele.

— Eu o matarei quando tiver uma chance.

— Se tiver uma chance... Mas então nunca descobrirá a Maçã, o Pedaço do Éden. E qual é atualmente a maior predileção dos Templários? Minha cabeça ou o artefato?

Maria fitou-o com os olhos semicerrados, percebendo que o que ele dizia fazia sentido. Ela pareceu descontrair.

Por enquanto.

Muito depois, encontraram Alexander de novo. O rosto dele revelava preocupação ao falar com Altaïr.

— A despeito de sua bravata, Bouchart obviamente levou a sério o alerta de Maria. — Ao dizer isso, lançou um olhar tão furioso para Maria que, por mais incrível que pudesse parecer, a deixou sem fala. — Minhas fontes me dizem que, após destruir o nosso abrigo, ele zarpou imediatamente para Kyrenia.

Altaïr franziu a testa.

— Que pena. Eu esperava me encontrar com ele. — Mesmo assim, ainda planejava encontrá-lo. — Qual é rota mais rápida para lá? — perguntou.

39

Viajaram como um monge e sua acompanhante, autorizados a encontrar um espaço no porão de carga do navio. Ocasionalmente, membros da tripulação desciam do convés principal e também se aninhavam para dormir ali, peidando e roncando, pouco ligando para os dois estranhos. Enquanto Maria dormia, Altaïr encontrou um caixote, abriu o diário e tirou a Maçã de um embrulho que trazia no manto.

Livre do material que a protegia, ela reluziu, e ele a observou por um momento. Então escreveu: "Estou lutando para tirar algum sentido da Maçã, o Pedaço do Éden; saber sua função e seu propósito. Mas *posso* afirmar com certeza que sua origem não é divina. Não... é uma ferramenta... uma máquina de extraordinária precisão. Que espécie de homens eram esses que trouxeram essa maravilha para o mundo?"

Houve um ruído atrás dele. Em um instante, apanhou a Maçã e cobriu-a mais uma vez, escondendo-a no manto. Era Maria, mexendo-se ao despertar. Ele fechou o diário, passou por cima dos corpos adormecidos de dois tripulantes e atravessou o porão até onde ela estava, sentada com as costas apoiadas em uma pilha de caixas de madeira, tremendo de frio e bocejando. Ela apoiou os joelhos no peito, observando Altaïr enquanto ele se sentava no assoalho a seu lado. Os olhos de Maria eram ilegíveis. Por um momento, os dois ouviram o ranger do navio, o ir e vir do mar no casco. Nenhum deles tinha certeza se era dia ou noite, ou há quanto tempo estavam velejando.

— Como veio parar aqui? — perguntou-lhe Altaïr.

— Não se lembra, homem santo? — respondeu ela maliciosamente. — Você

me trouxe para cá. — Sussurrou: — Sou sua companheira.

Altaïr limpou a garganta.

— Refiro-me à Cidade Sagrada. Nas Cruzadas.

— Eu deveria estar em casa, com o colo repleto de crochê e de olho no jardineiro?

— Não é o que as inglesas fazem?

— Não esta aqui. Sou o que na minha família chamam de incomum. Cresci preferindo as brincadeiras de meninos. Bonecas não eram para mim, para o grande e contínuo aborrecimento dos meus pais — continuou, irritada. — Eu costumava arrancar suas cabeças.

— Dos seus pais?

Ela riu.

— Das minhas bonecas. Por isso, é claro, eles faziam tudo que podiam para me tornar menos rude, e, no meu aniversário de 18 anos, me deram um presente especial.

— E qual foi?

— Um marido.

Ele se assustou.

— Você é casada?

— Fui. O nome dele era Peter, e ele era uma companhia muito agradável, mas apenas...

— O quê?

— Bem, era só isso. Apenas... muito agradável. Nada mais.

— Ou seja, não servia muito para acompanhar você na diversão.

— Em nada. Meu marido ideal teria de aceitar esses aspectos do meu caráter que meus pais queriam extirpar. Caçaríamos e iríamos atrás de falcões juntos. Ele me instruiria em esportes e combate e me impregnaria de erudição. Mas ele não fez nada disso. Nós nos mudamos para a sede da família dele, Hallaton Hall, em Leicestershire, onde, como castelã, esperava-se que eu coordenasse a equipe de empregados, supervisionasse os assuntos domésticos e, é claro, desse herdeiros a eles. Pelo menos três. De preferência, dois meninos e uma menina, nessa ordem. Mas fracassei em corresponder às expectativas deles, do mesmo modo que, miseravelmente, ele fracassou em corresponder às minhas. A única coisa com que eu me importava menos do que a hierarquia e a política da equipe de

empregados era cuidar de crianças, e especialmente do parto, que vem antes disso. Após quatro anos de engano, fui embora. Felizmente, o bispo de Leicester era um amigo íntimo do velho lorde Hallaton, que conseguiu uma anulação, em vez de correr o risco de que esta moça tola e impetuosa causasse mais constrangimento à família. Passei a ser, é claro, *persona non grata* em Hallaton Hall; aliás, em todo o Leicestershire. E, ao voltar para casa, a situação não era melhor. Hallaton exigira de volta o dote pago pela noiva, mas meu pai já o tinha gasto. No fim das contas, decidi que era melhor para todo mundo se eu fosse embora, por isso fugi para as Cruzadas.

— Como enfermeira?

— Não, como soldado.

— Mas você é...

— Sim, experiente em me disfarçar de homem. Eu não o enganei naquele dia, no cemitério?

— Eu sabia que você não era De Sablé, mas...

— Não achou que eu fosse mulher. Está vendo? Anos me passando por rude finalmente valeram a pena.

— E De Sablé? Ele se enganou?

Altaïr percebeu, em vez de ver, a tristeza em seu sorriso.

— De início gostei de Robert — disse ela suavemente. — Ele certamente viu mais do meu potencial do que Peter. Mas, é claro, ele também viu de que modo eu poderia ser explorada. E não demorou muito para fazer isso. — Suspirou. — Foi apropriado você ter matado Robert — afirmou. — Não era um homem bom e foi indigno de quaisquer sentimentos que tive por ele.

— Foi ele quem lhe deu isso? — perguntou Altaïr, após um momento, apontando para a mão dela, para a pedra preciosa que brilhava ali.

Maria olhou-a e franziu a testa, quase como se tivesse esquecido que a usava.

— Sim. Foi um presente dele, quando me deixou sob sua proteção. Isto é tudo que resta dos meus laços com os Templários.

Seguiu-se um silêncio de constrangimento, que finalmente foi quebrado por Altaïr.

— Você estudou filosofia, Maria? — começou ele.

Ela o olhou, indecisa.

— Li fragmentos... nada mais.

— O filósofo Empédocles proclamava que toda a vida na Terra começou de forma simples, em formas rudimentares: mãos sem braços, cabeças sem corpos, olhos sem rostos. Acreditava que todas essas formas primitivas se combinaram, muito gradualmente, ao longo do tempo, para criar toda a variedade de vida que vemos diante de nós. Interessante?

Ela só faltou bocejar.

— Você sabe o quanto isso parece ridículo?

— Sei... Mas me conforto com o conselho do filósofo Al Kindi: não se deve ter medo de ideias, não importa sua fonte. E nunca devemos temer a verdade, mesmo quando ela nos magoa.

— Não vejo sentido em suas divagações. — Ela riu baixinho, parecendo sonolenta e afetuosa.

Talvez ele a tivesse julgado mal. Talvez ela não estivesse pronta para aprender. Mas então soou um sino, o sinal de que haviam aportado em Kyrenia. Levantaram-se.

Altaïr tentou novamente.

— Apenas uma mente livre de impedimentos é capaz de compreender a beleza caótica do mundo. Esse é o nosso maior trunfo.

— Mas o caos é algo a ser louvado? A desordem é uma virtude? — perguntou ela, e algo nele foi estimulado com a indagação. Talvez, afinal de contas, ela fosse receptiva ao conhecimento superior.

— Sim, isso nos apresenta desafios — alegou ele —, mas a liberdade possibilita recompensas maiores do que a alternativa. A ordem e a paz que os Templários procuram requerem servidão e prisão.

— Hum — fez ela. — Conheço essa sensação...

Ele sentiu certa proximidade com ela ao chegarem aos degraus que levavam ao convés superior, e se deu conta de que era exatamente a mesma sensação de que andara à procura desde quando se encontraram. Agora ele a sentiu, e gostou. Queria que continuasse. Mesmo assim, teria de tomar cuidado. Ela já não lhe dissera que planejava matá-lo? Sua lealdade aos Templários tinha sido partida, mas isso não queria dizer que ela tivesse, de uma hora para outra, adotado os modos dos Assassinos. Pelo que ele podia perceber, os modos dela eram os de Maria.

Portanto, faltava ter provas disso.

Na escada, ela sorriu e estendeu as mãos, e ele olhou com desconfiança. Mas havia possibilidade de ela subir com as mãos amarradas e, de qualquer modo, eles estavam viajando com piratas: embora piratas fossem notoriamente carentes de ética, até mesmo eles poderiam se surpreender com um monge que mantinha sua companheira amarrada. Os dois que tinham estado dormindo, agora se punham de pé, bocejando, coçando a virilha e lançando olhares para a dupla do outro lado do porão. Dissimuladamente, Altaïr acionou sua lâmina e cortou a corda dos punhos de Maria. Ela lhe lançou um olhar de agradecimento antes de começar a subir os degraus.

Então ele ouviu algo. Um murmúrio. Foi mais alertado pelo tom do que pelo que estava sendo dito. Sem parecer óbvio, prestou atenção. Como havia imaginado, os dois piratas conversavam sobre ele.

— Eu *sabia* que era ele — falou um deles em um som estridente. — Eu lhe disse.

Altaïr podia sentir os olhos deles em suas costas.

— Aposto como os Templários pagariam uma bela recompensa por esses dois.

Silenciosamente, o Assassino praguejou. Se estivesse certo, precisaria novamente de sua lâmina a qualquer momento...

Ouviu o som de cimitarras sendo sacadas.

...agora!

Altaïr girou para enfrentar os dois, enquanto sua companheira decidia seguir o "modo Maria" e correr para a liberdade, chutando-o com o pé direito e enviando-o cambaleante contra a lateral do porão, a dor incendiando seu rosto.

Havia dor também dentro dele. Um tipo diferente de dor.

E ela se foi, desaparecendo no quadrado de luz do sol da porta do porão. Altaïr praguejou novamente, mas dessa vez em voz alta, e endireitou-se para enfrentar o ataque. O primeiro pirata sorriu quando ele se aproximou, sem dúvida pensando no prêmio — o vinho e as mulheres que compraria após recebê-lo.

Altaïr enfiou a espada no esterno do homem e ele parou de sorrir, deslizando facilmente para fora da lâmina. Isso deu ao segundo uma pausa para pensar e ele parou. Semicerrou os olhos e ficou mudando a arma de mãos. Altaïr sorriu para ele e bateu o pé, contente em vê-lo se retrair em resposta.

Ótimo, pensou. Gostava que seus piratas mercenários tivessem um pouco de medo antes de morrer.

E ele morreu. Os olhos do pirata se reviraram quando Altaïr enfiou a espada na lateral do corpo dele, em seguida a puxou rapidamente para a frente, abrindo um enorme talho no flanco enquanto o pirata caía no chão, juntando-se a seu colega. Então o Assassino subiu a escada e piscou com a luz do sol ao sair para o convés principal, lançando olhares para todos os lados à procura da fugitiva. Piratas, alertados pela súbita presença de Maria, vieram correndo. Houve um grito quando viram Altaïr e se deram conta de tudo. Ele disparou pelo convés, agachou-se por baixo do cordame, depois desceu com agilidade pela prancha e saiu nas docas de Kyrenia, procurando desesperadamente um lugar para se esconder até deixar a ameaça passar.

Então, pensou, furioso, iria procurar Maria. Dessa vez não deixaria que ela escapasse.

Olhou em volta. Outra cidade dominada pelos Templários. Ela reluzia sob o sol. De qualquer maneira, era bonita demais para estar nas mãos do inimigo.

40

Pelo menos não foi difícil encontrar Maria. Os problemas a perseguiam como ratos no porão de um navio. Como era de esperar, quando Altaïr voltou a cruzar seu caminho, cadáveres de piratas estavam espalhados a seus pés e três homens locais estavam parados nas proximidades, limpando o sangue de suas espadas e recuperando o fôlego após a batalha. Ficaram tensos quando Altaïr apareceu, e ele ergueu as mãos em um gesto de boa-fé enquanto assimilava a cena: Maria, os homens, os mortos.

Mais uma vez, ao que parecia, ela tivera sorte em escapar.

— Pensei que nunca mais a veria — disse ele, com os braços ainda levantados.

Ela tinha o dom de se recusar a se surpreender em qualquer eventualidade.

— Se ao menos eu tivesse essa sorte...

Ele franziu a testa para ela, depois voltou-se para um dos cipriotas, que aparentemente era o líder.

— Qual é o seu assunto com essa mulher? Você é um lacaio dos Templários?

— Não, senhor — gaguejou o homem. Ele permanecia com a espada desembainhada, e as mãos de Altaïr estavam vazias, mas, mesmo assim, o cipriota reconhecia um guerreiro habilidoso ao ver um. — Os piratas a atacaram e eu tive de ajudar. Mas não sou lacaio. Detesto os Templários.

— Entendo. Você não está sozinho — retrucou Altaïr.

O homem assentiu com gratidão, reconhecendo que estavam do mesmo lado.

— Meu nome é Markos, senhor. Ajudarei no que puder, se isso significar livrar meu país desses Cruzados.

Excelente, pensou Altaïr.

— Então preciso que mantenham essa mulher em segurança até eu voltar. Preciso encontrar alguém antes que os Templários o façam.

— Passaremos o dia todo no porto. Ela ficará segura aqui conosco — disse Markos e, mais uma vez, Maria ficou resmungando enquanto os homens a levavam embora.

Ela ficará bem, pensou Altaïr, observando-os se afastar. Maria passou o dia entre dois robustos cipriotas, olhando o mundo passar no porto de Kyrenia: havia maneiras melhores de gastar algumas horas, mas também havia muito piores. Pelo menos ele sabia que ela estava em segurança enquanto se encontrava com o contato da Resistência de Alexander, o Barnabé de quem haviam lhe falado.

Encontrou-o no abrigo secreto, que fazia as vezes de depósito de grãos. Ao entrar, Altaïr chamou cautelosamente, mas nada ouviu, apenas o corre-corre de camundongos e os sons distantes da rua. Então apareceu um homem do meio dos sacos. Tinha uma barba escura e vigilantes olhos negros, e se apresentou como Barnabé. Quando Altaïr lhe perguntou se o abrigo tinha uma área que podia ser usada como cela, ele sorriu gentilmente e garantiu a ele que tinha, mas então ficou indeciso, indo primeiro até uma porta, que abriu e fechou, depois a uma segunda, através da qual deu uma olhada antes de anunciar que a sala de secagem possuía uma área fechada que podia ser usada como cela.

— Ando seguindo Armand Bouchart — contou Altaïr a Barnabé momentos depois, quando os dois se encontravam sentados sobre sacos de grãos no depósito.

— Ah... Bouchart está em Kyrenia? — perguntou o membro da Resistência. — Provavelmente visitando seus prisioneiros em Buffavento.

— Essa é uma prisão perto daqui?

— Sim, é um castelo. Um dia foi residência de uma rica fidalga cipriota, até os Templários tomarem sua propriedade.

Altaïr franziu a testa diante da ganância deles.

— Pode me levar até lá?

— Bem... posso fazer mais do que isso. Posso colocá-lo lá dentro, sem que os guardas nem pisquem os olhos. Mas, antes, precisa fazer uma coisa para mim. Para a Resistência.

— Um pedido familiar — disse Altaïr. — O que é?

— Temos um traidor em nosso meio — explicou tristemente Barnabé.

O traidor era um mercador chamado Jonas e, após Barnabé lhe fornecer os detalhes suficientes, Altaïr localizou-o em um anfiteatro no centro da cidade. De acordo com Barnabé, Jonas fornecia segredos aos Templários. Altaïr observou-o por um momento, encontrando-se com outro comerciante, parecendo a todo mundo como qualquer outro negociante. Então, quando se virou para ir embora, o Assassino o seguiu do anfiteatro até as ruas secundárias, notando que, aos poucos, o mercador foi percebendo que estava sendo seguido. Lançava cada vez mais olhares frequentes para trás, para Altaïr, com os olhos cada vez mais arregalados e mais amedrontados. De repente, ele disparou em uma corrida, e Altaïr seguiu perseguindo-o, contente por ver Jonas entrar em um beco.

Aumentou a velocidade e correu atrás da presa.

O beco estava vazio.

Altaïr parou, olhou para trás, checando se não estava sendo visto e — *clique* — soltou a lâmina. Deu dois passos à frente para ficar no mesmo nível de uma grande e instável pilha de caixotes, que oscilava ligeiramente. Curvou-se um pouco e enfiou a lâmina em um caixote. A madeira lascou e ouviu-se um grito. A pilha desabou sobre Altaïr, que teve de se apoiar para não perder o equilíbrio.

Ele, porém, manteve-se parado. E, quando a madeira se acomodou à sua volta, ele relaxou, olhando ao longo da linha de seu braço estendido, para onde Jonas estava espetado pela sua lâmina, o sangue lentamente se espalhando do ferimento em seu pescoço. Ainda agachado para se esconder, o comerciante era uma figura desesperada, patética. E, embora soubesse que se tratava de um traidor e que as informações que dera aos Templários tinham sem dúvida sido usadas para matar, capturar e torturar membros da Resistência, Altaïr sentiu pena dele, tanto que removeu a lâmina delicadamente, empurrando para os lados os restos dos caixotes para que pudesse deitá-lo e se debruçar sobre ele.

Escorria sangue do ferimento do pescoço.

— O que significa isso? — ofegou Jonas. — Um Assassino? Salah Al'din também tem seus olhos sobre a pobre Chipre?

— Os Assassinos não têm ligações com os sarracenos. Nosso negócio é só nosso.

Jonas tossiu, revelando dentes ensanguentados.

— Seja qual for o caso, a notícia de sua presença se espalhou. O Touro colocou um prêmio pela sua cabeça... E pela cabeça da mulher que o acompanha.

Altaïr olhou a vida dele sangrando para fora do corpo.

— Eu valho mais e mais a cada dia — comentou, e desferiu o golpe mortal.

Quando se levantou, não foi com a satisfação de um serviço bem-feito, mas com a terrível sensação de que havia algo errado. O Touro que Jonas mencionara. Independente de quem fosse, era leal a Armand Bouchart e sabia da presença de Altaïr e de Maria em Kyrenia. Era aquilo a fonte da inquietação de Altaïr?

Pegou o caminho dos telhados, pretendendo encontrar Markos e Maria de imediato.

— Bem, Maria, parece que há um bom preço pelas nossas cabeças — anunciou Altaïr quando a encontrou. Como imaginara, ela estava sentada em um banco de pedra entre Markos e outro membro da Resistência, exibindo aquele olhar furioso ao qual ele já estava se acostumando.

— Um preço? Maldito Bouchart. Provavelmente, ele acha que sou sua aprendiz.

— Alguém chamado de Touro mandou seus homens atrás de nós.

Maria deu um salto como se tivesse sido ferroada.

— O Touro? Então deram a esse fanático uma paróquia só dele?

— É amigo seu? — perguntou Altaïr, com uma careta.

— Ao contrário. Ele se chama Moloch. É um fanfarrão religioso com cada braço parecendo troncos de árvores.

Altaïr virou-se para Markos.

— Você conhece o abrigo da Resistência no distrito dos comuns?

— Sei onde fica, mas nunca entrei lá — falou Markos, dando de ombros. — Sou apenas um soldado da Resistência.

Altaïr pensou e então disse:

— Não posso ser visto com Maria, portanto você terá de levá-la. Mantenha-a fora de vista, e me encontre lá quando estiverem em segurança.

— Conheço alguns becos e túneis escuros.

— Pode levar mais tempo, mas a levaremos para lá sã e salva.

Voltaram separados para o abrigo, Altaïr chegando primeiro. Barnabé havia

espalhado sacos de grãos pelo chão e estivera relaxando, mas se pôs de pé assim que Altaïr entrou, contendo um bocejo, como se tivesse despertado de uma soneca.

— Acabei de saber que alguém encontrou o corpo do pobre Jonas — disse ele, com um tom de sarcasmo na voz. — Que desperdício, não? — E limpou uns grãos de seu manto.

— Você o conhecia melhor do que eu — retrucou Altaïr. — Tenho certeza de que ele sabia do risco de trabalhar para ambos os lados. — Olhou atentamente para Barnabé, notando o sorriso irônico em seu rosto.

Altaïr não sentia prazer com a morte — nenhuma morte — e tinha tendência a olhar desfavoravelmente a quem sentia, fosse Templário, Assassino ou da Resistência. Por um lado, Barnabé era aliado. Por outro... Se havia uma coisa que Altaïr sabia era confiar em seus instintos e seus instintos agora o importunavam; uma pequena e silenciosa perturbação, mas, ainda assim, insistente.

Barnabé prosseguiu:

— Sim... infelizmente, isso complicou as coisas. Jonas era um cipriota respeitado, e sua morte causou alvoroço perto da antiga igreja. O público está faminto por vingança, e o Touro dirá a ele que você foi o responsável. Você pode perder o apoio da Resistência.

O quê? Altaïr o encarou, incapaz de acreditar no que acabara de ouvir. Aquele tal instinto: mudou de perturbação para completo tormento.

— Mas Jonas era um traidor da Resistência. Eles não sabiam?

— Receio que não muitos deles — admitiu Barnabé. — A Resistência está muito espalhada.

— Bem, você terá a chance de dizer a eles pessoalmente — ponderou Altaïr. — Alguns homens estão vindo para cá agora.

— Está trazendo gente para cá? — Barnabé pareceu preocupado. — Gente em quem pode confiar?

— Agora já não tenho mais certeza de em quem posso confiar — concluiu Altaïr —, mas vale o risco. Neste momento, preciso ver pessoalmente esse alvoroço.

— Quanto ao nosso acordo, verei o que posso fazer para levá-lo para perto de Bouchart. Um acordo é um acordo, não? — disse Barnabé, e sorriu novamente.

Altaïr não ligou para aquele sorriso. A cada vez que o via, gostava menos

dele.

41

Altaïr fez uma visita à igreja, e seu coração se apertou diante da agitação. Guardas templários haviam formado um cordão de isolamento e estavam contendo cidadãos revoltosos, que haviam sido impedidos de sair da área em volta da igreja e destruíam tudo à vista. Caixotes e barris tinham sido lascados e havia fogueiras espalhadas pelas ruas. Barracas que ladeavam as ruas haviam sido atacadas e destruídas, e o cheiro de produtos pisoteados se misturava ao da fumaça. Alguns homens formaram grupos e entoavam palavras de ordem ao ritmo de tambores e do constante ribombar de címbalos, tentando romper a linha dos cavaleiros templários, que os observavam atentamente de trás de barreiras improvisadas, carroças e barracas viradas. De vez em quando, pequenos pelotões de soldados faziam curtas e cruéis investidas contra a multidão, arrastando homens que esperneavam e gritavam, agredindo-os com o cabo da espada ou jogando-os para trás da barreira para serem levados para as celas — não que esses ataques fizessem alguma coisa para amedrontar os revoltosos ou aplacar sua fúria.

Altaïr observava tudo do alto, agachado na beirada de um telhado, sentindo desespero. Algo saíra errado. Algo saíra terrivelmente errado. E se o Touro decidisse fazer uma declaração indicando-o como o assassino, então as coisas ficariam ainda piores.

Ele tomou uma decisão. O Touro tinha de morrer.

Quando chegou de volta ao abrigo, procurou em vão por Barnabé, que não estava em nenhum lugar à vista. Então Altaïr teve certeza de que errara ao confiar nele e praguejou contra si mesmo. Ele ouvira o seu instinto. Só que não o

suficiente.

Markos, porém, estava lá, assim como Maria, que fora colocada na cela, um local mais resistente do que a prisão improvisada que usavam em Limassol. A porta entre a sala de secagem e o depósito estava aberta para que pudessem ver Maria: ela estava sentada atrás de barras com as costas apoiadas na parede, de vez em quando chutava os juncos espalhados pelo chão e olhava o que se passava com uma expressão pesarosa, sarcástica. Altaïr observou-a, lembrando-se de todo problema que ela havia causado.

Ele soube que ela, Markos e vários outros membros da Resistência haviam chegado ao abrigo e o encontraram vazio. Barnabé tinha sumido quando chegaram lá. Muito conveniente, pensou Altaïr.

— O que está acontecendo lá fora? — perguntou Markos. — A cidade está tumultuada. Vi muita confusão.

— As pessoas estão protestando contra a morte de um cidadão, um homem chamado Jonas. Ouviu falar nele?

— Meu pai o conhecia bem. Era um homem bom. Como ele morreu?

O coração de Altaïr ficou ainda mais apertado e ele percebeu que evitava encarar Markos, então respondeu:

— Bravamente. Escute, Markos, as coisas se complicaram. Antes de encontrar Bouchart, preciso eliminar o Touro e acabar com essa violência.

— Você adora um caos, Altaïr — gritou a mulher de sua cela.

Ele gostou do modo como seu nome soou na boca de Maria.

— O Touro é um homem responsável pela submissão de milhares. Poucos vão lamentar a perda dele.

Ela se aproximou.

— E você propõe entrar em Kantara, esfaqueá-lo e sair sem ser notado? Ele se cerca de adoradores dedicados. — Sua voz ecoou na prisão de pedra.

— Kantara... Isso fica a leste? — indagou Altaïr, aproveitando a sugestão imprudente.

— Sim, e é muito bem defendido... Você verá por si mesmo.

42

Altaïr realmente viu por si mesmo. O Castelo de Kantara era protegido por soldados cruzados e fanáticos de Moloch. Depois de escalar a muralha e atravessar os bastiões, ele parou ocasionalmente para ouvi-los conversar, juntando aos poucos os pedaços de informação sobre o homem a quem chamavam de Touro. Descobriu que era um religioso radical que atraía seguidores, fanáticos que trabalhavam como seus guarda-costas, como criados ou que andavam pelas ruas de Kyrenia divulgando a palavra de Deus. Ele era ligado aos Templários. Sua dedicação ao líder deles, Bouchart, tinha quase a devoção de sua fé religiosa, e o Castelo de Kantara era sua cidadela pessoal, dado a ele, supostamente, pelos Templários. Era conhecido por gastar a maior parte de seu tempo em adoração, na capela do castelo.

Que era onde Altaïr esperava encontrá-lo.

Movendo-se pela fortaleza, viu tanto fanáticos quanto guardas. Os fanáticos pareciam... Bem, exatamente como esperava que fanáticos parecessem: nervosos, olhos arregalados e ardorosos. Eram desdenhados abertamente pelos guardas cristãos que patrulhavam em duplas e que claramente os achavam inferiores a eles para permanecerem no castelo. Quando Altaïr se enfiou em um recanto, dois deles passaram, um reclamando para o outro.

— Por que os Templários toleram esse louco? O Touro e seus fanáticos são mais perigosos dos que os habitantes de Chipre.

— Os Templários têm seus motivos — respondeu o outro. — Sabe, é muito mais fácil para eles governarem por procuração.

— Creio que sim. Mas quanto tempo isso vai durar? O Touro e os

Templários não têm exatamente a mesma opinião no quesito fé.

— Ah, quanto menos você falar sobre isso, melhor — retrucou o outro.

Altaïr deixou que passassem e seguiu em frente. Enquanto andava, o corredor ia escurecendo. Maria dissera que o castelo era bem protegido, e certamente era, se você pretendesse reunir um exército e atacar sua muralha. Para um Assassino solitário, porém, entrar na fortaleza escondido era uma missão fácil. Principalmente se você fosse o Mestre. Se você fosse Altaïr.

Agora ele se encontrava em um vasto salão de banquete. Na extremidade oposta havia dois guardas, e ele apanhou duas facas de arremesso. Jogou-as: um, dois. Em questão de segundos, os dois homens estavam se contorcendo no chão de pedra e Altaïr passou sobre eles, sabendo que agora estava perto, que Moloch não devia estar longe.

Não estava. Altaïr chegou ao que parecia um beco sem saída e virou-se, checando atrás de si — por que aquele estava sendo vigiado? Então viu um alçapão. Curvando-se até ele, ouviu, então sorriu. Ele havia encontrado o Touro.

Muito delicadamente, levantou a tampa do alçapão e desceu para as vigas do teto abaixo. Estava no suporte do local de adoração do castelo, um enorme salão vazio iluminado pelo fogo de um grande braseiro perto do altar.

Ajoelhado diante do fogo, cuidando dele, estava Moloch.

A descrição que Maria fizera dele fora exata. Era um brutamontes: calvo, com bigode curvado para baixo, peito nu exceto por um medalhão, e com os braços parecendo troncos, como ela descrevera. O suor brilhava em seu corpo enquanto atiçava o fogo, entoando um encanto que soava mais como um grunhido do que algo religioso. Absorto em seu trabalho, ele não se afastava do fogo, não desviava a vista dele, banhando o rosto com o calor das chamas, alheio a qualquer outra coisa no ambiente, até mesmo — e especialmente — a seu matador.

Ótimo. Moloch parecia forte, facilmente mais poderoso do que Altaïr, que não tinha qualquer desejo de enfrentá-lo em combate. Ele não apenas tinha a vantagem muscular, mas dizia-se que manejava uma arma do tipo de um martelo meteoro, com um peso mortal preso a uma corrente. Dizia-se que usava a arma com uma precisão infalível, e era impiedoso com ela.

Portanto, não. Altaïr não tinha qualquer desejo de enfrentá-lo em combate. Essa teria de ser uma morte furtiva. Rápida, limpa e silenciosa.

Sem qualquer ruído, Altaïr percorreu as vigas, depois caiu silenciosamente no

centro do salão atrás de Moloch. Estava um pouquinho mais afastado do que ele teria gostado, e prendeu a respiração, tenso. Se Moloch o tivesse ouvido...

Mas não. O brutamontes continuava ocupado com o braseiro. Altaïr deu alguns passos à frente. Em silêncio, armou a lâmina e a levantou. Uma luz laranja dançou no aço. O Touro estava agora a um piscar de olhos da morte. Altaïr abaixou-se ligeiramente, os músculos das pernas se flexionando, então saltou, com a lâmina prestes a golpear.

Ele estava em pleno ar quando Moloch se virou, muito mais rápido do que seu tamanho teria possibilitado. Ao mesmo tempo, sorriu, e Altaïr se deu conta de que o brutamontes soubera o tempo todo que ele estava ali; que simplesmente deixara o Assassino se aproximar. Então Altaïr foi pego por aqueles braços imensos e sentiu uma mão ir para sua garganta e apertar.

Por alguns instantes, foi mantido daquele modo, Moloch erguendo-o no ar com uma das mãos, como se fosse um troféu a ser exibido na escadaria do castelo, e ele sufocava enquanto se debatia. Seus pés chutavam o ar e as mãos arranhavam a manopla de Moloch, tentando desesperadamente soltar o aperto do monstro. Sua visão começou a anuviar, a escuridão se aproximando. Sentiu que começava a perder a consciência. Então Moloch o jogou para trás e ele se estatelou no chão da capela. Sua cabeça quicou dolorosamente no pavimento, e ele ficou imaginando por que lhe tinha sido permitido viver.

Porque o Touro queria mais diversão. Ele havia apanhado seu martelo meteoro e, com um único giro sobre a cabeça, jogou-o contra Altaïr, que conseguiu apenas rolar para o lado quando ele desceu, esmagador, abrindo uma cratera no pavimento e cobrindo-o com cacos de pedra.

Cambaleante, Altaïr colocou-se de pé, tonto e sacudindo a cabeça para clareá-la. Sacou a espada. Lâmina em uma mão, espada na outra. No momento em que se arremessou para o lado, o Touro recuperou o martelo e o lançou novamente.

Ele causou um estrondo em uma coluna ao lado de Altaïr, que mais uma vez foi atingido por uma chuva de fragmentos de pedra. Com o martelo de Moloch parado, Altaïr teve uma chance e disparou, investindo com a lâmina e a espada. No entanto, mais rápido do que parecia possível, Moloch tinha recuperado a corrente e a segurava com ambas as mãos, bloqueando a espada de Altaïr. Então ele girou novamente o martelo e fez com que o Assassino caísse de novo à

procura de segurança.

Altaïr pensou em Al Mualim — o Al Mualim que o treinara, e não o traidor no qual se tornara. Pensou em Labib e em seus outros tutores habilidosos com a espada. Inspirou fundo e recuou, indo para o lado, circundando Moloch.

O Touro o seguiu, sabendo que deixara o Assassino preocupado. Quando ele sorriu, revelou a boca cheia de dentes irregulares e enegrecidos, a maior parte gasta e reduzida a tocos podres. Do fundo de sua garganta veio um ruído, quando Altaïr se aproximou na tentativa de fazer com que Moloch lançasse o martelo. O Assassino tivera uma ideia. Era uma boa ideia, mas tinha uma falha. Seria fatal, se desse errado. Ele precisava que o Touro jogasse o martelo — mas todas as vezes em que isso acontecera, a arma tinha passado perigosamente perto de abrir um buraco no crânio de Altaïr.

Ele veio. Girando no ar. Quebrando a pedra. Altaïr conseguiu apenas um salto para o lado, mas, ao pousar, em vez de procurar proteção, partiu em direção ao martelo. Ele pisou no peso e correu pela corrente esticada na direção do monstro.

Moloch parou de sorrir. Teve um segundo para captar a visão do ágil Assassino correndo pela corda bamba de sua corrente antes de a espada perfurar a frente de sua garganta e sair na nuca. Ele emitiu um som a meio caminho entre um grito e um sufocamento, a espada atravessando o pescoço e saindo pelo outro lado, quando Altaïr largou o cabo e girou para montar nos ombros do Touro, enfiando a lâmina bem fundo na espinha do homem. Mesmo assim, o Touro reagiu e Altaïr viu-se tentando proteger sua vida. Com a mão livre, agarrou a corrente e puxou-a para enrolá-la no pescoço de sua vítima, grunhindo com o esforço de ter de puxá-la com força. Moloch girou e forçou o corpo para trás, e Altaïr percebeu que ele manobrava em direção ao fogo.

Sentiu o calor nas costas e redobrou o esforço. O animal não morria. Sentiu o cheiro de alguma coisa queimando — a bainha do seu manto! Gritando de dor e por causa do esforço, ele puxou com força a corrente com uma das mãos, enfiando ainda mais fundo a espada com a outra, até que, finalmente, algo cedeu, uma última força de vida estalou dentro de Moloch. Altaïr estava montado em seus ombros sendo pinoteado quando o animal caiu no chão, onde permaneceu, respirando pesadamente, com o sangue espesso escorrendo pela pedra, morrendo lentamente.

Finalmente, sua respiração parou.

Altaïr soltou um demorado suspiro de alívio. Moloch não seria capaz de voltar as pessoas contra a Resistência. Seu reinado tirânico tinha acabado. No entanto, não pôde evitar se perguntar o que poderia substituí-lo.

Ele teria sua resposta muito em breve.

43

Maria se foi. Levada pelos Cruzados. Enquanto Altaïr lutava no Castelo de Kantara, soldados haviam atacado o abrigo e, apesar da batalha, tinham levado alguns prisioneiros, entre eles Maria.

Markos, um dos poucos que haviam escapado de ser capturado, estava lá para receber o Assassino, com a preocupação estampada em seu rosto, afligindo-se enquanto balbuciava.

— Altaïr, fomos atacados. Tentamos reagir, mas... não adiantou. — Então baixou os olhos, envergonhado.

Ou estaria fingindo?

Altaïr olhou para a porta da sala de secagem. Estava aberta. Mais além dela, a porta da cela com barras também estava aberta, e ele a imaginou ali, observando-o com seus olhos amendoados, as costas apoiadas na parede e as botas remexendo os juncos jogados sobre o chão de pedra.

Balançou a cabeça para se livrar da imagem. Havia muito mais em jogo do que os sentimentos pela inglesa: não deveria pensar nela antes de se preocupar com a Ordem. Mas... pensou.

— Quis detê-los — dizia Markos —, mas tive de me esconder. Eram muitos.

Altaïr olhou-o bruscamente. Agora que sabia da duplicidade de Barnabé, relutava em confiar em qualquer um.

— A culpa não foi sua — disse. — Os Templários são espertos.

— Ouvi falar que eles controlam o poder de um Oráculo Sombrio em Buffavento. Deve ter sido por isso que nos encontraram.

Teria sido assim? Altaïr pensou no assunto. Certamente os Templários

pareciam conhecer todos os movimentos deles. Mas talvez isso tivesse menos a ver com um oráculo e mais com o fato de que a Resistência estava infestada de espiões Templários.

— É uma teoria curiosa — afirmou ele, alerta para o fato de que Markos poderia estar tentando iludi-lo de propósito. — Mas desconfio de que foi Barnabé quem lhes deu a informação.

Markos assustou-se.

— Barnabé? Como é possível? Barnabé, o líder da Resistência, foi executado no dia anterior à sua chegada.

Claro. Altaïr praguejou contra si mesmo. *Houvera* um Barnabé que era leal à Resistência, mas os Templários o haviam substituído por um homem seu — um falso Barnabé. Pensou em Jonas, executado por ele, seguindo a ordem do espião, e desejou algum dia poder compensar isso. Jonas não merecia morrer.

Altaïr deixou o distrito do porto, descobriu onde os prisioneiros estavam sendo mantidos e passou despercebido pelos guardas para encontrá-los apinhados em uma cela apertada, imunda.

— Obrigado, senhor, que Deus o abençoe — desejou um deles quando Altaïr abriu a porta para que saísse. Tinha a mesma expressão de gratidão que os demais. Altaïr nem desejava pensar no que os Templários haviam planejado para eles.

Vasculhou a cela em vão atrás de Maria...

— Havia uma mulher com vocês, quando foram levados?

— Uma mulher? Sim, até Shalim, o filho do Touro, levá-la embora acorrentada. Ela não saiu daqui tranquilamente.

Não, pensou Altaïr. Ir tranquilamente não era o estilo de Maria. Mas quem era esse filho, Shalim? Teria ele assumido o reinado tirânico do Touro?

Foi assim que Altaïr se viu escalando a muralha da fortaleza de Buffavento, seguindo depois para o castelo, e então descendo para as suas escuras, úmidas e gotejantes profundezas, onde a pedra tinha um brilho preto, onde as luzes das tochas bruxuleantes mal penetravam na escuridão proibida e onde cada passo ecoava e havia uma goteira d'água constante. Seria ali que os Templários mantinham seu famoso oráculo? Ele esperava que sim. Tudo que sabia até agora é que estavam sempre um passo à frente dele. O que quer que tivessem

planejando, ele sabia que não ia gostar: não gostou da ideia do arquivo sobre o qual continuava ouvindo falar, ou que estivessem sempre perto demais para esmagar a Resistência. Qualquer coisa que pudesse fazer para deter o avanço deles tinha de ser feito. E, se isso significasse uma caça às bruxas, então que assim fosse.

Agora, margeando ao longo dos corredores no interior do castelo, ele se descobriu aproximando-se do que supunha ser a masmorra. Atrás dele jaziam os corpos de dois guardas com os quais havia se deparado no caminho, ambos com as gargantas cortadas; os cadáveres estavam escondidos da vista. Exatamente como no Castelo de Moloch, ele fora capaz de seguir caminho até o núcleo usando uma mistura de dissimulação e matança. Então ouviu vozes, uma das quais reconheceu de imediato. Era a de Bouchart.

Estava conversando com um homem do outro lado de um portão de aço pontilhado de ferrugem.

— Quer dizer que a garota fugiu outra vez, hein? — vociferou o Templário.

O outro homem vestia um suntuoso manto revestido de pele.

— Em um momento, ela estava acorrentada, no seguinte, tinha sumido...

— Não me insulte, Shalim. Seu fraco por mulheres é bem conhecido. Você deixou-a sem ser vigiada e ela foi embora.

— Eu a encontrarei, Grão-Mestre. Prometo.

Então aquele era Shalim. Altaïr prestou uma atenção especial nele, ligeiramente satisfeito. Nada nele — a aparência, compleição e com certeza as roupas — lembrava o pai, Moloch.

— Faça isso depressa — esbravejou Bouchart —, antes que ela conduza o Assassino diretamente ao arquivo.

Shalim virou-se para ir embora, mas Bouchart o deteve.

— E, Shalim, providencie para que isto seja entregue a Alexander em Limassol.

Entregou a Shalim um saco, que o outro homem segurou demonstrando concordar. Altaïr sentiu os dentes trincarem. Então Alexander também trabalhava para os Templários. O inimigo parecia ter uma mão em tudo.

Agora, porém, os dois homens tinham ido embora, e Altaïr retomou seu avanço em direção à cela do Oráculo. Incapaz de atravessar o portão, escalou uma sacada e seguiu caminho dando a volta por fora da fortaleza, depois desceu

novamente até chegar à masmorra. Mais guardas caíram diante de sua lâmina. Em breve os corpos seriam descobertos e seria dado um alerta geral. Precisava agir depressa.

Todavia, parecia que os guardas tinham o bastante com o que se contentar. Altaïr conseguiu ouvir gritos e um bate-boca à medida que se aproximava do que achava ser a masmorra. Ao chegar ao fim de um túnel que dava para o que aparentemente era uma área de cadeia, percebeu que era ali aonde Bouchart tinha ido, pois era ali que estava de novo, falando com um guarda. Eles estavam do outro lado de uma partição com barras, do lado de fora de uma fileira de portas de celas.

Bem, pensou Altaïr, pelo menos tinha encontrado a masmorra. Agachou-se fora de vista em uma alcova no túnel. Com gritos agudos ao fundo, ouviu Bouchart perguntar:

— O que está havendo?

— É a louca, senhor — respondeu o guarda, aumentando a voz para ser ouvido no meio do ruído. — Está agitada. Dois dos guardas estão feridos.

— Deixe que ela se divirta — disse Bouchart sorrindo. — Ela já cumpriu seu propósito.

Mais uma vez, Altaïr descobriu que o caminho entre ele e Bouchart estava bloqueado. Ele teria gostado muito de ter acabado com aquilo ali, mesmo com o guarda presente: achava que podia dominar primeiro o homem, depois cuidar de Bouchart. Mas não era para ser. Em vez disso, foi forçado a observar, frustrado, enquanto Bouchart e o guarda se afastavam, deixando a área deserta. Saiu do esconderijo e foi até a partição, achando um portão trancado. Dedos hábeis agiram no mecanismo. Então atravessou e caminhou na direção da porta da cela do Oráculo. O grito dela agora era mais alto e mais perturbador, e Altaïr engoliu em seco. Não tinha medo de nenhum homem. Mas aquilo não era um homem. Aquilo era algo completamente diferente. Ele se viu tendo de acalmar os nervos enquanto agia na segunda fechadura. Quando a porta se abriu, com a queixa aguda de dobradiças enferrujadas, o coração martelava.

A cela dela era ampla, do tamanho de um salão de banquete — um imenso salão de banquete sobre o qual pairava o manto da morte e da decadência, com névoa ondulante e o que pareciam ser pedaços de folhagem entre as colunas, como se o exterior estivesse se intrometendo para um dia reclamá-lo na

totalidade.

Quando seus olhos se acostumaram às trevas, ele olhou para ela, mas nada viu, apenas ouviu seu guinchar infernal. Isso fez com que os pelos dos braços se eriçassem e ele conteve um arrepio enquanto adentrava mais em sua... cela?

Aquilo era mais como um covil.

De repente, silêncio. Seus sentidos formigaram. Ele jogava a espada de uma mão para a outra, enquanto os olhos vasculhavam o ambiente escuro, mal iluminado.

— Sangue pagão — veio em uma voz... Uma voz em uma entoação monótona saída diretamente de um pesadelo. Altaïr virou-se na direção do som, mas ele surgiu novamente e pareceu ter se movido. — Eu sei seu nome, pecador — cacarejou ela. — Eu sei por que está aqui. Deus guia minhas garras. Deus me concede força para quebrar seus ossos.

Altaïr só teve tempo para pensar, *Garras?* Teria ela realmente... Ela apareceu, rodopiando como um turbilhão, surgindo das trevas, cabelo negro chicoteando à sua volta, gritando ao se mostrar. O que ela tinha não eram propriamente garras: eram unhas longas, afiadas — e igualmente mortais. Altaïr as ouviu sibilar ao cortarem o ar diante de seu rosto. Ele pulou para trás. Então ela rastejou como um felino, olhando para ele e rosnando. Ele estava surpreso: tinha esperado uma velha decrépita, mas aquela mulher... tinha expressão nobre. Claro. Era a mulher de quem Barnabé lhe falara, que vivera antes no castelo. Ela era jovem e um dia fora atraente. Mas, o que quer que fosse que os Templários tivessem feito a ela, o encarceramento aparentemente a deixara louca. Soube disso quando ela riu, não parecendo de repente tão nobre ao revelar fileiras de dentes podres e a língua que ameaçava sair da boca. Dando uma risadinha, ela atacou outra vez.

Eles lutaram, o Oráculo atacando cegamente, agitando as unhas, cortando Altaïr várias vezes e arrancando sangue. Ele se mantinha à distância, avançando apenas para desferir contra-ataques, até finalmente conseguir dominá-la e segurá-la contra uma coluna. Tentava contê-la desesperadamente — queria conversar, convencê-la —, mas ela se debatia como um animal selvagem, mesmo quando ele a empurrou para o chão e montou sobre seu corpo, segurando a lâmina em seu pescoço enquanto ela se agitava com violência, murmurando:

— Glória de Deus. Sou seu instrumento. O carrasco de Deus. Não temo dor nem morte.

— Um dia você foi uma cipriota — disse-lhe Altaïr, lutando para contê-la. — Uma fidalga respeitada. Que segredos revelou a esses demônios?

Saberia ela que, ajudando os Templários, estaria traindo seu próprio povo? Teria ainda bom-senso suficiente para entender isso?

— Não sem objetivo eu lido na miséria — estridulou ela, ficando imóvel de repente. — Por ordem de Deus, eu sou seu instrumento.

Não, pensou ele. Não tinha. Sua mente se fora.

— O que quer que os Templários tenham feito a você, *milady*, fizeram errado — observou ele. — Desculpe-me por isto.

Foi um ato de misericórdia. Ele a matou e depois foi embora daquele lugar terrível.

Mais tarde, de volta ao abrigo, abriu seu diário e escreveu:

> *Por que nossos instintos insistem na violência? Tenho estudado as interações entre diferentes espécies. O desejo inato de sobrevivência parece exigir a morte do outro. Por que eles não conseguem se dar as mãos? Muitos acreditam que o mundo foi criado por meio da obra de um poder divino — mas vejo apenas os desígnios de um louco, propenso a celebrar a morte, a destruição e o desespero.*

Refletiu também sobre a Maçã:

> *Quem eram Aqueles Que Vieram Antes? O que os trouxe aqui? O que os expulsou? O que são esses artefatos? Mensagens em uma garrafa? Ferramentas deixadas para trás para nos ajudar e nos guiar? Ou lutamos pelo controle da sua recusa, dando um propósito e um significado divinos a pouco mais do que brinquedos jogados fora?*

44

Altaïr decidiu seguir Shalim. Agora ambos caçavam Maria, e Altaïr queria ter certeza de estar por perto se ele a encontrasse primeiro.

Não que, no momento, Shalim estivesse procurando com afinco. Markos dissera a Altaïr que tudo que Shalim tinha em comum com o pai era o fato de que servia aos Templários e tinha um temperamento violento. Em lugar do fervor religioso, tinha um gosto por vinho e apreciava a companhia de prostitutas. Seguindo-o, Altaïr viu-o se dedicar aos dois. Manteve uma distância segura enquanto Shalim e dois de seus guarda-costas espreitavam as ruas de Kyrenia como um trio de pequenos déspotas, repreendendo cidadãos e comerciantes raivosamente, abusando deles, tomando mercadorias e dinheiro como preparativo para uma visita que fariam a algum lugar.

A um bordel, aparentemente. Altaïr observou enquanto Shalim e os homens se aproximavam de uma porta onde um bêbado acariciava uma das meretrizes locais. O homem era burro demais ou estava embriagado demais para reconhecer que Shalim estava de péssimo humor, pois ergueu seu cantil de couro em saudação ao tirano, gritando: "Um brinde, Shalim."

Shalim não interrompeu o passo. Enterrou a mão aberta na cara do bêbado, de modo que sua cabeça quicou na parede atrás dele com o ruído de uma pancada surda. O cantil de couro caiu e o homem deslizou parede abaixo até sentar, a cabeça balançando, o cabelo misturado a sangue. Com o mesmo movimento, Shalim agarrou a prostituta pelo braço.

Ela resistiu.

— Shalim, não. Por favor, não.

Ele, porém, já a arrastava, olhando atrás por cima do ombro e chamando os dois acompanhantes.

— Divirtam-se, homens. E tragam algumas mulheres para mim, quando acabarem.

Altaïr já vira o suficiente. Shalim não estava procurando Maria, isso era certo, e provavelmente não a encontraria seguindo-o aonde quer que fosse com sua prostituta: cama ou taberna, sem dúvida.

Em vez disso, retornou ao distrito do mercado, onde Markos caminhava sem rumo por entre as barracas, com as mãos às costas, esperando notícias de Altaïr.

— Preciso chegar perto de Shalim — disse a Markos quando voltaram para a sombra, parecendo a todo mundo dois negociantes passando algum tempo longe do sol quente.

— Se ele é tão estúpido quanto é insolente, talvez eu consiga arrancar alguns segredos dele.

— Fale com um dos monges perto da catedral. — Markos deu uma risadinha. — O estilo de vida caprichoso de Shalim exige confissões frequentes.

E foi na catedral que Altaïr encontrou um banco embaixo de um toldo pendente e sentou-se, observando o mundo passar, esperando até um solitário monge beneditino passar por ele, inclinando a cabeça em cumprimento. Altaïr retribuiu o gesto, depois disse em voz baixa para que somente o monge conseguisse ouvir.

— Não o perturba, irmão, sofrer os pecados de um homem tão depravado quanto Shalim?

O monge parou. Olhou para um lado e depois para o outro. Então para Altaïr.

— Sim, perturba — sussurrou —, mas opor-se a ele significa morte. Os Templários têm muita coisa em jogo aqui.

— Refere-se ao arquivo? — perguntou Altaïr. — Sabe me dizer onde ele está?

Altaïr tinha ouvido falar nesse arquivo. Talvez ele tivesse a chave para as atividades dos Templários. Mas o monge estava balançando a cabeça e seguindo adiante, quando, de repente, uma pequena agitação irrompeu. Era Shalim, Altaïr viu com um sobressalto. Estava subindo para um púlpito. Não estava mais com a prostituta e parecia muito menos bêbado do que estivera antes.

— Homens e mulheres de Chipre — anunciou, enquanto a plateia se formava

—, Armand Bouchart envia suas bênçãos, mas alertando duramente que todos que fomentarem a desordem com o apoio da Resistência serão presos e castigados. Aqueles que buscarem a ordem e a harmonia e prestarem obediência ao Senhor, por meio do bom serviço, gozarão da caridade de Bouchart. Agora, vamos trabalhar juntos, como irmãos, e reconstruir o que o ódio e a raiva destruíram.

Isso foi muito estranho, pensou Altaïr. Shalim parecia descansado e rejuvenescido, e não como Altaïr esperaria que ele aparecesse, tendo em vista as recentes atividades. Aquele Shalim tivera todo o jeito de um homem que planejava passar o resto de seus dias na bebida e na promiscuidade. Este? Era um homem diferente — não apenas na aparência, mas nos modos, na conduta e, a julgar pelo conteúdo de seu discurso, em sua filosofia inteira. E, também, este Shalim não tinha consigo guarda-costas. Esse Shalim o Assassino conseguiria superar facilmente, talvez em um dos becos da avenida principal de Kyrenia.

Quando Shalim desceu da plataforma e partiu, deixando a catedral atrás de si e caminhando pelas ruas douradas, Altaïr passou a persegui-lo.

Não tinha certeza de quanto tempo tinham andado, quando, de repente, o gigantesco Castelo de St. Hilarion apareceu diante deles e Altaïr viu que Shalim se dirigia para seu interior. Sem dúvida, ao chegar aos imensos portões do castelo, ele entrou por um postigo, sumindo de vista. Altaïr praguejou. Perdera seu alvo. Contudo, o castelo era uma colmeia em atividade e, naquele momento, os portões se abriram, ambos os lados recuando para permitir a passagem de um palanquim carregado por quatro homens. Estava claramente vazio — eles conseguiam se movimentar com rapidez —, e Altaïr os seguiu até o porto salpicado pelo sol, onde pousaram a carga e ficaram à espera, com os braços cruzados.

Altaïr também esperou. Sentou-se em uma mureta do porto e, com os cotovelos sobre os joelhos, observou o palanquim e os criados à espera, os mercadores, os pescadores, os belos navios sacudindo delicadamente no marulho, os cascos batendo contra o muro do porto. Um grupo de pescadores lutando com uma enorme rede parou de súbito, então ele olhou adiante para um dos navios e sorriu. Altaïr seguiu o olhar deles e viu um grande número de mulheres surgirem, de seda e *chiffon* de cortesãs, e seguirem caminho para o porto com passos delicados. Os pescadores olharam maliciosamente e algumas

lavadeiras fizeram um ar de desaprovação quando elas atravessaram as docas, com as cabeças erguidas, sabendo exatamente a atenção que atraíam. Altaïr as observou.

Entre elas, estava Maria.

Estava vestida como cortesã. Seu coração levitou ao vê-la. Mas o que ela estava fazendo? Escapara das garras de Shalim só para voltar para o perigo, ou era o que parecia. Ela e as outras mulheres subiram a bordo do palanquim. Os criados esperaram que todas embarcassem, depois o ergueram e voltaram com ele, carregando-o muito mais lentamente do que antes, cada homem curvado sob o peso, saindo do porto e, se Altaïr estava certo, em direção ao Castelo de St. Hilarion, onde, sem dúvida, Shalim já esfregava as mãos de alegria.

Altaïr virou-se para seguir, escalando a parede de um prédio próximo, depois seguindo caminho pelos telhados, saltando de um para o outro, pelo rastro do veículo que ia abaixo dele. Ao se aproximar do portão do castelo, ele esperou, agachado. Então, calculando a sincronia do salto, caiu em cima do telhado do palanquim.

Tump.

O palanquim balançou quando os homens embaixo se adaptaram ao novo peso. Altaïr havia arriscado o fato de eles serem tão tiranizados a ponto de sequer olharem para cima — e acertara. Simplesmente ombrearam o peso extra e seguiram em frente. E, se as cortesãs no interior haviam notado, também não disseram nada, e a procissão atravessou em segurança o limiar do castelo e foi até um pátio. Altaïr olhou em volta, avistando arqueiros nos bastiões. A qualquer momento ele seria notado. Saltou e se escondeu atrás de uma mureta, observando quando Maria foi tirada do transporte e levada por uma escolta, deixando o pátio por uma portinhola.

Ele escalou o telhado acima de uma dependência externa. Teria de dar uma longa volta para poder entrar. Mas de uma coisa ele sabia. Agora que a encontrara não ia perdê-la novamente.

45

Maria foi conduzida a uma ampla e escaldante sacada para conhecer o proprietário do Castelo de St. Hilarion. Um deles, pelo menos. Sem que Altaïr soubesse, Shalim tinha um irmão gêmeo, Shahar. Havia sido Shahar quem Altaïr tinha visto pronunciando o discurso sobre caridade, fato que teria respondido à pergunta do Assassino sobre como um homem que passara a noite bebendo e com prostitutas podia parecer tão revigorado no dia seguinte.

Maria, por outro lado, conhecia ambos e, embora fossem idênticos, sabia como diferenciá-los. Dos dois, Shalim tinha olhos escuros e ostentava a aparência de um homem com seu estilo de vida; Shahar parecia o mais jovem dos dois. Agora era dele de quem ela se aproximava. Ele virou para vê-la e se iluminou, sorrindo, enquanto ela atravessava a sacada em sua direção, resplandecente na roupa de cortesã, suficientemente cativante para atrair o olhar de um homem.

— Não esperava vê-la de novo. — Olhou-a maliciosamente. — Em que posso ajudá-la, raposinha?

Ele passou por ela de volta à sala.

— Não estou aqui para ser elogiada — disparou Maria, apesar das aparências dizerem o contrário. — Quero respostas.

Ela o seguiu e, quando chegaram à sala, ele a olhou, desnorteado mas lascivo. Maria ignorou seu olhar. Precisava ouvir pessoalmente o que Altaïr havia lhe contado.

— Ah? — disse Shahar.

— É verdade o que ouvi dizer — insistiu ela —, que os Templários querem

usar a Maçã, o Pedaço do Éden, para o mal? Não para instruir as pessoas, mas para subjugá-las?

Ele sorriu com indulgência, como se tivesse que explicar as coisas para uma criança adorável, mas ignorante.

— As pessoas estão confusas, Maria. São cordeiros implorando para serem guiados. E é isso que oferecemos: uma vida simples, livre de preocupações.

— Mas a nossa Ordem foi criada para proteger as pessoas — persistiu —, e não para roubá-las de sua liberdade.

Shahar torceu o lábio.

— Os Templários não se importam com liberdade, Maria. Nós buscamos ordem, nada mais.

Ele caminhava em sua direção. Ela deu um passo para trás.

— Ordem? Ou escravidão?

A voz de Shahar adotara um tom mais sombrio quando respondeu:

— Pode chamar como quiser, minha cara...

Ele a alcançou, e suas intenções — suas óbvias intenções — foram interrompidas por Altaïr, que surgiu na sala. Shahar girou, exclamando, "*Assassino!*". Agarrou Maria pelos ombros e jogou-a no chão; ela caiu dolorosamente. Altaïr decidiu fazer o valentão pagar por aquilo.

— Minhas desculpas, Shalim, pela intromissão — disse ele.

Shahar sorriu.

— Ah, está procurando Shalim? Tenho certeza de que meu irmão ficaria feliz em se juntar a nós.

De cima, veio um ruído; Altaïr ergueu a vista para uma galeria por onde Shalim se aproximava, sorrindo. Então dois guardas entraram pela porta aberta, prontos para se lançar sobre Maria, que, estando agora de pé, rodopiou, tirou a espada da bainha de um dos guardas e usou-a contra ele.

O sujeito gritou e caiu no instante em que ela girou e, apoiando-se em um dos joelhos, golpeou outra vez, livrando-se do outro. No mesmo instante, Shalim saltou da galeria, parando no meio da sala, próximo ao irmão. Altaïr teve alguns segundos para vê-los lado a lado, e ficou impressionado com como os dois se pareciam. A seu lado estava Maria, com a recém-adquirida espada pingando sangue e os ombros se movimentando, os dois contra os gêmeos. Altaïr sentiu o peito se encher de algo que era parte orgulho e parte uma coisa à qual ele preferia

não dar nome.

— Dois deles — disse ele —, e nós dois.

Mais uma vez, porém, Maria causou uma surpresa. Em vez de lutar a seu lado, ela simplesmente produziu um som de desprezo e se arremessou pela porta deixada aberta pelos guardas. Altaïr teve um ou dois instantes para pensar se devia segui-la, mas os gêmeos o atacaram e ele estava lutando pela vida contra dois habilidosos espadachins.

A luta foi demorada e brutal, e os gêmeos começaram com confiança, certos de que logo derrubariam o Assassino. Afinal, havia dois deles e ambos eram experientes com uma espada; estavam certos de que o cansariam. Altaïr, porém, lutava com um excesso de raiva e de frustração. Não sabia mais quem era amigo e quem era inimigo. Fora traído — homens que supostamente eram amigos haviam se revelado inimigos. Aqueles que achava que poderiam se tornar amigos — ou mais do que amigos — tinham rejeitado a mão de amizade que lhes oferecera. Ele sabia apenas que combatia uma guerra na qual havia mais coisas em jogo do que ele imaginava, envolvendo poderes e ideologias que ainda precisaria compreender. Tinha de continuar lutando, manter-se em combate, até chegar ao fim.

E, quando os corpos abatidos dos gêmeos finalmente jaziam a seus pés e ele viu os braços e as pernas dos mortos em ângulos errados, torcidos, os olhos arregalados, Altaïr não sentiu qualquer prazer ou gratificação com a vitória. Simplesmente sacudiu fora o sangue da espada, enfiou-a na bainha e seguiu para a sacada. Atrás de si, ouviu mais guardas chegando quando subiu na balaustrada com os braços estendidos. Abaixo dele, havia uma carroça, e pulou dentro dela, desaparecendo na cidade.

Mais tarde, quando voltou ao abrigo, Markos estava lá para recebê-lo, ansioso para ouvir a história do falecimento dos irmãos. Em volta deles, membros da Resistência se abraçavam, felizes com a notícia. Finalmente a Resistência poderia recuperar o controle de Kyrenia. E, se conseguisse, era certo que haveria esperança para toda a ilha.

Markos, radiante, lhe disse:

— Está acontecendo, Altaïr. Os portos estão se esvaziando de navios dos Templários. Kyrenia será livre. Talvez toda a região de Chipre.

Altaïr sorriu, incentivado pela alegria nos olhos de Markos.

— Sejam cautelosos — aconselhou.

Lembrou-se de que não estava nem perto de descobrir a localização do arquivo. A partida dos Templários lhe dizia alguma coisa.

— Eles não deixariam seu arquivo desprotegido — supôs —, portanto não está aqui.

Markos pensou.

— A maioria dos navios que partiram daqui voltou para Limassol. Poderia estar lá?

Altaïr concordou com a cabeça.

— Obrigado, Markos. Você tem servido muito bem ao país.

— Vá com Deus, Altaïr.

Mais tarde, o Assassino foi até um navio que o levaria a Limassol. Ali, esperava desemaranhar o mistério das intenções dos Templários e arrancar a verdade sobre Alexander.

Meditou sobre isso durante a travessia, escrevendo em seu diário:

Lembro-me do meu momento de fraqueza, da minha confiança abalada pelas palavras de Al Mualim. Ele, que fora como um pai, revelou-se ser meu maior inimigo. Apenas a mais breve centelha de dúvida foi tudo o que ele precisou para entrar de forma sorrateira em minha mente com aquele dispositivo. Mas conquistei seus fantasmas, recuperei minha autoconfiança e o mandei embora deste mundo.

46

Limassol continuava igual a quando ele a deixara, repleta de cavaleiros e soldados templários, um povo ressentido comportando-se como normal, com um descontentamento em seus rostos, enquanto continuavam levando a vida.

Sem perda de tempo, Altaïr localizou o novo abrigo da Resistência, um armazém abandonado, e entrou, determinado a confrontar Alexander com o que tinha descoberto na conversa que ouvira entre Bouchart e Shalim. Mas, ao entrar no prédio, foi Alexander quem reagiu a ele.

— Para trás, traidor. Você traiu a Resistência e vendeu a nossa causa. Esteve agindo esse tempo todo com Bouchart?

Altaïr estava preparado para o confronto com Alexander, talvez até mesmo para enfrentá-lo em um combate, mas a visão do membro da Resistência em tal estado o acalmou, fez com que pensasse que havia interpretado mal o que vira. Mesmo assim, permaneceu cauteloso.

— Eu ia perguntar o mesmo de você, Alexander. Ouvi Bouchart pronunciar seu nome. Ele lhe entregou um pacote, não foi?

Semicerrando os olhos, Alexander assentiu. A mobília no abrigo era escassa, mas havia uma mesa próxima e, sobre ela, um pequeno saco que Altaïr vira Bouchart entregar a Shalim em Kyrenia.

— Sim — confirmou Alexander —, a cabeça do pobre Barnabé em um saco de juta.

Altaïr aproximou-se da coisa. Puxou o cordão que fechava o saco, o material do interior caiu e revelou ser uma cabeça decapitada, mas...

— Não foi esse o homem que se encontrou comigo em Kyrenia — contestou

Altaïr, olhando tristemente para a cabeça cortada. Esta começara a descolorir e exalar um cheiro forte, desagradável. Os olhos estavam semicerrados, a boca pendendo ligeiramente aberta, a língua visível no interior.

— O quê? — surpreendeu-se Alexander.

— O verdadeiro Barnabé tinha sido assassinado antes de eu chegar e substituído por um agente templário que causou muito dano antes de desaparecer — explicou Altaïr.

— Que Deus nos ajude. Os Templários também foram igualmente brutais aqui, com capitães percorrendo o mercado, os portos e a praça da Catedral, prendendo todos que consideravam convenientes.

— Não se desespere — disse Altaïr. — Kyrenia já se livrou dos Templários. Nós os expulsaremos também de Limassol.

— Você precisa tomar cuidado. A propaganda templária virou alguns dos meus homens contra você, e muitos outros estão desconfiados.

— Obrigado pelo aviso.

Altaïr conduziu uma busca infrutífera pela cidade atrás de Bouchart, mas, quando voltou para compartilhar com Alexander a má notícia, encontrou o abrigo vazio, exceto por um bilhete. Estava sobre a mesa e ele o apanhou. Alexander queria encontrá-lo no castelo. Pelo menos era o que dizia o bilhete.

Ele pensou. Já tinha visto a letra de Alexander? Acreditava que não. De qualquer modo, o homem do Bureau poderia tê-lo coagido a escrever o bilhete.

Ao seguir para o lugar do encontro, todos os seus instintos lhe diziam que podia ser uma armadilha, e foi com o coração apertado que encontrou um corpo no pátio onde eles deveriam se encontrar.

Não, pensou.

Imediatamente, olhou em volta. Os bastiões que cercavam o pátio estavam desertos. Aliás, a área toda estava mais quieta do que ele esperava. Ajoelhou-se ao lado do corpo, seus temores concretizados quando o virou e viu os olhos sem vida de Alexander olhando-o de volta.

Então, de cima, veio uma voz, e ele se levantou, girando para avistar uma figura nos bastiões que davam vista para o pátio. Com a visão ofuscada pelo sol, ele protegeu os olhos com a mão, ainda sem conseguir distinguir o rosto do homem que estava parado lá. Seria Bouchart? Independentemente de quem fosse, usava a cruz vermelha dos Cruzados e se mantinha de pé com as pernas

ligeiramente afastadas e as mãos nos quadris; cada centímetro seu era como o de um herói conquistador.

O cavaleiro apontou para o cadáver de Alexander. Sua voz era irônica.

— Um amigo seu?

Altaïr esperava em breve fazê-lo pagar pelo escárnio. Agora o homem mudava ligeiramente de posição e Altaïr finalmente conseguiu vê-lo com clareza. Era o espião. O tal que em Kyrenia dissera se chamar Barnabé — que era responsável por ter matado o verdadeiro Barnabé. Outro homem bom morto. Altaïr esperava fazer com que ele pagasse por isso também. Seus punhos se fecharam e os músculos das mandíbulas saltaram. Por enquanto, porém, o espião o mantinha em desvantagem.

— Você — gritou ele acima. — Não sei o seu nome.

— O que foi que eu lhe disse em Kyrenia? — perguntou com uma risadinha o cavaleiro... O espião. — Barnabé, não foi?

De repente, uma forte gritaria começou; Altaïr se virou e viu um grupo de cidadãos entrar no pátio. Fora enganado. O espião havia espalhado mentiras contra ele. Agora Altaïr estava levando a culpa pelo assassinato de Alexander, e a multidão fora conduzida para chegar no momento exato. Era uma armadilha e ele tinha caído direitinho, apesar do instinto ter dito a ele que fosse cauteloso.

Novamente, praguejou contra si mesmo. Olhou em volta. As paredes de arenito assomavam sobre ele. Uma série de passos o levaria até os bastiões, mas, lá no topo, havia o espião, rindo de orelha a orelha, desfrutando o espetáculo que estava para começar de fato à medida que os cidadãos iam depressa em direção a Altaïr, enraivecidos, com uma necessidade de vingança e de justiça ardendo nos olhos.

— Eis o traidor!

— Amarrem-no!

— Você pagará pelos seus crimes!

Altaïr manteve-se parado. O primeiro impulso foi puxar a espada, mas não: não poderia matar nenhum cidadão. Fazer isso destruiria qualquer confiança que tivessem na Resistência ou nos Assassinos. Tudo que podia fazer era declarar sua inocência. Mas não daria para argumentar com aquelas pessoas. Procurou desesperadamente uma resposta.

E a encontrou.

A Maçã.

Foi como se ela o chamasse. De repente, ele ficou ciente da presença dela na mochila às suas costas, então tirou-a e a manteve de frente para a multidão.

Não fazia ideia do que tentava fazer com aquilo e não tinha certeza do que aconteceria. Sentiu que a Maçã entenderia sua intenção. Mas era apenas uma sensação. Uma percepção. Um instinto.

E ela entendeu. Pulsou e brilhou em suas mãos. Emitiu uma estranha luz transparente que pareceu se instalar em volta da multidão, imediatamente pacificada, congelada no mesmo lugar. Altaïr viu o espião templário recuar, chocado. Sentiu-se todo-poderoso por um instante, e, naquele momento, reconheceu não apenas a sedutora fascinação da Maçã e a força divina que conferia, mas o terrível perigo que ela continha — nas mãos daqueles que a usariam para o mal, é claro, mas também com ele. Até mesmo Altaïr não era imune à sua tentação. Usou-a naquele momento, mas prometeu a si mesmo que jamais voltaria a usá-la, pelo menos não por motivos como aquele.

Então dirigiu-se à multidão.

— Armand Bouchart é o homem responsável pela miséria de vocês — exclamou. — Ele contratou esse homem para envenenar a Resistência contra si mesma. Vão embora daqui e reúnam seus homens. Chipre será novamente de vocês.

Por mais ou menos um momento, ele imaginou se aquilo tinha ou não funcionado. Quando baixasse a Maçã, a multidão furiosa simplesmente retomaria o linchamento? Mas ele a baixou, e a multidão não o atacou. As palavras fizeram com que as pessoas mudassem de opinião. As palavras as tinham convencido. Sem mais cerimônia, elas viraram e saíram do pátio, deixando-o tão rapidamente quanto tinham chegado, mas dominadas, até mesmo arrependidas.

Mais uma vez, o pátio estava vazio e, durante alguns segundos, Altaïr olhou a Maçã em sua mão, observou-a esmorecer, sentindo admiração por ela, com medo dela, atraído por ela. Então guardou-a em segurança, no momento em que o espião comentou:

— Um brinquedo e tanto esse que tem aí. Você se importaria em emprestá-lo?

Altaïr tinha certeza de uma coisa: o Templário teria de tirar a Maçã de seu

cadáver. Sacou a espada, pronto para o combate, enquanto o Templário sorria, antecipando a luta adiante, prestes a descer do bastião, quando...

Parou.

E o sorriso escorreu de seu rosto como óleo derramado.

Uma lâmina salientava-se de seu peito. O sangue brotou da túnica branca, misturando-se com o vermelho da cruz que ele usava. Olhou abaixo para si mesmo, confuso, como se perguntando de que modo a arma tinha chegado ali. Abaixo dele, no pátio, Altaïr se perguntava a mesma coisa. Então o Templário oscilou e Altaïr viu uma figura atrás dele. Uma figura que reconheceu: Maria.

Ela sorriu, empurrou o espião adiante para o muro do pátio e deixou que caísse pesadamente no chão lá embaixo. Parada ali, com a espada pingando sangue, ela sorriu para Altaïr, sacudiu-a, depois recolocou-a na bainha.

— Então — disse ela —, você tinha a Maçã o tempo todo.

Ele confirmou com a cabeça.

— E agora você viu que tipo de arma poderia se tornar em mãos erradas.

— Não sei se chamaria suas mãos de certas.

— Não. Tem razão. Vou destruí-la... Ou escondê-la. Até poder encontrar o arquivo, não sei dizer.

— Bem, não procure mais — declarou ela. — Você está parado sobre ele.

47

Nesse instante, houve um grito alto na via de acesso ao pátio e um grupo de soldados dos Templários entrou correndo, com olhos perigosos brilhando atrás dos visores das armaduras.

Lá de cima, Maria chamou:

— Por aqui... depressa!

Ela se virou e disparou pelos bastiões até uma porta. Altaïr estava para segui-la quando os três homens o atacaram, e ele praguejou, enfrentando-os com um repicar de aço, perdendo Maria de vista outra vez.

Eles eram habilidosos e haviam treinado muito — tinham músculos no pescoço para provar —, mas mesmo três cavaleiros não eram páreo para o Assassino, que dançou agilmente em volta deles até os três caírem mortos a seus pés.

Olhou para cima. Os bastiões estavam vazios. Havia apenas o corpo do espião templário no topo dos degraus e nenhum sinal de Maria. Subiu os degraus aos pulos, parando um instante para olhar abaixo para o morto. Se o serviço de um agente era causar um racha no inimigo, então esse fizera bem seu trabalho; quase levara as pessoas a se voltarem contra a Resistência, entregando-as nas mãos dos Templários — que não planejavam instruí-las, mas subjugá-las e controlá-las.

Altaïr correu, chegando à porta na extremidade. Aquela, então, era a entrada para o prédio que abrigava o arquivo. Entrou.

A porta se fechou ruidosamente às suas costas. Ele se viu em uma passagem que corria ao longo da parede de um poço cavernoso que levava para baixo. Tochas penduradas forneciam uma escassa iluminação, lançando sombras

dançantes nas cruzes templárias que decoravam as paredes. Havia silêncio.

Mas, nem tanto.

Vindos de algum lugar distante lá embaixo, ele podia ouvir gritos. Guardas, talvez, alertados da presença de... Maria? Um espírito livre como o dela jamais poderia aderir a ideologias templárias. Ela agora era uma traidora. Havia agido ao modo dos Assassinos: matara um Templário e mostrara a um Assassino a localização do arquivo. Eles a matariam no ato. Embora, é claro, pelo que ele vira dela em um combate, isso fosse mais fácil de dizer do que de fazer.

Ele começou a descer, seguindo pelos degraus escuros, ocasionalmente saltando sobre brechas na obra de pedra talhada caindo aos pedaços, até atingir uma câmara com chão arenoso. Chegando para encontrá-lo havia três guardas, e ele livrou-se do primeiro com uma faca arremessada de imediato, driblou o segundo e enfiou a espada no pescoço do homem. Jogou o corpo sobre o terceiro, que caiu, e, quando os dois atingiram o chão, Altaïr acabou com eles. Investigando mais profundamente, ouviu água corrente e se descobriu sobre uma ponte que passava entre duas quedas-d'água. O som foi suficiente para abafar o ruído de sua chegada dos dois guardas na extremidade oposta da ponte. Despachou-os com dois golpes de espada.

Deixou-os para trás, continuando a descer até o interior da... biblioteca. Agora ele viu estantes de livros, salas repletas delas. Era isso. Ele estava lá. Não tinha certeza do que esperava, mas havia menos livros e artefatos do que imaginara. Isso comporia o famoso arquivo de que ouvira falar?

Mas não tinha tempo para parar e inspecionar a descoberta. Conseguia ouvir vozes, o som percussivo de espadas se chocando: dois combatentes, um dos quais era inconfundivelmente feminino.

Adiante, um enorme arco estava decorado em seu ponto mais alto com a cruz templária. Passou por ele e entrou em uma ampla câmara, com uma área cerimonial no centro circundada por um emaranhado de colunas de pedra. Ali no meio estavam Bouchart e Maria, lutando. Ela estava contendo o Templário, mas apenas por pouco tempo, pois, quando Altaïr entrou na câmara, ele a golpeou e ela caiu sobre o chão de pedra, berrando de dor.

Bouchart deu-lhe um olhar indiferente, já se virando para encarar Altaïr, que não fizera nenhum som ao entrar na câmara.

— O insensato imperador Comneno — anunciou o Templário, desdenhando

do antigo líder cipriota — era um idiota, mas era o *nosso* idiota. Por quase uma década, atuamos sem interferência nesta ilha. Nosso arquivo era o segredo mais bem guardado de Chipre. Infelizmente, mesmo os planos mais bem-feitos não foram imunes à idiotice de Isaac.

Por quase uma década, pensou Altaïr. Mas então... Ele deu um passo à frente, olhando de Bouchart para Maria.

— Ele irritou o rei Ricardo e trouxe o inglês perigosamente para perto demais. É isso?

Como Bouchart não fez qualquer movimento para detê-lo, Altaïr atravessou a área e curvou-se sobre Maria. Ergueu seu rosto, procurando sinais de vida.

Bouchart falava, desfrutando o som de sua própria voz.

— Felizmente, convencemos Ricardo a nos vender a ilha. Foi a única maneira de desviar sua atenção.

Os olhos dela tremularam. Gemeu. *Viva*. Suspirando aliviado, Altaïr pousou delicadamente a cabeça dela sobre a pedra e levantou-se para enfrentar Bouchart, que o estivera observando com um sorriso indulgente.

— Compraram o que já controlavam... — rebateu Altaïr. Ele agora entendia. Os Templários haviam comprado Chipre do rei Ricardo para evitar que o arquivo deles fosse descoberto. Não admirava que tivessem sido tão agressivos em persegui-lo assim que chegou à ilha.

Bouchart confirmou que ele estava certo.

— E olhe aonde isso nos trouxe. Desde quando você chegou e enfiou o nariz em muitos cantos escuros, o arquivo não estava em segurança.

— Gostaria de dizer que sinto muito. Mas sou inclinado a obter o que quero — rebateu Altaïr, parecendo confiante, mas sabendo que algo não estava muito certo.

Sem dúvida, Bouchart estava sorrindo.

— Ora, não será desta vez, Assassino. Não agora. Nosso pequeno desvio para Kyrenia nos deu tempo suficiente para desmontar o arquivo e transferi-lo.

Claro. Não era o arquivo escasso que ele vira na descida. Eram os *restos* indesejáveis de um arquivo. Eles o haviam despistado com os assuntos em Kyrenia e usaram a oportunidade para transferi-lo.

— Vocês não estavam embarcando artefatos *para* Chipre, mas tirando-os daqui — concluiu Altaïr, quando tudo se tornou claro.

— Exatamente — concordou Bouchart, com um cumprimento de cabeça. — Mas nem tudo teve de ir... Creio que deixaremos você aqui.

Bouchart saltou à frente, dando um golpe com a espada, e Altaïr o desviou. O Templário estava disposto e aparava golpes, sustentando seu ataque, e Altaïr foi forçado a recuar o pé de apoio, defendendo uma série de investidas e golpes cortantes. Bouchart era habilidoso, isso era certo. Também era veloz, confiando mais na graça e no trabalho dos pés do que na força bruta que a maioria dos Cruzados usava em uma luta de espadas. Mas esperava vencer, e vencer rapidamente. Seu desespero em conquistar o Assassino levava-o a esquecer as exigências físicas da luta, de modo que Altaïr se defendia, deixando-o se aproximar, e absorvia os ataques e, de vez em quando, fazia seus próprios movimentos ofensivos, abrindo ferimentos. Um corte aqui, um arranhão ali. O sangue começou a escorrer por baixo da cota de malha de Bouchart, que pendia pesadamente em seu corpo.

Enquanto combatia, Altaïr pensou em Maria e naqueles que morreram por ordem dos Templários, mas deteve essas memórias, transformando-as em desejo de vingança. Em vez disso, deixou que elas lhe dessem determinação. O sorriso sumira do rosto de Bouchart e, enquanto Altaïr permanecia em silêncio, o Grão-Mestre Templário grunhia de exaustão — e de frustração. Os movimentos de sua espada eram menos coordenados e fracassavam em encontrar seu alvo. Suor e sangue brotavam dele. Seus dentes estavam expostos.

Altaïr abriu mais ferimentos, cortando-o na testa, de modo que o sangue corria para seus olhos e ele passava a manopla pelo rosto para limpá-lo. Agora Bouchart mal conseguia levantar a espada; o corpo estava curvado, as pernas bêbadas e os ombros pesados enquanto lutava para tomar fôlego, apertando os olhos através de uma máscara de sangue para encontrar o Assassino, enxergando apenas sombras e formas. Ele agora era um homem derrotado. O que significava que era um homem morto.

Altaïr não brincou com ele. Esperou até não haver mais perigo. Até ter certeza de que a fraqueza de Bouchart não era fingida.

Então avançou para cima dele.

Bouchart caiu no chão e Altaïr ajoelhou-se a seu lado. O Templário o olhou, e Altaïr viu respeito em seus olhos.

— Ah. Você é uma... uma honra para o seu Credo — ofegou Bouchart.

— E você se desviou do seu.

— Não me desviei... Eu o expandi. O mundo é mais complicado do que a maioria ousa admitir. E se você, Assassino... Se você souber mais do que como matar, talvez entenda isso.

Altaïr franziu a testa.

— Guarde para si mesmo seu discurso sobre virtude. E morra sabendo que eu nunca deixarei a Maçã, o Pedaço do Éden, cair em outras mãos além das minhas.

Ao dizer isso, ele sentiu um calor nas costas, como se ela tivesse despertado.

Bouchart sorriu ironicamente.

— Mantenha-a próxima, Altaïr. Chegará à mesma conclusão que nós... no devido tempo...

E morreu. Altaïr estendeu a mão para fechar os olhos de Bouchart no momento em que o prédio sacudiu e ele foi atingido por uma chuva de escombros. Disparo de canhão. Os Templários estavam bombardeando o arquivo. Isso fazia todo o sentido. Não queriam deixar nada para trás.

Ele se arrastou até Maria e colocou-a de pé. Por um momento, trocaram olhares, e algum sentimento velado passou entre eles. Em seguida ela puxou o braço dele e o conduziu para fora da enorme câmara no momento em que foi sacudida por mais disparos de canhão. Altaïr virou-se a tempo de ver duas das belas colunas se espatifarem e caírem, grandes alas de pedra se despedaçando no chão. Então ele passou a seguir Maria enquanto ela corria, saltando dois degraus por vez enquanto subiam de volta pelo poço do arquivo destruído. Este foi abalado por outra explosão, e alvenaria desabou sobre a passagem, mas eles continuaram correndo, mantendo a cabeça abaixada até alcançarem a saída.

Os degraus tinham sido destruídos e Altaïr os escalou, arrastando Maria atrás de si até uma plataforma. Forçaram o caminho adiante até saírem para a luz do dia, enquanto o bombardeio prosseguia e o prédio parecia desabar, forçando-os a saltar para a segurança. E ali permaneceram por algum tempo, respirando ar puro, contentes por estarem vivos.

* * *

Mais tarde, quando os navios dos Templários tinham partido, levando com eles o restante do precioso arquivo, Altaïr e Maria caminhavam sob a luz

esmaecida no porto de Limassol, ambos perdidos em pensamentos.

— Tudo pelo que trabalhei na Terra Santa, não quero mais — disse Maria, após uma longa pausa. — E tudo de que abri mão para me juntar aos Templários... Fico imaginando aonde foi tudo isso, e se devo tentar encontrar novamente.

— Vai voltar para a Inglaterra? — perguntou Altaïr.

— Não... Já estou muito longe de casa, continuarei para leste. Para a Índia, talvez. Ou até cair pela beira mais distante da Terra... E você?

Altaïr pensou, desfrutando a proximidade entre eles.

— Por um longo tempo, sob as ordens de Al Mualim, pensei que minha vida tivesse atingido o limite, e que meu único dever era mostrar aos outros o mesmo precipício que eu havia descoberto.

— Já senti a mesma coisa— concordou ela.

Ele tirou a Maçã da mochila e ficou segurando-a para examiná-la.

— Por mais terrível que este artefato seja, ele contém maravilhas... Gostaria de entendê-lo da melhor maneira possível.

— Você caminha sobre uma linha tênue, Altaïr.

Ele assentiu lentamente.

— Eu sei. Mas fui estragado pela curiosidade, Maria. Quero conhecer as melhores mentes, explorar as bibliotecas do mundo, e aprender todos os segredos da natureza e do universo.

— Tudo em uma única existência? É um pouco ambicioso...

Ele deu uma risadinha.

— Quem pode dizer? Pode ser que apenas uma vida seja o bastante.

— Talvez. E aonde você irá primeiro?

Olhou para ela, sorrindo, sabendo apenas que a queria pelo resto de sua jornada.

— Leste... — disse ele.

Parte Quatro

48

15 de julho de 1257

Maffeo tem o hábito de às vezes me olhar de modo estranho. É como se ele acreditasse que não estou dando a ele todas as informações necessárias. E tem feito isso várias vezes durante nossas sessões de narração de história. Quer observando o mundo passar no movimentado mercado de Masyaf, quer desfrutando as correntes de ar fresco nas catacumbas embaixo da cidadela ou caminhando ao longo dos bastiões, vendo os pássaros rodar e mergulhar nos vales, de vez em quando ele me olha como se dissesse: "O que você *não* está me contando, Niccolò?"

Bem, a resposta, claro, é nada, independente da minha constante suspeita de que a história finalmente vai nos envolver de alguma maneira, que estou sendo informado sobre essas coisas por algum motivo. Isso envolveria a Maçã? Ou talvez os diários dele? Ou o códex, o livro no qual ele concentrou suas descobertas mais significativas?

Mesmo assim, Maffeo me fixa com o Olhar.

— E?

— E o quê, irmão?

— Altaïr e Maria foram para leste?

— Maffeo, Maria é a mãe de Darim, o cavalheiro que nos convidou para vir aqui.

Observei Maffeo virar a cabeça para o sol e fechar os olhos, deixando que ele esquentasse seu rosto enquanto absorvia essa informação. Tenho certeza de que

tentava conciliar a imagem do Darim que conhecíamos, um homem na casa dos 60 anos com o rosto gasto pela exposição ao tempo para provar isso, com alguém que teve uma mãe — uma mãe como Maria.

Deixei-o refletir, sorrindo indulgentemente. Do mesmo modo como Maffeo me importunava com perguntas durante a história, é claro que eu importunara o Mestre, se bem que com muito mais deferência.

— Onde está a Maçã agora? — eu perguntara a ele certa vez.

Para ser honesto, eu secretamente esperara que em algum momento ele a exibiria. Afinal, ele falara nela com termos muito reverenciosos, mesmo às vezes parecendo amedrontado. Naturalmente, eu esperara vê-la. Talvez para entender seu fascínio.

O triste foi que isso não aconteceu. Ele recebeu minha pergunta com uma série de ruídos impacientes. Eu não deveria me ocupar com pensamentos sobre a Maçã, ele alertara, mexendo o dedo. Em vez disso, deveria me ocupar com o códex. Pois naquelas páginas estavam o segredo da Maçã, disse ele, mas livres dos efeitos maléficos do artefato.

O códex. Sim, eu decidira, era o códex que se revelaria significativo no futuro. Significativo até mesmo no *meu* futuro.

Mas, de qualquer forma: de volta aqui e agora, observei Maffeo meditar sobre o fato de que Darim era filho de Altaïr e Maria; que, após o início adverso, primeiro havia surgido respeito entre a dupla, depois atração, amizade, amor e...

— Casamento? — completou Maffeo? — Ela e Altaïr se casaram?

— Certamente. Uns dois anos após os acontecimentos que descrevi, eles se casaram em Limassol. A cerimônia foi realizada lá com certo grau de respeito aos cipriotas que haviam oferecido a ilha como base para os Assassinos, tornando-a uma fortaleza-chave para a Ordem. Acredito que Markos foi um convidado de honra, e um brinde, de certo modo irônico, foi feito aos piratas, os quais, inadvertidamente, tinham sido responsáveis por apresentá-lo a Altaïr e Maria. Logo após a cerimônia, o Assassino e sua esposa voltaram para Masyaf, onde nasceu Darim, o filho deles.

— O único filho?

— Não. Dois anos após o nascimento de Darim, Maria deu à luz outro, Sef, irmão de Darim.

— E o que foi feito dele, irmão?

— Tudo a seu tempo, irmão. Tudo a seu tempo. Por enquanto, basta dizer que esse representou principalmente um período pacífico e frutífero para o Mestre. Ele fala pouco nisso, como se fosse precioso demais para trazer à luz, mas grande parte está registrada no códex. O tempo todo, ele estava fazendo novas descobertas e recebendo novas revelações.

— Tais como?

— Ele as registrou em seus diários. Ali você pode ver não apenas compostos para novos venenos Assassinos, mas também para remédios. Descrições de conquistas ainda por vir e catástrofes ainda por acontecer; projetos para armaduras e para novas lâminas ocultas, inclusive uma que dispara projéteis. Ele meditou sobre a natureza da fé e sobre os primórdios da humanidade, forjada no caos, a ordem imposta não por um ser supremo, mas pelo homem.

Maffeo pareceu chocado.

— "Forjada no caos, a ordem imposta não por um ser supremo..."

— As questões Assassinas sempre tratavam da fé — falei, não sem um traço de pomposidade. — Mesmo a dele própria.

— Como assim?

— Bem, o Mestre escreveu sobre as contradições e as ironias dos Assassinos. Como buscam a paz, mas usam a violência e a matança como forma de obtê-la. Como procuram abrir a mente dos homens, mas exigem obediência a um mestre. O Assassino ensina os perigos de se acreditar cegamente em fé estabelecida, mas exige que os seguidores da Ordem sigam inquestionavelmente o Credo.

"Ele também escreveu sobre Aqueles Que Vieram Antes, os membros da primeira civilização, que deixaram para trás os artefatos caçados igualmente por Templários e Assassinos.

— E a Maçã é um deles?

— Exatamente. Algo de imenso poder. Disputado pelos Cavaleiros Templários. As experiências dele em Chipre haviam lhe mostrado que os Templários, em vez de tentar obter o controle pelos meios normais, optaram pelos subterfúgios como estratégia. Altaïr concluiu que esse também deveria ser o modo dos Assassinos.

"A Ordem não deveria mais construir grandes fortalezas e executar dispendiosos rituais. Estes, decidiu, não eram o que um Assassino fazia. O que

faz um Assassino é sua adesão ao Credo. Por mais irônico que seja, isso originalmente teve o apoio de Al Mualim. Uma ideologia que desafiasse as doutrinas estabelecidas. Uma ideologia que incentivasse os acólitos a irem além deles mesmos e tornarem possível o impossível. Foram esses princípios que Altaïr desenvolveu e levou consigo nos anos que passou viajando pela Terra Santa, firmando a Ordem e instilando os valores que aprendera como um Assassino. Somente em Constantinopla suas tentativas de promover o estilo Assassino fracassaram. Ali, em 1204, ocorreram grandes revoltas quando o povo se levantou contra o imperador bizantino Alexius, e não muito após os Cruzados terem invadido a cidade e iniciado o saque. Em meio a tal tumulto constante, Altaïr foi incapaz de pôr em prática seus planos e foi embora. Esse tornou-se um de seus poucos fracassos durante aquela era.

"Gozado; quando me contou isso, ele me deu um olhar estranho.

— Porque nosso lar é Constantinopla?

— Talvez. Terei de pensar nesse assunto depois. É possível que o chamado para virmos de Constantinopla e a tentativa dele de estabelecer lá uma guilda não tenha relação...

— O único fracasso dele, você disse?

— Certamente. De todos os outros modos, Altaïr fez mais para promover a Ordem do que praticamente qualquer líder antes dele. Apenas o predomínio de Gengis Khan evitou a continuidade de sua obra.

— Como assim?

— Cerca de quarenta anos atrás, Altaïr escreveu sobre isso em seu códex. Como uma onda escura erguia-se no leste. Um exército de tal tamanho e poder que o mundo todo ficou prontamente preocupado.

— Ele se referia ao Império Mongol? — perguntou Maffeo. — A ascensão de Gengis Khan?

— Exatamente — respondi. — Darim estava com 20 e poucos anos e era um perfeito arqueiro, e foi por isso que Altaïr pegou Maria e o filho e partiu de Masyaf.

— Para enfrentar Khan?

— Altaïr desconfiava que o avanço de Gengis Khan estaria sendo ajudado por outro artefato, semelhante à Maçã. Talvez a Espada. Ele precisava determinar se era esse o caso, além de deter a inexorável marcha de Khan.

— Como ficou Masyaf?

— Altaïr deixou Malik como encarregado em seu lugar. Também deixou Sef para trás, para ajudar a cuidar dos negócios. Na ocasião, Sef tinha mulher e duas filhas jovens; Darim não tinha filhos, e eles ficaram fora por muito tempo.

— Quanto tempo?

— Ele ficou fora por *dez anos*, irmão, e quando retornou a Masyaf, tudo lá havia mudado. Nada seria como antes. Quer ouvir a respeito?

— Por favor, continue.

49

À distância tudo parecia bem em Masyaf. Nenhum deles — nem Altaïr, Maria ou Darim — fazia qualquer ideia do que estava por vir.

Altaïr e Maria cavalgavam um pouco adiante, lado a lado, como era de sua preferência, felizes por estarem um com o outro e contentes por estarem no campo de visão de casa, cada ondulação com o ritmo lento e constante de seus cavalos. Ambos cavalgavam empertigados e orgulhosos na sela a despeito da longa e árdua jornada. Podiam estar avançados nos anos — ambos estavam na metade da casa dos 60 anos —, mas isso não fazia com que fossem vistos com postura relaxada. Contudo, vinham lentamente: suas montarias foram escolhidas pela força e pela resistência, e não pela velocidade, e presos a cada uma delas estava um asno carregado com suprimentos.

Atrás deles vinha Darim, que herdara os olhos brilhantes e dançantes de sua mãe, a cor e a estrutura corporal do pai, e a impulsividade de ambos. Ele gostaria de galopar à frente e subir as encostas da aldeia até a cidade para anunciar a volta de seus pais, mas, em vez disso, trotava humildemente atrás, respeitando o desejo do pai de uma modesta volta ao lar. De vez em quando, afugentava as moscas do rosto com o cabo do chicote e pensava que um galope teria sido o método mais eficaz de se livrar delas. Imaginava se eles estavam sendo observados dos pináculos da fortaleza, de sua torre de defesa.

Passando os estábulos, atravessaram o portão de madeira e entraram no mercado, achando-o inalterado. Chegaram à aldeia, onde crianças correram animadas em volta deles pedindo guloseimas — crianças novas demais para conhecerem o Mestre. Aldeões mais velhos, porém, o reconheceram, e Altaïr

notou que observavam atentamente o grupo, não com ares de boas-vindas, mas com cautela. Rostos viraram quando eles tentavam fazer contato visual. A aflição apertou o corpo deles.

Agora uma figura que ele conhecia se aproximava, encontrando-os no pé da encosta para a cidadela. Swami. Um aprendiz, quando ele partiu, um daqueles que tinham gosto pelo combate, mas não o suficiente para o aprendizado. Ele conseguira uma cicatriz naquele intervalo de dez anos, que enrugava quando ele ria, um largo sorriso que ia até quase perto dos olhos. Talvez já estivesse pensando nas aulas que teria de aturar com Altaïr, agora que ele voltara.

Mas ele as aturaria, pensou Altaïr, o olhar passando por Swami e indo ao castelo, onde uma enorme bandeira ostentando a marca dos Assassinos balançava com a brisa. Ele havia decretado a retirada da bandeira: os Assassinos estavam se livrando de tais emblemas vazios. Mas, evidentemente, Malik decidira que ela deveria ficar hasteada. Ele seria outro que teria de aturar no futuro alguns ensinamentos.

— Altaïr — disse Swami com um curvar da cabeça, e Altaïr decidiu ignorar a falha do homem em se dirigir a ele usando seu título correto. Pelo menos por enquanto. — Que agradável vê-lo. Espero que suas viagens tenham sido frutíferas.

— Enviei mensagens — lembrou Altaïr, inclinando-se à frente em sua sela. Darim foi para o outro lado dele, de modo que os três formaram uma linha, olhando abaixo para Swami. — A Ordem não foi informada do meu progresso?

Swami sorriu subservientemente.

— Claro, claro. Perguntei apenas por cortesia.

— Esperava ser recebido por Rauf — disse Altaïr. — Ele está mais acostumado a atender minhas necessidades.

— Ah, pobre Rauf. — Swami olhou para o chão, pensativo.

— Há algo errado?

— Receio que Rauf tenha morrido da febre em anos passados.

— Por que não fui informado?

Diante disso, Swami simplesmente deu de ombros. Um dar de ombros insolente, como se ele não soubesse e nem ligasse.

Altaïr enrugou os lábios, decidindo que alguém tinha alguma explicação a dar, desde que não fosse aquele patife.

— Então vamos. Nossos aposentos estão prontos?

Swami baixou novamente a cabeça.

— Receio que não, Altaïr. Até você poder ser acomodado, pediram-me que o levasse a uma residência do lado ocidental da fortaleza.

Altaïr olhou primeiro para Darim, que tinha a testa franzida, depois para Maria, que o fitava com olhos que diziam *Cuidado*. Alguma coisa não estava certa.

— Está bem — disse Altaïr cautelosamente, e eles desmontaram.

Swami gesticulou para alguns criados, que se adiantaram para pegar os cavalos, e todos iniciaram a subida até o portão da cidadela. Ali os guardas inclinaram a cabeça rapidamente, como se, tal como os aldeões, quisessem evitar o olhar de Altaïr, mas, em vez de seguirem acima para o antemuro, Swami conduziu-os para dar a volta pelo lado de fora da linha de defesa interna. Altaïr olhou os muros da cidadela estendendo-se nas alturas acima deles, querendo ver o coração da Ordem, sentindo a irritação aumentar — mas algum instinto lhe disse para aguardar sua oportunidade. Quando chegaram à residência, esta era um prédio baixo afundado na pedra, com um pequeno arco como entrada e degraus levando abaixo a um vestíbulo. A mobília era escassa e não havia empregados para recebê-los. Altaïr estava acostumado a acomodações modestas — aliás, ele as exigia —, mas aqui em Masyaf, como Mestre Assassino, esperava que seus alojamentos fossem na torre do Mestre ou equivalente.

Indignado, virou-se, prestes a protestar com Swami, que permanecia no vestíbulo com o mesmo sorriso obsequioso no rosto, quando Maria agarrou seu braço e o apertou, impedindo-o.

— Onde está Sef? — perguntou ela a Swami. Maria sorria agradavelmente, mas Altaïr sabia que ela detestava Swami. Detestava-o com todas as fibras de seu ser. — Eu gostaria que Sef viesse aqui imediatamente, por favor.

Swami pareceu aflito.

— Lamento por Sef não estar aqui. Ele teve de viajar para Alamut.

— E a família dele?

— Está em sua companhia.

Maria lançou um olhar preocupado para Altaïr.

— Que assunto meu irmão foi tratar em Alamut? — indagou rispidamente Darim, ainda mais desconcertado do que seus pais por causa dos apertados

aposentos.

— Infelizmente, não sei — respondeu Swami.

Altaïr inspirou fundo e aproximou-se dele. A cicatriz do mensageiro não se enrugava mais, pois o sorriso bajulador havia se esvaído de seu rosto. Talvez ele de repente tivesse se lembrado de que aquele era Altaïr, o Mestre, cuja habilidade em batalha só era igualada pela sua impetuosidade na sala de aula.

— Informe a Malik *imediatamente* que quero vê-lo — grunhiu Altaïr. — Diga-lhe que tem algumas explicações a dar.

Swami engoliu em seco, torcendo as mãos um tanto teatralmente.

— Malik está na prisão, Mestre.

Altaïr sobressaltou-se.

— *Na prisão?* Por quê?

— Não tenho liberdade para dizer, Mestre. Foi convocada uma reunião do Conselho para amanhã de manhã.

— Conselho?

— Com Malik preso, foi formado um Conselho para supervisionar a Ordem, de acordo com o estatuto da Irmandade.

Isso era verdade, mas, mesmo assim, Altaïr abateu-se.

— E *quem* é o presidente?

— Abbas — respondeu Swami.

Altaïr olhou para Maria, cujos olhos agora revelavam uma preocupação real. Estendeu a mão para segurar o braço dele.

— E quando eu encontro esse Conselho? — perguntou Altaïr. Sua voz era calma, desmentindo a tempestade em seu estômago.

— Amanhã, o Conselho gostaria de ouvir o relato de sua viagem e notificá-lo sobre os acontecimentos da Ordem.

— E, depois disso, o Conselho será dissolvido — falou Altaïr com firmeza. — Diga ao Conselho que nós o encontraremos ao nascer do sol. Diga-lhe que consultem os estatutos. O Mestre voltou e deseja reassumir a liderança.

Swami fez uma reverência e saiu.

A família esperou até ele sumir antes de deixar aflorar os verdadeiros sentimentos, quando Altaïr se dirigiu a Darim e, com urgência na voz, disse-lhe:

— Cavalgue até Alamut. Traga Sef de volta. Sua presença é necessária aqui imediatamente.

50

No dia seguinte, Altaïr e Maria se preparavam para seguir o caminho da residência até a torre principal, quando foram interceptados por Swami, que insistiu em conduzi-los pessoalmente através do antemuro. Ao contornarem o muro, Altaïr ficou imaginando por que não ouvia o ruído habitual de exercícios com a espada e de treinamento que vinha do outro lado. Ao chegarem ao pátio, ele teve a resposta.

Era porque *não* havia exercícios com espada ou treinamentos. Agora estava quase deserto onde antes as áreas internas da cidadela tinham vibrado com atividade e vida, ecoando o repicar metálico de golpes de espadas, os gritos e os xingamentos dos instrutores. Ele olhou em volta para as torres que os contemplavam lá de cima, e viu janelas pretas. Guardas nos bastiões olharam abaixo impassíveis para eles. O local de iluminação e treinamento — o pouco de conhecimento Assassino que ele deixara — havia desaparecido. O humor de Altaïr piorou ainda mais quando começou a se dirigir à torre principal, mas, em vez disso, Swami o encaminhou aos degraus que levavam acima, à sala de defesa, e, depois, ao salão principal.

Ali, o Conselho estava reunido. Dez homens sentavam-se em lados opostos de uma mesa com Abbas na cabeceira, dois assentos vazios para Altaïr e Maria: cadeiras de madeira com espaldar alto. Eles se sentaram e, pela primeira vez desde que entraram no ambiente, Altaïr olhou para Abbas, seu velho antagonista. Viu nele algo além de fraqueza e ressentimento. Viu um rival. E, pela primeira vez desde a noite em que Ahmad fora a seu quarto para tirar a própria vida, ele não mais se compadeceu de Abbas.

Altaïr olhou em volta para o resto da mesa. Exatamente como havia imaginado, o novo Conselho era formado na maioria por membros indecisos e coniventes da Ordem. Aqueles que Altaïr teria preferido expulsar. Aparentemente, todos haviam aderido ao Conselho ou foram recrutados por Abbas. Característico deles era Farim, o pai de Swami, que o observava por baixo de sobrancelhas encapuzadas, com o queixo enfiado no peito. Seu amplo peito. Eles engordaram, pensou Altaïr, desdenhosamente.

— Bem-vindo, Altaïr — exclamou Abbas. — Tenho certeza de que falo por todos quando digo que estou ansioso para ouvir suas façanhas no leste.

Maria inclinou-se à frente para se dirigir a ele.

— Antes de contarmos alguma coisa sobre nossas viagens, Abbas, gostaríamos, por favor, de algumas respostas. Deixamos Masyaf em boa ordem. Aparentemente, aqueles padrões foram relaxados.

— *Nós* deixamos Masyaf em boa ordem? — sorriu Abbas, embora sem ter olhado para Maria. Não tirara os olhos de Altaïr. Os dois se encaravam através da mesa com evidente hostilidade. — Quando deixaram a Irmandade, se bem me lembro, havia apenas um Mestre. Agora parece que temos dois.

— Cuidado com sua insolência, Abbas, para ela não lhe custar caro.

— *Minha* insolência? — gargalhou Abbas. — Altaïr, por favor, diga à infiel que, de agora em diante, ela não poderá falar, a não ser quando um membro do Conselho se dirigir a ela.

Com um grito de raiva, Altaïr levantou-se da cadeira, que deslizou para trás e tombou sobre a pedra. Sua mão estava no cabo da espada, mas dois guardas se aproximaram com as espadas desembainhadas.

— Guardas, tomem a arma dele — ordenou Abbas. — Ficará mais à vontade sem ela, Altaïr. Você está usando sua lâmina?

Altaïr estendeu os braços quando um guarda se aproximou para tomar sua espada. As mangas da roupa desceram e não revelaram qualquer lâmina oculta.

— Agora podemos começar — disse Abbas. — Por favor, não desperdice mais o nosso tempo. Atualize-nos sobre sua missão para neutralizar Khan.

— Só depois que você me disser o que aconteceu com Malik — grunhiu Altaïr.

Abbas deu de ombros e ergueu as sobrancelhas, como se dissesse que estavam em um impasse, e estavam mesmo, pois, aparentemente, nenhum dos dois

homens parecia disposto a ceder. Com um grunhido de irritação, Altaïr iniciou sua história, em vez de prolongar o impedimento. Relatou as viagens à Pérsia, Índia e Mongólia, onde ele, Maria e Darim haviam se unido ao Assassino Qulan Gal, e contou como haviam viajado até Xia, a província próxima a Xing-ging, que havia sido sitiada pelo exército mongol, na expansão inexorável do império de Khan. Ali, disse ele, Altaïr e Qulan Gal fizeram o planejamento de se infiltrar no acampamento mongol. Dizia-se que Khan também estava lá.

— Darim encontrou um ponto de observação não muito longe do acampamento e, armado com seu arco, vigiaria Qulan Gal e a mim enquanto seguíssemos pelas barracas. O acampamento estava fortemente guardado e contávamos com ele para abater qualquer guarda que alertássemos ou que parecesse que pudesse dar o alarme. — Altaïr olhou em volta da mesa com um ar desafiador. — E ele executou admiravelmente esse dever.

— Tal pai, tal filho — comentou Abbas, com mais do que uma insinuação de escárnio na voz.

— Talvez não — rebateu Altaïr calmamente. — Pois eu quase me tornei o responsável por alertar os mongóis da nossa presença.

— Ah — fez Abbas. — Ele não é infalível.

— Ninguém é — retrucou Altaïr —, muito menos eu, e permiti que um soldado inimigo caísse sobre mim. Ele me feriu antes que Qulan Gal conseguisse matá-lo.

— Está ficando velho, Altaïr? — zombou Abbas.

— Todos estão, Abbas — respondeu Altaïr. — E eu estaria morto se Qulan Gal não tivesse conseguido me tirar do acampamento e me levar para um local seguro. Sua ação salvou a minha vida. — Olhou cuidadosamente para Abbas. — Qulan Gal voltou ao acampamento. Primeiro, formulou um plano com Darim para tirar Khan de sua barraca. Percebendo o perigo, Khan tentou escapar a cavalo, mas foi derrubado por Qulan Gal e abatido por um disparo de Darim.

— Não há dúvida sobre sua habilidade como arqueiro — sorriu Abbas. — Deduzo que o mandou para longe, talvez para Alamut?

Altaïr surpreendeu-se. Aparentemente, Abbas sabia de tudo.

— Ele deixou a cidade por ordem minha. Se para Alamut ou não, não direi.

— Para procurar Sef em Alamut, talvez? — insistiu Abbas. Dirigiu-se a Swami. — Você disse a eles que Sef estava lá, espero.

— Como me foi instruído, Mestre — respondeu Swami.

Altaïr sentia agora nas entranhas algo pior do que preocupação. Algo que podia ser medo. Sentiu isso também em Maria: o rosto dela estava descorado e aflito.

— Diga o que tem a dizer, Abbas — falou.

— Ou o quê, Altaïr?

— Ou meu primeiro ato, quando reassumir a liderança, será jogá-lo em uma masmorra.

— Para eu me juntar a Malik, talvez?

— Duvido que Malik pertença à prisão — vociferou Altaïr. — De que crime ele é acusado?

— De assassinato — sorriu afetadamente Abbas.

Foi como se o mundo batesse na mesa.

— Assassinato de quem? — indagou Maria.

E a resposta, quando veio, pareceu ter sido dada de longe, muito longe.

— De Sef. Malik matou seu filho.

A cabeça de Maria tombou sobre as mãos.

— Não! — Altaïr ouviu alguém dizer, então se deu conta de que sua própria voz havia falado.

— Sinto muito, Altaïr — disse Abbas, falando como se recitasse algo decorado. — Sinto muito que tenham retornado para ouvir essa notícia trágica, e posso dizer que falo por todos deste Conselho quando ofereço minha solidariedade a você e à sua família. Mas, até certas questões serem resolvidas, não será possível você reassumir a liderança da Ordem.

Altaïr ainda tentava desembaraçar a confusão de emoções em sua cabeça, ciente da presença de Maria a seu lado, soluçando.

— O quê? — disse ele. Então mais alto: — *O quê?*

— Neste momento, você está exposto a uma situação difícil — afirmou Abbas —, portanto tomei a decisão de que o controle da Ordem continua com o Conselho.

Altaïr tremeu de raiva.

— *Eu* sou o Mestre desta Ordem, Abbas. Exijo que a liderança seja devolvida a mim, de acordo com os estatutos da Irmandade. Eles *determinam* que seja devolvida a mim. — Ele agora estava aos berros.

— Não determinam. — Abbas sorriu. — Não mais.

51

Mais tarde, Altaïr e Maria estavam sentados em sua residência, aconchegados em um banco de pedra, calados, quase na escuridão. Haviam passado anos dormindo em desertos, mas nunca tinham se sentido tão isolados e solitários quanto naquele momento. Angustiavam-se por suas indignas condições; angustiavam-se por Masyaf ter sido negligenciada em sua ausência; afligiam-se pela família de Sef e por Darim.

Mas, acima de tudo, sofriam por causa de Sef.

Ele fora morto com uma facada em sua cama, disseram, apenas duas semanas antes; não houvera tempo de enviar uma mensagem para Altaïr. A faca foi descoberta nos aposentos de Malik. Este fora visto por um Assassino, mais cedo, no mesmo dia, discutindo com Sef. O nome do Assassino que ouvira a discussão ainda era desconhecido de Altaïr, mas, independentemente de quem fosse, informara que tinha ouvido Sef e Malik discutirem sobre a liderança da Ordem, com Malik afirmando que pretendia se manter como líder depois que Altaïr retornasse.

— Aparentemente, foi a notícia de sua volta que desencadeou a desavença — tripudiara Abbas, deleitando-se com o olhar embaçado de Altaïr e o choro silencioso de Maria.

Ouviram Sef ameaçar revelar os planos de Malik para Altaïr, por isso Malik o matou. Essa era a teoria.

A seu lado, a cabeça metida no peito e as pernas recuadas, Maria ainda soluçava. Altaïr alisou seu cabelo e a embalou até ela se aquietar. Então ele observou as sombras projetadas pela luz do fogo, tremeluzindo e dançando na

parede de pedra amarela, ouvindo os grilos lá fora e o ocasional esmagar das passadas dos guardas.

Pouco depois, Maria acordou com um salto. Altaïr também se sobressaltou — ele também estivera cochilando, aquietado pelas chamas trepidantes. Ela se sentou, tremendo, puxou o cobertor e apertou-o em volta do corpo.

— O que vamos fazer, meu amor? — perguntou.

— Malik — disse ele simplesmente. Estava encarando a parede com olhos inexpressivos e falou como se não tivesse ouvido a pergunta.

— O que tem ele?

— Quando éramos mais jovens. A missão no Monte do Templo. Meus atos lhe causaram uma grande dor.

— Mas você aprendeu — disse ela. — E Malik soube disso. Naquele dia nasceu um novo Altaïr, que levou a Ordem à magnificência.

Altaïr fez um som de descrédito.

— Magnificência? Mesmo?

— Não *agora*, meu amor — disse ela. — Talvez não agora, mas você pode levá-la de volta ao que foi antes de tudo isso. Você é o único capaz de conseguir isso. Abbas não. — Maria pronunciou o nome dele como se tivesse provado algo especialmente desagradável. — Não algum *Conselho*. Você. Altaïr. O Altaïr que vi servir à Ordem por mais de trinta anos. O Altaïr que nasceu naquele dia.

— Isso custou a Malik o seu irmão — lembrou Altaïr. — E também o seu braço.

— Ele o perdoou e, desde a derrota de Al Mualim, tem servido como seu tenente de confiança.

— Teria sido uma fachada? — perguntou Altaïr, a voz baixa. Podia ver a própria sombra na parede, escura e agourenta.

Ela se desvencilhou dele.

— O que está dizendo?

— Talvez Malik tenha nutrido ódio de mim todos esses anos — sugeriu ele. — Talvez Malik tenha secretamente cobiçado a liderança, e Sef tenha descoberto isso.

— Sim, e talvez cresçam asas em mim à noite e eu voe — gracejou Maria. — Quem você acha que *realmente* nutre ódio por você, Altaïr? Não é Malik. É Abbas.

— A faca foi encontrada na cama de Malik — alegou Altaïr.

— Colocada lá, é claro, para incriminá-lo, por Abbas ou por alguém a seu serviço. Eu não ficaria nem um pouco surpresa se Swami fosse o homem responsável por isso. E onde está o Assassino que ouviu Malik e Sef discutirem? Quando será apresentado? Quando nos encontrarmos com ele, será que descobriremos que é um aliado de Abbas? Talvez filho de outro membro do Conselho? E o pobre Rauf? Fico imaginando se ele morreu realmente de febre. Você deveria se envergonhar, por duvidar de Malik, quando tudo isso é muito *obviamente* obra de Abbas.

— Eu, me envergonhar? — virou-se contra Maria, e ela retraiu-se. Lá fora, os grilos pararam sua algazarra como se para ouvi-los discutir. — Eu me envergonhar por duvidar de Malik? Não tenho experiências passadas daqueles que eu amava se voltarem contra mim, e por motivos muito mais frágeis do que Malik teve? Eu amava Abbas como a um irmão e tentei ser direito com ele. Al Mualim traiu a Ordem toda, mas fora a mim que ele havia tomado como filho. Eu me envergonhar por desconfiar? Confiar foi a minha maior desgraça. Confiar nas pessoas erradas.

Olhou-a com firmeza e ela estreitou os olhos.

— Você precisa destruir a Maçã, Altaïr — disse. — Ela está prejudicando a sua mente. Uma coisa é ter a mente aberta. Outra coisa é ter uma mente tão aberta que os pássaros conseguem cagar nela.

Ele a olhou.

— Não sei se seria assim que eu definiria a coisa — observou ele com um sorriso triste se formando.

— Talvez não, mas mesmo assim.

— Preciso descobrir, Maria — disse ele. — Preciso ter certeza.

Altaïr estava ciente de que os dois eram vigiados, mas era um Assassino e conhecia Masyaf melhor do que ninguém, por isso não foi difícil deixar a residência, subir a linha de defesa interna e agachar-se nas sombras dos bastiões até os guardas passarem. Ele controlava a respiração. Ainda era veloz e ágil. Ainda conseguia escalar muros. Mas...

Talvez não com a mesma facilidade de antes. Era melhor lembrar-se disso. O ferimento que sofrera no acampamento de Gengis Khan também o retardara.

Seria tolice superestimar suas próprias habilidades e se ver metido em encrenca por causa disso, deitado de costas como uma barata moribunda, ouvindo guardas se aproximarem porque calculara mal um salto. Descansou um pouco antes de continuar ao longo dos bastiões, seguindo do lado oeste da cidadela para o complexo da torre sul. Permanecendo longe dos guardas durante o caminho, chegou à torre e desceu para o chão. Foi até os depósitos de grãos, onde localizou um lance de degraus de pedras que levava a uma série de túneis arqueados abaixo.

Ali, parou e escutou, com as costas coladas à parede. Ouviu água correndo ao longo de pequenos córregos que seguiam pelo túnel. As masmorras da Ordem não ficavam muito longe, e eram tão raramente usadas que seriam mantidas como despensas se não fosse pela umidade. Altaïr esperava que Malik fosse seu único ocupante.

Seguiu sorrateiramente adiante até conseguir avistar o guarda. Este estava sentado no túnel com as costas apoiadas contra uma parede lateral do bloco de celas, a cabeça bamba de sono. Altaïr estava a alguma distância das celas, e não as tinha nem mesmo em seu campo visual, portanto não sabia dizer exatamente o que o guarda estava vigiando. Descobriu-se ao mesmo tempo indignado e aliviado pelo desleixo do homem — e logo tornou-se claro por que ele estava sentado tão distante.

Era o fedor. Das três celas, somente a do meio estava trancada, e Altaïr foi até ela. Não tinha certeza do que esperava ver do outro lado das barras, mas estava certo do que conseguia cheirar, e levantou a mão para o nariz.

Malik estava enroscado sobre os juncos que haviam sido espalhados sobre a pedra — e nada faziam para absorver a urina. Estava vestido com trapos, parecendo um mendigo. Estava bem magro e, através da camisa esfarrapada, Altaïr podia ver as marcas de suas costelas. As maçãs do rosto eram afiados afloramentos em seu rosto; o cabelo estava comprido, e a barba, grande demais.

Estava naquela cela havia muito mais do que um mês. Isso era certo.

Ao olhar para Malik, os punhos de Altaïr se apertaram. Planejava falar com ele para descobrir a verdade, mas a verdade estava ali nas costelas salientes e nas roupas em farrapos. Há quanto tempo estava preso? Tempo suficiente para uma mensagem ter sido enviada para Altaïr e Maria. Há quanto tempo Sef estava morto? Altaïr preferia não pensar nisso. Tudo que sabia era que Malik não

passaria mais nenhum momento ali.

Quando o guarda abriu os olhos foi para ver Altaïr parado à sua frente. Então, para ele, as luzes se apagaram. Quando despertou depois, descobriu-se preso no interior da cela fedendo a mijo, gritando inutilmente por socorro, com Malik e Altaïr sumidos havia muito tempo.

— Consegue andar, meu amigo? — perguntara Altaïr.

Malik olhara para ele com olhos embaçados. Toda a dor estava naqueles olhos. Quando finalmente conseguira focalizá-los em Altaïr, um ar de gratidão e alívio surgira em seu rosto, tão sincero que, se ainda restava a menor dúvida na mente de Altaïr, ela foi banida imediatamente.

— Por você, eu consigo andar — respondeu Malik, e tentou um sorriso.

Mas, ao seguirem o caminho de volta ao longo do túnel, logo ficara claro que Malik não tinha forças para caminhar. Em vez disso, Altaïr havia pegado seu braço bom, o colocado em volta dos ombros e carregado o velho amigo pelos degraus da torre. Depois atravessara os bastiões e finalmente descera o muro do lado ocidental da cidadela, evitando os guardas ao longo do caminho. Por fim chegaram de volta à residência. Altaïr olhou para um lado e para o outro antes de levá-lo para dentro.

52

Deitaram Malik em um catre e Maria sentou-se a seu lado, dando-lhe goles de uma caneca.

— Obrigado — ofegou. Seus olhos haviam clareado um pouco. Ele se levantou da cama, parecendo desconfortável com a presença de Maria, como se achasse desonroso ser cuidado por ela.

— O que aconteceu com Sef? — perguntou Altaïr. Com os três em seu interior, o quarto ficava pequeno. Naquela hora, tornara-se menor ainda, parecendo que se fechava sobre eles.

— Foi assassinado — declarou Malik. — Dois anos atrás, Abbas encenou seu golpe. Mandou matar Sef, depois colocou a arma do crime no meu quarto. Outro Assassino jurou ter ouvido Sef e eu discutindo, e Abbas levou a Ordem à conclusão de que eu era responsável pelo assassinato de Sef.

Altaïr e Maria se entreolharam. O filho deles estava morto havia dois anos. O Assassino sentiu a raiva ferver dentro de si e se esforçou para controlá-la — para controlar o impulso de se virar, sair do quarto, ir à fortaleza e furar Abbas, vê-lo implorar por piedade e sangrar até a morte.

Maria pôs a mão em seu braço, sentindo e compartilhando sua dor.

— Sinto muito — desculpou-se Malik. — Não consegui enviar uma mensagem, pois estava na prisão. Além disso, Abbas controla toda a comunicação para dentro e para fora da fortaleza. Sem dúvida, durante o meu encarceramento, ocupou-se em mudar outras práticas para benefício próprio.

— Sim, mudou — confirmou Altaïr. — Aparentemente, tem quem o apoie no Conselho.

— Lamento, Altaïr — disse Malik. — Eu deveria ter antecipado os planos de Abbas. Durante anos após sua partida, ele agiu para me arruinar. Eu não fazia ideia de que ele conseguira reunir tanto apoio. Isso não teria acontecido a um líder forte. Não teria acontecido com você.

— Não se atormente. Descanse, meu amigo — pediu Altaïr, e fez um sinal para Maria.

Os dois se sentaram no aposento ao lado: Maria no banco de pedra, Altaïr em uma cadeira de encosto alto.

— Sabe o que você tem de fazer? — perguntou Maria.

— Tenho de destruir Abbas — respondeu Altaïr.

— Mas não por motivo de vingança, meu amor — insistiu ela, olhando bem fundo em seus olhos. — Pela Ordem. Pelo bem da Irmandade. Para trazê-la de volta e torná-la novamente grande. Se puder fazer isso, e se conseguir deixar que isso assuma a prioridade sobre seus pensamentos de vingança, a Ordem o amará como um pai que mostra o caminho verdadeiro. Se você se deixar cegar pela raiva e pela emoção, como vai esperar que eles o escutem, quando lhes ensinar que o caminho é outro?

— Tem razão — concordou ele, após uma pausa. — Então como vamos proceder?

— Precisamos enfrentar Abbas. Precisamos contestar a acusação feita contra o matador do seu filho. A Ordem terá de aceitar isso, e Abbas será forçado a se responsabilizar.

— Será a palavra de Malik contra a de Abbas e seu agente, quem quer que seja.

— Uma raposa como Abbas? Seu agente, imagino, deve ser ainda menos confiável. A Irmandade acreditará em você, meu amor. Vai *querer* acreditar em você. Você é o grande Altaïr. Se conseguir resistir ao seu desejo de vingança, se puder tomar a Ordem de volta por meios honestos, não ilícitos, então as fundações que estabelecer serão ainda mais fortes.

— Vou procurar Abbas agora — comunicou Altaïr, levantando-se.

Checaram para ver se Malik estava dormindo, depois saíram, levando uma tocha. Com a neblina do início de manhã rodopiando a seus pés, caminharam depressa em volta do lado de fora da linha de defesa interna e então até o portão principal. Atrás deles estavam as encostas de Masyaf, a aldeia ainda vazia e

silenciosa, prestes a despertar de seu sono. Um guarda Assassino sonolento olhou-os, insolente em sua indiferença, e Altaïr descobriu-se combatendo sua raiva, mas passaram pelo homem, subiram o antemuro e foram para o pátio principal.

Soou um sino.

Altaïr não conhecia aquele sinal. Ergueu sua tocha e olhou em volta, o sino continuando a tocar. Então notou movimentos no interior das torres que davam vista para o pátio. Maria apressou-o e eles chegaram aos degraus que levavam à plataforma do lado de fora da torre do Mestre. Agora Altaïr virou-se e viu que Assassinos de túnicas brancas portando tochas flamejantes entravam no pátio atrás deles, convocados pelo sino, que parou subitamente.

— Quero falar com Abbas — disse Altaïr ao guarda à porta da torre, a voz alta e calma no sinistro silêncio.

Maria olhou para trás e, ao ouvir a forte inspiração dela, Altaïr se virou. Engoliu em seco. Os Assassinos estavam se agrupando. Todos olhavam para ele e Maria. Por um momento, ele pensou que estivessem em alguma espécie de transe, mas não. A Maçã estava com ele, enfiada em segurança dentro de seu manto, e adormecida. Aqueles homens estavam esperando.

O quê? Altaïr teve a sensação de que em breve teria a resposta.

Agora a porta da torre se abriu e Abbas parou diante deles.

Altaïr sentiu a Maçã — era quase como se uma pessoa estivesse cutucando-o nas costas. Talvez ela estivesse lembrando-o de sua presença.

Abbas caminhou a passos largos até a plataforma.

— Expliquem, por favor, por que invadiram as celas da Ordem.

Ele se dirigia mais à multidão do que a Altaïr e Maria. Altaïr olhou de relance para trás e viu que o pátio estava lotado. As tochas dos Assassinos eram como bolas de fogo no escuro.

Então Abbas queria desacreditá-lo diante da Ordem. Mas Maria estivera com a razão — ele era um incapaz. Tudo que Abbas havia conseguido era acelerar sua queda.

— Eu pretendo descobrir a verdade sobre meu filho — afirmou Altaïr.

— É mesmo? — sorriu Abbas. — Tem certeza de que não foi uma justa vingança?

Swami tinha chegado. Subiu os degraus para a plataforma. Trazia algo em um

saco de juta, que passou para Abbas, o qual assentiu. Altaïr olhou cauteloso para o saco com o coração martelando. O de Maria também martelava.

Abbas examinou dentro do saco e fez um olhar fingido de preocupação com o que estava em seu interior. Então, com um ar teatral, enfiou a mão no saco e parou por um momento para desfrutar o frisson de antecipação que percorria a plateia como um arrepio.

— Pobre Malik — disse ele, e puxou uma cabeça decepada: a pele do pescoço estava denteada e pingava sangue fresco, os olhos tinham revirado e a língua salientava-se ligeiramente.

— *Não!* — Altaïr avançou, e Abbas sinalizou para os guardas, que correram adiante, agarrando Altaïr e Maria, desarmando-o e prendendo suas mãos nas costas.

Abbas largou a cabeça de volta no saco e jogou-o para o lado.

— Swami ouviu você e a infiel planejando a morte de Malik. Que pena não termos conseguido chegar a Malik a tempo de evitá-la.

— *Não!* — berrou Altaïr. — Mentiras! Eu jamais mataria Malik. — Empurrando os guardas que o seguravam, ele apontou para Swami. — Ele está mentindo.

— O guarda da prisão também está mentindo? — indagou Abbas. — O tal que viu você arrastar Malik para fora da cela? Por que não o matou ali mesmo, Altaïr? Queria fazê-lo sofrer? Sua esposa inglesa quis fazer seus próprios cortes vingativos?

Altaïr debateu-se.

— Porque eu não o matei — gritou. — Eu soube por ele que foi *você* quem ordenou a morte de Sef.

Então, subitamente, ele soube. Olhou para Swami e viu seu escárnio, e soube que ele tinha matado Sef. Sentiu a Maçã em suas costas. Com ela, poderia dizimar o pátio. Matar cada cão traiçoeiro ali no meio. *Todos* sentiriam sua fúria.

Mas não. Ele prometera nunca usá-la com raiva. Prometera a Maria que não deixaria seus pensamentos serem anuviados pela vingança.

— Foi você quem infringiu o Credo, Altaïr — acusou Abbas. — E não eu. Você é inadequado para liderar a Ordem. Portanto, eu mesmo assumo a liderança.

— Não pode fazer isso — zombou Altaïr.

— Posso sim. — Abbas desceu da plataforma, aproximou-se de Maria e puxou-a para si.

Com o mesmo movimento, sacou uma adaga e a colocou no pescoço dela. Maria fechou a cara e se contorceu, xingando-o, até ele furar seu pescoço, tirando sangue e acalmando-a. Ela sustentou o olhar de Altaïr acima do braço de Abbas, enviando-lhe mensagens com os olhos, sabendo que a Maçã o estaria chamando. Maria também percebera que Swami tinha matado Sef. Do mesmo modo como Altaïr, ela ansiava por retaliação. Seus olhos suplicavam para ele manter a calma.

— Onde está a Maçã, Altaïr? — perguntou Abbas. — Mostre-me, ou abrirei uma nova boca nesta infiel.

— Ouviram isso? — gritou Altaïr por cima do ombro para os Assassinos. — Ouviram que ele planeja tomar a liderança? Ele quer a Maçã não para abrir as mentes, mas para controlá-las.

Ela agora queimava as costas dele.

— Diga-me agora, Altaïr — repetiu Abbas.

Enfiou ainda mais a adaga e Altaïr reconheceu a faca. Esta pertencera ao pai de Abbas. Foi a adaga que Ahmad tinha usado para cortar a própria garganta no quarto de Altaïr uma vida inteira atrás. E agora estava sendo enfiada em Maria.

Ele lutou para se controlar. Abbas puxou Maria ao longo da plataforma, apelando à multidão:

— Devemos confiar em Altaïr com o Pedaço do Éden? — perguntou a eles. Em resposta, veio um murmúrio sem compromisso. — Altaïr, que exercita o temperamento em vez do bom-senso? Ele não deveria ser *obrigado* a entregá-la sem termos de recorrer a isto?

Altaïr esticou o pescoço para ver acima do ombro. Os Assassinos mudavam de posição desconfortavelmente, falando entre si, ainda chocados com a reviravolta dos acontecimentos. Os olhos dele foram para o saco de aniagem, depois para Swami. Altaïr notou que havia sangue nas roupas dele, como se tivesse sido atingido por um esguicho: do sangue de Malik. Altaïr ficou imaginando se ele tinha sorrido quando esfaqueara Sef.

— Você pode tê-la — bradou Altaïr. — Você pode ter a Maçã.

— Não, Altaïr — gritou Maria.

— Onde está ela? — perguntou Abbas. Ele permanecia na extremidade da plataforma.

— Está comigo — informou Altaïr.

Abbas pareceu preocupado. Puxou Maria mais para perto, usando-a como escudo. Corria sangue de onde ele a havia furado com a faca. A um gesto de cabeça de Abbas, os guardas soltaram Altaïr, que apanhou a Maçã, tirando-a de dentro do manto.

Swami estendeu a mão para ela. Tocou-a.

Então, bem baixinho, para que apenas Altaïr conseguisse ouvir, ele revelou:

— Eu disse para Sef que foi você quem ordenou sua morte. Ele morreu acreditando que seu próprio pai o traiu.

A Maçã estava brilhando, e Altaïr não conseguiu se controlar. Swami, com uma das mãos na Maçã, de repente ficou rígido, com os olhos bem arregalados.

A seguir sua cabeça tombou para um lado, o corpo se deslocando e estremecendo como se operado por uma força interna. A boca se abriu, mas não saiu qualquer palavra. O interior de sua boca tinha um brilho dourado. A língua se agitava dentro dela. Então, forçado pela Maçã, ele se afastou, e todos observaram enquanto suas mãos foram até o rosto e começaram a arrancar a carne de lá, abrindo profundas valas com as unhas. Escorreu sangue da pele agredida, mas ele continuava flagelando a si mesmo, como se estivesse socando massa, rasgando a pele da bochecha, arrancando um longo pedaço dela, e torcendo uma orelha, até ela ficar pendurada do lado do rosto.

Altaïr sentiu o poder atravessar seu corpo, como se saltasse da Maçã e se espalhasse como uma doença pelas suas veias. Como se ela se alimentasse de seu ódio e de sua necessidade de vingança, e depois fluísse da Maçã para Swami. Sentiu tudo isso como uma requintada mistura de prazer e dor que ameaçava erguê-lo do solo — que fazia sua cabeça se sentir como se pudesse se dilatar e explodir, uma sensação ao mesmo tempo maravilhosa e terrível.

Tão maravilhosa e terrível que não ouviu Maria gritar para ele.

Nem percebeu que ela se livrara de Abbas e estava correndo pela plataforma em direção a ele.

Ao mesmo tempo, Swami havia tirado sua adaga da bainha e a usava em si mesmo, cortando-se furiosamente, com golpes extensos, abrindo ferimentos no rosto e no corpo, retalhando-se, enquanto Maria os alcançava, tentando desesperadamente fazer com que Altaïr parasse de usar a Maçã. Altaïr teve um segundo para ver o que ia acontecer, mas era tarde demais para evitar. Viu a

adaga de Swami lampejar, e Maria, com a garganta exposta, subitamente rodando para longe com sangue brotando do pescoço. Curvou-se sobre o chão de madeira, os braços jogados para os lados. Ela respirou uma vez. Enquanto o sangue se espalhava rapidamente à sua volta, seus ombros se ergueram com um demorado, dissonante ofegar, e uma das mãos estremecidas golpeou o suporte de madeira da plataforma.

Ao mesmo tempo, Swami desabou, sua espada estrepitando no chão. A Maçã brilhou intensamente uma vez, depois obscureceu. Altaïr caiu de joelhos ao lado de Maria, segurando-a pelos ombros e virando-a.

Ela olhou para ele. Suas pálpebras tremeram.

— Seja forte — disse ela. E morreu.

O pátio estava silencioso. Tudo que se conseguia ouvir era Altaïr soluçando enquanto puxava Maria em um abraço, um homem arrasado.

Ele ouviu Abbas ordenar:

— *Homens. Peguem-no.*

Então levantou-se. Através dos olhos cobertos de lágrimas, viu Assassinos correrem para a plataforma. Em seus rostos havia medo. Ele ainda segurava a Maçã. A multidão estava transtornada. A maioria havia sacado a espada, embora todos soubessem que aço era inútil contra a Maçã, mas isso era melhor do que fugir. De repente, o impulso era forte, quase incontrolável, de usar a Maçã para destruir tudo que ele conseguisse ver, inclusive a si mesmo, porque Maria estava morta em suas mãos e ela havia sido a sua luz. Em um momento — em um ofuscante lampejo de ira — ele destruíra o que mais tinha de precioso.

Os Assassinos pararam. Altaïr usaria a Maçã? Ele conseguia ver a pergunta em seus olhos.

— Peguem-no! — guinchou Abbas, e eles se aproximaram cautelosamente.

Em volta de Altaïr, os Assassinos pareciam incertos se o atacariam ou não, então ele correu.

— Arqueiros! — berrou Abbas, e os soldados armaram seus arcos enquanto Altaïr corria para fora do pátio.

Choveram flechas à sua volta, uma delas cortando sua perna. Da esquerda e da direita, vieram correndo mais Assassinos, os mantos ondeando, espadas erguidas. Talvez agora tivessem deduzido que Altaïr não usaria a Maçã uma segunda vez e saltaram de muros e balaustradas para se juntar à perseguição.

Escapando, Altaïr chegou a um arco e o encontrou bloqueado. Virou-se, voltou correndo e passou por entre dois Assassinos que vinham em perseguição, um deles girando a espada e abrindo um ferimento em seu braço. Ele gritou de dor, mas continuou correndo, sabendo que poderiam tê-lo acertado; ele os surpreendera, mas eles ficaram com medo de atacá-lo — ou relutaram em fazê-lo.

Virou-se novamente, dessa vez seguindo para a torre de defesa. Nela, conseguiu avistar arqueiros fazendo mira, e Altaïr sabia que eles eram os melhores. Treinados pelo melhor. Nunca erravam. Não com o tempo que tinham para mirar e disparar.

Só que ele sabia quando disparariam. Sabia que levavam o tempo de um piscar de olhos para encontrar o alvo e um segundo piscar para se firmar e inspirar, então...

Disparar.

Ele deu uma guinada e rolou. Uma salva de flechas bateu ruidosamente no chão de onde ele acabara de sair, quase todas errando-o, menos uma. Um dos arqueiros havia checado sua mira, e a flecha havia arranhado a bochecha de Altaïr. O sangue escorreu por seu rosto quando ele alcançou a escada, correndo acima e chegando ao primeiro nível, onde um surpreso arqueiro estava tremendo em vez de sacar sua espada. Altaïr empurrou-o para fora de onde estava, no alto, e ele deu uma cambalhota até o chão lá embaixo. Sobreviveu.

Agora Altaïr arrastou-se acima pela segunda escada. Sentia dores. Sangrava muito. Chegou ao topo da torre da qual saltara havia uma vida, desgraçado então como agora. Mancou até a plataforma e, enquanto homens subiam para o topo da torre à suas costas, ele abriu os braços.

E saltou.

53

10 de agosto de 1257

Altaïr pretende que *nós* espalhemos a palavra do Assassino, é esse seu plano. E não apenas espalhar a palavra, mas estabelecer uma Ordem no Ocidente.

Envergonho-me de ter demorado tanto tempo para executar isso, mas agora que o fiz, tudo parece claro: para nós (especificamente para *mim*, ao que parece), ele está confiando no espírito da Irmandade. Está passando a tocha para nós.

Tivemos notícia de que os mongóis, sedentos por guerra, estão se aproximando da aldeia, e ele acha que devemos partir antes que se iniciem as hostilidades. Maffeo, é claro, parece estimulado pela ideia de presenciar a ação e eu tenho a sensação de que preferiria que ficássemos. E sua antiga sede de correr o mundo? Tudo é passado. Aparentemente, nossos papéis estão invertidos, pois agora sou eu que quero partir. Ou sou mais covarde do que ele, ou tenho uma ideia mais realista do que é um guerra sombria, pois concordo com Altaïr. Masyaf sob sítio não é um lugar para nós.

Na verdade, estou pronto para partir, venha ou não o grupo de saqueadores mongóis. Anseio por casa, por aquelas noites quentes. Sinto falta da minha família: minha mulher e meu filho, Marco. Ele fará 3 anos dentro de poucos meses e estou dolorosamente ciente de que vi muito pouco de seus primeiros anos. Perdi seus primeiros passos, suas primeiras palavras.

Em suma, sinto que nosso período em Masyaf atingiu seu fim natural. Além disso, o Mestre disse que quer nos ver. Há uma coisa, diz ele, que precisa nos dar em uma cerimônia que gostaria de realizar com outros Assassinos presentes.

Trata-se de algo, diz ele, que precisa ser mantido em segurança, longe das mãos de inimigos: mongóis ou Templários. É a isso, creio, que suas histórias têm levado, e tenho minhas suspeitas do que deve ser essa coisa preciosa. Veremos.

Enquanto isso, Maffeo está impaciente para ouvir o resto da minha história, agora tão perto de sua conclusão. Ele fez cara feia quando lhe informei que planejava avançar a narrativa no tempo, do momento em que Altaïr saltou dos bastiões da cidadela, um homem humilhado e destruído, até um período cerca de vinte anos depois, e não para Masyaf, mas a um ponto do deserto a dois dias de viagem...

...para uma planície interminável ao crepúsculo, aparentemente vazia, a não ser por um homem sobre um cavalo conduzindo outro cavalo, o segundo, rocinante e carregado com cântaros e cobertores.

À distância, o cavaleiro parecia um negociante com seus artigos, e, de perto, exatamente o que era, suando debaixo do turbante: um negociante muito cansado e digno chamado Mukhlis.

Então, quando avistou o poço ao longe, Mukhlis soube que tinha de deitar e descansar. Esperava chegar em casa sem parar, mas não tinha escolha: estava exausto. Muitas vezes, durante a viagem, o ritmo do cavalo o tinha embalado e ele sentira o queixo comprimir o peito, os olhos piscarem e se fecharem. Ficou cada vez mais difícil resistir ao sono. Cada vez que o movimento da viagem o acalentava em direção ao sono, uma nova batalha era travada entre coração e cabeça. Sua garganta estava ressecada. O manto pendia pesado sobre ele. Cada osso e músculo do corpo zuniam de fadiga. A ideia de molhar os lábios e deitar com seu *thawb* puxado em volta do corpo por apenas algumas horas talvez, o suficiente para recobrar um pouco de energia antes de retomar a viagem de volta para casa em Masyaf — bem, a ideia era quase demais para ele.

O que o fazia hesitar, porém, o que lhe dava medo de parar era o rumor que tinha ouvido — o rumor de bandidos no exterior, ladrões que atacavam negociantes, levavam as mercadorias e cortavam suas gargantas, um bando de salteadores liderados por um criminoso chamado Fahad, cuja legendária brutalidade só era rivalizada pela de seu filho, Bayhas.

Bayhas, diziam, pendurava suas vítimas pelos pés antes de cortá-las da garganta até a barriga e deixar que morressem lentamente, os cães selvagens

regalando-se com suas entranhas penduradas. Bayhas fazia isso e dava risadas.

Mukhlis gostava de suas entranhas dentro do corpo. Nem tinha qualquer desejo de entregar todas as suas posses mundanas a bandidos. Afinal, as coisas em Masyaf estavam difíceis e se tornando cada vez mais difíceis. Os aldeões eram forçados a pagar uma coleta cada vez mais alta ao castelo no promontório — disseram-lhe que o custo para proteger a comunidade estava aumentando; o Mestre era impiedoso na exigência de taxas das pessoas e, geralmente, enviava grupos de Assassinos encosta abaixo para forçá-los a pagar. Aquele que se recusava provavelmente era agredido, depois mandado para fora do portão para vagar lá fora, na esperança de ser aceito por outro povoado, ou ficar à mercê dos bandidos que tornaram as planícies rochosas em volta de Masyaf seu lar e pareciam cada vez mais audaciosos em seus ataques contra viajantes. Antigamente, os Assassinos — ou, pelo menos, a ameaça deles — mantinham as rotas de comércio seguras. Aparentemente, não mais.

Portanto, se voltasse para casa sem um centavo, incapaz de pagar os dízimos que Abbas exigia dos aldeões mercadores e as coletas que impunha às pessoas, Mukhlis poderia ver a si mesmo e à sua família expulsos da aldeia: ele, a esposa Aalia e a filha Nada.

Mukhlis pensava em tudo isso ao se aproximar do poço, ainda indeciso se deveria ou não parar.

Havia um cavalo parado debaixo da grande figueira que se espalhava acima do poço, uma imensa copa convidativa de sombra fresca e abrigo. Estava desamarrado, mas o cobertor em suas costas mostrava que pertencia a alguém, provavelmente a um colega viajante que parara para beber água, preencher seus cantis ou, talvez, como Mukhlis, pousar a cabeça e descansar. Mesmo assim, Mukhlis ficou nervoso ao se aproximar do poço. Sua montaria sentiu a proximidade de água e relinchou agradecidamente, e Mukhlis teve de freá-la para evitar que fosse trotando até o poço, onde agora ele viu alguém enroscado, dormindo. Ele dormia com a cabeça sobre a mochila, o manto enrolado sobre o corpo, o capuz levantado e os braços cruzados sobre o peito. Pouco de seu rosto era visível, mas Mukhlis viu uma pele morena desgastada pelo tempo, enrugada e com cicatrizes. Era um homem velho, no fim da casa dos 70 anos ou no início da dos 80. Fascinado, Mukhlis estudou o rosto do dorminhoco — então os olhos abriram-se de repente.

Mukhlis recuou um pouco, surpreso e amedrontado. Os olhos do velho eram aguçados e vigilantes. Ele permaneceu totalmente imóvel e Mukhlis percebeu que, embora ele próprio fosse muito mais novo, o estranho não se deixou intimidar por sua presença.

— Sinto muito se o perturbei, senhor — disse Mukhlis, inclinando a cabeça, a voz vacilando ligeiramente. O estranho nada disse, apenas observou Mukhlis desmontar, depois levar seu cavalo até o poço e pegar o balde de couro para que ele pudesse beber. Por mais um momento, o único som foi a suave batida do balde na parede do poço enquanto a água era recolhida, e depois o ruído do cavalo bebendo. Mukhlis também bebeu. Deu um pequeno gole, depois engoliu a água, molhando a barba e lavando o rosto. Encheu seus cantis e levou água para o segundo cavalo, amarrando os dois. Quando olhou novamente para o estranho, ele tinha adormecido outra vez. Tudo que havia mudado nele era que não estava mais com os braços cruzados. Em vez disso, estavam perto da cabeça, pousados sobre a mochila que usava como travesseiro. Mukhlis tirou um cobertor de sua própria mochila, encontrou um lugar do outro lado do poço e deitou-se para dormir.

Quanto tempo depois ele ouviu movimento e abriu os olhos embaçados para ver uma pessoa de pé a seu lado? Uma pessoa iluminada pelos primeiros raios do sol matinal, o cabelo e a barba negros rebeldes e desgrenhados, brinco de ouro em uma orelha, e dando um largo e maldoso sorriso. Mukhlis tentou se colocar de pé, mas o homem agachou-se com uma adaga reluzente indo direto para o seu pescoço, de modo que o negociante ficou paralisado de medo, um soluço escapando de seus lábios.

— Eu sou Bayhas — apresentou-se o homem, ainda sorrindo. — Sou o último rosto que você verá.

— Não — choramingou Mukhlis, mas Bayhas já estava puxando-o para colocá-lo de pé, e então o comerciante viu que o bandido tinha dois companheiros, que tiravam todas as mercadorias de seus cavalos e as transferiam para seus próprios animais.

Ele procurou pelo velho que estava dormindo, mas este não estava mais lá, embora Mukhlis pudesse ver seu cavalo. Já o teriam matado? Estaria caído com a garganta cortada?

— Corda — pediu Bayhas. Ainda mantinha a adaga na garganta de Mukhlis,

quando um de seus comparsas jogou-lhe um rolo de corda. Assim como Bayhas, ele se vestia de preto e tinha a barba desgrenhada, o cabelo coberto por um *keffiyeh*. Em suas costas, havia um arco longo. O terceiro homem usava o cabelo comprido, sem barba, tinha uma larga cimitarra no cinto e estava ocupado em vasculhar os fardos de Mukhlis, jogando na areia os objetos indesejados.

— Não — gritou Mukhlis, vendo uma pedra pintada cair no chão.

O objeto lhe fora dado pela sua filha como presente de boa sorte no dia em que ele partiu, e a visão da pedra ser jogada fora por um assaltante foi demais para ele. Livrou-se das mãos de Bayhas e correu para o Cabelo Comprido, que se preparou para recebê-lo com um sorriso, derrubando-o depois com um violento soco na traqueia. Os três ladrões deram estrondosas gargalhadas enquanto Mukhlis debatia-se e sufocava no chão.

— O que foi? — gracejou Cabelo Comprido, curvando-se sobre ele. Viu para onde Mukhlis estava olhando, apanhou a pedra e leu as palavras que Nada havia pintado. "Boa sorte, papai". — Foi isto? Foi isto que fez você ficar tão bravo de repente, papai?

Mukhlis estendeu a mão para a pedra, desesperado para recuperá-la, mas, com uma pancada, Cabelo Comprido afastou sua mão com desdém, em seguida esfregou a pedra no traseiro — rindo mais ainda porque Mukhlis urrava de indignação — e jogou-a no poço.

— Plop — zombou.

— Seu... — começou Mukhlis. — Seu...

— Amarre as pernas dele — ouviu às suas costas. Bayhas jogou a corda para Cabelo Comprido e se aproximou, agachou-se e colocou a ponta da faca perto do globo ocular de Mukhlis.

— Aonde estava indo, papai?

— Para Damasco — mentiu Mukhlis.

Bayhas cortou sua bochecha com a faca e ele berrou de dor.

— Aonde estava indo, papai — interrogou novamente.

— A roupa dele é de Masyaf — disse Cabelo Comprido, que amarrava a corda nas pernas de Mukhlis.

— Masyaf, hein? — repetiu Bayhas. — Antigamente, vocês podiam contar com os Assassinos como apoio, mas não mais. Que tal uma visita à aldeia? Pode ser que a gente encontre uma viúva aflita precisando de consolo. O que diz,

papai? Depois de acabarmos com você.

Cabelo Comprido então se levantou e jogou a ponta da corda por cima de um galho da figueira, pegando-a de volta para que Mukhlis pudesse ser içado. Seu mundo virou de cabeça para baixo. Ele choramingou quando Cabelo Comprido amarrou a ponta da corda no arco do poço, mantendo-o lá. Agora Bayhas se aproximou e o girou. Ele virou e viu o arqueiro parado a alguns metros dali, virando o corpo para trás de tanto rir. Bayhas e Cabelo Comprido chegaram mais perto e riram também. Bayhas inclinou-se para ele.

Ainda girando, ele viu o muro do poço passar; girou novamente e viu os três ladrões, Cabelo Comprido, Bayhas, o terceiro homem e...

Um par de pernas surgiu da árvore atrás do terceiro homem.

Mas Mukhlis continuou rodando e o muro do poço surgiu novamente. Girou, agora mais devagar, para a parte da frente, onde os três ladrões ignoravam que havia outro homem entre eles, parado logo atrás. Um homem cujo rosto estava quase todo oculto pelo capuz do manto que usava, a cabeça ligeiramente abaixada, os braços estendidos, quase como em uma súplica. O velho.

— Parem — disse o velho. Assim como o rosto, a voz estava gasta pelo tempo.

Todos os três assaltantes se viraram para encará-lo, tensos, prontos para retalhar o intruso.

E os três começaram a dar risadinhas.

— O que é isso? — riu Bayhas. — Um idoso veio estragar nossa diversão? O que planeja fazer, velho? Nos entediar até a morte com suas histórias dos velhos tempos? Peidar na nossa frente?

Seus dois companheiros riram.

— Desçam ele daí — ordenou o velho, apontando para onde Makhlis ainda pendia de cabeça para baixo, balançando na corda. — Imediatamente.

— E por que eu faria isso? — perguntou Bayhas.

— Porque eu estou mandando — disse o velho com a voz rouca.

— E quem é você para exigir isso de mim?

O velho agitou a mão.

Clique.

54

O arqueiro apanhou seu arco, mas com dois passos Altaïr o alcançou, desferindo sua lâmina em um amplo arco que abriu o pescoço do homem, cortou o arco no meio e encurtou seu gorro com apenas um corte. Houve um leve estrépito quando o arco do bandido caiu no chão, seguido por um baque surdo quando seu corpo se juntou a ele.

Altaïr — que não combatia por duas décadas — ficou parado com os ombros arquejando, observando Bayhas e Cabelo Comprido, suas expressões mudando de escárnio para cautela. A seus pés, o arqueiro se contorcia e gorgolejava, seu sangue empapando a areia. Sem tirar os olhos de Bayhas e Cabelo Comprido, Altaïr apoiou-se sobre um dos joelhos e enfiou a lâmina nele, silenciando-o. Ele sabia que agora o medo era sua grande arma. Aqueles homens tinham juventude e velocidade a seu lado. Eram selvagens e impiedosos, acostumados com a morte. Altaïr tinha experiência. Esperava que isso fosse o bastante.

Cabelo Comprido e Bayhas trocaram um olhar. Eles não estavam mais sorrindo. Por um momento, o único som em volta do poço era o suave ranger da corda no galho da figueira, Mukhlis observando tudo de cabeça para baixo. Seus braços não estavam amarrados e ele ficou imaginando se tentaria se soltar, mas achou melhor não atrair atenção para si mesmo.

Os dois salteadores se afastaram um do outro na tentativa de flanquear Altaïr, que observou o espaço que se abriu entre eles, revelando o comerciante pendurado de cabeça para baixo. Cabelo Comprido jogava a cimitarra de uma mão para a outra com um leve som de palmada. Bayhas mordia o interior da bochecha.

Cabelo Comprido deu um passo adiante, golpeando com a cimitarra. O ar pareceu vibrar com o som de aço reverberando quando Altaïr o deteve com sua lâmina, varrendo com o braço para desviar a cimitarra, sentindo os músculos reclamarem. Se os ladrões fizessem ataques curtos, ele não tinha certeza de quanto tempo conseguiria durar. Era um velho. Velhos cuidavam de jardins ou passavam as tardes meditando em seus gabinetes, lendo e pensando naqueles que amaram e perderam: não se envolviam em lutas de espada. Principalmente não faziam isso quando estavam em desvantagem numérica em relação a oponentes mais jovens. Ele estocou na direção de Bayhas, querendo evitar que o líder o flanqueasse, e isso deu certo — mas Bayhas arremessou-se perto o bastante com a adaga para cortar Altaïr no peito, abrindo um ferimento, o primeiro a tirar sangue do oponente. Altaïr atacou por sua vez, e eles se chocaram, trocando golpes, mas dando a Cabelo Comprido a chance de se aproximar antes que Altaïr o pudesse repelir. Cabelo Comprido golpeou desenfreadamente com sua lâmina, abrindo um grande corte na perna de Altaïr.

Grande. Profundo. Esguichou sangue, e Altaïr quase tropeçou. Mancou para o lado, tentando ficar junto ao poço para ter de se defender apenas pela frente. Quando chegou lá, ficou com o muro do poço a seu lado, e, atrás dele, o comerciante pendurado.

— Tenha força — ouviu o negociante falar baixinho —, e saiba que, aconteça o que acontecer, você terá a minha gratidão e o meu amor, seja nesta vida ou na próxima.

Altaïr assentiu, mas não se virou, em vez disso, observava os dois bandidos à sua frente. A visão de Altaïr sangrando os tinha alegrado e, encorajados, avançaram com mais golpes, investidas pungentes. Altaïr repeliu três ofensivas, conseguindo novos ferimentos, agora sangrando muito, mancando, sem fôlego. O medo não era mais a sua arma. Essa vantagem tinha sido perdida. Tudo que possuía agora eram habilidades e instintos havia muito tempo adormecidos, e sua mente recuou até algumas de suas maiores batalhas: superando os homens de Talal, vencendo Moloch, derrotando os cavaleiros templários no cemitério de Jerusalém. O guerreiro que havia travado essas batalhas teria cortado e matado aqueles em dois segundos.

Aquele guerreiro, porém, viveu no passado. Envelhecera. A dor e a segregação o tinham enfraquecido. Passara vinte anos pranteando Maria,

obcecado com a Maçã. Suas habilidades de combate, por maiores que fossem, foram deixadas para definhar e, aparentemente, morrer.

Sentiu sangue nas botas. Suas mãos estavam pegajosas por causa dele. Oscilava loucamente com a espada, nem tanto para se defender quanto para tentar afastar os atacantes. Pensou em sua mochila, segura na figueira: a Maçã estava dentro dela. Pegar a Maçã o faria sair como vencedor, mas ela estava longe demais e, de qualquer modo, havia jurado nunca mais voltar a usá-la; ele a deixara na árvore exatamente por isso, para manter a tentação fora do alcance. Mas a verdade era que, se conseguisse alcançá-la, ele teria de usá-la agora, em vez de morrer daquele modo e entregar o comerciante para eles, certamente condenando-o a uma morte mais dolorosa e torturante por causa dos seus atos.

Sim, ele teria usado a Maçã, porque estava perdido. E ele se deu conta de que havia deixado que eles o virassem novamente. Cabelo Comprido avançou para ele da periferia de sua visão, e gritou com o esforço de desviar seu golpe, enfrentando suas aparadas de golpe com investidas — um, dois, três —, encontrando um caminho por baixo da guarda de Altaïr e cortando seu flanco outra vez, um golpe profundo que sangrou muito, de imediato. Era melhor morrer daquela maneira, pensou, do que se render humildemente. Era melhor morrer lutando.

Cabelo Comprido agora avançou e houve outra colisão de espadas. Altaïr foi ferido de novo, dessa vez na perna boa. Caiu de joelhos, os braços pendendo, a espada inútil nada ferindo a não ser areia.

Cabelo Comprido deu um passo adiante, mas Bayhas o deteve.

— Deixe-o para mim — ordenou.

Vagamente, Altaïr descobriu-se pensando em outra época, mil vidas atrás, quando seu oponente dissera a mesma coisa, e como, naquela ocasião, fizera o cavaleiro pagar pela sua arrogância. Aquela satisfação lhe seria negada desta vez, pois Bayhas vinha na direção de Altaïr, que estava ajoelhado, oscilando e derrotado, no chão, a cabeça pendendo. Tentou ordenar às suas pernas que se levantassem, mas elas não obedeceram. Tentou erguer a mão com a espada, mas não conseguiu. Viu a adaga vindo em sua direção e conseguiu levantar a cabeça alto o bastante para ver os dentes trincados de Bayhas, seu brinco de ouro brilhando ao sol...

Então o comerciante, de cabeça para baixo, deu um pinote, balançou e

abraçou Bayhas por trás, momentaneamente impedindo seu progresso. Com um forte grito, uma eclosão final de esforço, energia tirada ele não sabia de onde, Altaïr levantou-se com um impulso, a espada cortando a barriga de Bayhas, abrindo um corte vertical que terminou quase em sua garganta. Ao mesmo tempo, Mukhlis havia agarrado a adaga pouco antes de ela cair pelos dedos afrouxados de Bayhas, dando um impulso para cima e cortando a corda que o prendia. Caiu, batendo dolorosamente o lado do corpo no muro do poço, mas conseguiu se pôr de pé e ficou lado a lado com seu salvador.

Altaïr estava curvado, o corpo quase todo dobrado, morrendo a seus pés. Mas ergueu a espada e fitou com os olhos estreitados Cabelo Comprido, o qual viu-se repentinamente em desvantagem numérica e desanimado. Em vez de atacar, recuou até alcançar um cavalo. Sem tirar os olhos de Altaïr e Mukhlis, montou. O bandido os encarou e eles o encararam de volta. Então, significativamente, passou um dedo pela garganta e foi embora cavalgando.

— Obrigado — disse Muklis para Altaïr, ofegante, mas o Assassino não respondeu. Ele tinha desabado, inconsciente, na areia.

55

Foi na semana seguinte que chegou o enviado do líder dos salteadores. As pessoas da aldeia observaram-no atravessar cavalgando o município e pelas colinas que levavam à cidadela. Era um dos homens de Fahad, disseram, e os mais sensatos entre eles achavam que sabiam a natureza de seu assunto na fortaleza. Dois dias antes, homens de Fahad tinham ido à aldeia com a notícia da oferta de uma recompensa para quem identificasse o homem que havia matado o filho de Fahad, Bayhas. Ele fora ajudado por um negociante de Masyaf, disseram, e não seria causado qualquer dano ao negociante que indicasse o cão que covardemente havia retalhado o amado filho do líder dos salteadores. Os aldeões tinham balançado as cabeças e retornado aos seus afazeres, e os homens tinham voltado de mãos abanando, resmungando sombrias ameaças sobre seu planejado retorno.

E assim foi, disseram os fofoqueiros — pelo menos, aquele foi um precursor. Nem mesmo Fahad ousaria enviar homens à aldeia que desfrutava a proteção dos Assassinos: ele teria de pedir permissão ao Mestre. Nem mesmo Fahad ousaria fazer o pedido a Altaïr ou Al Mualim, mas Abbas era outra questão. Abbas era fraco e podia ser comprado.

Então o enviado retornou. Na viagem de ida, ele parecera sério, embora desdenhoso dos aldeões que o observavam passar, mas agora olhava-os com um sorriso afetado e passava o dedo pela garganta.

— Parece que o Mestre deu sua aprovação para Fahad vir à aldeia — comentou Mukhlis, tarde daquela noite, depois que as velas queimaram. Ele estava sentado ao lado da cama do estranho, falando mais para si mesmo do que

para o homem deitado, que não havia recobrado a consciência desde a batalha no poço. Posteriormente, Mukhlis conseguira colocá-lo na sela de seu segundo cavalo e trazê-lo para Masyaf para que pudesse ser tratado. Aalia e Nada haviam cuidado dele e, por três dias, se perguntaram se ele viveria ou morreria. A perda de sangue o deixara pálido como a névoa e deitado na cama — Aalia e Mukhlis haviam cedido a sua para ele —, a aparência quase serena, como um cadáver, como se a qualquer momento pudesse partir do mundo. No terceiro dia, sua cor começou a melhorar. Aalia comunicara isso a Mukhlis quando este voltara do mercado, e ele tomara seu lugar habitual em uma cadeira ao lado da cama para falar com seu salvador, na esperança de reanimá-lo. Ele tinha adotado o hábito de relatar como fora seu dia, ocasionalmente falando de coisas significativas na esperança de despertar o inconsciente do paciente e trazê-lo de volta.

— Abbas deu seu preço, ao que parece — disse ele agora. Olhou de lado para o estranho, que estava deitado de costas, os ferimentos sarando normalmente, e ficando mais forte a cada dia. — O Mestre Altaïr teria morrido a permitir tal coisa — falou.

Inclinou-se à frente, observando cuidadosamente a figura na cama.

— O Mestre, Altaïr Ibn-La'Ahad.

Pela primeira vez desde que fora trazido à casa de Mukhlis, os olhos do estranho tremeluziram e se abriram.

Era a reação que ele esperava, mas, mesmo assim, foi apanhado de surpresa, observando enquanto a vista nublada do paciente recuperava sua luz.

— É você, não é? — sussurrou Mukhlis quando o estranho piscou, então voltou o olhar para ele. — Você é ele, não é? Você é Altaïr.

Altaïr confirmou com a cabeça. Lágrimas formigaram nos olhos de Mukhlis e ele baixou da cadeira para o chão de pedra, segurando uma das mãos de Altaïr nas suas.

— Você voltou para nós — disse ele entre soluços. — Você veio nos salvar. — Houve uma pausa. — Você *veio* nos salvar?

— Vocês precisam ser salvos? — perguntou Altaïr.

— Precisamos. Era sua intenção vir a Masyaf quando nos encontramos?

Altaïr pensou.

— Quando deixei Alamut, era inevitável que eu viesse parar aqui. A única pergunta era quando.

— Você estava em Alamut?

— Nesses últimos vinte anos, mais ou menos.

— Eles disseram que você estava morto. Que, na manhã em que Maria morreu, você se jogou da torre da cidadela.

— Eu me joguei da torre da cidadela — disse Altaïr sorrindo sombriamente —, mas sobrevivi. Caí no rio que passa fora da cidade. Por sorte, Darim estava lá. Ele voltava de uma viagem a Alamut, onde encontrara a viúva e as duas filhas de Sef. Ele me salvou e me levou para elas.

— Eles disseram que você estava morto — repetiu Mukhlis.

— Eles?

Mukhlis abanou a mão, querendo indicar a cidadela.

— Os Assassinos.

— Convinha a eles dizer isso, mas sabiam que eu não estava.

Soltou a mão das de Mukhlis, ergueu-se para se sentar, girando as pernas para fora da cama. Olhou para os pés, para a velha pele enrugada. Cada milímetro de seu corpo vibrava de dor, mas ele se sentia... melhor. Puxou o capuz para a cabeça, gostando da sensação e sentindo o cheiro da roupa limpa.

Colocou a mão no rosto e sentiu que a barba fora cuidada. Não longe dali estavam suas botas e, na mesinha ao lado da cama, viu o mecanismo de sua lâmina, seu novo desenho atualizado pela Maçã. Parecia impossivelmente avançado, e ele pensou nos outros desenhos que havia descoberto. Precisou da ajuda de um ferreiro para fazer os objetos. Mas, antes...

— Minha mochila? — perguntou a Mukhlis, que tinha se colocado de pé. — Onde está minha mochila?

Sem falar, Mukhlis apontou para onde ela se encontrava, no chão de pedra à cabeceira da cama, e Altaïr olhou de relance para sua forma familiar.

— Você olhou dentro dela? — indagou.

Mukhlis negou de modo firme com a cabeça, e Altaïr examinou-o com os olhos. Então, acreditando nele, descontraiu e alcançou as botas, calçando-as, e tremendo ao fazê-lo.

— Quero lhe agradecer por ter cuidado de mim — disse ele. — Se não fosse você, eu teria morrido no poço.

Fazendo pouco caso, Mukhlis retomou seu assento.

— Minha mulher e minha filha cuidaram de você, e sou *eu* que devo *lhe*

agradecer. Você me salvou de uma morte horrível nas mãos daqueles bandidos. — Inclinou-se à frente. — Sua maneira de agir foi como a de Altaïr Ibn-La'Ahad da lenda. Contei para todo mundo.

— As pessoas sabem que estou aqui?

Mukhlis abriu os braços.

— Claro. A aldeia toda conhece a história do herói que me livrou das mãos da morte. Todos acreditam que era você.

— E o que faz com que eles pensem isso? — perguntou Altaïr.

Mukhlis nada disse. Em vez disso, indicou com o queixo a mesinha baixa onde reluzia inerte o mecanismo da lâmina, afiado e lubrificado.

Altaïr refletiu.

— Você lhes falou sobre a lâmina?

Mukhlis pensou.

— Bem, falei — disse ele —, é claro. Por quê?

— A notícia chegará à cidadela. Eles virão atrás de mim.

— Eles não serão os únicos — insinuou Mukhlis, pesaroso.

— O que quer dizer?

— Hoje mais cedo, um mensageiro do pai do homem que você matou visitou a fortaleza.

— E quem era o homem que matei?

— Um assassino cruel chamado Bayhas.

— E seu pai?

— Fahad, líder de um bando de assaltantes que perambulam pelo deserto. Dizem que está acampado a dois ou três dias a cavalo daqui. Foi de lá que veio o mensageiro. Dizem que foi pedir permissão ao Mestre para vir à aldeia e caçar o matador.

— O Mestre? — indagou Altaïr. — Abbas?

Mukhlis confirmou com a cabeça.

— Ofereceram uma recompensa pelo matador, mas os aldeões a rejeitaram. Abbas talvez não tenha sido tão firme assim.

— Quer dizer que as pessoas têm bom coração — concluiu Altaïr —, mas seu líder não.

— Sábias palavras raramente pronunciadas — concordou Mukhlis. — Ele toma nosso dinheiro e não dá nada em troca, e quando antes a cidadela era o

coração da comunidade e do qual provinha força, orientação...

— E proteção — completou Altaïr com um meio sorriso.

— Isso também — aquiesceu Mukhlis. — Todas essas coisas se foram com você, Altaïr, e foram substituídas por... corrupção e paranoia. Dizem que Abbas foi forçado a subjugar uma rebelião depois que você partiu, uma rebelião de Assassinos leais a você e a Malik; que ele mandou matar os cabeças; que ele teme a repetição da insurreição. A paranoia dele faz com que permaneça em sua torre dia e noite, imaginando tramas e mandando matar aqueles que acha serem os responsáveis. Os princípios da Ordem estão se desintegrando em volta dele, do mesmo modo como certamente a própria fortaleza se encontra dilapidada. Dizem que ele tem um sonho recorrente. Que um dia Altaïr Ibn-La'Ahad volta do exílio em Alamut com... — Fez uma pausa, olhou de soslaio para Altaïr e depois para a mochila — ...com um artefato capaz de derrotá-lo... Existe tal coisa? Você planeja um ataque?

— Mesmo se houvesse, não será um artefato que derrotará Abbas. É a crença, a crença em nós mesmos e no Credo que conseguirá isso.

— A fé de quem, Altaïr?

Altaïr abanou o braço.

— De vocês. Do povo e dos Assassinos.

— E como você vai recuperá-la? — perguntou Mukhlis.

— Pelo exemplo — respondeu Altaïr —, um pouco de cada vez.

No dia seguinte, Altaïr foi à aldeia, onde começou não apenas a pregar o modo dos Assassinos, mas a demonstrá-lo.

56

Tinha havido lutas nas quais Altaïr precisara intervir, disputas entre comerciantes que haviam requisitado sua moderação, discussões sobre terras entre vizinhos, mas nenhuma fora tão espinhosa como a de duas mulheres que pareciam brigar por um homem. O homem em questão, Aaron, estava sentado em um banco na sombra, curvado de vergonha enquanto as duas mulheres discutiam. Mukhlis, que tinha ido à aldeia com Altaïr para cuidar de seus negócios, tentava interceder, enquanto Altaïr permanecia afastado, os braços cruzados, esperando pacientemente por uma pausa nas hostilidades para poder falar com eles. Ele já havia decidido o que dizer: Aaron, naquela instância, teria de exercer, gostasse ou não, seu livre-arbítrio. A verdadeira preocupação de Altaïr estava com o garoto, cuja febre já havia se manifestado e a quem ele havia administrado a poção; a receita, é claro, obtida por meio da Maçã.

Ou com o cesteiro que estava criando novas ferramentas para ele, com especificações fornecidas por Altaïr, que as transcrevera da Maçã.

Ou com o ferreiro, que havia posto os olhos nos desenhos que Altaïr lhe dera, observando-os de cabeça para baixo e olhando-os de soslaio. Depois os colocara sobre uma mesa para que Altaïr pudesse indicar exatamente o que precisava ser forjado. Em breve, o Assassino teria novo equipamento; novas armas, de um tipo nunca visto.

Ou com o homem que o andara vigiando esses últimos dias, que o acompanhara como uma sombra, permanecendo fora de vista, ou assim ele pensava. Altaïr o descobrira imediatamente, é claro. Notara sua postura, soubera que era um Assassino.

Isso tivera de acontecer, é claro. Abbas teria enviado seus agentes à aldeia para saber sobre o estranho que lutava com a lâmina oculta do Assassino. Abbas certamente chegaria à conclusão de que Altaïr voltara para recuperar a Ordem. Talvez esperasse que os bandidos matassem Altaïr por ele; talvez enviasse um homem encosta abaixo para matá-lo. Talvez essa sombra fosse o Assassino de Altaïr.

As mulheres continuavam discutindo. Mukhlis falou, com o canto da boca:

— Mestre, parece que me enganei. Essas mulheres não estão discutindo sobre quem deveria *ficar* com o infeliz Aaron, mas quem deveria *levá-lo*.

Altaïr deu uma risada.

— Minha decisão continua a mesma — disse ele, lançando um olhar divertido para onde Aaron estava sentado roendo as unhas. — Cabe ao jovem decidir seu próprio destino. — Olhou furtivamente para seu espreitador, que estava sentado à sombra das árvores, o manto cor de lama envolto no corpo, olhando para o mundo como um aldeão sonolento.

Para Mukhlis, ele disse:

— Voltarei logo. A conversa deles está me dando sede.

Virou-se e deixou o pequeno grupo, alguns dos quais estavam se preparando para segui-lo, quando Mukhlis, discretamente, acenou para que voltassem.

Altaïr sentiu, em vez de ver, sua sombra também se levantar, seguindo-o enquanto caminhava para uma praça e a fonte em seu centro. Ali, curvou-se, bebeu, e pôs-se de pé, fingindo olhar a aldeia lá embaixo. Então...

— Está bem — disse ele ao homem que sabia estar parado atrás dele. — Se vai me matar, é melhor fazer isso agora.

— Vai simplesmente deixar?

Altaïr deu uma risadinha

— Não passei minha vida percorrendo o caminho de um guerreiro para me deixar apanhar por um jovem filhote em uma fonte.

— Você me ouviu?

— Claro que ouvi. Ouvi você se aproximar tão dissimuladamente quanto um elefante e notei que você privilegia seu lado esquerdo. Se atacar, eu me movimentarei pela direita para enfrentar seu lado mais fraco.

— Eu não anteciparia isso?

— Bem, isso dependeria do alvo. Você faria isso, é claro, conhecendo bem

seu alvo e estando a par de suas habilidades de combate.

— Eu sei que este aqui tem insuperáveis habilidades de combate, Altaïr Ibn-La'Ahad.

— É mesmo? Você não devia passar de uma criança quando chamei Masyaf de minha pela última vez.

Agora Altaïr virou-se para encarar o estranho, que tirou o capuz para revelar o rosto de um homem jovem, talvez com 20 anos, a barba negra. Ele tinha um formato de queixo e olhos que Altaïr reconheceu.

— Eu fui — disse o rapaz. — Eu fui um renascido.

— Então não foi doutrinado contra mim? — perguntou Altaïr, projetando o queixo na direção da cidadela no promontório acima deles. Ela permanecia agachada ali como se os observasse.

— Alguns são mais facilmente doutrinados do que outros — comentou o rapaz. — Há muitos que permaneceram fiéis aos códigos antigos, e esse número é maior à medida que os efeitos perniciosos dos novos modos se tornam mais evidentes. Eu, porém, tenho mais motivos do que a maioria para permanecer fiel.

Os dois Assassinos continuaram cara a cara diante da fonte, e Altaïr teve a sensação de seu mundo balançar um pouco. De repente, sentiu como se fosse desfalecer.

— Qual é o seu nome? — perguntou, e sua voz soou estranha aos próprios ouvidos.

— Tenho dois nomes — explicou o rapaz. — O nome pelo qual sou conhecido da maioria da Ordem, que é Tazim. Mas tenho outro nome, meu nome de batismo, que me foi dado pela minha mãe em homenagem a meu pai. Ele morreu quando eu era apenas um bebê, morto por ordem de Abbas. O nome dele era...

— Malik. — Altaïr prendeu a respiração e avançou, lágrimas formigando em seus olhos quando segurou o rapaz pelos ombros. — Meu menino! — exclamou. — Eu devia ter adivinhado. Você tem os olhos do seu pai. — Soltou uma risada. — Não estou tão certo quanto à sua dissimulação, mas... você possui o espírito dele. Eu não sabia... Nunca soube que ele tinha um filho.

— Minha mãe foi mandada para longe daqui, logo após ele ser preso. Quando atingi a juventude, voltei para me juntar à Ordem.

— Para buscar vingança?

— Ocasionalmente, talvez. O que melhor estiver de acordo com a memória dela. Agora que você chegou, vejo a maneira.

Altaïr colocou as mãos sobre seus ombros, conduziu-o para longe da fonte, e eles atravessaram a praça, conversando intensamente.

— Que tal as suas habilidades de combate? — perguntou ao jovem Malik.

— Sob o comando de Abbas, essas coisas foram negligenciadas, mas tenho treinado. No entanto, o conhecimento Assassino mal avançou nos últimos vinte anos.

Altaïr deu uma risadinha.

— Não aqui, talvez. Mas aqui. — Altaïr bateu do lado da cabeça. — *Aqui* o aprendizado Assassino aumentou dez vezes mais. Tenho essas coisas para mostrar à Ordem. Planos. Estratégias. Projetos de novas armas. Neste momento, o ferreiro da aldeia as está forjando para mim.

Respeitosamente, aldeões afastaram-se do caminho deles. Todos agora sabiam a respeito de Altaïr, e aqui, pelo menos no contraforte da fortaleza, ele era novamente o Mestre.

— E você diz que há outros no castelo leais a mim? — indagou Altaïr.

— Há tantos que odeiam Abbas quanto os que o servem. Mais até, agora que informei que vi você na aldeia. A notícia de que o grande Altaïr voltou está se espalhando de forma lenta, mas segura.

— Ótimo — disse Altaïr. — E esses que me apoiam podem ser convencidos a se agrupar para que possamos marchar contra o castelo?

O jovem Malik parou e olhou para Altaïr, semicerrando os olhos como se para verificar se o velho não estava brincando. Então abriu um sorriso.

— Você pretende fazer isso. Você pretende mesmo fazer. Quando?

— Em breve o salteador Fahad trará seus homens para a aldeia — respondeu. — Precisamos estar no controle antes que isso aconteça.

57

Na manhã seguinte, ao raiar do dia, Mukhlis, Aalia e Nada foram de casa em casa, informando às pessoas que o Mestre marcharia colina acima. Animados com a expectativa, o povo se reuniu no mercado, formando pequenos grupos ou sentados nos muros baixos. Após algum tempo, Altaïr juntou-se a eles. Usava o manto branco e uma faixa na cintura. Quem olhasse mais de perto, veria em seu dedo o anel do mecanismo de pulso. Foi para o centro da praça, Mukhlis a seu lado, um confiável tenente, e esperou.

O que Maria teria lhe dito agora?, pensou Altaïr enquanto esperava. O jovem Malik: Altaïr confiara nele imediatamente. Depositara tanta fé no rapaz que, se fosse um traidor, seria melhor que Altaïr estivesse morto, e seus planos de retomar a Ordem pareceriam nada mais do que enganosas fantasias de um velho. Pensou naqueles em quem confiara antes e que o haviam traído. Teria Maria aconselhado cautela agora? Teria ela lhe dito que ele era imprudente em ser tão incondicional diante de provas tão escassas? Ou lhe teria dito, como o fez certa vez, "Confie nos seus instintos, Altaïr. Os ensinamentos de Al Mualim lhe deram sabedoria; a traição dele o colocou no caminho da maturidade".

Ah, e agora sou muito mais sábio, meu amor, ele disse em pensamento para ela — para o fragmento dela que ele mantinha a salvo em sua memória.

Altaïr sabia que ela teria aprovado o que ele fizera com a Maçã, os anos que passara espremendo seu sumo, aprendendo com ela. Não teria aprovado a culpa que ele carregara por sua morte; a vergonha que sentiu ao deixar que seus atos fossem guiados pela raiva. Não, ela não teria aprovado isso. O que ela teria dito? Aquela expressão inglesa que usava: "Mantenha-se firme."

Ele quase gargalhou ao se lembrar disso. *Mantenha-se firme*. No final, ele se manteve, é claro, mas havia levado anos para conseguir isso — anos odiando a Maçã, odiando a própria imagem dela, até mesmo pensar nela, o poder maligno que permanecia adormecido no interior do eterno mosaico liso de sua casca. Ele a fitava, meditando durante horas, revivendo a dor que ela lhe trouxera.

Negligenciadas, incapazes de suportar o peso do sofrimento de Altaïr, a esposa de Sef e as duas filhas tinham partido. Ele recebera a notícia de que elas haviam se instalado em Alexandria. Um ano depois, Darim também partira, impelido pelo remorso de seu pai e sua obsessão com a Maçã. Viajara para França e Inglaterra a fim de alertar os líderes de lá que os mongóis estavam avançando. Deixado sozinho, o tormento de Altaïr havia piorado. Ele passaria longas noites fitando a Maçã, como se ele e ela fossem dois adversários prestes a guerrear — como se, no caso de que dormisse ou mesmo tirasse os olhos da Maçã, ela pudesse atacá-lo.

No final, ele pensara naquela noite no jardim em Masyaf, em seu mentor Al Mualim abatido sobre o mármore do terraço, a queda-d'água correndo ao fundo. Lembrou-se de segurar a Maçã pela primeira vez e sentir que provinha dela algo que não era maligno, mas benigno. As imagens que ela havia produzido. Estranhos desenhos futuristas de culturas distantes retiradas de seus próprios tempo e espaço, além da esfera de seu conhecimento. Naquela noite no jardim ele compreendera instintivamente sua capacidade para o bem. Desde então, porém, ela só mostrara seus aspectos malignos, mas aquela importante sabedoria estava ali em algum lugar. Fora necessário ser localizada e persuadida para sair. Fora necessário um agente para sua liberação — e Altaïr conseguira controlar mais uma vez o seu poder.

Antes ele tinha sido consumido pela dor por causa de Al Mualim. Agora era consumido pela dor por causa de sua família. Talvez a Maçã tivesse de tirar primeiro para então dar.

Qualquer que fosse a resposta, seus estudos haviam começado, e diário após diário era preenchido: página após página de filosofia, ideologia, projetos, desenhos, esquemas, memórias. Velas incontáveis queimavam enquanto ele rabiscava febrilmente, parando apenas para ir ao banheiro. Por dias a fio ele escrevia, então por dias a fio ele deixava sua escrivaninha, cavalgava sozinho para fora de Alamut, em incumbências da Maçã, colhendo ingredientes, juntando

suprimentos. Certa vez, o Pedaço do Éden até mesmo o direcionara a uma série de artefatos que ele apanhou e escondeu, sem revelar a ninguém sua natureza ou seu paradeiro.

Não tinha deixado o lamento de lado, é claro. Ainda se culpava pela morte de Maria, mas tirara disso uma lição. Sentia agora um tipo mais puro de pesar: um anseio por Maria e por Sef, uma dor que não parecia deixá-lo, que em um dia era tão afiada e aguda como uma lâmina fazendo milhares de cortes em seu coração, e no outro era uma sensação nauseante e vazia, como se uma ave doente tentasse abrir as asas dentro de seu estômago.

Às vezes, porém, sorria, pois achava que Maria teria aprovado o fato de ele chorar por ela. Isso teria agradado aquela parte dela que permanecera sendo uma mimada fidalga inglesa, que era tão competente em fixar um homem com um olhar arrogante quanto em derrotá-lo em combate, seus destruidores comentários mordazes tão cortantes quanto sua lâmina. E, é claro, ela teria aprovado que ele finalmente tivesse conseguido se manter firme, porém, mais do que tudo, ela teria aprovado o que ele estava fazendo agora: pegando seu conhecimento e aprendizado e levando-os de volta para a Ordem. Será que ele sabia que, tendo terminado seu exílio, seguira de volta para Masyaf por esse motivo? Ainda não tinha certeza. Tudo que sabia era que, uma vez aqui, não havia outra opção. Visitara o local onde a haviam enterrado; a lápide do túmulo de Malik não estava distante, cuidada pelo jovem Malik. Altaïr se dera conta de que Maria, Sef e Malik, sua mãe e seu pai, e até mesmo Al Mualim, estavam todos perdidos para sempre. A Irmandade, no entanto, ele poderia tomar de volta.

Mas apenas se o jovem Malik fosse tão bom quanto sua palavra. E, parado ali, sentindo a excitação e a expectativa da multidão como um peso que devia suportar nas costas, Mukhlis pairando ali perto, ele começou a imaginar. Com os olhos fixos na cidade, esperou o portão se abrir e os homens aparecerem. Malik dissera que seriam pelo menos vinte, todos apoiando Altaïr com o mesmo fervor que ele. Vinte guerreiros e, com o apoio do povo, Altaïr achava que seria o suficiente para superar trinta ou quarenta Assassinos ainda leais a Abbas.

Imaginou se Abbas estava agora lá em cima, na torre do Mestre, olhando de soslaio para ver o que estava acontecendo lá embaixo. Esperava que sim.

Por toda a sua vida, Altaïr se recusara a encontrar gratificação na morte de outro; mas Abbas? A despeito da pena que sentia dele, havia as mortes de Sef,

Malik e Maria para serem levadas em conta; também havia a destruição da Ordem por causa dele. Altaïr prometera a si mesmo que não teria prazer — nem mesmo satisfação — com a morte de Abbas.

Mas teria prazer e satisfação na ausência de Abbas, depois que o tivesse matado. Conseguiria se permitir isso.

Mas apenas se o portão se abrisse e todos os seus aliados aparecessem. Em volta dele, as aglomerações começavam a ficar inquietas. Sentia a confiança e a segurança com as quais havia acordado lentamente diminuírem.

Então tomou conhecimento de um burburinho entre os aldeões e seus olhos foram do portão do castelo — ainda firmemente fechado — para a praça. Um homem de branco pareceu se materializar na multidão. Um homem que caminhou para Altaïr de cabeça baixa, então tirou o capuz e riu para ele. Era o jovem Malik. E, atrás dele, vinham outros. Todos, como ele, surgindo da multidão como se tivessem ficado visíveis de repente. A seu lado, Mukhlis engoliu em seco. A praça estava, de uma hora para outra, repleta de homens com mantos brancos. Altaïr começou a rir. Surpresa, alívio e alegria naquela risada, enquanto cada homem se aproximava dele, inclinava a cabeça em respeito, mostrando-lhe lâmina ou arco ou faca de arremesso. Mostrando-lhe lealdade.

Altaïr apoiou nos ombros do jovem Malik e seus olhos brilharam.

— Retiro o que disse — retratou-se. — Você e todos os seus homens... Sua dissimulação é incomparável.

Sorrindo, Malik baixou a cabeça.

— Mestre, temos de partir imediatamente. Abbas logo ficará ciente da nossa ausência.

— Que assim seja — disse Altaïr, e subiu no muro baixo da fonte para acenar para Mukhlis, que veio em sua ajuda.

Então se dirigiu à multidão:

— Por tempo demais o castelo na colina tem sido um local sombrio e amedrontador, e hoje espero torná-lo novamente um farol luminoso... com a ajuda de vocês. — Houve um murmúrio baixo de aprovação e Altaïr o silenciou. — O que *não* faremos, porém, é saudar a nossa nova alvorada por meio de uma cortina de sangue Assassino. Aqueles que permaneceram fiéis a Abbas são nossos inimigos hoje, mas amanhã serão nossos companheiros. A amizade deles só pode ser conquistada se nossa vitória for misericordiosa. Matar *apenas* se for

absolutamente necessário. Viemos trazer paz a Masyaf, e não morte.

Com isso, desceu da mureta e caminhou para a praça, os Assassinos e aldeões seguindo atrás dele. Os Assassinos cobriram a cabeça com o capuz. Pareciam severos e decididos. As pessoas vinham mais atrás: emocionadas, nervosas, receosas. Muita coisa dependia desse resultado.

Altaïr subiu a encosta em que, quando criança, ele havia corrido para cima e para baixo; ele e Abbas juntos. Como Assassino, correra de cima a baixo, treinando, ou por demandas do Mestre, partindo para uma missão ou retornando de uma. Agora sentia a idade nos ossos, pelejando um pouco encosta acima, mas seguindo em frente.

Um pequeno grupo de pessoas leais a Abbas os encontrou na colina, uma missão de reconhecimento enviada para testar o ânimo deles. A princípio, os homens que estavam com Altaïr pareceram relutantes em atacá-los: afinal de contas, eram colegas com quem tinham vivido e treinado. Amigos lutaram uns contra os outros; sem dúvida, se a luta continuasse, membros de uma mesma família poderiam ficar cara a cara. Por longos momentos, o grupo de reconhecimento mais numeroso e os adeptos de Altaïr se enfrentaram. O grupo de batedores tinha a vantagem de estar em terreno mais alto, mas, fora isso, eram como ovelhas mandadas para o matadouro.

Os olhos de Altaïr foram para onde podia ver o cume da torre do Mestre. Abbas, com certeza, seria capaz de vê-lo agora. Devia ter visto as pessoas subindo a colina na direção dele. Os olhos de Altaïr foram da cidadela para os batedores, enviados à luta em nome de seu mestre corrupto.

— Não deve haver matança — repetiu Altaïr para seus homens, e Malik assentiu.

Um dos batedores sorriu de um modo sórdido.

— Então você não irá longe, velho.

Ele avançou com a espada girando na direção de Altaïr, talvez esperando acabar com a rebelião na raiz: matar Altaïr e deter a revolta.

Na duração de um bater de asas de um beija-flor, o Assassino rodopiara para se livrar do ataque, sacara a espada e contivera o impulso diante do corpo do atacante, agarrando-o por trás.

O batedor deixou a espada cair ao sentir a lâmina de Altaïr em sua garganta, e choramingou.

— Não haverá matança, em nome *deste* velho — murmurou Altaïr no ouvido do batedor, e o empurrou para Malik, que o agarrou e deu um golpe para derrubá-lo no chão. Os outros do grupo de reconhecimento se aproximaram, mas com menos entusiasmo, sem ânimo para a luta. Todos eles se deixaram capturar; em pouco tempo, estavam presos ou inconscientes.

Altaïr observou a breve luta. Olhou para a mão onde a espada do batedor fizera um corte e, discretamente, limpou o sangue. Você foi lento, pensou. Da próxima vez, deixe a luta para os mais jovens.

Ainda assim, esperou que Abbas estivesse olhando. Agora, homens se reuniam nos bastiões. Esperou também que eles tivessem visto os acontecimentos na colina: o grupo de reconhecimento tratado piedosamente.

Continuaram encosta acima, chegando ao planalto no momento em que finalmente foi aberto o portão da fortaleza. Mas Assassinos precipitaram-se por ele, berrando e prontos para a luta.

Atrás de si, Altaïr ouviu os aldeões gritarem e se espalharem, embora Mukhlis os encorajasse a ficar. Altaïr virou-se para vê-lo jogar as mãos para cima, mas ele não podia culpar as pessoas por sua falta de determinação. Todas conheciam a terrível selvageria dos Assassinos. Sem dúvida, nunca tinham visto dois bandos opostos de Assassinos lutar, nem queriam ver. O que viram foi Assassinos saqueadores passar urrando pelos portões, com os dentes trincados, as espadas lampejantes e as botas martelando a relva. Elas viram os seguidores de Altaïr agachados e tensos, preparando-se para a ação. E elas se abrigaram, algumas correndo em busca de proteção atrás da torre de vigia, outras recuando colina abaixo. Houve uma forte gritaria e o estrondo de aço quando os dois lados se encontraram. Altaïr tinha Malik como guarda-costas, e mantinha um olho nos bastiões enquanto a batalha seguia furiosa — os bastiões onde estavam os arqueiros, talvez uns dez deles. Se disparassem, a batalha certamente estaria perdida.

Então ele viu Abbas.

E Abbas o viu.

Por um momento, os dois comandantes se olharam. Abbas nos bastiões, Altaïr lá embaixo — forte e silencioso como uma rocha, enquanto a batalha acontecia à sua volta —, os melhores amigos de infância que haviam se tornado amargurados inimigos. Então o momento foi quebrado quando Abbas gritou

para os arqueiros dispararem. Altaïr viu incerteza em seus rostos quando ergueram os arcos.

— Ninguém deve morrer — berrou Altaïr, pedindo aos seus próprios homens, sabendo que a maneira de conquistar a simpatia dos arqueiros era pelo exemplo.

Abbas estava preparado para sacrificar Assassinos; Altaïr não, e tudo que ele podia fazer era esperar que os corações dos arqueiros fossem sinceros. Rezou para que seus seguidores mostrassem que estavam se contendo, que não davam motivo para os arqueiros dispararem. Viu um dos seus homens cair, urrando, com a garganta aberta, e de imediato o Assassino responsável passou a atacar outro.

— Aquele — ordenou a Malik, apontando na direção da batalha. — Pegue-o, Malik, mas eu lhe peço que seja piedoso.

Malik juntou-se à batalha e o Assassino leal a Abbas foi empurrado para trás ao ser golpeado nas pernas. Quando seu oponente caiu, Malik montou nele e desferiu não um golpe mortal, mas uma pancada com o cabo da espada que deixou o outro sem sentidos.

Altaïr olhou novamente para os bastiões. Viu dois dos arqueiros baixarem os arcos, balançando a cabeça. Viu Abbas pegar uma adaga — a adaga de seu pai — e ameaçar os homens com ela, mas outra vez eles balançaram a cabeça, baixaram os arcos e colocaram as mãos nos cabos de suas espadas. Abbas girou, gritando para os arqueiros ao longo dos bastiões atrás dele, ordenando-lhes que abatessem os desertores. Mas eles também baixaram os arcos, e o coração de Altaïr disparou. Agora incitou seus homens a avançarem para o portão. A batalha ainda continuava, mas os Assassinos leais a Abbas aos poucos tomavam conhecimento do que se passava nos bastiões. Mesmo enquanto lutavam, trocavam olhares de incerteza e, um por um, recuaram, abandonando o combate, largando as espadas, erguendo os braços, rendendo-se. O caminho estava livre para o grupo de Altaïr avançar para o castelo.

Altaïr conduziu seus homens ao portão e bateu com o punho na portinhola. Atrás dele, reuniram-se os Assassinos — e os aldeões também estavam voltando, de modo que o planalto ficou cheio. Do outro lado do portão do castelo havia uma estranha tranquilidade. O silêncio baixou sobre o pessoal de Altaïr, e o ar estalava de expectativa, até que, de repente, trancas foram puxadas e o grande

portão do castelo foi escancarado, aberto pelos guardas, que largaram as espadas e curvaram as cabeças em deferência a Altaïr.

Ele assentiu em resposta, atravessou a soleira por baixo do arco e cruzou o pátio até a torre do Mestre. Atrás dele vinha seu povo, que se espalhou e se instalou nas margens do pátio. Arqueiros desceram as escadas dos bastiões para se juntar às pessoas, e viam-se os rostos de famílias e criados voltados para as vidraças das janelas das torres que davam vista para o terreno. Todos queriam presenciar o retorno de Altaïr, ver seu confronto com Abbas.

Ele subiu os degraus para a plataforma, depois foi para o saguão de entrada. Mais à frente dele, Abbas se encontrava na escada, com o rosto sombrio e esgotado, dominado pelo desespero e pela derrota, como uma febre.

— Acabou-se, Abbas — gritou Altaïr. — Ordene aos que ainda são leais a você que se rendam.

Abbas riu.

— Nunca.

Nesse momento, a torre se abriu e os últimos dos que ainda eram leais a Abbas saíram das áreas laterais do castelo para o saguão: mais ou menos uma dúzia de Assassinos e criados. Alguns tinham olhos nervosos, espantados. Outros eram ferozes e determinados. A batalha ainda não havia terminado.

— Mande seus homens suspenderem a ofensiva — ordenou Altaïr. Ele girou metade do corpo para indicar o pátio onde a multidão estava reunida. — Você não tem possibilidade de vencer.

— Estou defendendo a cidadela, Altaïr — disse Abbas —, até o último homem. Você não teria feito o mesmo?

— Eu teria defendido a *Ordem*, Abbas — vociferou Altaïr. — Em vez disso, você sacrificou tudo que era importante para nós. Sacrificou a minha mulher e o meu filho no altar do seu próprio rancor... da sua negação vazia de aceitar a verdade.

— Está se referindo ao meu pai? Às mentiras que contou sobre ele?

— Não é por isso que estamos aqui? Não foi o manancial de seu ódio que escorreu através dos anos e envenenou a todos?

Abbas tremia. Os nós dos dedos estavam brancos na balaustrada da sacada.

— Meu pai deixou a Ordem — afirmou ele. — Ele jamais teria se matado.

— Ele se matou, Abbas. Ele se matou com a adaga que você guarda escondida

no manto. Seu pai se matou porque tinha mais honra do que você jamais terá, e porque não queria que sentissem pena dele. Não queria que sentissem pena dele como sentirão de você, como todos sentirão enquanto você estiver apodrecendo na masmorra do castelo.

— *Nunca!* — rosnou Abbas, e apontou um dedo trêmulo para Altaïr. — Você alega que é capaz de retomar a Ordem sem a perda da vida de um Assassino. Vejamos você tentar. *Matem-no*.

E, de repente, os homens no saguão avançaram como uma onda até que...

O som de uma explosão ecoou no saguão e silenciou todo mundo — a multidão no pátio, os Assassinos, o grupo leal a Abbas. Todos olharam chocados para Altaïr, que permanecia com o braço levantado como se apontasse para Abbas — como se tivesse acionado sua lâmina na direção da escada. Mas, em vez de uma lâmina, em seu punho havia um anel de fumaça.

Da escada, veio um curto grito estrangulado, e todos viram Abbas olhar abaixo para seu peito, onde uma pequena mancha de sangue em seu manto se espalhava gradualmente. Seus olhos estavam arregalados por causa do choque. O queixo sacudia como se tentasse formar palavras que não saíam.

Os Assassinos favoráveis a Abbas tinham parado. Olhavam boquiabertos para Altaïr, que movimentou o braço, apontando para eles, de modo que agora podiam ver o mecanismo de pulso que ele usava.

Era apenas um tiro, e ele o tinha usado, mas não sabiam disso. Ninguém jamais vira tal arma. Apenas uns poucos sabiam de sua existência. E, ao vê-la virada em sua direção, o grupo de Abbas se curvou. Eles largaram as espadas. Passaram por Altaïr e pela porta da torre e se juntaram à multidão, com os braços erguidos em rendição, ao mesmo tempo que Abbas se lançava para a frente, rolando pela escada e pousando com um desagradável baque surdo no saguão abaixo.

Altaïr agachou-se junto a ele. Abbas estava deitado, respirando com dificuldade, com um dos braços posicionados em um ângulo estranho, como se tivesse se quebrado na queda, e a frente do manto molhada de sangue. Restavam-lhe alguns momentos.

— Você quer que eu lhe peça perdão? — perguntou a Altaïr. E sorriu, parecendo subitamente esquelético. — Por ter tirado sua mulher e seu filho de você?

— Abbas, por favor, não deixe que suas últimas palavras sejam malignas.

Abbas produziu um curto som de escárnio.

— Ainda tenta ser virtuoso. — Ele levantou um pouco a cabeça. — Foi você quem deu o primeiro golpe, Altaïr. Tirei sua mulher e seu filho, mas só depois de suas mentiras terem tirado muito mais de mim.

— Não eram mentiras — disse Altaïr. — Durante todos esses anos, você nunca duvidou?

Abbas retraiu o corpo e apertou os olhos de dor. Após uma pausa, disse:

— Alguma vez, Altaïr, imaginou se havia outro mundo? Dentro de momentos, saberei com certeza. E, se há, encontrarei meu pai, e nós dois estaremos lá para recebê-lo quando chegar a sua hora. Então... então não haverá qualquer dúvida.

Ele tossiu e gorgolejou, e uma bolha de sangue se formou em sua boca. Altaïr olhou em seus olhos e nada viu do menino órfão que um dia conhecera, nada viu do melhor amigo que um dia tivera. Tudo que viu foi uma criatura desfigurada que havia lhe custado tanto.

E, quando Abbas morreu, Altaïr se deu conta de que já não o odiava nem sentia pena dele. Não sentiu nada — nada, a não ser alívio por Abbas não estar mais no mundo.

Dois dias depois, o assaltante Fahad apareceu com sete de seus homens a cavalo e foi recebido no portão da aldeia por um grupo de Assassinos liderados por Altaïr. Eles foram parados nos limites da praça do mercado, confrontados por uma fileira de homens usando mantos brancos. Alguns permaneceram com os braços cruzados, outros com as mãos nos arcos ou no cabo da espada.

— Então é verdade. O grande Altaïr Ibn-La'Ahad retomou o controle de Masyaf — observou Fahad. Ele parecia preocupado.

Altaïr inclinou a cabeça, sim.

Fahad assentiu lentamente, como se meditasse sobre esse fato.

— Eu tinha um acordo com o seu antecessor — explicou ele por fim. — Paguei-lhe uma grande soma para poder entrar em Masyaf.

— O que você acaba de fazer — disse Altaïr afavelmente.

— Ah, sim, mas receio que por um motivo específico — retrucou Fahad, com um sorriso anuviado, e mudou um pouco de posição na sela. — Estou aqui para

encontrar o assassino do meu filho.

— O que você acaba de fazer — repetiu Altaïr, não menos afavelmente.

O sorriso anuviado sumiu aos poucos do rosto de Fahad.

— Entendo — disse ele. Inclinou-se à frente. — E qual de vocês é ele? — Seus olhos seguiram ao longo da fila de Assassinos.

— Você não tem nenhuma testemunha que possa identificar o assassino de seu filho? — perguntou Altaïr. — Ela não pode apontar o culpado entre nós?

— Eu tinha — suspirou Fahad pesarosamente —, mas a mãe do meu filho mandou arrancar seus olhos.

— Ah — fez Altaïr. — Bem, ele era mesmo um covarde. Talvez você se console com o fato de que ele fez muito pouco para proteger seu filho ou, aliás, para vingá-lo depois que ele foi morto. Assim que teve de enfrentar dois velhos em vez de um, ele botou o rabo entre as pernas e fugiu.

Fahad abateu-se.

— Você?

Altaïr confirmou com a cabeça.

— Seu filho morreu como viveu, Fahad. Ele adorava infligir dor.

— Uma característica que herdou da mãe.

— Ah.

— E, consequentemente, ela insiste que seu nome seja vingado.

— Então não resta mais nada a dizer — concluiu Altaïr. — A não ser que pretenda fazer sua tentativa neste exato momento, esperarei você com seu exército.

Fahad pareceu preocupado.

— Pretende deixar que eu vá embora? Sem arqueiros para me impedir? Sabendo que voltarei com uma força para esmagá-lo?

— Se eu o matar, terei de combater a ira de sua mulher — sorriu Altaïr —, e, além disso, tenho a impressão de que mudará de ideia sobre atacar Masyaf quando voltar ao seu acampamento.

— E por que eu faria isso?

Altaïr sorriu.

— Fahad, se fôssemos guerrear, nenhum de nós cederia. Nós dois colocaríamos em jogo muito mais do que mereceria a dor. Minha comunidade seria arrasada, talvez de modo irreparável... Mas a sua também seria.

Fahad pareceu meditar.

— Cabe a mim, certamente, decidir o preço da dor.

— Não faz muito tempo eu perdi meu próprio filho — contou Altaïr —, por causa disso, estive perto de perder o meu povo. Percebi que era um preço alto demais para pagar, mesmo pelo meu filho. Se pegar em armas contra nós, você se arrisca a tamanha perda. Tenho certeza de que os valores de sua comunidade diferem muito dos da minha, mas são realmente tão prezados quanto são tão relutantemente rendidos.

Fahad assentiu.

— Você tem uma cabeça mais sensata do que seu antecessor, Altaïr. Muito do que diz faz sentido, e certamente refletirei sobre isso durante a viagem de volta. Também me empenharei em explicar isso à minha mulher. — Pegou as rédeas e virou o cavalo para ir embora. — Boa sorte, Assassino — disse ele.

— Pelo jeito, será você que precisará de sorte.

O assaltante deu outro de seus sorrisos tortos e pesarosos, e partiu. Altaïr deu uma risadinha e olhou para a cidade no promontório.

Havia muito trabalho a fazer.

58

12 de agosto de 1257

Pois bem. Ficou tarde demais para escaparmos de Masyaf antes de os mongóis chegarem. Aliás, eles *tinham* chegado. Como resultado, partimos para Constantinopla em questão de horas e estou rabiscando estas palavras enquanto nossas posses são retiradas por ajudantes para serem carregadas nas carroças. E se Maffeo pensa que aquele olhar cortante, que insiste em lançar na minha direção, será o bastante para eu pousar a pena e dar uma mão, ele está enganado. Sei agora que estas palavras serão de vital importância para futuros Assassinos. Elas precisam ser escritas imediatamente.

É apenas um pequeno grupo de guerra, foi o que nos disseram. Mas a força principal não está muito distante. Enquanto isso, o grupo quer aparentemente fazer seu nome e tem lançado pequenos mas ferozes ataques, escalando a muralha da aldeia e lutando nos bastiões antes de recuar. Conheço muito pouco da arte da guerra, graças a Deus, mas me ocorre que esses curtos ataques podem ser uma maneira de julgar nossa força, ou a falta dela. E me pergunto se o Mestre se arrependerá de sua decisão de enfraquecer a cidadela pondo os Assassinos em debandada. Apenas dois curtos anos, nenhum mero grupo pequeno de guerra teria chegado a dez passos do castelo sem cair vítima dos arqueiros Assassinos, ou diante das lâminas dos defensores.

Quando tomou de Abbas o controle da Ordem, a primeira determinação de Altaïr foi mandar buscar seus diários: a obra do Mestre seria um dos pilares da reconstrução da Ordem, essencial para fornecer os alicerces para cessar a

deterioração em Masyaf. Sob o reino corrupto de Abbas, eles nada tinham das habilidades ou do treinamento dos antigos: a Irmandade era Assassina apenas no nome. A primeira missão de Altaïr foi restaurar a disciplina que havia sido perdida. Mais uma vez, o pátio de treinamento ecoou com o estrépito do aço e os gritos dos instrutores. Por essa época, nenhum mongol teria ousado atacar.

Mas, assim que a Irmandade fora restaurada em nome e reputação, Altaïr decidiu que a base em Masyaf não deveria mais existir e retirou o escudo Assassino do mastro. Eles passariam a agir no meio das pessoas e não acima delas. O filho de Altaïr, Darim, chegou a sua casa em Masyaf para encontrar poucos Assassinos restantes, a maioria ocupada na construção da biblioteca do Mestre. Quando ficou pronta, Darim foi despachado para Constantinopla a fim de localizar meu irmão e a mim.

O que nos leva à nossa entrada na história, cerca de oitenta anos após ter começado.

— Mas ainda não acabou, eu sinto isso — comentou Maffeo.

Ele estava parado à minha espera. Iríamos ver o Mestre no pátio principal. Pelo que seria certamente a última vez, seguimos nosso caminho pela fortaleza até o pátio, conduzidos pelo fiel administrador de Altaïr, Mukhlis.

Ao chegarmos, pensei: Que cenas ele viu, esse pátio. Foi aqui onde Altaïr viu Abbas, parado na calda da noite, ansiando pelo pai morto. Foi aqui que os dois haviam brigado e se tornado inimigos; onde Altaïr fora humilhado diante da Ordem por Al Mualim; onde Maria tinha morrido, Abbas também.

Nada disso teria sido perdido para Altaïr, que reunira a maioria dos Assassinos para ouvir o que ele tinha a dizer. Darim estava entre eles, com seu arco, e o jovem Malik também, e Mukhlis, que se posicionou ao lado do Mestre na plataforma do lado de fora de sua torre. Nervos se agitavam como mariposas no meu estômago e me peguei respirando em pequenas porções irregulares para tentar controlá-las, achando desconcertante o barulho de fundo da batalha. Os mongóis, aparentemente, tinham escolhido aquele momento para desferir outro de seus ataques ao castelo, talvez cientes de que as defesas estavam enfraquecidas durante um curto período.

— Irmãos — disse Altaïr, parado diante de nós —, nosso tempo juntos será breve, eu sei. Mas tenho fé que esse códex responderá a qualquer pergunta que ainda precisem fazer.

Peguei-o e virei-o em minhas mãos, com grande reverência. Ele continha os pensamentos mais importantes do Mestre, extraídos de décadas de estudo da Maçã.

— Altaïr — falei, mal conseguindo formar as palavras —, este presente é... inestimável. *Grazie*.

A um sinal de Altaïr, Mukhlis deu um passo à frente com um pequeno saco que entregou ao Mestre.

— Aonde vocês irão a seguir? — perguntou Altaïr.

— A Constantinopla, por um tempo. Podemos montar uma guilda lá, antes de retornarmos a Veneza.

Ele deu uma risadinha.

— Seu filho Marco deve estar ansioso para ouvir as histórias malucas do pai.

— Ele é um pouco novo para tais histórias. Mas, em breve, *sì*. — Eu sorri.

Entregou-me o saco e senti vários objetos pesados se movimentarem dentro dele.

— Um último favor, Niccolò. Leve estas com você, e guarde-as bem. Esconda-as, se for preciso.

Ergui as sobrancelhas, implicitamente pedindo sua permissão para abrir o saco, e ele concordou com a cabeça. Olhei dentro dele, então enfiei a mão e retirei uma pedra, uma das cinco: assim como as outras, tinha um buraco no meio.

— Artefatos? — perguntei. Fiquei imaginando se eram os artefatos que ele havia encontrado durante seu exílio em Alamut.

— Um tipo — disse o Mestre. — São chaves, cada qual contendo uma mensagem.

— Uma mensagem para quem?

— Eu gostaria de saber — confessou Altaïr.

Um Assassino chegou correndo ao pátio e falou com Darim, que se adiantou.

— Papai. Uma vanguarda de mongóis conseguiu avançar. A aldeia foi arrasada.

Altaïr assentiu.

— Niccolò, Maffeo. Meu filho os escoltará para atravessarem a pior parte da batalha. Assim que chegarem ao vale, sigam seu caminho até encontrarem uma pequena aldeia. Seus cavalos e suas provisões estão lá à espera. Vão em segurança

e permaneçam alerta.

— Igualmente, Mestre. Cuide-se.

Ele sorriu.

— Vou pensar nisso.

E, assim, o Mestre se foi, já bradando ordens para os Assassinos. Fiquei imaginando se voltaria a vê-lo, ao levar o saco ao ombro com as estranhas pedras e ao segurar o inestimável códex bem apertado. Da ocasião, lembro-me de uma impressão de corpos, de gritaria e do barulho de aço enquanto éramos levados às pressas a um outro lugar, seguro, e ali me apertei em um canto para escrever estas palavras, enquanto a batalha se desenrolava furiosamente lá fora — mas é hora de ir embora. Só posso rezar para que possamos escapar com vida.

De algum modo, creio que escaparemos. Tenho confiança nos Assassinos. Só espero ser merecedor da confiança de Altaïr. Sobre isso, somente o tempo dirá.

1º de janeiro de 1258

O primeiro dia de um novo ano, e é com um misto de emoções que limpo o pó da capa do meu diário e inicio uma página em branco, sem saber ao certo se este registro marca um novo início ou age como um pós-escrito à história que o precede. Talvez caiba a você, leitor, decidir.

A primeira notícia que tenho para comunicar transmito com o coração pesado. Perdemos o códex. Aquele que nos foi dado por Altaïr no dia de nossa partida, confiado aos nossos cuidados, está nas mãos do inimigo. Sempre serei torturado pelo momento em que eu, caído na areia, chorando e sangrando, vi o pó dos cascos do grupo de ataque dos mongóis levantar, e um deles carregando a mochila de couro na qual eu mantinha o códex, com a alça então cortada. Dois dias fora de Masyaf, com nossa segurança garantida — ou assim parecia —, e eles haviam atacado.

Maffeo e eu escapamos com nossas vidas apenas por um triz e nos consolamos um pouco com o fato de que nosso tempo passado com o Mestre nos dera, se não o aprendizado que pudemos ter tirado do códex, a faculdade de procurar e interpretar o conhecimento por nós mesmos. Decidimos que em breve teríamos de ir ao leste e recuperá-lo (e, desse modo, infelizmente, retardando minha oportunidade de voltar mais cedo a Veneza e ver meu filho Marco), mas tínhamos de cuidar primeiro dos negócios em Constantinopla, pois havia muito que fazer por lá. À nossa frente havia pelo menos dois anos de trabalho, que seriam muito mais exigentes sem a sabedoria do códex para nos guiar. Mesmo assim, decidimos que, sim, havíamos perdido o livro, mas em nossas cabeças e em nossos corações éramos Assassinos, e faríamos bom uso da nossa experiência e do nosso conhecimento recém-adquiridos. Desse modo, já havíamos escolhido o local do nosso posto comercial, uma curta caminhada para noroeste da Basílica de Santa Sofia, onde pretendíamos fornecer mercadorias da

mais alta qualidade (é claro!). Enquanto isso, começaríamos a espalhar e disseminar o credo dos Assassinos, como nos comprometemos a fazer.

E ao mesmo tempo que começamos o processo de estabelecer a nova guilda, também nos ocupamos em esconder as cinco pedras que nos foram dadas por Altaïr. As chaves. Guarde-as bem, dissera ele, ou as esconda. Após nossas experiências com os mongóis, decidimos que as chaves deveriam ser escondidas, por isso nos dedicamos a ocultá-las em Constantinopla e próximo a ela. Pretendemos esconder hoje a última, portanto, quando você estiver lendo isto, todas as cinco chaves estarão em segurança, escondidas dos Templários, para um Assassino do futuro encontrar.

Seja quem for.

Epílogo

Acima dele, no convés, o Assassino ouviu os sons da agitação, o familiar tamborilar de pés que acompanha a aproximação de terra, o barulho dos membros da tripulação correndo de seus postos para a proa, subindo no cordame ou soltando cabos, protegendo os olhos para enxergar longe e com dificuldade os portos tremeluzentes em direção dos quais estavam velejando, antecipando aventuras à frente.

O Assassino também tinha aventuras por vir. Claro, as suas provavelmente seriam bem diferentes das escapadas afetuosas imaginadas pela tripulação, as quais, sem dúvida, consistiam, sobretudo, em visitas às tavernas e da companhia de prostitutas. O Assassino quase invejava a simplicidade dos empreendimentos deles. Sua missão seria muito mais complicada.

Ele fechou os diários de Niccolò e empurrou o livro sobre a escrivaninha, e seus dedos percorreram a capa envelhecida, meditando sobre o que acabara de aprender. O significado total daquilo, sabia, levaria tempo para se tornar conhecido. E em seguida, inspirando fundo, levantou-se, vestiu o manto, prendeu o mecanismo da lâmina no pulso e colocou o capuz.

Então, abriu a escotilha de seus alojamentos para subir até o convés, onde também protegeu os olhos para vislumbrar o porto enquanto o navio cortava a água cintilante que seguia para lá, já avistando as pessoas reunidas para lhes dar as boas-vindas.

Ezio tinha chegado à cidade grande. Ele estava em Constantinopla.

Lista de Personagens

Niccolò Polo: o narrador
Maffeo Polo

Os Assassinos
Altaïr Ibn-La'Ahad
Maria: sua mulher (nascida Thorpe)
Darim e Sef: seus filhos
Al Mualim: o Mestre
Faheem al-Sayf
Umar Ibn-La'Ahad: pai de Altaïr
Abbas Sofian
Ahmad Sofian: pai de Abbas
Malik Al-Sayf
Tazim: filho de Malik, também conhecido como Malik
Kadar: irmão de Malik
Rauf
Jabal
Labib
Swami
Farim

Aldeões de Masyaf
Mukhlis; sua mulher, Aalia; e a filha, Nada

Os Cruzados
Ricardo I da Inglaterra, o “Coração de Leão”
Salah Al’din: sultão dos sarracenos
Shihab Al’din: seu filho

Os Nove Alvos de Altaïr
Tamir: comerciante do mercado negro
Abu’l Nuqoud: o Rei Mercador de Damasco
Garnier de Naplouse: Grão-Mestre dos Cavaleiros Hospitalários
Talal: negociante de escravos
Majd Addin: regente de Jerusalém
William de Montferrat: senhor de Acre
Sibrand: Grão-Mestre dos Cavaleiros Teutônicos
Jubair al-Hakim: principal erudito de Damasco
Robert de Sablé: Grão-Mestre dos Cavaleiros Templários

Em Chipre
Osman: capitão da cidadela de Limassol
Frederick, o Vermelho: graduado cavaleiro templário de Limassol
Armand Bouchart: sucessor de Robert de Sablé
Markos: da Resistência
Barnabé: da Resistência
Barnabé: impostor
Jonas: um mercador
Moloch: “O Touro”
Shalim e Shahar: filhos de Moloch

Os Bandidos
Fahad
Bayhas
Cabelo Comprido

Agradecimentos

Agradecimentos especiais a:

Yves Guillemot
Jean Guesdon
Corey May
Darby McDevitt
Jeffrey Yohalem
Matt Turner

E também a:

Alain Corre
Laurent Detoc
Sébastien Puel
Geoffroy Sardin
Xavier Guilbert
Tommy François
Cecile Russeil
Christele Jalady
Departamento Jurídico da Ubisoft
Charlie Patterson
Chris Marcus

Etienne Allonier
Maria Loreto
Alex Clarke
Alice Shepherd
Andrew Holmes
Clémence Deleuze
Guillaume Carmona

A cruzada secreta – Assassin's Creed vol. 3

Sobre o livro
- http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=26275

Sobre o autor
- http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=6276

Livros do autor
- http://www.record.com.br/autor_livros.asp?id_autor=6276

Página do livro no Skoob
- http://www.skoob.com.br/livro/198105

Página na Wikipédia sobre o autor
- http://en.wikipedia.org/wiki/Anton_Gill

Matéria sobre a adaptação da série em filme
- http://oglobo.globo.com/megazine/game-assassins-creed-vai-virar-filme-com-michael-fassbender-5427311

Portal Wiki sobre a série Assassin's Creed (jogos e livros)
- http://assassinscreed.wikia.com/wiki/Assassin%27s_Creed_Wiki

Resenha do primeiro livro da série Assassin's Creed: Renascença
- http://www.lendonasentrelinhas.com.br/2011/08/assassins-creed-renascenca-oliver.html

Resenha do segundo livro da série Assassin's Creed: Irmandade
- http://www.feedyourhead.com.br/2012/07/resenha-assassins-creed-irmandade.html

Site do jogo Assassin's Creed
- http://assassinscreed.ubi.com/ac3/en-US/index.aspx